

A única coisa mais assustadora que lidar com
os mortos é lidar com nós mesmos.



DARK K A R I N A H A L L E HOUSE

EXPERIMENTE O TERROR





A única coisa mais assustadora que lidar com
os mortos é lidar com nós mesmos.



DARK K A R I N A H A L L E HOUSE

EXPERIMENTE O TERROR





DADOS DE COPYRIG HT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

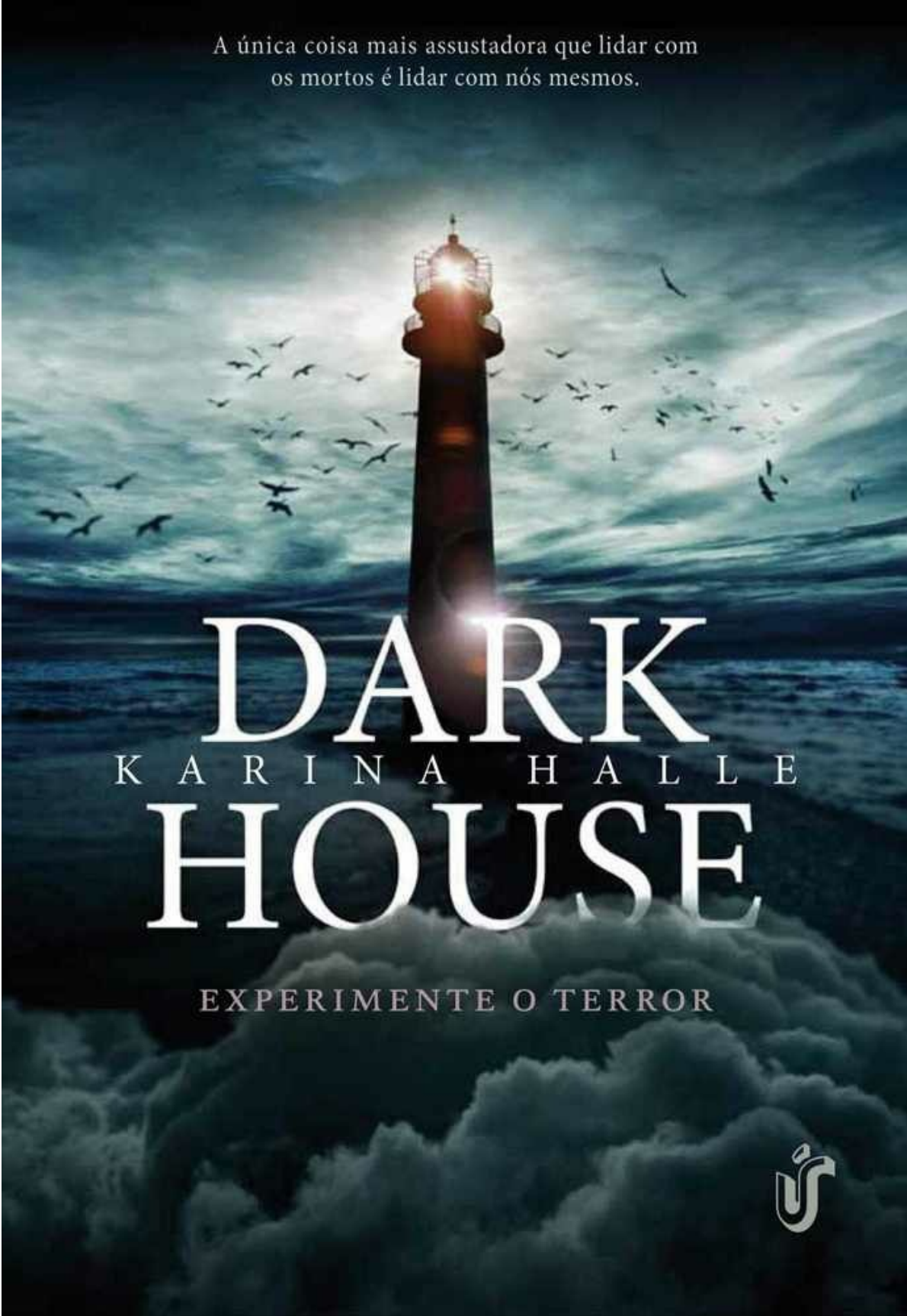
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou qualquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

A única coisa mais assustadora que lidar com
os mortos é lidar com nós mesmos.



DARK K A R I N A H A L L E HOUSE

EXPERIMENTE O TERROR



Diretora

Rosely

Boschini

Assistente

Editorial

Carolina

Pereira da

Rocha

Produtora

Editorial

Rosângela

de Araujo

Pinheiro

Barbosa

Controle de

Produção

Fábio

Esteves

Tradução

Santiago o

Nazarian

Preparação

Luiza Thebas

Projeto

gráfico e

Diagramação

Osmane

Título original: Dark house

Garcia Filho

Copyright © 2011 by Karina

Revisão

Halle

Vero Verbo

Serviços

Todos os direitos desta

Editoriais

edição são reservados à

Editora Gente.

Capa

Rua Pedro Soares de

Retina 78

Almeida, 114

Ilustração de

São Paulo, SP – CEP

Capa

030

Vero Verbo

Tel.: (11) 3670-2500

Serviços

Editoriais

Site:

www.editorag_ente.com.br Produção do

E-book

E-mail:

[Schäffer](mailto:g_ente@editorag_ente.com.br)

g_ente@editorag_ente.com.br

[Editorial](#)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Halle, Karina

Dark house / Karina Halle ; tradução Santiago Nazarian. — São Paulo : Editora Ú
2014.

Título original: Dark house.

ISBN 978-85-67028-38-5

1. Ficção – Literatura juvenil I. Título.

14-06225

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

SUMÁRIO

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO CATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZESSETE](#)

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

Para meus pais Tuuli & Sven

[CAPÍTULO UM](#)

ESTAVA NUM CÔMODO CIRCULAR E BRANCO, com apenas uma clar redonda para quebrar a monotonia. A vista lá fora não era nada além de um vazio

O cheiro de poças da maré e de alga apodrecida penetrava entre as fendas onde o se esfarelou. Eu não sabia onde estava nem por que estava ali, mas sabia que algo atraído.

Eu me virei, de repente consciente de uma porta, e vi um brilho cor de a derramando-

se por debaixo da moldura da porta e iluminando levemente as austeras paredes. Ar frio fluiu com a luz e roçou o dorso dos meus pés nus. O es dedão do meu pé estava lascado, fazendo parecer que eu tinha apenas met unha. Isso atraiu mais a minha atenção do que o chão frio de madeira de lei e as á farpas.

As luzes se apagaram. A porta se abriu abruptamente, quase sem som, e um g jorro de vento ártico atingiu meu corpo, fazendo a camisola esvoaçar ao meu redc uma bandeira rosa de poliéster.

As placas do chão rangeram. Senti o peso de algo desconhecido viajar por comprimento até chegar aos meus pés. Eu não conseguia me mover, mas não tinh de que queria.

As luzes de fora se acenderam de novo, iluminando abrasivamente o quarto escur

Meus olhos ardiam. Um som de batida tomou meus ouvidos. Tampeios com as mãos até perceber que vinha do meu coração.

Na porta, vi a silhueta de um homem.

Meu coração e a batida pararam. O homem veio até mim, uma massa de imensurável malevolência. Eu gritei e gritei até que as profundezas escuras dessa silhueta eram que eu podia ver. Eu caí nele, caí na escuridão, num choro sem fim.

Até que...

Um par de mãos agarrou meus braços e me puxou para cima. Elas me sacudiram que a escuridão atrás de meus olhos sangrasse num branco ofuscante.

E de repente eu estava no meu quarto, deitada sob um banquete de lençóis emaranhados com minha irmã Ada olhando para mim. Sua testa estava frade preocupação, fazendo-a parecer anos mais velha do que seus quinze anos.

Ela soltou meus braços e se afastou.

— Você me matou de susto, Perry — ela resmungou.

Eu me apoiei nos cotovelos e olhei ao redor do quarto, para os pôsteres de shows música nas paredes e pilhas de LPs e CDs no canto, me reconfortando com familiaridade. Minha guitarra elétrica, quase nunca tocada, descansava casualmente a bancada da janela, em um agradável contraste com minha coleção de bico pelúcia.

Olhei para o despertador. Dois minutos até ele tocar de modo descontrolado. Minha visão estava turva, como se eu ainda não estivesse propriamente no meu corpo.

— Então? — Ada disse, cruzando os braços. Ela ainda estava de pijama, carregada maquiagem já estava meticulosamente aplicada.

— Então o quê? — Eu repeti.

— Hum, alô! Não vai explicar por que seus gritos me fizeram largar meu rímel e correndo para cá?

— Porque você tem um bom ouvido?

— Perry!

Sua voz estava à beira de um faniquito histérico. Ada estava sempre a um grau de distância de uma crise de adolescente.

— Bem, sei lá. Tive um pesadelo, ou não sei o quê...

Havia sido um sonho, não? Minha lembrança estava se desvanecendo em quanto mais eu tentava relembrar, mais me dava branco. No entanto, aquela terrível sensação de medo ainda se prendia ao âmago da minha mente de aranha pegajosas. Nem mesmo o claro sol de outono que brilhava através da janela capaz de limpá-las.

— Ou não sei o quê — zombou Ada. — Parecia que você estava sendo assustado, sabe? Sua sorte é que a mamãe não escutou.

Ela inspecionou meu rosto mais de perto, em busca de sinais de doença mental. Ela fazia isso com frequência.

Revirei os olhos e saí da cama, envergonhada das minhas coxas grossas que escapavam da minha longa camiseta do Bad Religion que se passava por magra como um palito, mas da forma mais invejável possível. Ela tem toda a sueca gostosa do lado da família da nossa mãe. Pele lisa, olhos claros, cabelo naturalmente loiro que ela clareou, por algum motivo, e uma estrutura alta e esguia.

Com a sorte que tenho, puxei o lado italiano do meu pai. Sou baixinha (1,50 metro e cinquenta e oito), tenho cabelo escuro e grosso e grandes olhos azuis que funcionam como um indicador do meu humor (é o que me dizem). Tenho uma estatura curvilínea... pelo menos é o que eu digo quando quero ser boazinha comigo mesmo. Na verdade, eu costumava ter quase trinta quilos a mais, mas apesar de ter perdido peso, foi o suficiente. O fato é que eu sempre boto a culpa de tudo nesses últimos sete anos.

Caminhei até o espelho e averigui meu rosto procurando por sinais contundentes de loucura. Eu estava uma merda, mas era comum ficar assim pela manhã, após as minhas cinco xícaras de café fazerem efeito.

TRIIIIIM!

Meu alarme despertou. Ada e eu demos um pulo. Ela levou a mão ao peito enquanto eu corria e desligava o alarme. Dei-lhe um olhar rápido.

— Estou bem, Ada. Foi só um sonho. Nem lembro mais o que foi.

Ela levantou a sobrancelha desenhada para mim.

— Tá booom. Mas se eu for de novo chamada na escola porque você teve “acidente” vou ficar bem irritada.

Ela se virou e saiu do quarto. Eu bufei. Não, você não vai ficar, pensei. Você adoraria qualquer desculpa para sair da escola.

E, de verdade, eu adoraria qualquer desculpa para sair do trabalho. Suspirei profundamente. Senti uma pontada de uma esquisita tristeza pela empolgação ter terminado. O terror que havia bombeado pelas minhas veias desapareceu rapidamente à luz da manhã.

Eu me aprontei para o dia e saí de casa, seguindo para minha moto que estava na entrada. Pelo menos meu meio de transporte ainda era empolgante.

Eu sei, eu sei. Uma moto. Já ouvi tudo isso: é perigoso, vou morrer, vou ser uma babaca. É tudo verdade. Entretanto, eu não trocaria a Put-
Put por nada no mundo.

Put-

Put não era uma moto como uma Harley (não sou esse tipo de babaca), nem uma Fireblade 2004. Achei que era o suprasumo das motos. Elegante e rápida, danar. Eu não era uma motorista impulsiva, e ficava na mesma velocidade que os outros veículos da rua na maior parte do tempo. Até que houvesse um congestionamento ultrapassava todo mundo pelo acostamento, gritando através do meu capacete: “tarde, otários!”.

Ganhei Put-

Put quatro anos atrás, no meu aniversário de dezoito anos. Eu estava na minha fase de “dublê”, quando pensei que ser uma dublê profissional era mais empolgante e lucrativo do que uma carreira em publicidade. Depois das aulas de um ano de caratê, algumas lições de skydiving e finais de semana aprendendo tiro para usar armas, eu abandonei o navio e acabei com um diploma em comédia. Eu sabia que ser dublê não fosse para mim, mas eu perdi o interesse. Minha mãe ficou indecisa demais. Eu acho que sou apenas deliciosamente impulsiva.

Por mais estranho que pareça, eu meio que me arrependi desse diploma. Dizem q às vezes você tem de passar pela faculdade para descobrir o que você não quer fazer. E adivinhe só? Após quatro anos na Universidade de decidi que publicidade não era para mim.

Entretanto, o que posso fazer? Depois de terminar a faculdade e me mudar de Eu de volta para casa, em Portland, a economia foi pro fundo do poço, e eu ainda tive de arrumar um emprego, ainda mais um relacionado ao meu diploma. Fui contrat uma agência em Portland, o que não poderia ter deixado meus pais mais felizes.

Eu, em contrapartida, poderia estar mais feliz. Fui uma droga de recepcion quase um ano. No entanto, como meus pais gostam de lembrar, toda vez c pelo eu menos tenho um emprego. Um emprego que suga minha alma e c com toda a força do meu ser, mas, pelo menos, eu tenho um emprego. Eles têm realmente o único senso de identidade que tenho no momento.

Enfim, eu estava indo para o meu trabalho naquela manhã. Desci a Put- Put pelo

longo percurso que levava à entrada de casa e pensei em dirigir minha m oposta. Ir a leste seria legal; eu poderia passar por Columbia River até chegar em então talvez juntar-

me aos caubóis em Montana ou seguir ao sul, para os desertos, onde meu coração decolaria como as águias que sobrevoavam os pastos. Mas, c feito na maior parte da semana até hoje, afastei a fantasia da cabeça e ru direção ao centro e à responsabilidade. Ter uma moto era uma provocação daquel

*

— Boa tarde, Allingham & Associados, Perry — eu dizia ao telefone. Estava che a hora do almoço, e eu queria desesperadamente que essa manhã mundana

Transferi a ligação para o devido ramal e olhei para o relógio do computa contagem regressiva para Alana chegar e assumir meu posto.

Alana costumava ser a recepcionista antes de eu chegar, e acho que a garota odiav emprego tanto quanto eu. Ela foi promovida a gerente administrativa e se completamente pelo fato de que por dois intervalos de quinze minutos e u almoço ela tenha de cobrir a recepção para mim. Perdi as contas de quant voltei e encontrei gente com raiva na linha. Algo me diz que ela às vezes atende c usando meu nome e trata as pessoas como lixo para me arrumar problema, apesar

ainda não ter como provar isso.

Sim, sou a primeira a admitir que não sou exatamente a melhor recepcionista do mundo. Eu sinto que a recepção está abaixo de mim, mas por ser uma agência pequena eu ter acabado de pegar meu diploma, terei de cumprir minha pena. Achei que eu começaria na recepção e ir subindo.

Dito isso, espero que meus dias de “provação” estejam chegando a um misericordioso fim. Estou aqui há quase um ano sem nem um vislumbre de economia não está tornando as coisas nem um pouco mais fáceis.

Estou presa. Ainda que eu more em casa no meu quarto de infância e tenha refeições caseiras todas as noites, queria cair logo fora de Dodge.

Sei que só tenho vinte e dois anos, mas eu realmente achava que já teria nessa idade. É muito ambicioso, porém não consigo evitar. Cresci sentindo eu era especial, como se fosse destinada a fazer algo de fato incrível com minha vida e ter um impacto nas pessoas. Esse é provavelmente o motivo pelo qual eu passei por muitas atividades diferentes com o decorrer dos anos. De lições de guitarra a dub, acampamento de fotografia, equitação, aulas de pintura e escultura no ymca, até o último, mas não pior, escrever. Tentei todas as coisas para encontrar a minha coisa, mas saí com nada concreto para mostrar no fim das contas. Talvez se eu tivesse ficado em apenas uma coisa, algo poderia ter acontecido, mas meu medo de falhar pode passar direto por mim.

Obviamente eu pensei que publicidade seria o meio perfeito para demonstrar minha criatividade e fazer algo impactante no mundo, mas assim como os comerciais que parecem.

— Pronto, cheguei.

A voz nasalada de Alana atravessou meus pensamentos como uma furadeira. Levantei os olhos para ela enquanto tirava o fone e dava um sorriso. Um sorriso falso, mas mesmo assim era um sorriso.

Levantei e mostrei orgulhosamente a mesa com meus braços.

— Toda sua!

Ela me lançou um rápido olhar de desdém antes de se jogar na cadeira giratória com

um suspiro exagerado.

Agarrei minha bolsa e segui rapidamente pela porta antes de ela decidir usar o banheiro ou algo do tipo. Desci de elevador e fui para meu costumeiro banco ao lado do café e tirei meu iPhone para filar o Wi-Fi grátis.

Era um belo dia de outono, com um sol daqueles que aquece os braços, e não havia uma folha seca à vista. O Noroeste Pacífico aproveitou um verão indiano e agora a chuva havia tirado férias de grande parte de setembro. Em geral, aqui no ano — diabos, em todas as épocas do ano — somos diariamente castigados por uma umidade generalizada e um vento que gosta de virar seu guarda-chuva do avesso.

Após bisbilhotar o Facebook por dez minutos — sem descobrir absolutamente nada de interessante sobre as pessoas que fazem parte da minha vida (mas nem parece ser no caso do Facebook), mudei meu status para a letra de uma música e fui ler o blog da minha irmã.

Ada começou seu blog de moda há cerca de seis meses, e ele está indo de fato muito bem. Ela sempre foi bastante ligada em moda. E como ela poderia não ser em todas as roupas que foram da nossa mãe? Nossa mãe era modelo há uns bons anos atrás, então ela tem toneladas de peças de grife guardadas. Claro, com minhas farofas bunda gorda e estrutura corpulenta, não visto as roupas tão bem quanto minha irmã. De qualquer maneira, não são meu estilo.

Entretanto, admiro o jeito como minha irmã consegue arrasar, usando coisas de grife com elementos vintage, e aparentemente todo mundo gosta também. Só de postar foto de si mesma todos os dias e escrever algumas linhas sobre o que está usando ela recebe toneladas de cliques no blog, o suficiente para começar a ganhar dinheiro com publicidade.

É engraçado, eu e minha irmã praticamente crescemos separadas quando eu fui para a faculdade. Acho que a diferença de idade era bem discrepante e, para ser sincera, eu não tinha a menor ideia de como me relacionar com ela. Ela era pré-adolescente quando eu saí, e quando eu voltei ainda queria tratá-la como minha irmãzinha fofa.

Agora, por estarmos há um ano confinadas novamente na mesma casa, eu estou ficando cada vez mais próxima. Ela começou a se tornar mais uma amiga, o que é de certa forma bom, mas às vezes eu me pergunto quando eu deveria fazer o papel de irmã mais velha.

consigo entender o que ela quer quando posa espalhafatosa usando um traje curto para o mundo inteiro ver. Eu não me sentiria confortável me expondo assim vez, porém, que eu mencionei que ela poderia se tornar alvo de perseguição (coisa pior) ela apenas me desprezou e disse que nossa mãe aprovava.

Admito que tenho um pouquinho de inveja, o que é meio ridículo, uma vez que sou a irmã mais velha, mas ela já achou o próprio caminho e está progredindo.

Exatamente o oposto de mim.

Meu telefone tocou, afastando esse pensamento deprimente da minha cabeça.

— Oi, docinho — minha mãe disse em sua voz melódica. Ela ainda tinha sotaque sueco, mas nunca consegui percebê-lo.

— Oi, mãe — respondi com um suspiro, sabendo que ela só estava ligando para ver se eu estava inteira.

— Como você está? Algum problema?

— Não. Estou bem.

— Como está o trabalho? Ainda está no emprego, certo?

Eu bufei novamente e murmurei:

— Sim. — Essa era a pergunta diária dela. O lembrete diário de nem sequer pensar em largar meu emprego. É como se ela soubesse.

— Escute — ela continuou —, o que você e a Ada irão fazer neste final

Tio Albert está torcendo para que todos nós pudéssemos nos reunir.

O irmão do meu pai, Albert, morava num grande terreno beira-mar na neblínea costa de Oregon, e graças à nossa proximidade nós dirigíamos até lá com frequência. Ele era divorciado e vivia sozinho com seus meninos gêmeos, Matthew e Tony, encenqueiros de dezenove anos.

Eu não tinha nada planejado para o final de semana. Se não fosse para o

acabaria prostrada em casa assistindo a uma maratona de Lost sozinha.

Depois de dizer a ela que iria e desligarmos o telefone, eu me estiquei no banco, com o sol aquecendo minha legging marrom, e belisquei sem empolgação uns vegetais.

Quase sucumbi ao chamado de um sanduíche de bacon derretido do Subway ali ao lado, mas resisti.

Terminei e voltei para o escritório, derrotada pela vida de labuta. O sol provocava sardas no meu nariz, e a leve brisa bagunçava meu cabelo, então eu podia ver a violeta da tintura nas minhas mechas pretas. Eu queria ficar lá fora, cercada por casas e prédios, pelas árvores verde-douradas, pelas pessoas indo e vindo de vidas mais empolgantes do que a minha. E eu só queria que esses últimos raios durassem para sempre. Contudo, o dever chamava e, como sempre, chamou.

Entrei no saguão e esperei o elevador. Enquanto estava nos ladrilhos frios senti a presença de alguém atrás de mim. Estranho, eu não havia visto ninguém entrar, nem ouvi a porta se abrir ou fechar atrás de mim.

Um sentimento assustador tomou conta de mim. Eu me lembrei do sonho que tive.

De repente, me senti inexplicavelmente apavorada.

Hesitei em me virar. Na minha “imaginação fértil” achei que iria me deparar com algo terrível, mas me virei mesmo assim.

Havia de fato alguém sentado no sofá branco do saguão. Era uma velha senhora que parecia estar desajeitadamente se esforçando em ser uma jovem senhora. Ela devia ter uns oitenta anos, estava usando um vestido de tafetá vermelho enfeitado com muitos pompons e usava uma excêntrica maquiagem borrada. Ela estava com um delineado

exagerado, cílios postiços, uma pincelada laranja sobre as murchas maçãs de maçã e, o mais perturbador, o batom vermelho metade em seus lábios e metade em seus dentes. Ela estava lá sentada, com um sorriso largo para mim. Parecia congelada, ou presa no

Tentei disfarçar meu choque — não sei como não vi essa peça quando entrei — e me aproximei dela com um rápido sorriso e me virei prontamente. Eu me senti aliviada quando as portas do elevador por fim se abriram.

Entrei depressa e apertei o botão de fechar antes de qualquer outro. Olhei enquanto as portas se fechavam. Ela permanencia imóvel, com um sorriso ainda estampando seu rosto. Seus olhos, vazios e sem piscar, não combinavam com aquele sorriso.

As portas se fecharam e eu soltei um profundo suspiro de alívio. Eu estava até me trêmula. Aquela sensação terrível durou por mais uns cinco minutos, até eu colocar o headset e o bombardeio diário de ligações mal-educadas e visitantes impacientes varrerem a cena da minha cabeça.

CAPÍTULO DOIS

— É ISSO QUE VOCÊ VAI USAR? — MINHA mãe perguntou.

Eram dez da manhã de sábado, e eu estava cansada demais para lidar com coisa vinda da boca da minha mãe.

Ada e eu estávamos carregando as malas para o carro dos meus pais quando minha mãe notou meu modelito do dia. Pelo tom, supus que não fosse apropriado para a família, apesar de ser o que eu usava praticamente todo dia. Coturnos, legging preta e blusa felpuda de angorá propositalmente desfiado.

Eu suspirei e joguei minha mala no carro. Coloquei as mãos na cintura e olhei para ela. Ela entrou no banco do passageiro lenta e educadamente, usando um top com alcinhas amarelas e um sobretudo combinando. Seu cabelo loiro com luzes pretas estava preso num coque frouxo no topo da cabeça e emoldurado pelos cabelos de sol Chloe. Ela parecia uma heroína perfeita de Hitchcock, e eu me perguntei por isso que eu tinha tanta afinidade com os filmes dele. Notei a decepção no rosto quando percebi quanto ela estava vestida inapropriadamente (estávamos indo para a praia sem o favor), então lembrei que eu gostava dos filmes do Hitchcock por causa da visão de humanidade que eles tinham.

— Por que, o que há de errado com a minha roupa? — Perguntei a ela e ela trocava olhares com Ada, que deu de ombros com cara de não me meta nisso.

— O seu suéter está rasgado, querida. Seus primos vão achar que não pode comprar roupas novas para você.

— Ai, que seja, mãe! — Disse Ada, que sensatamente vestia calças jeans

tom pastel, sapatilhas e um colete peludo preto sobre uma camiseta encolhida do Chains (que era minha, claro, como se ela soubesse quem era o pai). — O preço da blusa da Perry era bem mais de cem dólares; felizmente ela comprou por cinquenta dólares.

Franzi o cenho para ela enquanto entrávamos no banco de trás do carro. Eu tinha ideia de como ela sabia dessas coisas aleatórias da minha vida.

Sabendo o que eu estava pensando, ela acrescentou:

— Vi para vender na internet. Sabia que você iria comprar, é bem o tipo bagaceira que você curte.

— Ok, lá vamos nós! — Nosso pai disse com seu vozeirão e sacudiu o carro quando sentou no banco da frente. Ele ajustou o retrovisor e deu uma piscadela para a gente.

Sorte ele não ouviu a conversa, sempre que dinheiro era mencionado na nossa casa havia uma briga.

Meu pai é um homem grandalhão que tem uma risada autêntica e um apego autêntico ainda (daí aquela “barriga de chope” crescendo sem parar) e que se afetuosa com sua herança italiana. Apesar de ele e seus irmãos serem uma segunda geração de italianos, você jamais saberia. Eles falam italiano fluentemente, em suas mãos. É perigoso fazer meu pai falar quando ele dirige, ou a qualquer verdade. Eu me lembro de quando Ada e eu compramos para ele uma colcha italiana clássica e, no entusiasmo, ele acertou meu rosto. Acho que minha mãe bem puta da cara com isso, provavelmente porque meu pai tem também um temperamento daqueles. Não me leve a mal, meu pai nunca me bateu de verdade com ninguém da família, mas quando seu rosto fica vermelho e ele começa a bochechas, sua pequena estatura de repente parece ganhar três metros de altura e torna a criatura mais assustadora da face da Terra.

Ele também é workaholic, o que não ajuda muito. Por ser professor de História e Teologia na Universidade de Portland não passamos tanto tempo com ele como provavelmente deveríamos.

Tenho mais traços do meu pai do que da minha mãe. Nós dois somos muito sensíveis, mas eu não consigo disfarçar. Às vezes sinto que sou uma gigante de vibrações e sentimentos que derruba todos à minha volta, enquanto meu pai passa essa energia em outro lugar (como combustível para uma explosão posterior).

maiores diferenças entre nós é sua fé inabalável. Ele aceita as coisas e segue em frente sempre preciso questionar, discutir, sempre preciso perguntar por que até fi

Queria conseguir deixar as coisas passarem com a mesma facilidade que ele.

Por exemplo, nesse dia, enquanto meu pai nos levava tranquilamente até a I-5, eu não

conseguia parar de pensar em outro sonho que tive, enquanto ele apenas dormia como um pesadelo comum e seguiria em frente. Contudo, desde que eu existo, “c

é um termo raramente aplicado a mim.

A noite anterior foi como qualquer sexta-feira. Eu pratiquei algumas músicas na minha guitarra (eu me sinto culpada por tê-la deixado de lado), coloquei a roupa para

lavar e assisti a um ou dois episódios de Uma família da pesada antes de dormir. Não tinha sido o café que eu tomei tão perto de deitar; não consegui dormir por muito tempo, fiquei me revirando enquanto meus ouvidos apanhavam os mais leves sons. Ada roncando que vinham do corredor e o leve farfalhar de árvores fora da janela. Mesmo os números brilhantes do meu despertador faziam meu quarto parecer uma supernova.

Eu devo ter pegado no sono em algum ponto da noite, porque acordei com um sobressalto. Meu corpo estava gelado de dentro para fora, como se o soro estivesse penetrando nos ossos e me preenchendo com um terror líquido. Minha respiração estava congelada. Todos os membros estavam fora do lençol, duros como uma tábua. Parecia expostos e nus, e eu tinha visões de monstros que vinham mordê-los, talvez pequenas mãos que vinham de baixo da cama e decepavam meus dedos das mãos e dos pés. Eu queria enfiar meus braços e minhas pernas nos lençóis e mantê-los seguros. O medo era muito real.

No entanto, eu não conseguia me mexer. Não porque era fisicamente impossível, porque eu não queria.

Alguém estava em frente à minha porta. No começo achei que fosse meu corpo pendurado no gancho. O quarto estava mais escuro do que nunca, e, sem virar a cabeça, eu sabia que a luz do meu relógio havia se apagado. Conforme meus olhos se ajustavam às profundezas, me lembrei de que meu roupão ainda estava na secadora e que essa

tinha dimensões e largura maiores.

Eu fiquei ali observando, pelo que pareceu ser vários minutos. Acho que respirei uma única vez por medo de chamar atenção para mim. Eu não sabia mas permaneceu bem parado, o que era ainda mais perturbador. Mórbitos arranharam minha espinha.

Um holofote piscou repentinamente no meu quarto como uma rajada, iluminando tudo com uma intensidade precisa. Por um quarto de segundo eu vi a coisa. Um homem com capuz feito de pele oleosa e úmida e, então, um rosto, sem olhos, muito largo, branco. O sorriso se partiu. Gengivas negras. Um abismo.

Então...

TRIIIIIM!

Meu alarme tocou.

E num instante era de manhã. O sol forte tomava o quarto, expondo seus inofensivos buracos e fendas. Não havia nada na porta e tudo estava como eu deixara. As fragrâncias de bacon e café vinham do andar de baixo. Foi apenas mais um sonho.

A lembrança me fez tremer. Minha mãe me olhou desconfiada pelo espelho retrovisor.

— É isso que você ganha com um suéter esburacado.

O ar-

condicionado que meu pai ligara à toda definitivamente não ajudava, mas eu suspirei e apoiei a cabeça na janela fria. Carros passavam em todas as direções. Com a na rodovia eram de um verde vivo sob o céu claro limpo, desafiando o tempo do outono. Próxima semana já seria outubro, mas ainda estava um clima fresco como em junho.

* Pelo menos isso. Meus sonhos teriam sido muito mais pesados no clima típico de outono, com o céu escuro, ventos uivantes e chuva forte. Normalmente com as tempestades e a atmosfera soturna que seguia com o Halloween e todas as coisas assustadoras, mas os dois sonhos extremamente realistas, a inquietante descrição do saguão e essa sensação de ansiedade que vinha me acompanhando me deixaram r

Olhos perfuraram um buraco na lateral da minha cabeça. Ao me virar, encontrei /

me encarando. Em suas mãos, havia uma revista de moda; em suas orelhas, o iPod.

Notei quão perfeitas estavam suas unhas feitas, o brilho do esmalte vermelho, a precisão da aplicação. Eu nem precisava olhar para as minhas mãos para saber como estavam.

Ela espremeu os olhos azul-celeste.

— O que você tem ultimamente?

— Quê? — Perguntei, um pouco na defensiva demais.

— Não te vejo aérea assim desde que... — ela não completou.

Dei a ela um olhar atravessado e não ousei espiar minha mãe no espelho retrovisor.

Eu sabia que ela estaria me observando cuidadosamente.

— Estou bem — disse com firmeza.

Ela se inclinou um pouco mais perto e abaixou a voz.

— Você teve outro sonho?

Eu suspirei e assenti.

— O mesmo?

— Não, diferente. Ainda assim foi fod... — me interrompi, me lembrando de como eu estava — foi tão bizarro quanto.

— Eu não te ouvi gritando feito louca dessa vez.

Foi o suficiente para minha mãe se meter. Eu sabia que ela estava apenas por uma deixa.

— Do que vocês estão falando? — Ela se virou no assento, olhou para mim e voltou a olhar para mim com uma preocupação maternal. — Está tendo pesadelos, Perry?

— Não sei se são exatamente pesadelos — respondi de maneira tão casual quanto possível.

A última coisa que eu queria era que minha mãe se preocupasse que eu estivesse ficando maluca. Ela sempre estava a postos para tirar conclusões precipitadas.

Ada bufou.

— Ela me acordou ontem berrando, acabou com a minha manhã. Sorte sua correndo na hora, mãe; ela estava zoadada. Péssima.

Lancei um olhar a Ada, mais irritada com o uso da palavra “péssima” do qualquer coisa.

Minha mãe me olhou triste.

— Berrando, Perry, sério?

Revirei os olhos e foquei na paisagem que passava pela janela.

— Não foi nada. Nem lembro mais o que era.

Mentira deslavada. Eu lembrava mais claramente a cada hora. Detalhes nítidos, como as saliências que percorriam a renda da minha camisola. Por um instante, vi minha mãe e Ada ainda me encarando. Estavam preocupadas. Era a última coisa que eu queria.

Sabe, não tornei a vida fácil para minha família. Apesar da minha criação relativamente normal, eu sempre fui uma “criança problema” de certa forma. Quando eu era nova, ainda com apenas um dígito de idade, tinha um monte de amigos imaginários e inimigos também, o que é bem assustador). Ok, na verdade eu achava que eles eram reais (meu cavalo imaginário, Jeopardy, era o mais legal), mas acontece que eu tinha uma imaginação extremamente fértil, e meus amigos não eram reais no fim das contas. Meus pais surtaram por causa disso e me mandaram para vários tipos de psicólogo para encontrar alguma “cura”.

Para ser honesta, eu não me lembro muito bem desse tempo. Talvez esteja reprimido. Eu não sei, mas o que quer que tenham feito comigo funcionou. Eu fugi e nunca mais voltou, e meus pais se acalmaram.

Isso até o ensino médio, quando eu era a típica infeliz. Eu era gorda (ou pelo menos acima do peso para os padrões da escola). Tinha algumas amigas, mas ainda sozinha. As pessoas tiravam sarro de mim. As meninas eram más, e os meninos..

os malvados eram terríveis e os bonzinhos eram de certo modo ainda pior
colega deles, a confidente, nunca a namorada. Eu tinha de ouvi-
los falando sobre como
algumas meninas eram lindas e me sentia o cocô do cavalo do bandido.

As coisas iam de mal a pior, e minha saúde mental levou uma bela surra. Então foi
estupidez de me meter com drogas. Muita maconha, muita bebida, analgésio
larapiava da minha mãe, às vezes ácido. Tentei cocaína também, com a ideia
absolutamente vazia de que me faria perder peso. Eu não perdi peso nenhum — só
mais gorda e com mais raiva. Eu tento não me arrepender de muitas das coisas
mas me arrependo de ter usado drogas. Só piorou minha condição, a ponto de eu
como se tivesse perdido contato com a realidade.

Para melhorar, eu também comecei a cortar os braços para chamar atenção, escrever
terríveis poemas trágicos e só me alegrava na escuridão total. Sei que soa egoísta
mas aceito esse período como uma fase terrível pela qual tive de passar. Eu odiava
todo mundo, especialmente meus pais e, acima de tudo, a mim mesma.

Ainda tenho cicatrizes dos cortes nos braços. Estão desbotando — quase si-
— mas estão lá, assim como as cicatrizes no meu coração. Minha história
diferente da história de outras pessoas, mas às vezes me pergunto se eu ainda me
tão sozinha e com raiva se não tivesse passado por tudo isso.

Olho para Ada. Ela só tem quinze anos e tem tudo. Claro, ela fica emburrada a maior
parte do tempo, mas é muito popular, tem o guarda-
roupa mais desejável do mundo e já
tem certa fama. Eu era aquela que esperava (no fundo e em segredo) que
maneira fosse puxada das massas e me tornasse um exemplo. Olhe a Perry agora.
perdida, uma gorda zoada, e agora está no topo do mundo.

No entanto, não aconteceu ainda, e eu perco minha fé e meu otimismo à medida que
fico mais velha. Ainda não tenho certeza de que um dia vou chegar lá. Ada, porém
lá e, apesar de eu ser mais velha que ela, ainda estou à sombra. Minha irmã é um
de quão injusta a vida é. Não é à toa que nosso relacionamento é complicado.

Olhei para minha mãe e dei a ela o sorriso mais sincero.

— Estou bem, mãe, sério. Só estou cansada, só isso.

Ela balançou a cabeça e virou para a frente, mas eu podia ver um peso no semblante.

— É todo aquele café que você bebe, Perry. Não faz bem!

Eu queria contar a ela que, pelo contrário, pesquisadores recentemente descobrira fortes indícios de que o café de fato previne uma infinidade de doenças, e minha necessidade de informá-la e me encostei novamente naquele pesadelo de ar-condicionado enquanto seguíamos em direção à costa.

*

Chegar à casa do meu tio é sempre um alvoroço. Sendo um solteirão, Al soube preparar bem a casa ou agir como anfitrião, então geralmente as regras são pouco convencionais.

Meus primos, Tony e Matt, estavam preguiçosamente sentados no sofá jogando videogame enquanto Al acendia a churrasqueira no quintal. A cozinha estava completa zona.

Meu tio e seus filhos não viviam numa propriedade comum. Pelo contrário, moravam num terreno incrível perto do mar ao sul do vilarejo turístico de Cannon Beach.

Era uma fazenda de laticínios que pertencia à ex-mulher de Al, mas ela a abandonou (e os filhos) quando fugiu com um piloto para o Brasil ou algum lugar do tipo. Foram há muito tempo, e a terra é hoje apenas um campo árido de grama alta e imbuído com um grande celeiro que me encantava quando eu era pequena (eu adorava que agora me dá calafrios).

Não tanto, porém, quanto a estrutura do lado oposto da propriedade de Cannon Beach — o farol.

O quintal é basicamente um longo gramado com dunas de areia e rochas que descem até o oceano revolto. À esquerda da praia, subindo por um pequeno penhasco (fora da vista da casa) há um farol em ruínas. Eu não sabia diretamente responsável por ele antes, mas fazia parte da extensa propriedade do tio Albert. Quando soube, estava desativado havia pelo menos cinquenta anos, e Al não tinha cuidado dele. Estava lá, esquecido e sem luz, uma casa escura com vista para o mar.

Na verdade eu nunca entrei no farol. Minha curiosidade e fascinação mórbida eram páreo para os limites que a minha família impunha. Eu sabia, porém, que Matt e Tony haviam entrado lá algumas vezes com amigos.

Tive uma vontade repentina de saber se Matt e Tony estariam dispostos a voltar lá mais tarde. Eu me sentia atraída a ele mais do que o comum, como se visitar o farol colocasse minha atual “situação” em outra perspectiva.

Isso teria de esperar. Como de costume, minha mãe, Ada e eu fomos ajudar o tio e os meninos a organizar um churrasco minimamente funcional, limpando e montando a mesa lá fora para o banquete.

Estava um dia excepcionalmente bonito lá fora. Na verdade, fiquei meio decepcionado com isso, acredite se quiser. O sol estava lindo, mas a falta de vento significava que não havia revolto, que geralmente ajudava a limpar minha mente de toda a porcaria, estava lá e suave, as ondas batendo calmamente na praia distante. E meu fenômeno de neblina — não podia ser avistado.

O terreno deles fica logo antes da parte mais elevada da rodovia Pacific Coast Highway, nesse trecho que o Oceano Pacífico manda em direção à costa massas de névoa e nevoeiro que se prendem de cada lado da propriedade. Assistir a essa neblina selvagem chegar era uma das coisas de que eu mais gostava quando visitava meus primos. Havia algo de sobrenatural nesse nevoeiro e na maneira como ele lentamente se aproximava vindo mais a cada batida rítmica das ondas quebrando e pairando pouco acima da superfície, como uma nave-mãe do tamanho de um continente.

Quando o churrasco acabou, os meninos se juntaram a nós. Como descrever Matt e Tony? Antes de tudo, eles não são gêmeos idênticos, mas você dificilmente os distinguiria pela maneira como eles agem. São inseparáveis, praticamente siameses. Uma vez ouvi até mesmo minha mãe dizendo ao meu pai que “isso é um pouco estranho na idade deles”.

É verdade, eles tinham dezenove e já haviam passado da “fase fofa de gêmeos”. Mas sempre foram um pouco mais imaturos para a idade que tinham. Não apenas na aparência, os dois têm mais ou menos a mesma altura e a mesma estrutura gordurosa, olhos redondos e nariz achatado, mas também em comportamento. Dito isso, é difícil encontrar um garoto de dezenove anos que não se comporte como se tivesse dez.

Eles se aproximaram segurando cervejas e com um sorriso malandro. Bebendo e

menores nunca foi um problema na casa deles, mas de vez em quando de

Os meninos sempre foram um problema, mas só depois de certa idade com arrumar encrenca pra valer. Tony foi pego dirigindo bêbado ano passado, e sua camotorista foi detida. Matt foi preso por invadir a piscina de um clube no começo (Tony também havia invadido, mas fugiu antes de os guardas o flagrarem) e ambos pegos várias vezes com maconha. Eu não sei direito como Al lida com tudo pelo recente e acelerado crescimento de cabelo branco em sua cabeça, esta provavelmente pagando o preço.

— E aí, prima? — Matt disse e me deu um rápido abraço.

Tony só me deu um tapão nas costas. Eles são uma dupla esquisita, mas posso evitar sentir muito afeto por meus primos.

— Tudo certo, caras? Fugindo de encrenca? — Eu pisquei para eles.

— Tentando — Matt disse. Ele lançou um olhar terno para o pai e deu de casualmente para mim. — Alguns amigos estão vindo à noite para fazer um praia.

— Tenho uma lata de combustível para levar — Tony acrescentou.

Ah, excelente. Gasolina, bebida e meus primos, o que poderia dar errado? A ideia de fazer uma fogueira com um bando de garotos novos era mais empolgante do que na casa do meu tio, tentando jogar palavras-cruzadas com a família sem alguém (geralmente eu ou meu pai) virando o tabuleiro com raiva.

O resto do dia seguiu sem incidentes. Quando tudo estava preparado para a noite, segui para a habitual exploração do terreno com minha câmera slr.

Depois de vagar pelos campos, com a minha legging úmida de orvalho da passada que ainda se prendia à grama alta e marrom, acompanhei a bela cerca que separava a propriedade deles da fazenda de queijo do vizinho. Tirei a amarrei na cintura; o sol estava prazerosamente quente.

A atmosfera estava tomada pelos sons suaves de ondas, pássaros que voavam minha cabeça e o ocasional “mu” do gado distante. Atrás de mim havia as pinheiros que se erguiam nas falésias próximas e o horizonte ondulado. À

uma cerca para as vacas, que meus coturnos atravessaram com facilidade e, além dunas manchadas e a folhagem dura.

Eu subi ao topo de uma pequena duna e olhei para minha esquerda. Então vislumbrei o farol, com sua cabeça redonda e tinta descascada no telhado enferrujado. O farol não era a típica coisa erguida com aparência fálica. Em vez disso, foi construído num prédio de dois andares que se erguia como uma torre de sino (eu

que ele se parecia com a torre do sino de Um corpo que cai, do Hitchcock). O farol estava lacrado, e a luz do farol não funcionava, mas parecia vivo para mim estivesse apenas dormindo.

Estava olhando para o farol quando a brisa aumentou. Veio de fora da costa, fazendo o ar úmido e salgado varrer meus braços. Eu estremeci e vesti minha blusa.

Enquanto eu vestia, espiei por um dos buracos da frente. Vi um movimento na porta do farol, como se alguém tivesse caminhando para a frente dela.

Eu congelei. Então rapidamente enfiei de vez a blusa para enxergar melhor.

Não havia ninguém.

Um calafrio percorreu minha espinha. Eu estava prestes a seguir para o farol quando ouvi minha mãe me chamando, sua voz fraca no vento profundo. Ponderei por um instante e então decidi que talvez entrar em casa, com os risos, a família e o vinho deveria ser a melhor escolha. Observei o farol mais um pouco, até que o movimento amenizar minha curiosidade, e voltei para a casa.

*

Era cerca de dez da noite quando nossos pais finalmente se retiraram para os quartos. Ada e eu estávamos assistindo a um filme B dos anos 1950 (None of Them Were Robots), mas no minuto em que eles disseram boa noite nós pegamos a caixa de vinho e fomos para a praia.

Matt e Tony já estavam lá, com vários amigos. Como a praia não tinha uma proteção, eles saíam com facilidade da estrada para a areia com seus 4X4 sujos.

O vento aumentava à medida que a noite avançava, e eu fiquei grata pela roupa quente e o cachecol que eu havia trazido. O céu da noite ainda estava claro.

de estrelas polvilhando a tela lisa acima. Ao longe, uma massa turva e cir podia ser avistada. Não estava se aproximando, apenas pairando. Esperando praia.

A fogueira estava à toda, graças à generosa contribuição da lata de gasolir que eu acabei confiscando e mantendo longe de nós do outro lado de uma duna.

A cena era aconchegante. Eu estava aninhada ao lado dos gêmeos e de alguns de amigos num longo tronco que havia sido lançado pelo mar. Do outro lado havia mais pessoas, além de Ada.

Eu estava bem de olho nela. Ela já tinha dado umas bicadinhas em vinho noite toda. Bom, eu definitivamente não podia falar nada; na idade dela eu estava coisa bem pior, mas que eu saiba, Ada não era de beber. Na verdade, eu visto bêbada antes, e ela obviamente estava agora. Agora estava bebendo (uma garrafa de um litro envolta num saco de papel (porque era cool?) e alternand acariciar e dar uns malhos num cara sebooso chamado de Ás, o que me irritava um

Ás provavelmente era o menos palatável de todos os amigos de Matt e T começo, eu já sabia que ele tinha namorada. Ele estava falando dela mais você pode imaginar, não eram belos elogios. Se isso não bastasse, uma vez ouvi / que os gêmeos não se metiam em encrenca até conhecerem o Ás. O nome dele, p

não tinha o menor sentido para mim. Ele devia ter metade do qi de alguém desses shows babacas.

Como sempre, o fato de que Ada parecia estar se divertindo horrores me maneira errada. Agora era porque eu não tinha um cara para dar uns amas eu pudesse querer relar no Ás ou em qualquer um dos amigos do Matt e Tony, iss em um milhão de anos... bem, ok, não é exatamente assim. Havia um cara bonito outro lado da fogueira em quem eu deveria estar dando em cima se eu nã completa tapada com homens. Ele era meu tipo: alto, ombros largos, olhos cabelo castanho ondulado lindo que reluzia no brilho da fogueira.

Apesar de estarmos trocando olhares de paquera através do fogo (pelo mer meus eram de paquera; ele provavelmente estava apenas com fumaça no olho), eu quilômetros de algum tipo de iniciativa. Depois de anos sendo zoada por c aparência, você começa a se sentir bem insegura em relação ao sexo oposto.

Suspirei e olhei para as ondas escuras que batiam na praia. Eu sabia que

pouco bêbada com vinho vagabundo, mas sentar perto da fogueira e beber bando de adolescentes começava a ficar sufocante. Eu queria me levantar e queria inspecionar o farol.

Considerarei convidar os gêmeos ou Ada e seu novo brinquedinho, mas bastou uma olhada ao redor da fogueira para que algo me dissesse que era melhor essa molecada ficar perto da casa. A última coisa de que o tio Al precisava era de um bando de bêbados para o farol no meio da noite. Eles provavelmente incendiariam o troço todo.

Desci do tronco e bati a areia do bumbum. Me aproximei de Matt, tentando chamar atenção, e disse a ele que ia dar uma volta e que os encontraria mais tarde.

— Não vá fazer nenhuma idiotice — ele aconselhou.

Eu adoraria ter perguntado o que uma pessoa como ele considerava idiotice, mas não foi necessário. Em vez disso, cochichei para ele ficar de olho na Ada. Felizmente não sei algo que ele poderia fazer.

Eu me afastei da fogueira em direção ao mar até que a luz das chamas era tão distante demais para iluminar o caminho, então liguei o aplicativo de lanterna do iPhone. Era um feixe de luz branca bem patético, mas já me ajudava a seguir pela praia pelos pedaços de madeira vindos do mar. O farol estava visível sob a luz oscilante, esperando por mim.

[CAPÍTULO TRÊS](#)

A CAMINHADA ATÉ LÁ FOI MAIS DIFÍCIL do que eu esperava. O farol estava situado no topo de um pequeno penhasco, o que significava uma escada vertical com mãos e joelhos. Tentei segurar meu iPhone com a boca por um momento para perceber que era melhor deixar meus olhos se ajustarem à escuridão.

Com as mãos úmidas pela grama borrifada pelo mar e sujas de terra grossa, eu lentamente segui até o topo. Do outro lado, o penhasco se estreitava suavemente e as ondas onduladas, e atrás do farol o chão coberto por um matagal rasteiro levava a uma floresta escura. Ventava mais ali e o barulho das ondas batendo contra as grandes rochas era mais alto. De tempo em tempo, o vento borrifava água do mar no meu rosto.

O contorno escuro do prédio do farol se agigantava à minha frente. Foi o suficiente para me fazer parar para pensar por um segundo.

Sei que às vezes sou impulsiva. Em algumas situações chego ao ponto de cérebro gritar para que eu pare. Essa foi uma dessas situações. Eu estava tempo estava piorando, eu tinha bebido algumas taças de vinho, era tarde, ninguém onde eu estava e, ainda assim, minha principal preocupação era tentar entrar num assustador farol.

Por mais que meu lado imprudente estivesse instigado a explorá-lo, o lado racional sabia que provavelmente era a ideia mais estúpida que se possa imaginar, porque eu tinha essa sensação de medo generalizado do lugar.

Sei que disse antes que parecia como se o farol estivesse esperando por mim verdade. Não sei se era o destino disfarçado de medo, mas eu realmente queria que pequena parte responsável do meu cérebro (a parte “adulta”, ousado dizer) pudesse dominar e me levar de volta à casa do tio Al.

Em vez disso, decidi pegar minha câmera. Coloquei a alça ao redor do pescoço, liguei o modo de vídeo. Uma gritante luz branca azulada iluminou o chão à minha frente.

Respirei fundo e mirei a câmera no farol. Comecei a gravação; seria bom registro da minha breve exploração.

O farol estava a poucos metros de mim, banhado por aquele soturno brilho eletrônico. A maioria das janelas estava lacrada, mas havia uma vidraça ou obstruída, quebrada ou lascada nos cantos. De perto o prédio era absurdamente evocava uma sensação de densidade. A tinta branca estava descascando, com pretas cintilantes atacando sua superfície áspera. Provavelmente era mofo; e pareciam nódulos de sangue. Eu estremeci com esse pensamento e endireitei a câmera.

Apontei-a para o segundo andar e examinei a torre. O topo estava escondido, e a luz da câmera agora só conseguia alcançar as nuvens da grossa neblina que es

Segui em direção à frente do farol, onde os arbustos atacados pelo forte vento cobriam nos flancos do penhasco. Averigui o prédio. Queria entrar, mas não tinha ideia de como a porta enferrujada estava fechada com um cadeado que com certeza eu não poderia abrir.

— Isso é estupidez — eu disse alto para mim mesma. O som da minha voz parecia reconfortante. Era estupidez mesmo. Eu devia ter dado meia volta.

Em vez disso, continuei olhando ao redor. Caminhei o mais próximo possível do prédio, sem confiar no solo ao redor, então cheguei à frente do farol. Parecia que do penhasco estava a uma distância suficientemente segura da fundação, talvez alguns metros. Havia alguns arbustos na base da torre, e sobre eles uma grande janela

Havia uma única tábua vedando-

a. Acima da janela do piso térreo havia outra janela, depois outra, depois outra, até o topo da torre de vigia. Caminhei até a janela e a tábua havia sido pregada por dentro. Eu sabia o que precisava fazer e estava bem para fazê-lo.

Forcei a placa para testar sua resistência. Parecia que cairia sem muito esforço, o que para mim era perfeito.

Virei a câmera para que filmasse meu rosto num close extremo.

— Chegamos ao nosso primeiro obstáculo, uma janela lacrada. — Eu disse à câmera.

— Isso, porém, é um desafio para Perry Palomino.

Coloquei a câmera no chão apoiada a uma rocha, para que continuasse me filmando e dei um passo atrás. Com as pernas em posição firme e minha postura alinhada, eu

Meu corpo estava apoiado no ângulo exato, meu braço estendido com precisão e a palma da minha mão encontrou a tábua. A força foi o suficiente; os pregos desprenderam e a tábua caiu lá dentro com um estrondo ecoante.

Eu me virei, olhei para a câmera e murmurei minha melhor imitação de Bruce Lee.

— Movimento número quatro: Dragão busca o caminho.

Então, me sentindo uma idiota, eu corri e peguei a câmera. Eu sabia bem mostraria esse vídeo a ninguém. Mesmo que tivesse alcançado o objetivo, estava doendo porque eu não havia feito tudo corretamente (já fazia um ano desde a última aula), e eu tinha plena consciência de que era uma pateta.

Coloquei a câmera de volta no pescoço e enfiei a cabeça lá dentro do farol. Um fedor de mofo me atingiu, irritando meus pulmões e tive uma crise de tosse para a escuridão e vi tábuas quebradas no chão numa sala circular vazia. Barulho de pingos vindo de um ponto da sala e senti certa umidade. Perto dos fun

cômodo havia uma passagem, mas não tinha porta nas dobradiças. Eu mal distinguir o que havia além dela; parecia ser uma escadaria que devia dar torre.

Havia algo estranho nesse lugar, algo vagamente familiar. Revirei meu cérebro tentando reconhecer algo mais tangível, mas nada veio à mente. Apesar do vento que então entrava livremente, havia uma quietude densa no ar. Era estranhamente e muito sobrenatural.

Apoiei as mãos no peitoril e me icei para dentro, meus músculos peitorais usados doeram com meu peso. Girei as pernas de modo desajeitado e caí lá dentro; pés pousaram numa pequena poça, e uma água gelada espirrou na minha cara. Arrependi imediatamente de ter entrado.

O ar lá dentro era muito denso. Meu fôlego vinha mais lento e letárgico, como se fluido estivesse entrando no meu pulmão. A pressão também era diferente lá dentro; meus ouvidos pulsaram.

Com a câmera, iluminei ao meu redor, mas o ar engolia a luz como se estivesse faminto. Essa analogia me fez estremecer. Estava frio, e eu odiava a maneira como a escuridão me espreitava, como se uma rede estivesse prestes a me apanhar. Então, nisso, me virei. Não havia ninguém ali, é claro.

Meu coração batia loucamente. Eu respirava lenta e profundamente, tentando controlar meus batimentos. Sentia como se eu simplesmente tivesse de vir a esta realidade agora que eu estava aqui, a realidade me ocorria. Essa não era a melhor das ideias.

Apontei a câmera ao redor do cômodo mais uma vez para absorver o momento. O cenário. Eu estava prestes a fazer um comentário espirituoso sobre minha covardia quando ouvi um tum acima de mim.

Meu coração congelou. Minha respiração parou.

Eu escutei atentamente, como se me esforçar bastante pudesse fazer brotar biônicas.

Outro tum lá de cima. Vinha do cômodo logo acima da minha cabeça. A água do vômito viajou pelo meu corpo da ponta dos dedos até meus lábios. Foi ao ritmo dos tuns, que seguiam um padrão de pegadas, como se alguém estivesse andando pelo cômodo e pelo corredor.

Meu primeiro pensamento não era de que seria um fantasma ou alguma coisa assustadora do tipo, mas algo pior, algo que poderia realmente ferir alguém: uma noia ou um estuprador que usava o farol como esconderijo ou como seu ponto de estupro.

Olhei para trás, para a janela pela qual entrei. Sem dúvida a pessoa ou coisa me estava arrombando-

a. Deve ter escutado meu discursinho cafona para a câmera. Devia saber que eu estava ali. Minha única opção era ir embora, mas eu poderia sair pela janela sem ser pega?

Os passos continuaram, baixinhos, acima de mim, como se eles soubessem que eu estava escutando. Segui cuidadosamente para a janela.

Busquei o canto dela com a mão, e uma sombra sinistra passou lá fora. Foi rápido que eu não vi o que era, mas parecia humano o suficiente. Eu me espremi contra a parede.

Eu sabia que estava ferrada. Fui idiota de entrar num épico palácio do estilo comandado por noias e carecas barbudos recentemente fugidos de prisões próximas. Tomaram o lugar para suas sessões de tortura com jovens mulheres infelizes encontravam explorando a costa. E o pior, a infeliz que decidiu se infiltrar no general deles era eu.

Na maioria dos filmes, a heroína colocaria a cabeça para fora da janela para ter uma visão melhor do que estava rolando, mas eu sabia que se fizesse isso, eu seria imediatamente avistada.

Então, apesar de a janela representar a liberdade e uma maneira de escapar do inferno, eu lentamente me afastei dela grudada na parede. A luz da câmera no cômodo, então notei que estava quase implorando para ser encontrada. Desliguei a luz com um clique e fui rapidamente envolvida na escuridão total.

É claro que eu sabia que mesmo desligando a luz ainda era possível saberem onde eu estava, mas pelo menos no escuro eu poderia me esconder, se precisasse. Tentei pescar alguma arma nos meus bolsos. Não havia nenhuma. Nem unhas afiadas eu

Esperava que minha “destreza” no caratê funcionasse bem com a adrenalina.

Enquanto tentava controlar a vontade de passar pela janela, decidi que a melhor coisa

seria seguir pelo corredor. De qualquer maneira, eu estava presa num cômodo que não tinha coragem o suficiente para fugir pela única saída. Os passos no corredor haviam cessado, apesar de eu não ter notado em que momento, e o corredor provavelmente tinha outra porta ou mais janelas para escapar.

Eu me aproximei o mais silenciosamente possível da porta e enfiei a cabeça para espiar o corredor. É claro que não consegui ver nada além de um breu só depois de um tempo meus olhos se ajustaram.

O ar no corredor parecia mais denso do que o de fora e cheirava a algas podres. Eu forcei a vista para uma escadaria no final do curto corredor. Meu Deus, havia trevos escuros de algas que seguiam do corredor até a escadaria. Era como se um verme tivesse subido e deixado suas tripas para trás.

Pare! Eu gritei na minha cabeça. Eu estava surtando e precisava me acalmar antes que meu cérebro perdesse o controle, e isso não traria nenhuma vantagem. Meu plano principal tinha de ser sair de lá rapidamente, em segurança e sem enlouquecer.

Afastei os olhos da alga e olhei para o corredor. Pontos verde e preto dançavam diante de mim, tornando difícil focar a visão, mas finalmente eu avistei o que parecia ser uma porta para outra parte do farol.

Eu me arrastei pelo corredor, que por sorte só tinha meio metro, e alcancei a porta.

Tateando, minhas mãos acertaram a maçaneta com um estrondo. Eu estremeci e continuei mantendo minha respiração baixinha. Não ouvi nada por alguns aterrorizantes segundos então virei-a cuidadosamente e puxei-a. A porta mal se moveu.

Coloquei as mãos no batente da porta e me deparei com um cadeado. Eu tentei, mas fui silenciosa e inutilmente. A menos que por um milagre eu tivesse um alicate de canalha, eu não sairia por aquela porta esta noite.

Senti as lágrimas de frustração correrem aos meus olhos e pisquei rapidamente para não chorar.

Tirei minha mão da fechadura e respirei bem profundamente, como haviam me ensinado para conter ataques de pânico. Todos os meus antigos ataques pareciam se comparados a esse. Uma morte iminente (ou algo pior) é que era um excelente gatilho para entrar em pânico.

Só me restava uma opção: voltar ao cômodo e escalar para fora da janela.

rápido possível. Se eu fosse rápida o bastante, talvez pudesse saltar para a notada e, mesmo se fosse, talvez minhas pernas gorduchinhas e meu talento pudessem bastar para manter meus potenciais assassinos afastados.

Eu me endireitei e fechei os olhos. Agulhas e alfinetes fluíam pelas minhas mãos acionando um motor.

Eu me virei e avancei em direção ao cômodo ao meu lado.

BAM!

Bati em alguém.

Ou em algo.

— Aaaai! — Eu gritei.

O choque foi forte, bati os dentes e fui lançada para trás. Senti um chacoalhão e um som de batida metálica. Minha cabeça bateu contra o chão frio. Não tive tempo de sentir a dor.

Fiquei rapidamente de pé e tentei correr de novo, mas meu pé deslizou no gesso e minha perna voou à frente, me lançando mais uma vez ao ar.

Desta vez caí no chão com ainda mais força e senti meu corpo ficar imediatamente mole. Minha visão escureceu e começou a girar e minhas pálpebras se fecharam brevemente. Pensamentos de perigo e ameaça pareciam muito distantes, o chão começou a vibrar e a zunir, quase me embalando. Dormir parecia uma boa ideia.

Mas eu não podia dormir. Uma luz forte se acendeu sobre meu rosto e interrompeu o torpor reconfortante através das minhas pálpebras. Espremi os olhos pelo desço e senti um par de mãos na minha cabeça. Uma tocava cuidadosamente o meu cabelo enquanto a outra acariciava minha testa.

Estupradores são gentis hoje em dia, pensei vagamente e ergui meu braço contra a luz que irradiava implacável sobre mim.

— Não se mexa — uma voz rouca disse na escuridão. Soava a milhões de quilômetros de distância e com um vago tom de pânico.

Obedeci e soltei as mãos. Finalmente a luz saiu do meu rosto, e eu percebi que ali havia sido colocado no chão ao meu lado.

Senti de novo mãos no meu rosto. Estavam levemente trêmulas. Tentei abrir mais olhos, enquanto pensamentos coerentes entravam em minha cabeça confusa. começou a se acentuar instintivamente pelo meu corpo.

Ele se intensificou quando vi o contorno de um rosto masculino acima de

Tentei empurrá-lo para longe, mas o homem estava segurando meu ombro, me apertando para baixo.

— Sério, você pode se machucar bastante. Por favor, não se mexa.

Eu não conseguia ver o rosto do homem, salvo o contorno, então me recostei novamente, fechei os olhos e verifiquei mentalmente meu corpo. A parte de trás da cabeça pulsava com uma dor incômoda. De resto, parecia estar tudo bem — dos dedos da mão aos dedos do pé, meus músculos estavam despertos, funcionando prontos para ação.

— Estou bem — consegui dizer. Abri os olhos e tentei fazer contato visual com a figura sem rosto, mirando para onde seus olhos deveriam estar.

Ele tirou as mãos de mim e se afastou um pouco. Lentamente me levantei e inclinei para a frente. Minha cabeça estava realmente doendo, e o cômodo ainda era um escuridão sombria, mas eu não sentia nada de mais grave.

Claro, isso significava que eu não tinha de me preocupar especificamente com a luz que podia me focar nesse potencial estuprador do farol.

Consegui enxergar bem melhor quando minha visão se acostumou novamente à escuridão. O cara estava agachado a meio metro de mim. Eu só podia distinguir o contorno, que estava iluminado por trás pela lua que vinha da janela e por uma fraca luz no chão. Olhando melhor, parecia estar vindo de uma câmera de vídeo caseira, mas como as que os cineastas usam. Aquela pequena informação acalmou minha cabeça, desacelerando as batidas. A maioria dos viciados tarados e noivados usa câmeras digitais de alta qualidade.

— Me desculpe — o homem disse. Eu tentei reconhecer sua voz, mas ali

tom profundo e rouco, como se sua garganta estivesse cheia de cascalho, não captava nada. No entanto, era estranhamente reconfortante.

Ele continuou:

— Eu estava lá em cima e ouvi essa batida bizarra aqui embaixo. Achei que fosse a polícia ou sei lá. Eu não sabia o que fazer. Achei que eu pudesse fugir pelo lugar que entrei, mas vi você aí, e então vi a janela, provavelmente ao mesmo tempo que você e... me desculpe se... bom, você obviamente está bem.

Eu sabia que havia vários erros naquela frase absurdamente longa, mas não tinha cabeça para dissecá-la. O melhor que pude fazer foi perguntar:

— Quem é você?

O homem não disse nada. Sua silhueta começou a balançar levemente de um lado para o outro.

— Isso depende de quem é você — ele respondeu.

Mas que inferno, nem eu sabia quem eu era agora. Abanei a cabeça.

— Perguntei primeiro.

Ele suspirou e buscou algo no bolso. Tirou um cartão de visita e o entregou a mim.

Pegou sua câmera e iluminou o papel preto.

— Dex Foray — eu li a impressão branca e cintilante em voz alta. — Programador de câmera, cinegrafista. Shownet.

Eu virei o cartão. Não havia nada além de um endereço de Seattle. Olhei o rosto do homem, mas não conseguia enxergar.

— Você é corretora ou algo do tipo?

Ele riu.

— Porra, não.

Eu enfiei o cartão no bolso e senti a força voltando aos meus ossos e à minha língua.

Fiquei feliz que a coragem não havia me abandonado.

— Bem, Dex Foray, algo me diz que o que quer que vocês estejam fazendo aqui, fazendo sem autorização do meu tio, que é o dono do farol.

— Não tem mais ninguém aqui. Só eu.

Foi a minha vez de rir.

— Olha, não me importa. Não vou te entregar. Eu mesma não deveria estar apenas reunindo sua equipe ou o que seja e caia fora antes que vocês se metam em a
O cara, Dex, parou de se remexer.

— Sou só eu — ele repetiu. — Está vendo mais alguém?

A voz dele se tornou sombria. Algo nessa mudança de tom me alarmou.

— Sim — eu disse lentamente. — Eu te ouvi no segundo andar e ia sair pela janela mas vi a sombra de alguém passando lá fora.

Silêncio. Ele se mexeu no escuro e se aproximou de mim. Eu queria poder direito sua expressão.

— Tem certeza de que viu algo? — Ele perguntou.

Comecei a duvidar de mim mesma com as perguntas, mas fiquei firme.

— Sim, vi alguém. Alguém passou pela janela, juro por Deus.

— De onde você veio? Alguém veio com você?

Balancei a cabeça. Ele levou a luz ao meu rosto. Eu me encolhi.

— Desculpe — ele disse, mas não soava nada arrependido. — Eu... bem, lá.

— Deixa pra lá? — Não pude evitar de rir ironicamente. — Você invadiu meu tio. Não me diga para deixar pra lá.

Então me dei conta de que provocar um completo estranho, especialmente não ter conseguido ver o rosto dele e estando sozinha com ele num farol escuro e poderia não ser uma boa ideia, mas...

Ele se endireitou, sua figura bloqueou a luz da lua, e estendeu a mão para me ajudar a ficar de pé. Ele não era muito alto, devia ter por volta de um metro e setenta e cinco centímetros.

Segurei sua mão hesitantemente, e ele me colocou de pé. Vacilei um pouco com a mudança de altura e gravidade, e no mesmo instante ele colocou os braços ao meu redor.

Tinha cheiro de loção de barbear Old Spice. Senti como se estivesse numa novela mexicana.

— Você está bem? — Ele perguntou. Seu rosto não estava muito distante do meu. Me virei para que minhas costas ficassem para a janela e a lua iluminasse o rosto dele.

Ele era um cara surpreendentemente bonito. Talvez eu esperasse um careca barbudo, mas não era nada disso.

Tinha o maxilar largo e arrendado, ele era bem aceitável. Um bigode ralo tipo Flynn marcava seu lábio superior, e seu queixo estava sombreado pela barba.

Tinha olhos escuros e insondáveis, emoldurados por sobrancelhas diabolicamente arqueadas e baixas na testa. Uma argola simples adornava sua sobrancelha direita, dando-lhe uma aparência visual bem anos 1990. Meu tipo de cara, aparentemente. Ele lembrava Robert De Niro nos tempos de drogadinho.

— Bem, prometo não me processar? — Ele disse.

Ele me observou com seus olhos cintilando sombriamente à luz da lua, muito intensos. Fiquei aliviada por ele parecer uma pessoa normal e um pouco instigada por também ficar me olhando.

— Só estou um pouco tonta — consegui dizer. Ele ainda me olhava nos olhos. Fiquei um pouco irritante depois de um tempo. Devo ter deixado a irritação transparecer, porque ele sorriu bem lentamente, exibindo os dentes brancos perfeitos.

— Bem, prometo não me processar? — Ele disse.

Olhei-o receosa.

— Prometo, mas não posso falar pelo meu tio.

Ele fez um biquinho e pareceu pensar a respeito, apesar de seus olhos cor-de-rosa imóveis.

— O que você está fazendo aqui? — Ele enfim perguntou.

— Estávamos fazendo uma fogueira na praia. Cansei de ficar rodeada de adolescentes e quis vir para cá. Meu tio nunca me deixou vir aqui quando eu era mais jovem. contei a ninguém, só saí. Queria filmar umas paradas.

Com minha menção de filmar, entrei em pânico. Minha câmera! Agachei-me para alcançá-la e coloquei-

a em frente ao meu rosto. Quando a liguei, as luzes se acenderam e se estabilizaram. Eu não conseguia enxergar a lente, mas Dex agarrou-a e segurou a lente

em frente à luz. Ele espiou, com as sobrancelhas franzidas, e suavemente colocou a câmera no meu pescoço.

— Está tudo bem. Achei que você tinha detonado a minha câmera quando bateu com mim. — Ele levantou a câmera e deu um tapinha nela. Eu imediatamente me senti melhor, mesmo que a culpa fosse dele por ter invadido o farol. — Você está certa, não é? — Ele continuou, lendo meu rosto. — Eu provavelmente merecia ter minha câmera detonada.

Eu estava prestes a dizer mais alguma coisa; não sei exatamente o que, mas senti uma sensação de que deveria ter tentado fazê-

lo se sentir melhor, quando houve outro tremor lá em cima.

Eu congelei. Senti-

o congelando também. Olhei lentamente para ele. Ele estava me observando com bastante atenção.

— Tem certeza de que você veio sozinha? — Ele cochichou. O fato de ele estar perguntando isso de novo me arrepiou.

— E você? — Perguntei em resposta. Ele assentiu gravemente.

Eu engoli em seco. Nós dois escutamos bem e ficamos inertes como cadáveres.

Outro estrondo. Minha mente começou a bobinar freneticamente. Esse tal de Dex estava mesmo sozinho?

Talvez este fosse mesmo um palácio do estupro e ele estivesse me encurralando a enquanto caras maiores faziam o resto do trabalho sujo. Havia um ar de perigo in nele, mas isso poderia ser apenas a impressão pela situação ou por seu ca jogado e desgrehado e seu jeito de Lord Byron.

Olhei para a janela. Dex captou meu olhar e balançou a cabeça me alertando. Dev a ele um olhar incrédulo.

Ele se aproximou da minha orelha, e eu senti seus lábios roçando o meu

Senti como se pequenos relâmpagos viajassem pela minha pele em fúria q penetrassem na minha cabeça. A sensação me distraiu, e eu fechei os olho aproveitá-la.

— Tem certeza absoluta de que ninguém mais veio com você? — Ele cochich voz baixa juntou-se à estática e viajou em ondas pela minha espinha.

Abanei a cabeça e tentei me concentrar. Mesmo se alguém tivesse me seg havia como ter entrado no farol antes de mim. Mas que inferno, eu não sabia nem ele havia entrado, uma vez que não foi pela janela. Deixei essa pergunta c enquanto. As batidas continuaram.

Olhei novamente a janela e comecei a me mover decididamente em sua di Dex parou bem ao meu lado e não cedeu.

— Precisamos subir — ele cochichou.

Eu quase ri alto, mas me contive. Ele estava louco? Eu não ia subir. Eu i janela e voltar para a casa do tio Al, onde eu poderia chamar a polícia. Se isso col Dex em apuros, problema dele.

Ele puxou meu queixo para que o olhasse. Tudo bem, eu gostava de olhar pra ele.

— É melhor você não sair de perto de mim — ele disse.

Eu mal podia acreditar. Parte de mim queria por algum motivo ficar com ele, mas parte racional sabia que “algum motivo” não era bom o suficiente. Balance violentamente.

— De você? Eu nem sei quem é você, caramba. Você me dá um cartãozinho de vi

já acha que vou ficar aqui na sua torre de estupro? — Eu disse a última parte alto. Ele levantou a sobrancelha e contraiu os lábios, acho que ficou um pouco chocado. — Então vá — ele disse lentamente. — Mas quando sair por aquela janela, corra para casa do seu tio. Não pare por nada. Mesmo se topar com algo, continue correndo. É melhor você ficar de olhos fechados o tempo todo.

Meu corpo foi tomado por calafrios. De repente eu fiquei com medo de sair de perto dele. Ele parecia saber muitas coisas que eu não sabia.

— O que há lá em cima? Você sabe? — Perguntei.

Diante da situação, ele deu de ombros.

— Tenho um palpite. É por isso que estou aqui.

— Por que você está aqui?

— Vou te mostrar — ele disse. Ele esticou o braço e segurou minha mão. Depois, ele colocou a câmera no ombro e depois olhou a câmera pendurada no meu pescoço.

— Talvez você devesse ligar a sua. Quanto mais ângulos de gravação tivermos, melhor.

Merda. Se haveria um momento que determinaria meu destino, tenho certeza de que seria esse. Eu tinha duas opções mais ou menos simples. Eu poderia sair correndo e ir para perto da casa do tio Al, para a fogueira onde meus primos e minha mãe ainda estariam bebendo e curtindo a normalidade de uma noite de sábado e me esconder de que vim para esse lugar terrível e desse cara estranho. Ou poderia ir para o andar de cima nesse velho farol decrepito e perigoso e tentar descobrir quem provavelmente estava condenado em busca de alguém (ou alguma coisa) que estava andando por aí, provavelmente esperando para nos matar de formas horrendas.

de que vim para esse lugar terrível e desse cara estranho. Ou poderia ir para o andar de cima nesse velho farol decrepito e perigoso e tentar descobrir quem provavelmente estava condenado em busca de alguém (ou alguma coisa) que estava andando por aí, provavelmente esperando para nos matar de formas horrendas.

Não era uma decisão difícil. Na verdade, acho que 99,7% das pessoas em uma situação como essa teriam escolhido a primeira opção e seguido felizes com suas vidas, mas por um motivo bizarro achei que talvez, assim, só por acaso, eu poderia subir as escadas e ficar de algas com esse estranho para o covil de um terror inimaginável. Sabe,

era uma alternativa mais interessante.

Eu liguei minha câmera e deixei Dex me guiar para longe do ar fresco e da liberdade em direção à monstruosa incerteza que esperava por nós lá dentro.

CAPÍTULO QUATRO

DEX E EU PASSAMOS PELA PORTA ENQUANTO as finas teias de aranha acima nos roçavam. Caminhamos lentamente até a escadaria, escutando novo som do que quer que houvesse no andar de cima.

As escadas não estavam bambas como eu achei que estariam, mas estavam escorregadias de mofo e infiltrações. As paredes da escadaria circular também úmidas e escuras, e não havia corrimão para segurar. Eu segui Dex ao primeiro degrau e meu pé imediatamente começou a escorregar. Por sorte, meus coturnos eram novos e bem antiderrapantes. Eu consegui me equilibrar sem precisar encostar naquelas paredes asquerosas.

— Tudo bem aí? — Dex cochichou e me apertou.

Eu assenti e fiz sinal para ele ficar quieto, mesmo imaginando que seja lá onde estivesse no segundo andar já sabia que estávamos a caminho.

Dobramos o corredor. Fiquei feliz por Dex caminhar à minha frente, ainda que duvidasse de que seu porte franzino fosse capaz de me proteger.

Mas, oras, quando chegamos ao segundo andar e o iluminamos, não havia assassino com machado. Devo dizer que foi um pouco frustrante.

Havia duas portas fechadas diante de nós: uma que dava para outra parte do prédio como a porta trancada no andar de baixo, e outra que eu supus que nos levaria para a sala circular que dava para o mar. Nenhuma das portas tinha fechadura, mas eu tinha a mínima vontade de ver se elas abriam, pois as maçanetas estavam úmidas e nojentas.

Dex parecia perplexo, mas não aliviado.

De repente, a porta que dava para a sala circular se abriu e bateu contra a parede com um estrondo. Meu coração quase saiu pela boca, quase morri de susto.

— Meu Deus! — Exclamei.

Dex não pareceu se assustar. Ele soltou minha mão e entrou na sala. O câmbio definitivamente tinha colhões, e não cérebro.

Eu vi a luz da câmera iluminando as paredes, e então ele saiu novamente para a porta.

— É só uma porta.

— O quê?

— O barulho. Alarme falso.

— Mas eu ouvi passos, como quando você estava aqui em cima.

Ele deu de ombros.

— Eu sei. Achei que tinha escutado também, mas não há nada aqui, assim como não havia nada mais cedo. — Ele iluminou a escadaria. — Mas nunca vim até aqui, que é onde ele está.

— Ele? — Perguntei, com um aperto no peito. Quem diabos era ele?

— O Velho Roddy — Dex respondeu e seguiu para as escadas.

Eu me estiquei e agarrei seu braço com firmeza. Interessante. E não é que eu tinha um músculo sob aquela manga?

— Quem diabos é o Velho Roddy? — Perguntei brava. Estava de saco cheio de ser enganada por quem não me contavam a história toda.

Dex ficou em silêncio. Eu iluminei seu rosto, e ele espremeu os olhos.

— Se você não sabe, não tenho tempo de explicar — disse sarcasticamente com uma falta de clareza. Olhou para minha mão em seu bíceps. Eu não o soltei.

— Arranje tempo — eu disse.

Outra batida lá em cima. Desta vez muito mais alta do que antes. Definitivamente era o barulho de uma porta batendo ao vento.

Dex ficou tenso com o estrondo. Olhou atentamente para mim, então relaxou. Soltei a mão dele.

seu braço.

Ele se inclinou e apontou para cima.

— O Velho Roddy é o faroleiro.

Eu não entendi.

— Não tem faroleiro. Meu tio não emprega ninguém; não há sequer uma luz aqui — eu disse.

— É, bom, o boato é que o Velho Roddy fica aqui o tempo todo.

— O tempo todo? Há quanto tempo?

— Uns oitenta anos, talvez mais, talvez menos.

— Isso é impossível — eu zombei.

— Eu sei. Como eu disse, é por isso que estou aqui.

Respirei lenta e profundamente. O que Dex estava dizendo não fazia sentido para mim e, para piorar, quanto mais eu tentava compreender, mais me sentia zozuada e desorientada.

Esta situação, esse tal de Dex, era coisa demais para eu processar. Infelizmente, quando minha cabeça não consegue processar direito o que acontece ao meu redor, ataques de pânico começam a despontar e coisas bizarras acontecem.

— Preciso me deitar — eu cochichei.

Ele virou a cabeça, curioso, e pegou minha mão.

Ele não me deu um aperto reconfortante, como qualquer pessoa normal teria. Apenas me puxou para mais perto dele e me conduziu para o próximo lance de escada. Chegamos ao piso de cima, de onde vinham as últimas batidas que escutamos.

Eu estava com a respiração estancada e o coração na garganta. Dex iluminou o ar com a lanterna.

Parecia igual ao de baixo, exceto por uma mesa num canto. As portas estavam todas fechadas e não havia nenhum faroleiro.

Basta dizer que tive um mau pressentimento. Não sei se foi pela bizarrice da situação ou porque eu precisava voltar antes de as pessoas começarem a se preocupar com o que eu sei dizer. Além do mais, eu estava começando a questionar a sanidade de Dex por um faroleiro que obviamente não existia.

— Sabe... — eu comecei a dizer.

BLAM!

Fui interrompida pela porta, que se abriu (novamente sozinha) de supetão e começou a oscilar loucamente nas dobradiças, batendo contra a parede numa série de blasts.

— Mas que droga? — Eu gritei mais alto do que o ruído. Esse foi literalmente o único pensamento que me passou pela cabeça.

Dex deu um passo curioso em direção à entusiasmada porta, e à brisa que se levantou enquanto agitava seu cabelo.

Ele apontou a câmera para a porta por um momento, o brilho fantasmagórico acrescentou mistério à cena, então virou a luz para mim.

— O que você acha que é? — Ele perguntou.

A luz estava me cegando.

— Eu não acredito que você está me filmando! — Gritei.

BLAM!

O mesmo barulho de portas se abrindo e fechando veio do andar de baixo. O ruído era opressivo, e em segundos o farol todo estava vibrando sonoramente. Coloquei imediatamente as mãos sobre as orelhas. Eu podia sentir a vibração reverberando dentro das minhas entranhas.

Dei um passo trêmulo em direção ao Dex, buscando conforto nessa situação mais do que aterrorizadora. Ele apenas apontou a câmera de volta para a porta, que continuava abrindo e fechando como se algum adolescente raivoso invisível a estivesse filmando. Arrancou minhas mãos das minhas orelhas e me entregou a câmera.

— Talvez você queira filmar isso! — Ele disse através do barulho.

Filmar era o último dos meus pensamentos, mas obedeci.

Eu me certifiquei de que minha câmera ainda estava gravando e focando a Dex. Com minhas orelhas expostas, o som me fazia tremer por dentro.

Eu consegui gravar pelo menos uns trinta segundos do fenômeno até minha desaparecer.

Uma avassaladora luz branca tomou o cômodo. Minha mão desapareceu completamente na frente de meu rosto, como se eu estivesse sendo pulverizado. Fechei os olhos pela dor e me agachei no chão; meus sentidos abalados, completamente desequilibrados.

A luz branca resplandecente, as batidas da porta e a vibração ali dentro... apocalipse?

Tentei ir para mais perto de onde eu supunha que Dex estava e abri os olhos com meus dedos. Doía demais mantê-los abertos por mais de um segundo, e eu não o via em lugar nenhum.

— Dex! — Eu gritei o mais alto que podia. Olhei ao redor, mas só via o branco. Onde vinha essa luz pavorosa? Eu estava morrendo?

Meus olhos captaram um movimento na direção da escadaria. Havia uma sombra escura de um homem (ou criatura) balançando na luz. Estava se aproximando rapidamente instantaneamente conjurou imagens de abdução alienígena. Cada episódio de Arquivo-X começou a piscar na minha cabeça.

A sombra continuava vindo. Por algum motivo eu achei que deveria registrar a cada segundo da minha morte iminente em filme, então mirei a câmera.

Fechei meus olhos, rezei e me preparei.

Mas... silêncio.

O ruído e as vibrações pararam, e a luz à frente das minhas pálpebras doeu rapidamente se apagou.

Eu abri os olhos na escuridão absoluta, com pontos nebulosos tomando minha visão. Era quase mais assustador do que toda aquela cegueira branca. Algu-

estar parado a centímetros de mim e ainda estar completamente indetectável.

Lentamente fiquei de pé e liguei a luz da minha câmera, me preparando para encontrar algo terrível e tudo aquilo que havia abalroado minha noite.

Nada. A escuridão reinava. A câmera não respondia.

— Mas que merda! — Xinguei para mim mesma. Tentei examiná-la no escuro, mas só podia imaginar que a bateria deveria ter acabado. Momento bom pra caramba.

Respirei fundo e tentei não deixar a sensação desvairada se apoderar de mim, aquele pensamento de que a escuridão estava viva e pronta a me comer.

— Dex — eu chamei. Fiquei parada, escutando, mas não ouvia nada além do som da minha voz ecoando pelo corredor. Onde diabos ele se meteu? — Velho Rex.

Chamei brincando, meio esperando que algum faroleiro decrepito respondesse melhor do que esse silêncio irritante.

Ainda entrava um pouco de luz da lua pelas janelas, e aquela tênue iluminação era suficiente para me fazer pensar em descer as escadas e cair fora dali.

Eu me aproximei da escadaria e estava prestes a descer o primeiro degrau quando outra luz veio de cima.

O que era agora? Eu não aguentava mais isso.

Entretanto não era como a bomba H apocalíptica explodindo. Era apenas um objeto fraco, que dançou pelas paredes da escadaria até se fixar num ponto. Se eu entraria diretamente no seu caminho.

Lembrei-

me da luz da câmera do Dex. Na verdade, tive certeza de que era isso. Mesmo no estado de paranoia em que eu me encontrava, precisava de alguma garantia para começar a descer.

— Dex, é você? — Eu perguntei bem alto. Sem resposta. — Dex, estou vendo um objeto aí embaixo. É você? Dex, responda!

Nada.

Eu não sabia o que fazer. O medo era palpável; estava fisicamente correndo para cima e para baixo de meus braços em arrepios, tomando meu corpo, estimulando meu coração já acelerado e minha cabeça latejando.

Eu devo ter ficado lá por uns cinco minutos, apenas tentando ouvir qualquer coisa, aterrorizada com o que eu poderia encontrar escada abaixo. Minha imaginação estava criando imagens das algas ganhando vida, como algum tipo de monstro. Onde Dex estava?

Para onde ele tinha ido? Por que a luz da câmera estava ligada e não se movia? Uma parte de mim acreditava que ele deveria estar fazendo uma brincadeira cruel. A outra parte achava que ele estava morto. Ou coisa pior.

Com esse pensamento, desci lentamente as escadas. Estremeci com o rangido de cada degrau, apesar de eu não saber por que eu ainda me importava em fazer isso. A luz desapareceu atrás das nuvens, fazendo a luz abaixo parecer mais definida e fria. Sombras e traçoeiras e arrepiantes corriam pelas paredes lúgubres. Eu virei no patamar e segui o resto da escadaria.

A luz agora estava à minha frente, no chão, apontada para os meus pés. Eu estava desejando conseguir enxergar além do brilho.

— Dex? — Eu sussurrei. — Por favor, me responda, Dex, isso não tem graça.

Se ele estava tentando me apavorar, definitivamente havia conseguido, e eu sabia que ele iria ouvir o terror na minha voz embargada, mas até agora... nada.

Respirei fundo e me abaixei para pegar a câmera. Só que não era uma câmera, era uma lanterna.

Peguei-

a, me sentindo confusa. Dex tinha uma lanterna? Eu estava revirando o cérebro tentando lembrar quando ouvi um gemido baixo. Não era o gemido de uma pessoa (ou de alguma coisa), mas o rangido inanimado das dobradiças de uma porta abrindo. Vinha da porta à direita.

Eu apontei a lanterna na escuridão. Por uma fração de segundo tive medo de deparar com algo horripilante, como Dex parado no canto do cômodo de frente para a parede, mas, em vez disso, o corredor estava vazio. Não havia nada exceto

dava para o quarto circular, que agora estava bem aberto.

Eu me esgueirei em direção a ele e entrei.

Era um quarto. Pelo menos havia sido. Agora restava apenas uma grossa armação de cama de madeira que parecia parcialmente queimada, uma mesinha de cabeceira com uma pilha de livros e um guarda-roupa no canto. Em cima do guarda-roupa havia uma bacia de ágata com um espelho apoiado contra a parede. A luz da lanterna refletiu incisamente nele.

Havia uma janelinha redonda que dava para o oceano, coberta por uma grossa camada de gordura e sal. Algo na janela registrou-se no fundo de meu cérebro sobrecarregado.

Eu havia estado aqui antes? Isso era... possível?

Dei mais alguns passos em direção à janela, quando...

BLAM!

A porta bateu, se fechando atrás de mim

Eu gritei e derrubei a lanterna, e a luz se esparramou pelas paredes enquanto pousou no chão com um baque. Rapidamente a peguei, tremendo. A luz oscilou e começou a apagar. Em pânico, eu a balancei com força, mas a lâmpada havia saído do lugar com a queda. Ainda havia luz, mas ficava cada vez mais fraca. Ou então a escuridão que estava ficando mais forte.

Foi quando aconteceu. Foi quando fui atingida.

Uma luz se acendeu no corredor.

Os cantos da porta brilharam em um tom âmbar.

A imagem penetrou na minha cabeça e, como peças de um quebra-cabeça, lentamente se encaixou a outra imagem que surgiu na minha lembrança.

Meu sonho. Isso era meu sonho. Minha respiração entalou na minha garganta quando as peças do quebra-

cabeça se encontraram. A sala redonda, a janelinha redonda, a luz do outro lado da porta. Claro, eu não estava de camisola e descalça, mas era o mesmo.

Não era possível, mas ainda assim...

Eu também não tinha certeza do que isso significava. As coisas eram iguais e diferentes. Iria seguir a direção dos meus sonhos? A porta iria se abrir com uma chave negra, sombria me envolvendo até a morte certa? O homem dos meus sonhos era Roddy?

Ou Dex?

Talvez, eu pensei rapidamente, isso fosse um sonho. Esse pensamento me deu um pouco de coragem.

Eu engoli em seco e caminhei até a porta. Fiquei alerta, não conseguia esquecer o vindo do corredor. Agarrei a maçaneta e tentei virá-la.

Não virava. Estava emperrada.

Eu puxei a porta e senti pânico subindo dos meus pés à ponta dos dedos das mãos.

Estava quase estrangulando a maçaneta, minhas mãos estavam suadas e escorregando. Era o meu pesadelo. Meu pior pesadelo estava se tornando realidade. Eu estava do lado de dentro. Alguém, alguma coisa, havia me trancado ali dentro.

— Dex! — Eu gritei e comecei a bater na porta. — Por favor, alguém me ajude por favor! Por favooooor! — Eu gritei essa última palavra, alto e agudo, fazendo meus ouvidos doerem.

Gritar parecia ser a única coisa que eu poderia fazer.

Eu gritei sem parar e me empurrei contra a porta, mesmo sabendo que ela abria para dentro. Minha câmera balançava no meu pescoço e batia contra a madeira, mas eu não importava. Eu tinha de sair. Segurei a maçaneta e puxei-a até minhas mãos perderem a aderência e eu voar para trás e cair no chão duro. Uma dor aguda no osso da bacia e eu mal a senti.

Então tudo ficou escuro. A luz do lado de fora sumiu e o contorno da porta

desapareceu num abismo.

Os pelos na minha nuca se arrepiaram com uma precisão gelada. Eu sabia que havia algo esperando do outro lado da porta, escutando.

Fiquei deitada no chão, observando, sem fôlego. Meu corpo tenso e preparado para a ação.

A porta rangeu, abrindo-se lentamente. Eu esperava ver a qualquer momento uma figura alta e negra na porta, vindo na minha direção e me sufocando com nebuloso.

Eu esperei. O terror era indescritível.

Entretanto, nada aconteceu.

Fiquei alguns segundos tentando digerir a situação, mas não veio nada à mente. Então, impulsionada mais por instinto do que por consciência, saltei um impulso e saí como uma bala.

Corri pela porta sem olhar ao meu redor. Desci as escadas correndo e escorri numa curva, sendo lançada contra a parede preta e gosmenta. Não havia tempo para morrer de nojo. Recuperei o passo e saltei dos últimos degraus para o chão.

Segui em direção à porta aberta e atravessei à toda.

BLAM!

Colidi com algo grande e pesado. De novo.

Soltei um grito aterrorizado e caí com o impacto. Posso ter tido uma experiência extracorpórea naquele momento. Nunca soube que era capaz de gritar daquele jeito.

A figura gritava de volta para mim. Eu não sabia se era eco, mas eu é que tinha que esperar para descobrir.

Fiquei de pé, escorregando um pouco no chão viscoso, e a coisa se esticou para não cair e equilibrar.

— Perry! — Eu a ouvi dizer.

Como aquilo sabia meu nome? Minha cabeça girava, meu coração estava a mil e todos os instintos ainda diziam para eu correr pela minha vida.

Eu estava prestes a fazer isso quando fui sacudida.

— Perry! Sou eu!

Eu? Dex?

Não.

Na luz da lua minguante, Matt enfiou o rosto na frente do meu.

— Caramba, você me matou de susto — ele sussurrou com a voz falseando.

— Matt? — Eu perguntei incrédula. — Que diabos você está fazendo aqui?

— O que eu estou fazendo aqui? Como assim, Perry, porra? O que você está fazendo aqui?

— Matt? — Eu podia ouvir a voz de Tony chamando do andar de cima. — É ela?

Eu me virei e vi Tony descendo as escadas segurando o celular e um grande holofote industrial. Ele me viu e soltou um suspiro de alívio.

— Perry, graças a Deus, eu quase chamei o meu pai.

Matt colocou a mão no meu ombro.

— O que você está fazendo aqui?

Foi difícil recompor meus pensamentos e minha respiração, então eu apenas sacudi a cabeça e me dei um tempo.

Os gêmeos olhavam para mim, mais curiosos do que preocupados.

— Por que você estava gritando? — Tony perguntou.

— Você largou isso? — Eu consegui perguntar a Matt, que segurava a lanterna.

apagada, ignorando a pergunta de Tony.

Ele assentiu.

— Sim, coloquei lá para que Tony conseguisse encontrar o caminho para a escada. Se ele usasse esse holofote aqui iria cegar todos nós. Aquele negócio é bom.

— Hum — eu refleti. — Isso é que era aquela luz ofuscante?

Os gêmeos se entreolharam e deram de ombros.

— Ada estava iluminando o farol pelo lado de fora — Matt disse.

Ada. Seu nome soava tão doce e familiar.

— Onde ela está? Ela está bem? — Perguntei, ansiosa.

— Ela está bem — Tony respondeu receoso. — Ela e o Ás estão esperando. Você está bem?

— Sim. Por quê?

Matt riu.

— Quanto bêbada você está? Da próxima vez que quiser explorar o farol, é para a gente, viu? Na boa, você está maluca de vir aqui? Sozinha? À noite? Este lugar dá arrepios até durante o dia.

Tony assentiu.

— Dá para ver que uns troços fortes pra caramba aconteceram aqui. Recelamos ligações de caçadores de fantasmas e de gente querendo filmar essa merda para uma história ou algo do tipo.

Caçadores de fantasmas? Filmagem? De repente tudo começava a fazer sentido.

Então me lembrei de Dex.

— Vocês viram alguém aqui? Ou ouviram alguma coisa? — Perguntei.

Eles negaram com a cabeça.

— Vocês nem me ouviram gritando? Chamando o Dex?

— Eu te ouvi se matando de gritar — Tony disse. — Quem é Dex?

Eu balancei a cabeça. Esqueça isso. Nada fazia o menor sentido.

— Precisamos voltar — Tony disse gentilmente, talvez por ter notado minha fragilidade mental.

Eu já havia falado demais, então assenti e saí cuidadosamente do farol pela quebrada. Eu esperava nunca mais ter de entrar naquele lugar novamente.

Havia um reconfortante clima de normalidade lá fora. Ada e Ás estavam sentados num cantinho. Está bem, aquela não era a primeira coisa que eu queria ver naquele minuto em que ela me viu, parou de se amassar e veio correndo. Jogou os braços ao redor, o que não era normal da parte dela.

— Graças a Deus! — Ela disse enrolando a língua. — Achei que estivesse morta. Que tivesse saltado do penhasco.

— Que bacana — eu disse em tom seco.

Começamos a caminhar de volta para a casa do tio Al.

— Viu alguma coisa muito louca? — Ás disse ao lado de Ada.

— Achei que sim — foi tudo o que disse.

Se Matt e Tony estavam andando pelo farol enquanto eu estava dentro e não havia nenhum sinal de Dex, talvez Dex nunca tenha existido. Talvez ele fosse apenas um amigo imaginário, perdido há muito tempo desde a infância. Olhei para mim mesma.

Não estava funcionando, o que significava que qualquer prova do que havia acontecido teria de esperar até ela ser consertada. Eu esperava que não custasse muito caro. Sem contar com certo esforço, de repente tomada por uma exaustão física e mental aguda. Não que eu estava tão cansada que quando finalmente voltamos para a casa e apagamos as luzes eu quase desmaiei de roupa no sofá-cama. Ironicamente, Ada bêbada estava mais sensata do que o normal.

— O que a mamãe vai achar quando ela te encontrar dormindo de roupa? avisou.

Eu concordei e vesti minha camisa e calça de pijama. Joguei minhas roupas no chão. Papéis e uns trocados caíram da minha jaqueta. Ada pegou um dos papéis e espio.

— O que é isso?

Eu olhei mais de perto. Ela estava segurando um cartão de visita.

— Quem é Dex Foray? — Ela perguntou,

Tomei-o das mãos dela e o virei. Ele existia, sim.

— Um fantasma — eu disse sonhadora, antes de cair num sono profundo.

[CAPÍTULO CINCO](#)

A VIAGEM DE VOLTA PARA PORTLAND NO DIA seguinte foi estranhamente silenciosa. Eu estava ocupada revolvendo os acontecimentos anterior, revirando-os na minha mente, esgotada pelo sono agitado. Minha irmã estava com uma ressaca desgraçada e já havia feito meu pai encostar o carro porque não havia falado com ela sobre o que aconteceu no farol. Na verdade, eu não havia falado com ninguém sobre nada. Estava me sentindo profundamente diferente e, mais assustador que tivesse sido vivenciar o inexplicável, me dava uma sensação de importância. Não dava para simplesmente voltar a conversinhas furadas e acenos.

Meus pais também estavam em silêncio. Meu pai estava furioso com Ada por ter bebido, e tenho certeza de que também estava bravo comigo por tê-la deixado beber.

Minha mãe não estava brava, eu achava, mas ficava constantemente olhando para o retrovisor.

Afastei os olhos de seus olhos curiosos e olhei pela janela. O outono havia chegado da noite para o dia. O sol havia ido embora e o vento soprava em nosso carro e arrebolava as folhas verdes das árvores, espalhando-as no ar. O ar-condicionado no carro estava desligado contribuindo com o silêncio.

Eu não havia tirado nenhuma conclusão consistente sobre a noite anterior. Computer do Radiohead tocava no meu iPod e me embalava para um cenário de borrando a realidade. Eu comecei a repensar tudo aquilo sobre o que tinha certeza

Isso me levou ao meu sonho. Era o pensamento com o qual eu terminava vezes que repassava aquele cenário na minha cabeça (o que aconteceu na daquela manhã). Eu havia realmente sonhado com aquilo? Não era possível poderia ser? Como eu poderia sonhar com algo e então viver esse sonho?

Até aí, apesar de parecido, ainda não era a mesma coisa. O que significava tinha uma vidência bem inútil ou que tudo era uma grande coincidência.

O que mais me dava medo era a possibilidade de vivenciar o outro sonho que eu t

Eu realmente não queria encontrar uma figura escura e ameaçadora parada minha cama.

E Dex. Dex também dançava na minha mente. Eu estava quase descartando encontro, acreditando que não passava de imaginação, mas o cartão de visita encontrou era a prova de que ele realmente existia.

Eu só queria saber para onde ele havia ido, o que ele estava fazendo lá... e quem de fato era. Ele era insuportavelmente intrigante. Sua voz, seus olhos, seu intensidade — eu queria saber mais. Queria saber se ele realmente era um

fantasmas. Quero dizer, há muito tempo que eu ia visitar meu tio e, apesar de ter coisas esquisitas sobre o farol, essa era a primeira vez que alguém mencionava que assombrado, quiçá atrair chamar atenção da comunidade paranormal.

Eu pigarreei.

— Ei, mãe, pai...

— Sim, docinho — disse minha mãe.

Eu hesitei, tentando descobrir a melhor maneira de formular a pergunta.

— Então, os gêmeos me falaram que eles sempre são contatados por canal Discovery Channel e tal. Parece que é sobre o farol ser assombrado.

Meus pais se entreolharam de um jeito estranho. Meu pai deu de ombros casualmente que pode e me olhou pelo espelho.

— Que bobagem, Perry. Fantasmas não existem.

— Não estou dizendo que existem, pai, só que muita gente acha que existe, e no fim do tio Al. Meio esquisito, né? Você sabia disso?

Olhei atentamente para eles. Ada também, agora ela estava desperta. Eles se entreolharam novamente, e eu notei um gesto quase imperceptível da minha mãe.

— Não, querida, desculpe, mas não sei o que os gêmeos andaram te falando — meu pai disse, por fim. — Provavelmente estão tirando onda com a sua cara. Você sabe eles são, sempre tentam te assustar.

— Ah... — eu disse, me afundando ainda mais no banco.

Olhei para Ada. Ela estava acabada, mas dava para ver que ela também não acreditava.

Os gêmeos não estavam mentindo. Meus pais estavam. Mas por que mentir sobre nada a ver?

Eu devo ter cochilado com os meus pensamentos, acordei com o solavanco do carro.

Havíamos chegado. Nossa grande e silenciosa casa bem à nossa frente, com as luzes acenando freneticamente ao vento.

Eu saí do carro. O vento frio pegou minha garganta e bagunçou meu cabelo. Ficamos fora por apenas pouco mais do que um dia e a luz do sol e o oceano pareciam tão distantes agora.

*

Eu estava de volta ao farol, parada do lado de fora, embaixo da torre. Lá dentro era iluminado como uma espaçonave com uma luz penetrante que vinha das janelas redondas. Um movimento no topo do farol atraiu minha atenção. Um homem apareceu no canto e olhou para mim e para o oceano diante dele. Ele estava turvo e seus traços definidos. Era como se meus olhos não pudessem ou não quisessem focá-lo.

Ele levantou o braço e apontou para o mar. Com a luz se espalhando atrás dele, seus gestos pareciam grandiosos.

Eu segui seu olhar e vi destroços flutuando no mar, subindo e descendo e ondas. Eles reluziam no escuro. Olhei para o homem, ele havia sumido.

Encarei o oceano e os destroços que boiavam. O homem agora estava para mim e o mar, ainda observando as ondas.

Eu dei um passo em direção a ele. Ele não era alto ou grande, mas transmitia impressão de imensidão. Seu casaco preto parecia escuro como um buraco negro, mais de perto eu olhava, mais se abria num abismo profundo. Era intenso e magnético.

Eu me estiquei até ele, para ver se minhas mãos iriam desaparecer em suas costas.

Ele se virou lentamente, eu parei, com as mãos esticadas. Esperava ver seu rosto enquanto ele se virava; em vez disso, seu rosto desapareceu no céu da noite. O negro estava escorrendo em seu rosto. Quando ele me encarou, seu rosto já havia sumido, e eu enxergava o mar atrás dele.

— Nem tudo está perdido ainda, mocinha.

Uma voz profunda, suave. O sorriso do gato de Alice apareceu e desapareceu novamente.

Então acordei.

*

O trabalho na segunda foi um completo desastre. Eu não conseguia me concentrar em nada. Quando eu não pensava no sonho da noite anterior, estava pensando na real experiência no farol. A última coisa em que eu conseguia pensar era direito ao telefone, acho que desliguei na cara de umas dez pessoas diferentes.

Foi o suficiente para que Frida, minha chefe, me chamasse de canto.

— Está tudo bem com você? — Ela me parou no corredor enquanto eu vou ao banheiro.

Frida era tão pequenina como eu, o que de certa forma me fazia me identificar com ela. Tinha apenas uns trinta anos, e era conhecida por trocar histórias de bebedeira da noite comigo (devo dizer que eu só escutava, uma vez que eu não saía como ela fazia há dias, como hoje, nos quais seu rosto magrelo ganhava autoridade).

— Estou bem. — Eu sorri, obviamente não querendo entrar no assunto.

— Venha comigo — ela disse com secura e fez sinal para que eu a seguisse para o escritório vazio.

Com meu coração batendo irregularmente, obedeci; e ela fechou a porta atrás de mim.

Estava com uma expressão preocupada no rosto, o que fez eu me sentir em risco. Lembrei-me de um flashback de uma cena médico-paciente.

— O que houve? — Eu perguntei o mais casualmente que pude. Conseguia ouvir vozes de telefones tocando lá fora. Normalmente meus intervalos para ir ao banheiro eram longos.

— Você não sabe mentir, Perry.

Achei isso meio insultante. Eu achava que sabia, sim. Dei uma risadinha sem graça.

— Não sei do que você...

— Acho melhor você ir para casa — ela disse.

— Ir para casa?

Ela suspirou. Não estava exaltada ou irritada. Era mais como se ela não quisesse explicar. Contudo, ela iria ter de se explicar, especialmente com o olhar dela que me dizia que eu estava dando a ela.

— Você se lembra do que aconteceu algumas semanas atrás? — Ela perguntou e sua voz tomava um tom de aviso. — Quando você teve aquele ataque?

Ah, entendi. Não era à toa que ela estava me tratando com tanto cuidado.

— Eu estou bem — disse novamente, tentando dar um sorriso mais largo.

— Olha, está tudo bem. Eu sei que sou sua chefe e que você não pode fazer nada contra mim.

algumas coisas comigo, mas se precisar, estou aqui. Nas últimas semanas reparei tem estado bem diferente.

— Últimas semanas? — Eu repeti.

Ela cruzou os braços e se encostou à porta.

— Sim. Tem andado meio desleixada, mais ríspida com os clientes. Parece cansada, como se não estivesse dormindo nada. Não sei o que há de errado, e não que você me diga, só quero que você saiba que pode contar comigo se quiser julgar. Preferiria saber.

Fiquei muito envergonhada.

— Não sei do que você está falando. Quero dizer, sem ofensa, mas não notei que estava agindo diferente.

— Mas percebeu agora?

— Tive um final de semana complicado — eu disse com sinceridade.

Ela me olhou por um tempinho. Durante esse tempo minha mente entrou em paranoia. Sim, há algumas semanas eu tive um ataque de pânico. Eu ferrei a ligação com uma jararaca e a pessoa com quem ela queria falar. Ela deu um escândalo por causa (sério, essa vaca foi cruel), e eu acabei tendo um ataque de pânico que muito no escritório testemunhou, infelizmente. Botei a culpa na TPM ou algo assim, não enganei muito bem a Frida.

Tirando isso, e algumas outras ocasiões antes, eu estava bem.

— Que tal ir para casa e descansar um pouco? Volte amanhã, se estiver se sentindo melhor — ela sugeriu gentilmente.

Teria sido um sonho realizado. Minha chefe finalmente me dando um dia de folga sem um real motivo. A maneira, porém, como ela estava fazendo isso era completamente humilhante. Eu senti meu orgulho se eriçar nas minhas costas como espinhos de porco.

— Eu estou bem — retruquei.

Ela me deu um sorriso solidário e disse algo assustador:

— Não está. E tudo bem. Sério, Perry, a vida é difícil às vezes. Todos nós sabemos todos sabemos também que você não pode lidar com isso aqui no trabalho. Então sua amiga, vá para casa e se cuide. Volte tinindo. Só... cuide do que precisa cuidar.

Eu sabia que não era só isso.

— E se você não fosse minha amiga?

— Você está passando uma má imagem para a empresa agora — ela respondeu secamente. — Desde o seu incidente há algumas semanas, as pessoas têm pouco... preocupadas com você. Eu acho que seria melhor para você, e para a empresa, se você pudesse fazer seu trabalho adequadamente. Afinal, você é o rosto da empresa. Então, novamente, vá para casa; não é grande coisa, apenas cuide do que estiver cuidando. E se precisar de ajuda da empresa, sabe, em termos médicos... se quiser falar com alguém e esse tipo de coisa, por favor, não hesite em pedir. Temos ótimos benefícios nessa área.

Meu rosto estava vermelho, fiquei enjoada. Todo esse papo sobre ataque de pânico me fez sentir eu prestes a ter um ataque naquela sala vazia. Frida estava me observando atentamente.

O tremorzinho em sua testa me dizia que ela estava com um pouco de medo de que eu poderia fazer ou dizer.

Ridículo. Uma manhã ruim atendendo aos telefonemas e me mandam para casa.

Bem, eu não tinha escolha além de agir profissionalmente. Disse a Frida que se eles achavam melhor, eu faria o melhor para a empresa. Eu nunca não importei com essa empresa, mas de repente não queria mais nada além de provar que eles estavam errados. Eu iria para casa graciosamente e compreensiva, e voltaria amanhã tinindo seja lá o que raios ela estivesse falando.

De volta à minha mesa, reuni rapidamente minhas coisas enquanto Frida e Alana para assumir minhas tarefas pelo resto da tarde. Por causa disso, amanhã eu estaria ainda mais escrota.

Acho que eu deveria estar feliz de ter um local de trabalho tão preocupado, mas isso não caiu bem para mim. Pode me chamar de paranoica, mas eu sentia que

começo do meu emprego indo para uma direção completamente errada.

Sem escolha e sob o olhar atento da minha chefe, rapidamente peguei minha bolsa e segui para o elevador antes que Alaninha aparecesse para me liberar com desprezo.

Entrei no elevador. As portas se fecharam justamente quando Alana dobrou o corredor, o barulho metálico das portas abafaram o som de suas bufadas.

Bem na hora.

O elevador começou a descer. Pensei no que eu poderia dizer à minha mãe para ela me visse voltando mais cedo.

O elevador parou.

O movimento me pegou desprevenida e eu cambaleei levemente, me agarrando à barra de apoio. Eu tinha medo de elevador com defeito, mas sempre afastei como se fosse irracional. Por sorte, parecia ter parado com aquele solavanco.

Mas ainda não se mexia e as portas não se abriram.

Os botões de cada andar no painel estavam acesos em forma de X. Piscou algumas vezes.

Mas que...

As portas se abriram, mais depressa do que o normal, como se tivessem sido lubrificadas com óleo de velocidade.

Um homem vestido da cabeça aos pés com uma capa de chuva estava no elevador olhando para mim. Seu casaco e sua calça estavam molhados, e ele estava escorregadio, o carpete encharcado e com água espalhada num raio ao redor dele.

Antes de eu conseguir compreender, as portas se fecharam. O homem nem se moveu em direção a elas. O elevador deu outro solavanco, como se tivesse caído num buraco.

Eu soltei um grito, senti como se estivesse no brinquedo da Torre de um parque de diversão, mas sem cinto de segurança.

O elevador parou abruptamente e as portas se abriram novamente.

Eu esperava ver o homem novamente, mas as portas revelaram o saguão, com a luz do dia da entrada do prédio. Dois executivos bem convencionais impacientemente nos ladrilhos. Eles me deram um olhar desconfiado, devia estar que eu estava morrendo de medo.

Saí rapidamente do elevador, parei no meio do saguão e olhei para os dois homens.

As portas se fecharam em seu rosto espantado e eles foram embora.

— Mas... que... diabo... foi... isso? — Eu disse em voz alta, com a mão na cabeça.

Quase (quase) desejei que a Palhaça Decrépita Bizarra da semana passada aparecesse no saguão novamente, só para eu ter alguém com quem falar. Mas não, eu estava sozinho.

Esfreguei os dedos nas têmporas, tentando trazer uma sensação de paz e controle para minha cabeça, que agora parecia arriscadamente sobrecarregada.

Eu saí do prédio, buscando o ar úmido lá fora e evitando os olhos das pessoas que passavam por mim na rua movimentada. O que havia acabado de acontecer?

Olhei de novo para aquele prédio feio, seu exterior brilhante e espelhado, escondia uma profusão de esquisitices. Talvez Frida estivesse certa, afinal. Precisasse mesmo ir para casa e espairecer. Quando não eram pesadelos ou aterrorizantes no farol, eram pescadores imaginários que eu via no prédio onde eu trabalhava.

De repente pareceu tudo bem considerar aquele um dia de doença.

*

Voltei para casa e minha irmã estava de cama. Parece que ela tinha pego uma famigerada gripe suína e teria de passar os próximos dias longe da escola.

— Não vá falar com ela — minha mãe alertou, enquanto mexia uma panela de comida.

— Se você já está doente, vai piorar, mesmo que use máscara.

— Mãe, não estou tão doente.

Ela me olhou.

— Alguma coisa você tem, considerando que está aqui, e não no trabalho. Posso bem. Agora vá se deitar.

Eu obedeci e segui para o meu quarto. Eu havia planejado falar para ela que eu estava mandada para casa por causa de doença física, em vez da verdade. Tudo o que tinha comigo e doença mental sempre fazia mal aos meus pais, especialmente a mim.

Se eu tivesse dito a ela que Frida me mandou para casa por preocupação sobre a minha saúde mental... ai, nossa.

Enquanto eu seguia pelo corredor, passando pelo quarto de Ada, escutei um grito abafado atrás da porta.

— Perry, é você? Ouvi sua moto.

Eu parei e olhei para a porta, sem ousar me aproximar com medo de a Irina estar à espreita do outro lado.

— Sim, sou eu. Me mandaram para casa porque estou doente.

— Gripe suína também?

— Não. Não estou com gripe. Eles só acham que estou doente.

Silêncio. Eu comecei a me afastar.

— Perry, você pode vir aqui, por favor?

— Não. Por quê?

— Preciso que você faça um favor para mim, vai?

Eu suspirei e me aproximei da porta.

— Posso fazer um favor, mas não vou entrar aí. Você está com gripe suína.

Um suspiro alto e doloroso veio, e então:

— Tá. Hum... Sabe... pode parecer engraçado, mas... bem...

Era como arrancar um dente.

— Que foi, Ada?

— Você poderia escrever no meu blog o resto da semana?

Isso não era o que eu esperava.

— Han?

— Tenho de fazer os posts para o blog, mas estou doente demais para me tirar fotos. Além disso, a minha cara está um lixo.

— Bom, a minha também, então não posso ajudar muito.

— Não importa, eu só preciso que você escreva alguns posts, mesmo que apenas atualize as pessoas sobre minha situação.

— Que é...?

— Que eu peguei gripe suína! Que saco, Perry. Não escutou porra nenhuma do que eu disse?

Apesar de admitir que tenho boca-suja, eu ainda estremeço quando a minha “doce”

irmãzinha solta um palavrão desses.

— Desculpe. Prossiga.

A voz dela veio mais abafada. Eu me inclinei mais perto para ouvi-la.

— Eu te dou meus dados de login e tudo mais. Você pode fazer tudo do computador.

Soava bem fácil, mas juro pela minha vida que não tinha ideia do que eu disse isso a ela.

— Qualquer coisa. Não precisa tratar de roupas. Eu preferia que não fosse All Stars e leggings nunca serão o auge da moda.

Pfff.

— Enfim — ela continuou —, não importa. Eu só preciso que os posts sejam criados. Se eu não postar diariamente, perco leitores. Só de não ter feito e semana já perdi dez por cento e, se continuar assim, vou perder meu paga publicidade.

— Isso sem mencionar o domínio do mundo — eu acrescentei.

— É! — Ela gritou empolgada e teve uma crise de tosse. Eu fiz uma careta e me da porta por precaução. — Exatamente — ela grunhiu quando encontrou fi favor, Perry!

— Tá, tá. Vai me dar algo para fazer, de toda forma.

E, quem sabe, afastar minha mente dos problemas.

*

Infelizmente, meus problemas têm uma maneira furtiva de rastejar de volta simbiose do Homem-Aranha.

Enquanto eu estava na frente do computador, olhando alheia para a tela, percebi q não tinha nada para escrever. Moda estava fora de questão, considerando q aparentemente pensava que eu assustaria seus leitores. O que eu não enten que leggings, tachas, zíperes, correntes e bastante preto estavam tão em alt menos de acordo com os outros blogs que eu lia); sem falar que ela frequentemen as minhas coisas emprestadas, mas eu não queria discutir. Era o blog e o dela, e eu tinha de me lembrar de que de certa maneira esse era um emprego real

Pensei em escrever um textinho sobre minha experiência como dublê fracac talvez um pouco sobre uma das minhas bandas favoritas, Slayer, mas achei que n daria a mínima para minha experiência na mira do revólver e que speed n bem a cara do público dela.

Então me ocorreu. Eu sabia exatamente sobre o que escrever e como.

Saltei da cadeira e peguei minha câmera danificada. Por sorte funcionou b suficiente para que eu conseguisse transferir todas as minhas fotos do final também o vídeo.

Eu abri o programa de edição e pelas horas seguintes me aprofundi no processo de criar um filme.

A maior parte do vídeo estava com a qualidade bem ruim. Quero dizer, era uma câmera digital, não uma câmera de vídeo de verdade. O som estava áspero, e a luz não era forte na vida real — não pegava muitos detalhes. A experiência, porém, era tão boa mesmo eu não conseguindo me lembrar de alguns detalhes daquela noite (mesmo eu tivesse tentando bloqueá-los, sei lá), o vídeo os trouxe de volta.

E trouxe também Dex. Ver seu rosto na filmagem granulosa, ouvir aquela voz quase sarcástica, trouxe uma onda de empolgação. De onde ele veio, o que estava fazendo lá, para onde foi? Essas perguntas eram tão intrigantes quanto as outras que surgiram.

Deixando Dex de lado, o vídeo era assustador para assistir. A parte mais assustadora era ver movimentos e luzes tremulando ao meu redor. Agora, apesar de meu interesse no paranormal, eu nunca havia visto aqueles programas de caça a fantasmas na televisão.

Ironicamente, sou medrosa demais e minha imaginação é muito fértil. Um programa de televisão estaria convencida de que tinha um fantasma na minha casa. Entretanto, eu sabia que o único momento em que você pode pegar um fantasma na câmera é quando eles aparecem aqueles pequenos “globos de espírito” brancos, ou o que seja.

Bem, é exatamente o que parecia num dos meus quadros. Era quando eu seguia Daria pela escada. Uma... sombra... branca subiu voando pelas paredes escuras e parecia como se tentasse me vencer subindo as escadas.

Eu estremei e imediatamente liguei todas as luzes no meu quarto. Essa parte provavelmente ficaria no filme.

Viu, a única coisa que eu tinha para falar que era remotamente interessante era o que aconteceu comigo no farol. E com o vídeo para confirmar tudo o que escreveria, o que poderia realmente ser um acréscimo válido ao blog da Ada. Um pouco mais de detalhes que chamaria a atenção. Na pior das hipóteses, faria seus leitores voltarem para o que aconteceu depois.

Decidi dividir a história em três posts e agendá-los em três dias diferentes. Dessa maneira, quando Ada se sentisse melhor e estivesse pronta para blogar novamente,

história já teria sido contada com o máximo impacto.

Naquela noite, eu me empenhei em trabalhar minha história, apresentando pesadelos numa prosa fervente e capturando a atmosfera tensa de quando o do farol. Terminei a parte do filme bem no momento em que abri a janela e desapareci na construção.

Apesar de me sentir desconfortável enquanto me lembrava de cada fato da empresa no farol, adormeci naquela noite com um sorriso no rosto. Não tive nenhum sonho.

CAPÍTULO SEIS

acordei na manhã seguinte com alguém batendo forte na porta.

Parecia que iriam arrombá-la.

Eu gemi e me virei. Eram dez da manhã, eu havia acordado às sete e me dirigia para a minha chefe para ver se tudo bem eu trabalhar hoje. Eu me sentia bem melhor que ontem, talvez não tinindo, mas deixei escapar que minha irmã estava com gripe suína. Acho que a paranoia da gripe atingiu todo mundo, porque a conversa

“Sim, venha,” para “De jeito nenhum. Fique em casa até você ter certeza de que não tem gripe suína”.

Eu sabia que não peguei gripe suína nenhuma, mas não posso dizer que discuti com ela. Apesar de que ainda não pegava muito bem para mim, a decisão era mais, eu estava com preguiça, e a ideia de Alana atolada nos telefones por mais um dia fazia gargalhar por dentro.

— O que é? — Gritei para as batidas na porta com a voz rouca de sono. — Será que não posso dormir? Estou doente. Talvez...

— Deixe-me entrar! — Ada gritou do lado de fora.

— Nem vem, sua doente! — Me sentei. Eu realmente não queria contrair gripe.

— Perry, meu blog, puta merda!

Ahhh, merda. A noite voltou com tudo. Ela estava puta da cara porque eu peguei

bíblia de moda para pré-adolescentes invejosas e transformei-a em Ghost Whisperer.

Claro, eu tinha o guarda-roupa da Jennifer Love Hewitt mas não o “manequim P”, magrinho e digno de um post. Eu suspirei e rastejei para fora da cama rapidamente meu roupão.

Fui até a porta e me encostei a ela. Consequia imaginar a expressão de ódio de Ada do outro lado.

— Desculpe, Ada. Eu não sabia o que mais eu podia fazer.

— Abra a porta! — Ela bateu forte e minha cabeça sentiu o impacto.

Eu supus que, depois de arruinar a carreira e a renda dela, eu merecia pequena suína. Abri a porta e dei alguns passos para trás, cobrindo o nariz e a boca com a do roupão.

Ela ficou diante de mim, minguada e ossuda. Seus olhos estavam piscando brilho (ou de raiva), o que dava a ela a aparência de uma louca com cabelo desgrenhado, como a neta do Doutor Brown, do filme De volta para o futuro.

— Você é um gênio! — Ela exclamou.

— Como é que é?

Ela dançou no meu quarto e foi até o computador.

— Hum, por favor, não toque em nada — eu supliquei.

— Ah, que seja — ela fechou a cara e passou a mão por toda minha me perguntava se tinha desinfetante suficiente na minha gaveta para esterilizá-la. Ela ligou meu laptop e imediatamente abriu seu post no blog. Ou devo dizer o meu post no blog

— Olha! — Ela apontou para a tela.

Eu me aproximei e olhei. Parecia a mesma coisa da noite passada. Dei de ombros

— Você não viu os comentários? — Ela perguntou incrédula.

— Ada, eu acabei de acordar.

Ela balançou a cabeça com minhas prioridades e começou a descer a tela para a página de comentários. Ela se virou para olhar para mim, com total choque e felicidade (uma pequena pontada de admiração?) em seus olhos.

— Duzentos comentários!

— Hum — refleti. — Isso é bom, certo?

— Bom? Eu nunca recebi tantos antes. Quero dizer, claro, muitas pessoas meu blog e tudo mais, mas caramba... duzentos? Pelo seu post? O máximo que recebi cento e sessenta, e só porque eu estava dando uma echarpe da Chanel.

— Você deu uma echarpe da Chanel?

— Não importa, Perry. Foco! Isso é insano. E tudo porque você inventou história maluca de fantasma.

— Inventei? Eu não inventei nada. Foi o que aconteceu sábado à noite, enquanto estava ocupada no rala-e-rola com o Ás.

As narinas dela se dilataram. Ela estava de pé, suas mãos foram direto para a cintura.

— Primeiro que eu não estava no rala-e-rola; segundo, o nome dele é Mario.

Eu não pude conter o riso. Mario não era muito melhor do que Ás.

— Bem — tentei explicar —, se você tivesse me contado o que rolou na noite em vez de me ignorar, talvez eu soubesse disso em vez de pensar o pior.

— Adoro como você naturalmente pensa o pior de mim. Que seja, não é importante.

— Você não é importante — eu retruquei. Que feio.

— Boa. Enfim, foi você quem fugiu sozinha. Fale aí sobre ser irresponsável.

— E agora, como você pode ver, foi isso aí que acabei fazendo, explorando o fardo

— E matou todo mundo de medo.

— E quase morri de medo também. Há muita coisa que aconteceu mais tá não consigo nem começar a explicar.

— Tá, então escreva sobre isso. Agora! Veja os comentários. — Ela começou a lê los.

—“Não posso esperar para ouvir o que acontece depois, estou arrepiada”; “deixou bem no clima do Halloween” e “Onde está o resto da história? Quero saber o que aconteceu, está me matando de medo”. Quase ninguém deu uma palavra de apoio pela minha gripe suína.

— Apparently eles estão assustados demais — ofereci.

Ada assentiu lentamente. Com seus olhos voltando para um estado não psicótico, visível quanto doente ela estava.

— Olha, volte para a cama. Descanse um pouco. O escritório disse para eu ir para casa hoje, então vou começar a escrever a próxima parte, ok?

Ela virou seus olhos vermelhos para mim.

— Pode dar uma visitada no blog de todos que comentaram... e fazer um comentário bacana para eles, algo como “obrigada pelo apoio no blog enquanto Ada está doente, favor, volte amanhã para a segunda parte”.

— Isso é tipo duzentos blogs!

— É assim que se faz! Ninguém disse que ser blogueiro era um pão de mel.

Pão de mel? Ela quis dizer sopa no mel.

Ela se levantou e se arrastou até a porta, virando-se mais uma vez para olhar para mim.

— Por favor?

Eu revirei meus olhos e assenti relutantemente. Em que eu fui me meter?

*

Como se revela, eu me meti numa boa. Minha vida se transformou num b escrever, editar, postar, visitar blogs e responder e-mails.

Muita gente estava interessada na minha experiência, a maioria estava me mensagens apenas para saber se era verdade ou um post falso. Respondi t perguntas que decidi fazer um post de faq no blog, onde eu podia responder esse pergunta.

O que, porém, era realmente interessante era como a história parecia ganhar própria.

Os vídeos que eu postei no blog tiveram de ser antes postados no YouTube ter um link. Eu meio que pensei no YouTube depois. Mal sabia eu que m dentro de dias, tinham uma avaliação média de quatro estrelas (o que é b tinham pelo menos sessenta comentários e milhares de visualizações.

Eu tinha de ser honesta, isso me emocionou profundamente. Eu nunca fui em nada, então ver tanta aprovação e atenção para algo que eu fiz, que m bem, esse tal de Dex) era uma sensação incrível.

Claro, é estranho se ver como uma sensação da internet — mesmo que nã para ver que era realmente eu no vídeo — mas ainda era lisonjeiro que t quisesse saber o que aconteceu em seguida, que as pessoas se importassem pequena experiência. Eu a teria guardado para mim mesma, como havia feito tant antes.

Estranhamente, eu estava feliz por de fato estar fazendo algo com minha v

Escrever posts de blog, reviver minha experiência, editar o vídeo até que e

sintonia com minha história de fantasma, e apenas revirar meu pouco utiliz criativo em geral me fazia sentir como se eu tivesse um objetivo. Parece idiota e s eu sei, mas não posso evitar de me sentir assim.

Naturalmente era bem brochante ter de ir trabalhar e encarar a realidade do resto minha vida. Eu não poderia ficar em casa e no blog para sempre. Em alg interesse nas minhas experiências paranormais iria minguar e a febre criativa iria eu iria voltar a atender telefonemas pelo resto da minha vida.

Atender telefonemas e mal conseguir me concentrar em fazer isso. Eu só conseguia pensar no blog a manhã toda. Quantas pessoas o visitaram na última hora? Quantos encontraram? O que pensavam? Quantos comentários havia lá agora?

De tarde, minha chefe veio me ver. Mais cedo ela disse que eu parecia um milhão de vezes melhor e que estava feliz que o descanso havia me feito bem, mesmo sendo que ela mantinha uma hipocondríaca distância.

Contudo, havia agora outra coisa na mente dela. Ela parou bem atrás de mim.

— Oi — eu sorri para ela.

— Preciso te mostrar algo. — Frida se inclinou e abriu o Firefox no computador. digitou na barra de URL até o YouTube aparecer. Meu sangue gelou. Eu não gostando do rumo que isso estava tomando.

Ela digitou “farol assombrado” na barra de busca e meus vídeos apareceram.

— É você? — Ela perguntou, apontando para a tela. Eu senti que iria arrancrenca se dissesse sim, mesmo sem saber exatamente por quê. Mas meu usuário (PerrySlayer) meio que me entregava.

— É... — eu soltei lentamente.

— Está de brincadeira! Vi este vídeo postado no meu mural do Facebook no almoço, daí cliquei para ver qual era o rebuliço. Nossa, se eu soubesse que você era fantasmas.

Ela não parecia brava, mas estava agindo diferente. Eu não conseguia identificar estranha expressão no rosto dela.

— Ah, não sou uma caça-fantasma. — Eu ri desconfortavelmente. — Minha irmã é blogueira e pediu que eu escrevesse alguns posts para ela. Foi isso que consegui fazer.

— Mas é tudo verdade, certo?

— Sim, com certeza. Quero dizer, não sei exatamente o que aconteceu, mas você está vendo é o que rolou.

— Perry, preciso dizer que estou impressionada.

Ah, ela estava impressionada. Então essa era a estranha emoção que ela estava tentando expressar.

Dei de ombros.

— Bem, obrigada. Não foi nada de fato. Na verdade foi divertido de escrever.

Ela se debruçou na minha mesa, braços e pernas cruzados, e olhou para mim de cima a baixo.

— Falo sério, Perry. Eu não tinha ideia de que você era tão esperta. Capi YouTube assim, jogar o vídeo no Facebook, começar um grupo...

Havia um grupo no Facebook?

— Isso sem mencionar todos os links para o blog da sua irmã. Foram umas estratégias de marketing bem boas.

— Ah. Bom, eu...

— Além da escrita. Você tem talento para motivar as pessoas. Já fez aulas de escrita.

Ela estava de brincadeira? Ela leu meu currículo quando me contratou?

— Sim, fiz. Na faculdade de publicidade. — Eu levantei a voz nas últimas palavras.

Ela digeriu isso.

— Ah, é. Agora me lembrei. Você cursou na Oregon State.

— É o que diz no meu currículo.

Ela assentiu lentamente, tentando entender. Então se endireitou e juntou as mãos.

— Preciso te dizer, Perry, isso com certeza ajuda sua situação.

— Han, que situação?

Ela se virou para mim. Obviamente achava que eu me inteirava rapidamente sobre

coisas que rolavam aqui. Será que ela se lembrava de que eu fiquei alguns dias fo

— Poderia agendar a sala de reuniões Pacific na próxima segunda às nove da para mim? — Ela perguntou, voltando a atenção para o meu calendário do Outlook.

Que situação?

— Quero fazer uma reunião com você e com o John — ela continuou — possamos planejar nossos próximos passos aqui.

Jon Danvers era o CEO da empresa. Se ela queria uma reunião com ele e comigo, i definitivamente significava uma “situação”.

— Desculpe, mas parece que eu perdi alguma parte. Quais são esses próximos passos?

— Seu trabalho, querida — ela me deu um apertinho no ombro. — Mas não preciso mais se preocupar. As coisas devem dar uma reviravolta agora.

E com isso ela saiu da recepção.

Que diabos foi isso? Não preciso mais me preocupar? Eu estava preocupad

As coisas devem dar uma reviravolta? Eu estava numa situação?

Ai, Deus, eu iria ser demitida? De repente tudo começou a fazer sentido. tenha me mandado para casa segunda-feira para que pudesse testar algumas temporárias enquanto eu estava longe e avaliar se elas eram melhores do que eu. Talvez estivesse me substituindo coisa nenhuma. E só havia uma maneira de descobrir.

Liguei para o ramal da Alana.

Ela atendeu com um seco “Sim?”.

— Oi, Alana. Desculpe incomodá-la, só queria agradecer por atender minhas ligações enquanto eu estava doente.

— Eu não atendi suas ligações — ela despejou, claramente insultada. — E contrataram uma temporária para isso.

— Ah — eu respondi o mais casual possível.

— Sim, alguém não sofre de “transtorno fantasma”. — E com esse comentário engraçadinho desligou.

Muito maduro, Alana, eu pensei. Era seguro dizer que agora todo mundo no escritório sabia da minha nova fama com assombração.

Eu não conseguia acreditar que contrataram uma temporária enquanto eu estive longe.

Acalme-se, eu disse a mim mesma. Alana provavelmente se recusou alegando estar sobrecarregada com pedidos de cartões de visita ou algo do tipo. Uma coisa significava que eu seria demitida.

A menos que a temporária trabalhasse tão bem que eles tenham percebido idiotas eles eram de manter uma inútil como eu na folha de pagamento e planejando me mandar embora ao longo de toda a semana.

Até hoje, claro, quando minha chefe finalmente percebeu que eu talvez fosse apta a outros cargos da empresa que não atender telefone e marcar reuniões.

Era engraçado como de repente eu me importava em manter meu emprego com essa oportunidade por tanto tempo, em ficar livre desse lugar horrendo e descompleto das nove às cinco. Mas mesmo com o auxílio-desemprego, que não seria grande coisa, eu sabia que teria de arrumar outro emprego. E pensar em encontrar trabalho estava além de mim. Por mais que eu odiasse, eu precisava deste emprego.

Contudo, houve um lampejo de esperança na segunda-feira. Comecei a fantasiar. Eu sei que disse que realmente não queria ficar na área de publicidade, mas seria melhor que nada. E, quem sabe, eu poderia de fato ser capaz de fazer algo bacana mesma. Além disso, meu salário seria melhor e eu finalmente poderia me orgulhosa de responder à pergunta: “O que você faz da vida?” sem ter de uma recepcionista.

Ainda assim, a incerteza era estressante, e eu fiquei meio deprê quando cheguei em casa depois do trabalho. A realidade estava chegando, fria e dura. Eu tentei

mas meu lado exausto me dizia para esperar o pior.

Entrei em casa e ouvi minha mãe me chamando da sala. Eu entrei e a vi chã fazendo Pilates com um DVD. Minha mãe sempre estava atrás das ginásticas em DVD.

— Um cara te ligou — ela disse sem levantar o olhar. Eu a observei distendendo as pernas para cima e para baixo junto com o instrutor.

— Tá... — Estranho... Eu não me lembro da última vez que um homem especialmente em casa.

— Eu dei a ele seu celular. Acho que ele deve ter te ligado.

Eu olhei meu celular. Nenhuma chamada perdida.

— Não. Ele disse o que queria?

— Ele disse que se chamava Declan... sei lá das quantas. Estava interessado e com você sobre seu blog — ela continuou fazendo o exercício da tesoura. — Eu lembro que você também tinha um blog agora.

— Não tenho — disse lentamente.

Declan? Quem raios era Declan?

Meu coração começou a bater mais rápido. Talvez fosse algum agente literário que queria meu blog e queria que eu escrevesse um livro. Eu sei que é sonhar alto, mas acontece com muitos blogueiros, e minha esperança de repente estava ingenuamente no céu.

— O número dele está na mesa da cozinha — ela continuou. — Ele pediu para você ligar assim que pudesse.

Bem, pelo menos era intrigante. Eu fui para a cozinha e peguei o bloquinho de notas.

Minha mãe havia escrito um número com o código de área de Seattle e o nome Dex Foray.

Dex Foray?

Busquei o cartão de visita que ele havia me dado na minha carteira. Com certeza

mesmo número, apesar de eu não ter ideia que seu nome inteiro era Decla como o nome é geralmente pronunciado (Di-Clan), nem fazia sentido.

Ficava estranhamente nervosa quando tinha de ligar para pessoas que eu não conhecia. Você deve achar que ser uma recepcionista deve ter me ajudado a superar o obstáculo, mas não ajudou. Tentei me ludibriar pensando que eu estava apenas fazendo mais uma ligação de trabalho.

Com meu coração batendo um pouquinho mais rápido do que o normal, eu fui para o número da casa dele. Tocou tantas vezes que eu estava prestes a desistir quando atenderam.

— Dex falando. — Ah, a voz dele, grave, profunda e densa, como um instrumento de metal polido. — Alô? — Ele disse impacientemente.

— Hum — eu gaguejei. — Oi... Hum, aqui é a Perry. Perry Palomino. Você me ligou?

— Sim?

— É. Bem... só... estou ligando de volta!

— Entendi — ele respondeu com naturalidade.

Isso estava se transformando num começo terrivelmente desconfortável. Eu esfreguei a testa e pensei no que fazer em seguida.

— Então, é, eu... — disse.

— Escute, Perry. Posso te ligar de volta? Só dois segundinhos.

— Hum...

— Perfeito. Já nos falamos.

Clique. A linha ficou muda. Eu olhei para o telefone pasma. Quanto tempo era isso? Segundinhos? Eu olhei para o telefone pelo que pareceu uma eternidade, antes de decidir falar com minha mãe. Quando eu estava saindo da cozinha o telefone tocou.

Eu corri de volta, me recompondo antes de atendê-

lo. Eu precisava ser mais exigente.

— Alô, Perry falando.

— Perry! É o Dex. — Ele soava mais entusiasmado agora.

— Oi... Dex? Escute...

— Então, Perry. Seu nome é Perry, certo? Eu não conseguia me lembrar do que v
me disse no farol, mas é a quem seus postzinhos do blog estão atribuídos.

Uh-uh, o blog. Dex esteve no meu blog. Espero que isso não seja sobre...

— Você encontrou o blog?

Ele riu, ainda que bem sarcasticamente.

— Mocinha, quem não encontrou seu blog?

Comecei a ficar enjoada.

— Olhe, desculpe, eu estava apenas cuidando dele para minha irmã e não tinha nada
de interessante para escrever.

— Quer dizer que você não é uma blogueira de moda narcisista? Já estou
mais de você. Eu posso quase te perdoar por publicar aquela imagem minha na página
YouTube.

Ele quase gritou a última palavra. Eu me retorci. Estava na merda.

— Olha, não disse quem você era, e mal dá para ver quem está na gravação na minha
parte do tempo. Quero dizer, você me disse para ligar minha câmera, então
estou infringindo nenhuma lei. — Eu comecei a divagar.

— Não te ocorreu que havia um motivo para eu te dar meu cartão de visita
suspirou.

— Na verdade, não. Você acabou me largando lá no fim das contas — eu
agora sentindo a raiva subir à minha garganta. Pensando bem, como ele se
ligar para me dar esporro. Isso me deu clareza. — E vamos lembrar, uma
parece ter esquecido, que você estava invadindo a propriedade da minha família

você é quem deveria ficar feliz por não ter entregado seu cartãozinho vagabundo para a polícia.

Silêncio. Deu ao meu coração tempo o suficiente para desacelerar algumas batidas.

— Muito bem... — ele finalmente disse.

— É. Bem... então, é isso que você queria? Me ligar bravinho porque apareci pouco no vídeo que eu postei? Ou será que é porque eu consegui algumas curtidas que você adoraria ter feito para seu... clubinho de fantasmas... ou seja lá que diabos que você faça afinal.

Eu pude jurar que o escutei coçando a barba na linha.

— Era basicamente isso — ele respondeu.

E eu com grandes expectativas. Ele era só um cara irritadinho por eu tê-lo feito parecer idiota para o mundo todo (ou para a minúscula porção do mundo assistido às imagens e lido o blog) e bravo por eu ter cortado a onda dele para imagens para lucro financeiro.

— Mas não é só isso... — ele acrescentou.

— Então...? — Eu perguntei, ainda aborrecida, mas também curiosa. Talvez estivesse me chamando para sair? Meu coração começou a bater acelerado novamente. Era uma menininha, mesmo...

— Sou produtor da Shownet.com. Já ouviu falar da gente?

— Só pelo seu cartão de visitas — disse com sinceridade.

— Produzimos webepisódios. Webcasts. Sabe, na internet.

— Sim, já ouvi falar dessa tal internet — O sarcasmo escapou sem querer.

— Ótimo, isso vai facilitar bastante as coisas — Dex respondeu, passando sobre o meu sarcasmo. — A Shownet está transmitindo Gatas do Vinho nas noites de quinta, e você deveria assistir hoje, assim como Quarto de Gamer, Zona dos Manos, Cozi Colleen e Amigos Animais de Amanda Panda. Já ouviu falar de algum deles?

— Não. Eu deveria?

— Provavelmente não. Enfim, assista... Eu tenho mexido nisso e aquilo, aqui e a decidi que deveria talvez entrar nessa onda de fantasmas. Minha ideia principal disso de forma meio diferente. A TV passa toneladas dessas porcarias de programas apresentadores retardados que ficam correndo por aí com câmeras para filmar experiências malucas que no final não revelam nada além da própria inaptidão inflada. Está entendendo?

— Não muito.

— Então era o que eu estava fazendo no terreno do seu tio. Ninguém fez programa lá ainda.

— É porque ele não permite que ninguém faça — eu disse.

— Por isso que tive de entrar meio escondido. Valeu, por sinal, por não revelar minha identidade. Já te agradeço, não agradeço?

— Não.

— Ah, bem, enfim, pensei em dar uma bombada nesses outros programas, umas paradas e mostrar para o meu chefe, esperando que ele visse potencial aí.

Pausa.

— E? — Eu o estimei. — Ele gostou?

— Não — ele suspirou. — Não gostou. Mas gostou do que você fez.

— O que eu fiz?

— Ok, ele gostou da ideia de nós dois fazermos isso. Juntos.

Uma ideia safada passou pela minha cabeça: E o que é isso, exatamente?

— Você não é secretamente loira, é?

Agora era minha vez de suspirar. Essa ligação era confusa para danar e eu sabia que minha mãe estava ouvindo os últimos cinco minutos, porque o DVD de gravação tinha sido desligado. Eu tinha uma ideia do que Dex estava sugerindo, mas sua forma

de chegar ao ponto estava me deixando zozona.

— Senhor Foray — eu disse o mais profissional possível —, você me ligou querendo falar sobre algo. Vá ao ponto.

Preciso apontar que não sou: A) tão grossa assim no telefone com gente que eu não conheço direito ou; B) tão mal-educada, mas havia algo no Dex — talvez a forma como havíamos nos conhecido — que me fazia sentir como se eu não me importasse realmente com meus modos.

— Baseado nas imagens que eu fiz, baseado nas imagens que você fez, que, por si só, você não teria feito se eu não tivesse te pedido, e baseado na forma como eloquentemente escreveu a história quando as imagens não puderam, eu acho que poderia realmente ter um programa.

— Você acha ou seu chefe acha?

— Ambos ou... não importa.

Importava, sim, mas eu não queria mais fazer perguntas, muito menos estranhar minhas chances do que quer que fosse aquilo. Eu não queria pensar demais nisso ser mais ou menos impossível com a cabeça que eu tenho. Eu podia ser inconsciente para saltar a um milhão de conclusões fantásticas. Era realmente manter as vozes quietinhas e me concentrar nos fatos nus e crus.

— O que você faz mesmo? É apresentador nessa Shownet? — Eu perguntei.

— O cacete, sou nada. Desculpe a boca-suja, mas, cacete, não. Sou só produtor e cinegrafista. E compositor. Estou absolutamente atrás das câmeras, por isso que uma pessoa como você esteja na frente.

— Como eu?

— É. Como estava dizendo, você é real, bem carismática. Charmosa, alguém

Eu não diria isso porque nem te conheço, mas vamos ver. Sua presença na câmera: pelo menos no material que tenho aqui é. E a sua escrita não é ruim. Já atuou antes

Tecnicamente não. Treino de dublê não envolvia nada de atuação, e tenho que os vídeos caseiros da minha juventude também não contavam.

— Não.

— Bom. Melhor. Isso significa que você não é fabricada. Odeio gente fabricada para enganar o povo. Então, você é natural, o que é perfeito porque as pessoas ver o medo real. Elas não querem o tratamento de Hollywood. A sua escuta é um acompanhamento perfeito. Ela brilha com algum tipo de clareza num assunto que a maioria das pessoas não entende.

— Para ser honesta, eu mesma não entendo.

— Tudo bem. Honestidade é bom. A compreensão é superestimada. Mas esse programa não vai ser superestimado porque está vindo do nada e pegando as pessoas de surpresa até que...

Clique.

O telefone ficou mudo?

— Alô?

Silêncio. Ele desligou na minha cara?

Vi minha mãe na porta da cozinha com um olhar intrigado. Sem dúvida e ouvindo agora.

— Oi, Dex?

Clique.

— É, oi, desculpa, alguém na outra linha — sua voz vinha grave e rouca. Kwan, já ouviu falar dele? Não importa se não ouviu. Foi ele quem me chamou em 2004 e a primeira pessoa que me deu uma oportunidade de verdade. Meu chefe agora ele está na outra linha e quer saber o que Perry Palomino pensa de tudo isso. Você diz?

Respirei fundo.

— Devo admitir que eu realmente não sei o que está havendo aqui — dis-
cuidadosamente. — Quero dizer, você ainda não disse nada, só recebi o re-
ligar e aqui estou eu.

— Ahhh — ele disse lentamente. — Você quer em termos leigos. Ah, por
Perry, achei que você era mais esperta do que isso. Não consegue saltar p-
ousadas? É a base de toda essa coisa de fantasma. Vamos ignorar a situaç-
num velho farol imundo e saltar para a conclusão de que algum fantasma
estava atrás de nós.

— Para ser sincera, eu nunca achei que havia um fantasma.

Ouvi um suspiro de desgosto do outro lado da linha e imediatamente temi
perdido todas as chances com ele.

— Sinceridade é bom, mas o bom é superestimado — Dex divagou. — E
quem joga limpo. Porra, não tenho muita gente assim ao meu redor, mas não adm-
a coisa é falsa.

— Não é falsa! — Eu exclamei. — Você estava lá!

— Enfim — ele disse me ignorando —, eu, Declan Foray, e meu chefe, Jimmy K
queremos perguntar a você se você estaria interessada em se juntar a mim para fil-
demo para o website sobre nosso estranho encontro fantasma. Meio que ur
programa de TV. Se ficar bom, e se você estiver bem, daí eu vou ficar bem, e o Ji
querer fazer um programa de verdade para nosso canal... da internet. Noss
tudo depende de você. Estou fazendo pressão para esse programa porque, j
sincero, aqui entre nós, não aguento mais um dia gravando Gatas do Vinh-
algo diferente e acho que isso podia ser bem, bem bacana. Agora é sua vez de diz

Eu fui pega de surpresa, para dizer o mínimo.

Incrível. Impressionante. Bacana. Fantástico. Estupendo. Loucura. Bom dem
ser verdade. Eu queria dizer todas essas coisas, mas só consegui soltar:

— Tá?

— Esse é o espírito! Agora estamos dando pau na máquina!

— Não está bêbado agora, está?

— Imagina, por quê?

— Só espero que você não tenha se esquecido dessa conversa de manhã.

— Acho que não vou — ele refletiu.

— É que isso pode ser a coisa mais bacana que já aconteceu comigo, e realmente quero me empolgar muito até ter certeza.

— Nesse caso, não se empolgue. Desculpe, mas você... precisa lembrar que isso é uma demo. Na minha opinião, vai ficar bom pra caramba.

— Você tem jeito com as palavras. Tem certeza de que não é um escritor?

— Você é escritora. E a estrela. Agora o plano é esse: virei de Seattle na sábado, vou te buscar e iremos juntos para o farol. Vamos precisar da permissão do tio, é claro. Vamos sábado à noite para gravar a merda toda. Eu te deixo domingo e edito até estar digno de um filme do Kubrick. Com sorte, no meio da semana Jimmy estará agradavelmente surpreso com nossa peça de resistência. Volta para o Gatas do Vinho e você volta para seja lá que porcaria você faz.

— Sou recepcionista — murmurei.

— Divertido!

Havia algo tão terrivelmente abrupto e obscuro nessa coisa toda.

— Agora, espere um minuto — eu comecei —, como eu posso saber que é legítimo? Quero dizer, você ainda pode ser um vagabundo careca viciado que trombei no farol.

— Eu ainda não sou careca — ele disse.

— E — eu continuei — pode não haver programa. Não vou sair com um num farol. Quero dizer, onde iremos dormir? Não vou dormir com você.

Ele riu.

— Não se ache, mocinha. Vou ficar num motel em Tillamook. Nós não temos orçamento muito gordo, então eu agradeceria se você pudesse ficar com se

precisar falar comigo sobre isso, fale para ele me ligar.

Eu ainda não estava convencida, e disse isso a ele.

— Justo — ele admitiu. — Acho que posso compreender que tudo isso pode parecer um pouco aleatório e improvisado. Especialmente pela forma como nos co

Estou um pouco decepcionado por não ter te conquistado lá, mas acho que a luz r valorizou muito naquele farol. Faça um favor, não se comprometa com nada esta para a internet e verifique a Shownet.com. Temos páginas no Myspace tan

Me adicione no Facebook. Dex Foray, F-O-R-A-Y. De manhã, ligue para mim, mande um e-mail, enfim, me fale o que você decidiu, entendeu?

— Sim, ok.

Clique. E do nada ele se foi.

— Que diabos foi isso? — Minha mãe perguntou se aproximando.

Eu coloquei lentamente o telefone no gancho. Eu não tinha ideia.

— Perry?

Olhei para minha mãe. Ela provavelmente ficaria empolgada se eu contasse a ela, eu não queria dizer nada até saber exatamente o que era.

— É, bem... — Eu fui para a escada. — Olhe, mãe, ainda não tenho certeza. Vou ter de fazer uma pesquisa e te digo em breve.

Subi correndo a escada para o meu quarto. Ouvi minha mãe me chamando.

— Seu blog também é de moda? Eu não confiaria em ninguém interessado dicas de que vestir.

Eu fiz uma careta e segui pelo corredor. A porta para o quarto de Ada se estava obviamente esperando por mim. Colocou a cabeça para fora e cochichou:

— Perry, preciso falar com você!

Eu continuei andando e respondi sobre o ombro.

— Estou ocupada. Falo com você daqui a pouquinho.

Bati a porta do meu quarto e fui até meu computador. Hora de descobrir a verdade.

O primeiro site que digitei foi Shownet.

Era um site de aparência bacana, simples e com um tom levemente cafona: programas eram todos listados numa barra lateral.

Cliquei em Amigos Animais de Amanda Panda — era o que soava o mais interessante, tá? — e caí numa página com um vídeo fininho no meio. Eu bombardeada com a música infantil mais louca que já havia ouvido. Acele, trompetes e crianças cantando em falsete. Mas era grudenta como chiclete.

O programa não era. Era como uma peça de fantoches com ácido, mas se esquisitice gostosa do ácido. Só um terrível programa infantil de baixo orçamento: animais mal dublados que pareciam ter sido filmados numa fazendinha. Eu Dex era o cameraman desse programa, mas torcia para que não fosse.

Então eu decidi dar uma chance a Gatas do Vinho, porque eu sabia que esse daí. O episódio da semana passada era nos vinhedos de Niagara Region. No da semana anterior, era para encontrar o melhor sherry do Reino Unido. E imediatamente com inveja de Dex e do fato de que ele obviamente tinha acesso a esses lugares. Por que raios você iria querer sair de um emprego desses?

Havia delícias também para os olhos. Afinal, o programa não se chamava Gatas do Vinho à toa. As apresentadoras eram impecavelmente atraentes e lindas. Jennifer Rodriguez era alta, tinha a barriga tanquinho e sempre à mostra com seu jeans justa. Ela tinha aquele charme exótico, pele morena brilhante, lábios carnudos e deslumbrantes olhos verdes. Seu cabelo ficaria perfeito na cabeça de Jennifer Aniston.

A outra menina, Rebecca Sims, também era alta (malditas!) com um olhar von Teese: cabelo negro cuidadosamente cortado, lábios macios e vermelho escuro.

Eu imediatamente odiei as duas. Elas não apenas eram gostosonas, tinham também o melhor emprego do mundo: saracoteavam pelo mundo, bebendo vinho e se exibindo para atrair toda uma geração de jovens. Elas até tinham um segmen-

combinavam vinhos com comida de micro-ondas e fast-food. Por que eu não pensei nisso antes?

Não pude assistir muito devido à minha inveja crescente, mas notei que o trabalho câmera era estiloso e profícuo. Nos créditos do programa eu vi o nome de produtor, cameraman e compositor do tema. Era oficial. Dex (Declan) Foray sincero quando me disse o que fazia.

Um sorriso se abriu no meu rosto até eu rir de orelha a orelha. Agora que eu sabia que era real, eu entendi o que ele quis dizer. Isso podia ser eu! Eu podia ser uma (Vinho!

Claro, eu não seria. Não poderia nem ser sequer uma Gata Fantasma. A não ser que eu fizesse luzes no cabelo, tivesse um bronzeado, cobrisse as sardas, talvez plástico no nariz, emagrecesse e ficasse definida. Talvez se contratasse um pessoal de celebridades?

Do nada eu comecei a fantasiar sobre tudo o que eu não poderia ser.

Não, eu não seria a Gata Fantasma, mas poderia ser a Blogueira Fantasma, e naquele momento isso soava zilhões de vezes melhor do que a Recepcionista Fracassada.

Eu juntei as mãos com alegria. Era hora de entrar no Facebook de Dex e adicioná-lo.

Eu não havia entrado no Facebook desde a tarde. Logo que entrei fui inundada com vinte notificações e doze pedidos de amizade.

Fui vendo os nomes, e por enquanto eram só pessoas dizendo que gostavam do meu blog e do meu vídeo e perguntando se podiam ser meus amigos, até eu chegar no pedido: Dex Foray.

Acho que ele já havia me mandado um pedido antes. Por algum motivo, fiquei levemente apreensiva em clicar no perfil dele. Eu não sei explicar o motivo, mas com olhar as fotos de alguém que você já construiu na sua mente. Eu não tinha pensado muito no Dex nos últimos dias, mas era óbvio que eu havia pensado especialmente agora depois do telefonema.

O interessante é que a foto do perfil dele era do robô Crow T. de Mystery Theatre 3000, um dos programas de TV mais hilários e obscuros que existi-

imediatamente me identifiquei com ele.

Quando cheguei na página dele, a primeira coisa que procurei foi a data de nascimento e status de relacionamento. Assim como a de muita gente, estava

Sua data de nascimento era 18 de agosto, mas não tinha o ano.

Seu mural estava tomado de gente comentando e postando vídeos e links engraçados

Ele não me pareceu o tipo de pessoa que ficava o tempo todo no Facebook, uma vez que seus posts eram de dias atrás. Fui buscar informações.

Eis o que descobri sobre Dex Foray:

Atividades: Música, cinema, videogame, fazer artigos na Wikipédia, bebida, algumas coisas.

Música favorita: Metal, rock, alternativo e tudo que falta na cultura pop.

Programas de TV: BBC.

Filmes: Coisas que VOCÊ provavelmente não gosta.

Livro: Guia do mochileiro das galáxias, Artilharia 22... todos os estereótipos.

Ele não tinha nenhuma faculdade marcada em educação, mas havia a escola Bainbridge High School, 1996.

Um cálculo mental rápido e deu para ele trinta e dois, dez anos mais velho do que eu. Não sei por que esperava um cara mais novo. Esperava que ele percebesse quem eu era e que não estivesse contando com alguém que ele achava que era mais jovem. Que a juventude é valorizada, mas às vezes parece que minha idade faz mal, como se eu estivesse por aqui há muito mais tempo e devesse ser levado mais sério. Mas até aí, eu só tinha vinte e dois, então o que eu sabia?

A seguir, era hora de bisbilhotar as fotos dele. Eu senti uma pontada de voyeurismo bizarro quando cliquei nelas, apesar de que após anos de Facebook você acharia que eu estaria insensibilizada com o fator “mimimi” de espionar as pessoas.

Não havia muitas fotos marcadas com ele. Entretanto, o suficiente.

Eu cliquei na primeira foto, ele num bar segurando uma cerveja num gesto brinde.

Ele tinha uma camisa de colarinho marrom, manga curta e alguns anéis de aparên cética nos dedos.

Numa fotografia clara e com flash, e não num bizarro farol abandonado eu podia fato ver que o que eu me lembrava dele estava correto. Ele tinha um rost ser sutil). Estava com um sorrisinho malandro, o que já era esperado. Seus escuros, boca grande e sobrancelhas expressivas combinavam totalmente.

Eu cliquei na próxima foto. Meu coração se apertou de uma forma pouco

Era uma foto dele num vinhedo, com o braço ao redor de Jennifer Rodrig programa de vinhos? A Gata do Vinho? Eu não sabia dizer se era só uma foto de que trabalham juntos ou qualquer coisa, porque ela estava sorrindo para a aquelas gengivas de supermodel e ele estava com os lábios fechados, cabe fazendo cara de gângster.

Cliquei na próxima e vi uma foto dele e dela juntos, mas desta vez Rebecca estav outro braço. Deve ter sido tirada no mesmo dia, uma vez que estavam tod mesmas roupas. Estavam sorrindo, um grupo encantador e afável. Rebecca os comentários abaixo: “Então, Dex, quando vamos fazer nosso ménage à trois? I

Eu não vi o “kkkk” e rapidamente cliquei para o resto das fotos. A maior Dex em locação com uma câmera nas mãos. Às vezes era num bar ou num show, ele posava com gente aleatória. O que era mais interessante nas fotos era que ape sorriso ser bem decente, com lindos dentes alinhados e tal, havia algo não coisa toda. Quando ele não estava sorrindo, estava olhando para a câmera sinistros e penetrantes que eram tão intensos que de vez em quando pareci pessoa completamente diferente.

— Quem é esse?

Dei um pulo de um quilômetro na cadeira. Virei-me e topei com Ada parada atrás de mim, me olhando forma inquisidora.

— Você quase me matou de susto! — Exclamei. — Como entrou aqui?

Ela me olhou com uma careta.

— Pela porta, sua anta.

Notei que ela estava usando uma roupa normal (e presunçosamente feia) de Alexander Wang, o que significava que ela se sentia melhor. Ela apontou para mim novamente.

— Esse é o perfil de Facebook do Tinhoso?

Olhei de volta para a tela. Nessa foto em particular ele estava sorrindo com o maluco, cabeça virada para baixo, olhos como um falcão, uma barbinha de Johnn

Eu sabia o que ela estava pensando. Fiquei um pouco desconcertada.

— Não tenho certeza — respondi sinceramente.

Levantei o olhar para ela. Ela esperava que eu continuasse e obviamente sabia que havia algo ali.

Eu decidi satisfazê-la.

— Ada, pode manter isso entre nós? Só até a próxima semana?

Ela assentiu empolgada, feliz em ser incluída. Eu me endireitei e contei tudo a ela. No fim ela estava devidamente impressionada. E irritada.

— Você ganha uma merda de um programa de TV só por fazer três posts

No meu blog? Onde diabos está meu programa de TV?

— Ok, não é um programa de TV, é um webcast que não vai ser visto por muita gente. E nada está confirmado. Dex só quer experimentar e ver o que acontece.

— Dex — ela bufou. — Você fala como se o conhecesse. Você não o conhece. Eu não me importo se ele é algum cameraman com baixo orçamento e tem um perfil no Facebook. A maioria dos assassinos psicóticos e estupradores têm páginas no Facebook... é como eles pegam você. Além do mais, ele parece o Tinhoso. Não acha que é um sinal?

— É um sinal de que o bigode de Errol Flynn está voltando à moda.

— Quem diabos é Errol Flynn? — Ela levantou as mãos. — Perry, sério, você de

reconsiderar isso.

— Ai, que seja. Vai, Ada. Você só está com inveja porque algo bom está acontecendo comigo, para variar. Poderia me deixar aproveitar? Escrever para seu blog, toda a desta semana... Eu não me sinto feliz assim há muito tempo. Talvez nunca sentido assim. Isso pode ser bobagem no final, mas é uma bobagem minha e me faz sentir que pode haver um lugar para mim neste mundo maluco.

Ela revirou os olhos, mas seu rosto se suavizou.

— Tá. Se você fica feliz. Mas acho que você devia dar um Google nele por precaução. Veja se ele está na lista de Mais Procurados da América.

Isso fazia sentido. Eu fui para o Google e digitei o nome dele.

Surgiu um monte de páginas. Estavam todas conectadas de certa forma ao dele na internet. Nada de muito interessante.

— Bem, é um bom sinal — disse Ada.

Eu assenti, então digitei Declan no lugar de Dex.

Outro conjunto de páginas surgiu. Eu cliquei numa que dizia: “A banda mais irada a agitar Nova Jersey”, pensando que devia ser outro Declan Foray.

Era um artigo de uma revista online sobre um grupo lounge chamado Sin Sing Sinatra. A banda era formada por tecladista, baixista, baterista e um cantor (Declan Foray) e teve um modesto sucesso tocando em pequenos clubes e bares do Leste. Eram descritos como “Rocker Crooners” e faziam covers dançantes de música rock. O cantor, Declan, era descrito como tendo uma voz “suave, mas forte o suficiente para ficar de olho. Eu cliquei na próxima página e vi uma foto dele (acho que podia chamá-lo assim) cantando num microfone das antigas.

Seu rosto estava mais magro e sem bigode, mas era definitivamente ele. Seu cabelo preto liso estava mais arrumadinho e um terno branco adornava seu corpo. Ele parecia um verdadeiro showman. Também parecia bem jovem. Olhei na url para ver a data: 09/03/02. Ele teria por volta da minha idade.

— Então ele também é cantor? — Ada refletiu.

— Acho que sim. Pelo menos era.

— Talvez ele tenha trocado de nome porque ele era uma droga.

Lancei um olhar para ela.

— Dex é apelido de Declan. De algum jeito. E aqui diz que eles eram o
uma droga.

— Então como nunca ouvi falar deles antes?

— A) Você mal ouviu falar de qualquer uma das melhores bandas. Você é
cegamente que talento é o que a rádio te mostra; e B) Existem toneladas
bandas, grupos, cantores, o que seja, que são muito bons apesar de não se
conhecidas.

— Ah, que seja. Ele é um cameraman agora, não um cantor, então ele fracassou no
meio do caminho. Essa conversa já está me entediando. Boa sorte com seu negócio.

Ada se virou e deixou meu quarto, batendo a porta atrás de si. Entra em silêncio e
com estrondo.

Eu balancei a cabeça para o drama adolescente dela e voltei minha atenção para a

Para mim não importava se Dex realmente era ou não um cantor, mas não podia e
ficar ainda mais intrigada. Eu tinha um grande respeito por todos os músicos; e
meio que meu ponto fraco. Eu mal podia escrever notas, minhas músicas eram ter
apesar de uma vez ouvir que eu tinha uma voz forte e agradável, não che
possibilitar uma carreira.

Curiosamente, comecei a vasculhar sites de Torrent para ver se conseguia
alguma gravação do Sin Sing Sinatra ou Declan Foray. Não consegui achar
dormindo no meu teclado.

CAPÍTULO SETE

ACORDEI SEXTA-

FEIRA DE MANHÃ, ALGUNS minutos antes de o meu
alarme disparar. Tentei lembrar se eu havia tido algum sonho durante a noite, mas
veio nada. Então me lembrei do telefonema... Dex... o webcast... Google. Tudo.

sido um sonho?

Olhei rapidamente para a mesinha de cabeceira e vi um pedaço de papel com o nome e um número escrito. Definitivamente não era sonho. Dex era real; a ideia era real. E lá no fundo eu sabia que eu tinha de ser parte disso, não importava o que acontecesse.

Peguei o telefone e rapidamente disquei o número dele, ignorando o fato de que ele estava bem cedinho e que ele poderia estar dormindo. Eu temia que quanto mais eu chamava, mais chances ele teria de mudar de ideia.

A cada toque não atendido meus nervos se afligiam. As dúvidas começaram a inundar meu cérebro: e se ele não se lembrasse? E se ele mudasse de ideia? E se ele, Jimmy Kwan, mudasse de ideia? E se eu o estivesse acordando e o ponto de ele cancelar?

O último pensamento me assustou mais do que tudo. Eu estava cogitando a ideia de desligar o telefone quando ele atendeu.

— Alô? — Apesar de soar grogue, a voz era inconfundível.

Meu coração acelerou.

— Hum, oi, Dex. É a Perry — eu disse o mais animada possível. — Desligue, por favor. — Desliguei.

— Quem?

Minhas entranhas se reviraram.

— Perry. Palomino. Falamos ontem sobre meu blog. Sobre o possível webcast. Eu não conheci no farol...

— Desculpe, eu estava completamente chapado ontem. Não me lembro de falar com ninguém sobre coisa nenhuma. Qual é seu nome mesmo?

Não consegui respirar.

— Hum, Perry.

Tinha certeza de que ele conseguia ouvir a tristeza na minha voz.

— Perry — ele repetiu. Eu quase pude ouvi-lo cavando na sua cabeça por meu nome.

— É um nome incomum. Acho que você sabe. A maioria das pessoas pensa em N Perry, apostro. Ou Perry Mason.

— É... — eu me resignei.

— Mas tem também Peri Gilpin. Sabe, a Roz do Frasier? Ela era um estouro, aquela Roz. Eu poderia ter me casado com aquela mulher, sabe, se ela fosse real aquele penteado horrível dos anos 1990.

Minha cabeça começou a girar a mil.

— É sueco — consegui dizer.

— Ahá! — Ele exclamou. — Isso explica o sotaque de sua mãe.

— Você se lembra de ter falado com a minha mãe?

— Claro que sim. Acha que sou retardado?

Sim, eu pensei. E muito.

— Ah — ele continuou —, você não percebeu que estou tirando uma com sua mãe? Sabe, sobre estar chapado ontem à noite. Falar que não me lembro.

Que diabos esse cara estava tomando tão cedo?

— Ah, mocinha, você não devia ser tão ingênua.

— Não sou ingênua — eu disse na defensiva. — Só não estou acostumada com gente doida.

Silêncio. Então uma risadinha sem graça do outro lado da linha.

— Bem, desculpe se te confundi, senhorita Palomino. Na verdade, eu estava

esperando sua ligação.

— Achei que tinha te acordado.

— Acordei há horas. Já tomei banho, cortei as unhas do pé, comi panquecas e tordei dez xícaras de café. Agora o que você me conta, senhorita Palomino?

Afastei a imagem das unhas do pé da cabeça.

— Sim, sim, eu gostaria de fazer aquilo — eu disse, esperando expressar absoluta na voz.

— Fantastic! — Ele disse com um terrível sotaque francês. — Agora, o que preciso é que você garanta que tenhamos acesso ao farol para amanhã de manhã também verificar se pode passar a noite lá.

— Bem, tenho certeza de que você poderia ficar lá também, se eu ficar. — Tio Al provavelmente gostaria da companhia.

— Agradeço a oferta, mas já arranjei tudo para ficar num hotel. De qualquer forma leve roupas de cores claras. O preto não apareceu bem no filme. Talvez traga um pouco de maquiagem, caso eu precise me embonecar. Vou levar o equipamento no carro, qual é seu endereço?

Eu disse a ele.

— Eu te vejo amanhã às dez da manhã, em ponto. Esteja pronta para detonar.

— Ah, estarei — eu disse. Arrepios de nervoso (do tipo bom) passaram pela minha espinha. Era empolgação demais.

Desligamos. Meu alarme começou a soar, e eu o desliguei inconscientemente.

Sabe esses momentos na vida quando você se sente num filme? Tenho desses momentos com frequência, geralmente quando estou escutando música. Às vezes andando na rua com chuva, o vento batendo nos meus cabelos, pessoas passando rapidamente por mim num rápido borrão sem rosto, e eu estou ouvindo algo melancólico e me sinto assim, parece que estou sendo observada por uma

Como se eu estivesse tendo uma experiência extracorpórea e me vendo seg

minha vida. Minha vida fica infinitamente mais interessante, como se cada desse, cada poça d'água em que pisasse ou cada par de olhos que encontrasse tivesse significado além do normal.

Bem, eu estava tendo essa sensação novamente. Não havia música, mas eu ver sentada na cama, meu cabelo preto bagunçado sobre meu rosto, olhando telefone e eu... e todo mundo sabia que uma oportunidade de peso havia sido entregue para mim. Como se eu tivesse recebido um superpoder para salvar o mundo.

Isso, é claro, era ridículo. O único poder que eu podia ter era uma imaginação muito fértil. Mas a sensação permanecia.

Lentamente saí da cama, envolvida em futuros mistérios e dramas, e me preparei para aproveitar o momento.

Quando a procrastinação atingiu um pico histórico, fui para o computador rapidamente fiz um novo post no blog. Eu sabia que Ada ia ter um chilingue post improvisado, mas não importava. Eu queria contar ao mundo que os posts de Ada não foram a troco de nada. Algo grande iria acontecer. Eu não disse abertamente seria, para não atrair olho gordo ou encenar Dex, mas aludi ao fato de que eu estava novamente o farol, com a devida equipe caça-fantasmas. Eu não mencionei que a equipe era só Dex e eu, mas disse que provavelmente o material seria exibido no meu conhecido.

Então deixei tudo isso pra lá, me vesti e fui trabalhar.

*

Só conseguia ver escuridão no começo. Meus cílios tremularam, molhados e pesados enquanto minha visão tentava focar. Lentamente, a luz apareceu em borrões úmidos que se movia e girava nos quatro cantos da minha visão.

Meus outros sentidos se acionavam preguiçosamente. Eu estava encharcada de frio, mal podia sentir meus membros, flutuando, subindo e descendo nas ondas. A luz brilhou distante no breu e foi crescendo a cada onda. Eu sentia como se fosse sendo gradualmente sugada em direção a um túnel brilhante.

Isso era morte? Eu pensei. Meus pensamentos estavam distantes, como se fosse outra pessoa os pensasse por mim, alguém por quem eu não tinha apego ou preocupação.

isso era a morte, não parecia importar. A gravidade associada a esse conceito perdida.

A luz continuou crescendo, até que reencontrei a sensação do meu corpo. A pressão empurrava por baixo. Minha pele estava esfolada. Eu estava deitada numa superfície molhada. Uma praia. As ondas batiam atrás de mim. Olhei para as pedras poucos centímetros do meu rosto. Um caranguejinho branco, luminoso cont

correu sobre meus braços e apontou para um aclone. Meus olhos seguiram a direção reconheci a fonte da luz. Não era a morte ou o além. Estava vindo do topo do farol

O farol era familiar. Parecia que eu já havia estado lá antes, como se guardasse algum propósito da minha vida. Mas eu não conseguia me lembrar de como isso seria possível

Eu havia vindo do oceano, de terras distantes. Esse lugar não podia ter existido na minha vida.

Eu me levantei lentamente. Minhas pernas tremiam com cada onda que batia, e meus pés escorregavam sobre pedras lisas molhadas. Alguém apareceu a minha frente bloqueando a luz, fazendo-a se espalhar na noite. Percebi que alguém estava parado lá o tempo todo, mas eu não havia me permitido vê-lo.

A pessoa levantou um braço e apontou na minha direção. Eu sabia que esse não estava apontando para mim. Virei-me e olhei para o oceano.

Não havia nada lá além do escuro retinto. Então um fraco raio de luz. Havia um farol, no topo de um alto monte rochoso além da praia. Iluminava as águas abaixo, onde formas reconhecíveis dançavam. Espirei os olhos. Pareciam rostos humanos flutuando pelas ondas. Havia pelo menos uma dúzia deles.

Então o farol se apagou. A escuridão era aguda, ameaçadora, sufocante.

Quando voltou, eu estava de novo na água, as sombras escuras flutuando ao meu redor.

Algo esbarrou nas minhas costas.

Comecei a me debater convulsivamente na água e me deparei com um rosto inchado e túrgido. Não tinha olhos, por sua pele escorria um líquido escuro, e algas verdes

saíam de sua boca. Ele submergiu, e eu senti uma mão ossuda agarrar mi

Gritei enquanto era puxada para baixo, o oceano invadindo minha boca ab
preenchendo meus pulmões. A luz na superfície ondulava enquanto eu era puxada
mais para as profundezas até que a escuridão tomou meus olhos novamente.

*

Era sábado de manhã, dez para as dez da manhã. Estava sentada nos degraus da fi
de casa com uma enorme caneca térmica de café quente. Eu não me virei
minha mãe e meu pai estavam parados na janela da cozinha olhando para mim e p
certificando-
se de que sua filha mais velha não estaria sendo levada por um cineasta
assassino.

Para ser honesta, eu não estava me sentindo totalmente positiva em relação
isso como no dia anterior. Acho que meu sonho horrendo colocou panos q
coisas.

O mais assustador foi que acordei no meio da noite absolutamente encharc
suor. Eu estava tão molhada que não dava para saber se não havia mesmo
afundar no oceano. Estava tão melada e salgada quanto, e igualmente desnortead

É claro, estava nervosa como sempre. Tomar café da manhã com meus pais e ouv
opinião deles sobre o assunto não ajudava muito. Meu pai era superproteto
como a maioria dos pais é. Minha mãe estava mais preocupada de me fazerem de
preocupação deles não era à toa. Eu também tinha as mesmas preocupaçõe

fundo eles sabiam que eu tinha a cabeça no lugar. De qualquer forma, eu
defender, e era isso que importava.

Tio Albert também não aceitou os planos tão bem quanto eu achava que i
disse que vários caçadores de fantasmas o haviam perturbado nos últimos
querendo acesso ao farol. Essa era a época, acho. Eu não havia dito expli
localização do farol nos meus posts, mas acho que há poucos faróis de pr
particular na Costa de Oregon. Felizmente ele cedeu, mas só se algum dia eu lhe
royalties. Claro, eu não podia prometer nada, mas pensei que se algum dia
fosse um sucesso, a gente nunca sabe o que pode acontecer (eu o enrolei
pouquinho).

Suspeitamente, Ada ficou alheia o tempo todo. Eu não quis acordá-la antes de sair, mas tinha certeza de que ela teria se arrancado da cama para ver o começo de tudo, só para se certificar de que eu não estava indo para o Pacífico com aquela pessoa.

Verifiquei o horário no meu celular. Cinco para as dez. Apertei minha jaqueta de couro mais fechadinha ao meu redor. O clima esteve frio e pavoroso a sério, nosso verão indiano agora não passava de uma lembrança.

Dito isso, hoje o dia não estava particularmente ruim. O vento que havia sacudido a cidade recentemente ficou mais ameno da noite para o dia. Uma fraca luz do sol vinha do leste, mas não conseguia ultrapassar a densa neblina que se assentou dentro das ruas e que cobria o topo das árvores. Eu adorava neblina, e havia bastante na nossa cidade, estando tão perto do Columbia River e tudo mais, mas não estava ajudando meu astral.

A umidade estava penetrando nos meus ossos, apesar da jaqueta de couro de motoqueiro, a calça jeans preta flare, a blusa cinza de gola boba e o All Star preto. Eu sei que ele disse para não usar especificamente preto, mas ele obviamente não sabia que eu não sou branca. Não quero ser tão antibranco quanto meu guarda-roupa era. Isso não é uma questão de ser gótica (o que eu definitivamente não sou); é por motivos práticos. Branco comigo não dura um dia — não, mais do que uma hora — sem ter alguma mancha. Assim sendo, eu comprei uma camiseta clara e uma jaqueta de marinheiro amarela só para o caso de eu pedir que eu trocasse de roupa.

Soltei um suspiro profundo e respirei lentamente pelo nariz — uma das muitas técnicas de “relaxamento”. Admito, se você está surtando completamente, não faz nenhuma diferença, mas sempre vale tentar o efeito placebo.

Olhei para os meus pais. Eles acenaram cuidadosamente. Minha mãe fez o “telefone” com a mão. Ela me disse mais cedo que ia me mandar mensagem hora em hora até eu chegar no tio Al, para se certificar de que eu estava bem, e que se eu não respondesse, ela iria ligar.

Eu sentia como se estivesse indo para um péssimo encontro.

O som de um motor interrompeu meus pensamentos. Um Toyota Highlander

saiu da neblina e parou lentamente em frente de casa. Tinha de ser ele.

Eu me levantei e mandei um olhar de “fiquem aí” para meus pais, para que eles não tivessem a ideia de sair para conhecê-lo.

Eles não fizeram sequer contato visual; estavam ocupados demais olhando

Ficou perto da entrada, com fumaça saindo do escapamento, zumbindo na manhã. Se era o Dex, ele não desceu do carro.

Bem, hora de cair na estrada, pensei. Acenei para meus pais, certificando-me de que

eles me viam. Eles assentiram, de braços cruzados. É engraçado, meus pais diferentes, mas às vezes pareciam clones idênticos.

Coloquei meu café no degrau, peguei minha sacolinha e segui pela entrada com uma falsa confiança, notando a umidade das folhas enquanto eu passava por ela e frio atravessar a lona dos meus tênis.

Cheguei à porta do passageiro e espiei. Nas janelas havia um leve filme, tornando difícil de enxergar na luz cinza da manhã.

A porta se destrancou automaticamente com barulho alto que me assustou. Busquei cuidadosamente a maçaneta e abri a porta.

Não havia ninguém dentro. O carro estava quente e ligado; as chaves estavam na ignição. Contudo, não havia ninguém no banco do motorista.

Mas que diabos? Eu enfiei minha cabeça mais para dentro do carro para checar o banco de trás.

— Ei!

Saltei a um quilômetro de distância, quase dei com cabeça no teto do carro e (cuidadosamente) a cabeça do carro e encontrei Dex bem atrás de mim.

Na luz do dia ele parecia mais alto. Sua estrutura ainda estava mais para magra, não pelas mangas curtas da camisa cinza dava para ver os traços de alguma tatuagem, mas os braços eram fortes.

Havia uma sombra áspera de barba malfeita em suas bochechas, mas o cabelo estava bem aparado, assim como o leve traço do bigode. Ele tinha um nariz bonito que acompanhava as salientes maçãs do rosto. Olheiras suaves borravam o canto dos olhos, o que aumentava a intensidade deles. Ah, esses olhos. Eram ainda mais perfeitos com aquelas sobrancelhas baixas e a permanente marca de expressão entre as sobrancelhas parecia que ele estava olhando para mim, mas através de mim.

Ele estava lá, com uma pose de impaciente, como se estivesse esperando o seu tempo.

Eu estava com a mão no peito, tentando me acalmar, e me perguntei há quanto tempo eu o estava encarando.

— Desculpe — consegui soltar. — Não vi você aí.

Dex assentiu. Tirou um relógio de bolso da calça cargo, olhou rapidamente o mostrador e voltou a olhar sério:

— Melhor a gente ir.

Ele me esperou entrar no carro. Entrei, um pouco ansiosa, e ele fechou a porta para mim. Teria sido um gesto de cavalheirismo em outra circunstância, mas não parecia estranho e desnecessário. Enquanto ele caminhava até o lado do meu carro, eu olhava para casa através do vidro fumê. Meus pais agora estavam do lado de fora, nos degraus.

Enquanto Dex entrava e começava a dirigir, eu os segui com os olhos, me sentindo repentinamente muito solitária e com medo. Eles acenaram até eu estar fora de vista. Foi uma vontade repentina de saltar do carro. Eu me perguntava a partir de qual momento seria uma ideia estúpida.

Enquanto esse pensamento ocupava minha mente, eu torcia para que Dex dissesse alguma coisa, mas ele não disse. O silêncio no carro era ensurdecedor. Parecia o primeiro encontro mais constrangedor do mundo.

Seus olhos estavam atentamente focados na rua, o que era um bom sinal, considerando a neblina. Acontece que eu tenho sérios problemas com silêncios desconfortáveis, a ponto de sempre querer tagarelar sobre como sabe Deus o que preencher o ar.

Eu pigarreei.

— É bom te ver à luz do dia.

Ele assentiu, ainda mantendo os olhos à frente.

— Dirigiu muito? — Eu insisti.

— Nada demais — ele disse secamente. Sua voz era quase um grunhido.

Eu estava confusa. Esse era o mesmo cara com quem eu falei por telefone nos últimos dois dias?

Ele deve ter notado minha cara de interrogação e finalmente tirou os olhos da estrada para olhar para mim, mas não disse nada.

Dei um sorriso nervoso, meio idiota. Com a estranha força nos olhos dele, preferia quando ele estava me ignorando.

— Você dirige com frequência para Portland? — Perguntei, soando ainda mais patética. — Quero dizer, aqui não cobramos impostos de vendas, então é diferente entre os washingtonitos... ahn, washingtonianos.

Ele me ignorou.

— Gosta de escutar música? — Ele perguntou de um jeito que sugeria que ele não importava realmente com a resposta.

— Quem não gosta? — Respondi como uma forma de sim.

Ele deu de ombros e ligou o mp3 player. Começou a tocar uma música que extremamente familiar para mim, era uma das minhas bandas favoritas. O som era bom e a música combinava muito (ela tinha o nome da rodovia 101, a qual íamos precisar chegar ao litoral). De certa forma a música também combinava com ele; intensa, mas não muito, e difícil de classificar.

Comecei a balbuciar as palavras das músicas, tomando o cuidado de não pular nada. Ele ergueu um pouco as sobrancelhas.

— Pelo menos você tem bom gosto para música. A gente pode se dar bem nisso.

Eu podia jurar que havia um traço audível de admiração no rosnado dele.

Era um pouco mais fácil preencher o silêncio agora que a música estava tocando. A familiaridade era reconfortante nessa situação estranha.

Então, nós provavelmente dirigimos sem falar por mais meia hora antes de sair da 5 e entrar na rodovia que iria nos levar para Cannon Beach.

Depois de verificar o medidor de combustível, Dex entrou abruptamente num posto encostando ao lado da bomba. Ele desligou o carro, saiu e se inclinou na grade do carro, com os braços descansando sobre o capô. Parecia que ele estava se alongando, então eu fiquei em paz. Ele estava com a cabeça abaixada, balançando-a de um lado para o outro.

Tentei não encará-

lo. Foquei minha atenção na normalidade do posto de gasolina, as minivans cheias de crianças sassaricando; o cara de carro esportivo em “crash” que inexplicavelmente estava com a capota aberta, apesar do frio; e o filho que vinha até nós. Havia pôsteres de café quente nas paredes da loja. Mais um de café seria ótimo contra todos os meus problemas.

Peguei a bolsa no chão e comecei a revirá-la atrás de moedinhas, quando os pelos da minha nuca começaram a se arrepiar. Virei cuidadosamente a cabeça para a esquerda e vi que ele estava me encarando diretamente, parado como um tigre, com um imenso sorriso no rosto.

Ada estava certa, pensei. Ele é mesmo o Demônio.

Mesmo que a ideia arrepiasse até os meus ossos, fiz uma cara de “posso não?” e a ignorei como se não fosse nada, como se eu estivesse acostumada com gente sorrindo para mim sem motivo.

— Você compraria um café para mim também? — Ele perguntou, sua voz pouquinho mais animada do que antes.

Eu assenti, murmurei “claro” e saí do suv. Como ele sabia o que eu estava pensando eu não sei. Coincidência, acho.

Sob as tenebrosas luzes da loja de conveniência, eu me senti melhor. Achei

um bom momento para mandar uma mensagem para minha mãe. Eu provavelmente receberia um “VOCÊ ESTÁ VIVA?” a qualquer minuto.

Fui ao caixa pagar pelos cafés e percebi que havia esquecido de perguntar a Dex o que ele queria, mas imaginei que ele era do tipo “café preto e puro”. Então o frentista da loja perguntou para onde eu estava indo.

— Vou apenas passar a noite em Rocky Point — eu disse.

Ele balançou a cabeça.

— Tem uma tempestade enorme chegando. Mau tempo em toda Oregon e Washington.

Ah, que maravilha. Esperava que não atrapalhasse nossa filmagem.

Eu agradei ao homem pelo café e saí da loja. Ele tinha certa razão; o céu para o momento estava mais escuro. Estremeci, mas consegui não derramar o café.

O frentista estava colocando combustível no tanque e jogando conversa fora com Dex, que olhou avidamente os cafés enquanto eu me aproximava. Ele deu um sorriso, com um palito de dente no canto da boca, sua língua remexendo-o rapidamente.

— Desculpe — eu disse entregando a ele o café —, não sabia o que você queria, mas só peguei um preto. Espero que esteja bom.

Ele arrancou o copo da minha mão. Nossos dedos se tocaram e ao rasparem soltaram uma faísca. Não era uma faísca normal, de eletricidade estática. Enquanto segurava o copo e o levava aos lábios, ele sequer pareceu notar. Parecia que um raio de energia havia passado do corpo dele para o meu, correndo pelo meu corpo, descendo pela minha espinha e me envolvendo num calor lascivo e turvo, enquanto eu estivesse enrolada em toalhas quentes recém-tiradas da secadora. Foi uma coisa absolutamente esquisitíssima, num dia já repleto de esquisitices.

Ele deu um gole satisfeito, com o palito ainda na boca. Seus olhos estavam suaves agora, redondos e sonolentos. Um sorriso se abriu no canto de seu rosto e parecia mais novo, até bonitinho.

Perigosamente bonitinho.

Ele me deu uma piscadela, e eu desviei abruptamente o olhar, voltando minha atenção ao céu, na esperança de disfarçar meu olhar descarado. Não deixava de sentir que ele pudesse me encarar descaradamente — como um psicopata, devo lembrar — enquanto eu tinha de ser discreta.

— O cara da loja disse que deve haver uma tempestade na costa hoje à noite — disse hesitante, como se Dex fosse decidir cancelar a viagem.

Ele assentiu e se encostou no carro.

— Ouvi isso de manhã. Eu não me preocuparia muito com isso, mocinha, vamos conseguir o que queremos. Fantasma não têm medo de um tempinho feio.

Eu balancei a cabeça. Eles não tinham medo de tempo feio, não. Mas me ocorreu que eles poderiam não aparecer, independentemente do tempo. É disso que eu tenho medo: levar Dex para o farol, com câmeras ligadas, e não encontrar nada.

— Você parece mais velha do que eu pensava — Dex disse. O palito mudou de lado.

— É? — Eu não tinha certeza se isso era um elogio ou não. Ninguém gosta de ou ser chamado de velho.

— Não é uma coisa ruim — ele disse lendo meu rosto. — Eu só achei que fosse...

Eu levantei minha sobrancelha. Então...?

— Alguém mais transparente — ele terminou a frase tomando mais um gole de café.

Ele jogou o copo vazio no lixo e limpou os lábios com as costas de uma mão.

Antes de eu ter chance de digerir o que ele disse (e de tentar entender como ele teve a coragem de tomar aquele maldito café tão depressa), uma voz aguda interrompeu meus pensamentos.

— Perry Palomino? — Alguém gritou atrás de mim.

Eu congelei, não reconheci a voz de cara, mas fiquei apreensiva por alguém saber meu nome.

Eu olhei receosa para Dex, que já estava olhando sobre meu ombro. Lentamente ele virei em direção à voz.

Uma menina de estatura mediana, com longos braços magros, uma cascata de cabelo de um vermelho tão radiante que não poderia ser coisa da Mãe Natureza e com um torneado de dar inveja estava olhando para mim boquiaberta. Levou um segundo reconhecer seu rosto, mas quando vi aqueles lábios rosados, nariz fininho e olhos esmeralda sombriamente emoldurados, eu soube quem era: Debbie Birmingham.

Olhar para ela dizia tudo — ela sempre foi a rainha do baile. Eu fiz faculdade com ela, estávamos no mesmo programa de publicidade. Apesar de o visual e o jeito de fazer e acontece combinarem mais com relações públicas; ela não era exatamente criativo. Debbie foi uma das minhas melhores amigas no início da faculdade, mas que perdemos contato depois do segundo ano. No fim das contas virou algo que quero dizer, éramos “amigas” no Facebook e tal, mas eu literalmente não a via há anos, o que já era um pouco desconcertante.

Mesmo assim, dei a Debbie meu sorriso mais animado.

— Ei, Debbie — eu disse tentando soar o mais confiante possível. Todos os sentimentos de inadequação por ser amiga dela voltaram como uma enxurrada.

Ela passou pela bomba de gasolina e me deu um desajeitado abraço com Dior e Pantene Pro-V.

Eu dei um risinho nervoso e dei um passo para trás. Ela me segurou pelos ombros e me olhou de cima a baixo como se eu fosse alguma roupa que ela fosse experimentar.

— Você está linda! Faz tanto tempo! — Ela berrou. Olhou Dex rapidamente com um vago interesse, então olhou de volta para mim. — Eu te vejo no Facebook de tempos em tempos, mas nunca conversamos de verdade. O que tem feito?

Eu realmente achei que o Dex iria voltar para o carro e nos dar um pouco de privacidade, mas depois de pagar o frentista ele cruzou os braços e continuou encostado no carro, como se também quisesse saber o que eu andei fazendo.

— Hum, você sabe — eu forcei um sorriso. — O mesmo de sempre.

— Ainda está fazendo aquelas aulas malucas lá? — Ela perguntou com um ar de no rosto. Não uma graça do tipo bacana, mas do tipo maternal.

— Não, meio que desisti — eu ri, esperando soar leve.

— Graças a Deus! As pessoas estavam começando a ficar com medo de você.

Olhei-a com cara de interrogação, mas ela continuou.

— Eu vi que você trabalha na Allingham e Associados! Sabe, eu quase fui contra lá para ser coordenadora de contas, mas recebi uma oferta melhor na Min. você faz lá?

Senti meu rosto arder. Meus olhos automaticamente foram ao chão; eu não olhar para ela, também não queria olhar para o Dex, e podia ver que os dois me olhavam com expectativa.

— Sou a coordenadora da mesa de acesso — murmurei.

— Ah — ela disse, soando surpresa. — Você quer dizer recepção?

— É.

— Ah, bom — ela disse, mostrando seus dentes de comercial de pasta de dando uma batidinha no meu ombro. — Tenho certeza de que vai encontrar qualquer dia. A economia está complicada agora, né?

Eu assenti e tentei pensar em algo esperto para dizer, mas travei.

— Você ainda fala com alguém da faculdade? — Ela perguntou, mexendo como se a banalidade de falar comigo já a estivesse entediando.

— Não, ninguém — respondi com sinceridade. Fui me sentindo mais despedido a cada segundo.

— Sério? Sabe, Adele, Steve, Ashley, — várias de nós estão vivendo no distrito de Portland, mesmo. Eu achava que você tinha contato com pelo menos algum grupo.

Eu balancei a cabeça, querendo que a conversa terminasse. Se ela era amiga,

como ela poderia achar isso? Ah, mas é claro, ela estava provando uma coisa que eu havia perdido contato com muita gente depois da faculdade. Não por propósito. Eu apenas me tornei gradualmente mais isolada no final do último ano. As poucas pessoas que Debbie mencionou eram bacanas para se divertir no começo, mas com uma sensação desconfortável sempre que estava perto, como se me decepcionassem com elas por pena ou sei lá. Depois de um tempo, o mais fácil foi me entocar sozinho no meu dormitório e passar as noites ouvindo música e fazendo estranhas esculturas de argila. Como qualquer pessoa normal.

Eu devo ter pensado nisso por mais tempo que percebi porque Debbie olhou para Dex e disse:

— Desculpe, não me apresentei. Sou Debbie. Fiz faculdade com a Perry em Eugene.

Ela esticou sua esguia mão, que Dex balançou educadamente.

— Dex — ele disse.

Quando ele puxou a mão de volta, abaixou o olhar e fez uma careta.

— Desculpe, acho que sujei sua mão toda de café.

Ela olhou, rapidamente esfregando a mão no jeans, tentando disfarçar o nojo.

— Então, há quanto tempo vocês namoram? — Ela perguntou.

Antes que Dex ou eu pudesse corrigi-la — não que eu quisesse, uma vez que eu sentia que ter alguém tão bonito como o Dex ao meu lado ao menos me compensava um pouquinho, ainda que tivesse maus hábitos para cumprimentar — outra pessoa chamou a atenção da Debbie.

Um cara grandalhão e corpulento saiu do posto com um engradado de cerveja debaixo do bíceps avantajado e parou ao lado dela com um olhar de experiência que parecia familiar, mas levou alguns segundos para identificá-lo. Achei que talvez fosse alguém com quem eu fiz faculdade, uma vez que ele aparentemente estava lá com eles, mas no momento em que nossos olhos se cruzaram, eu o reconheci.

Patrick Morrison. Estudei com ele no colégio. Não éramos amigos, mas tínhamos

amigos em comum. Ele não era o cara mais popular na escola, tinha cabelo escuro e castanhos brilhantes e o mesmo gosto musical que eu. No ensino médio, música e divisor de águas, determinava grupos, e era a maneira como nos definíamos que esse cara bonitinho ia para os mesmos shows que eu era como um príncipe deuses, e eu ficava absolutamente impressionada com ele. Ele era em geral um cara comigo, mas como todos os caras na época, se pudesse não me diria nem me lembro de quando ele finalmente assinou meu livro de formandos; foi a droga mais feliz da minha vida. Bem patético se for pensar.

Lá ele estava, cinco anos depois, parado ao lado de Debbie Birmingham na de gasolina saindo de Portland.

— Caramba! — Ele disse apontando para mim. — Eu te conheço!

Eu rapidamente olhei para Dex. Suas sobrancelhas estavam levantadas, um sorriso despontava em seus lábios. Dava para ver que ele estava curtindo o encontrinho.

— É, oi — eu disse timidamente para Patrick.

Ele olhou para Debbie.

— Como vocês se conhecem?

Ela apontou para mim com menos entusiasmo do que antes.

— Ah, Perry e eu fizemos faculdade juntas. Eu devia ter me tocado que vocês foram para a mesma escola.

Ele assentiu, sorrindo para mim. Por um minuto eu me senti meio perdida com os olhos dele que mantinham o mesmo brilho dos velhos tempos. Às vezes e todo o drama da escola foi um exagero, todas as paixões nada a ver. Mas novamente, percebi que essa ainda não estava bem enterrada.

Eu até comecei a pensar que talvez o sorriso dele fosse bem mais generoso do que qualquer um que eu tivesse recebido antes. A ideia de que ele estava realmente feliz por me reconhecer passou pela minha cabeça, assim como o orgulho por ele ter me reconhecido.

Mas tudo foi por água abaixo quando ele abriu a boca novamente:

— Você era tão gorda! — Ele disse, e caiu na risada.

O comentário me retesou; senti o sangue correndo de volta para minhas bochechas.

Lá se foi. Num instante minha autoestima despencou com tudo (ela nunca pra cima, mesmo).

Eu tentei rir.

— Bem, eu perdi um pouco de peso.

Patrick continuou rindo.

— Quero dizer, você parece melhor agora, uau. Muito bem, Perry. Agora você não mais aquela gorduchinha que ficava me olhando o dia inteiro.

Ai, meu Deus, me mate. Sério... quem diz isso a alguém?

Eu o vi rindo e fiquei incrédula quando Debbie se juntou a ele. Não que conhecesse naquela época, mas percebi que ela achou isso engraçado. Aquela vaca me odiou.

— Vivendo e aprendendo! — Debbie deu um sorriso falso. — Mas, sério, ótima, Perry.

Patrick tirou o sorriso do rosto e deu um rápido olhar a Dex.

— Então, para onde estão indo?

— Para o litoral — eu disse rapidamente, antes que Dex pudesse dizer a que ele estivesse falando muito, mas se comesse a explicar o que estava fazendo, eu teria parecido ainda mais idiota.

— Nós também — Debbie sorriu maliciosamente. — Comemoração de aniversário de um ano em Cannon Beach. Vocês estão indo para um programinha romântico?

Eu abri a boca para dizer algo (ainda não sabia exatamente o que, mas provavelmente não seria a verdade), mas Dex foi mais rápido:

— Nada é mais romântico do que uma tempestade. — Ele piscou para eles.

Ok, eu não esperava que ele dissesse isso. De repente fiquei ruborizada de
Foi algo simples; ele não mentiu; apenas não os corrigiu, mas isso me fez sentir q
menos a minha fachada ainda estava ilesa.

Debbie nos deu um olhar de aprovação.

— Ah, verdade. Bem, bom te ver, Perry. Vê se não some.

Patrick disse mais ou menos a mesma coisa e os dois acenaram para nós
sincronizadamente.

Assim que entramos no suv do Dex, eu soltei o maior suspiro de alívio e bati min
cabeça no painel.

Dex deu um tapinha nas minhas costas.

— Você sobreviveu — ele disse com um sorrisinho. Eu olhei para ele, me
ao mesmo tempo constrangida e aliviada.

— Obrigada mesmo por... bem, não dizer a eles a verdade. Sobre nós. Quero diz
não há nada entre nós, mas você sabe — eu divaguei.

Ele deu de ombros e ligou o carro.

— Não se preocupe, mocinha. Você fica me devendo uma.

Eu me endireitei e apertei o cinto enquanto Dex saía com o carro pela estrada.

— Fico te devendo uma? — Perguntei com cuidado.

Ele apontou para o banco de trás.

— Isso é para você.

Eu me virei e olhei. Havia uma pilha de livros atrás de mim que não estavam lá a
Coloquei-os no colo e olhei-os. Eram da Biblioteca Pública de Seattle.

— O que é isso? — Eu disse.

— Livros, Perry, livros! A espinha dorsal da civilização. E nosso dever de casa.

E olhei com curiosidade. Famosos naufrágios de Oregon, Mistérios da costa Oregon, Folclore e mitos de Oregon no Século XX, Cidade de Xangai: A

Portland, Faróis da Costa Oeste, O livro dos fenômenos estranhos, de Charles Be... uma verdadeira coleção de tesouros da história sobrenatural local.

— Este é seu dever de casa? — Perguntei folheando-os.

Ele riu.

— Não, é seu dever de casa. Eu já li.

— Por que preciso ler isso?

— Porque sim — ele disse seriamente. Notei um leve brilho em seus olhos quando suas sobrancelhas se abaixaram.

— Ahhh, porque sim — tirei sarro dele. — É minha razão favorita!

A seriedade dos olhos dele desapareceu, e ele sorriu. Ele tinha um sorriso adorável quando o usava para o bem, e não para o mal.

— Você não pode simplesmente entrar nessa situação às cegas. Precisa conhecer o histórico, a história do local, se quer explorá-lo. Se entrarmos no farol e virmos um monte de sei lá e tal, não vai fazer nenhum sentido a não ser que saibamos como, e por quê. Está me entendendo?

— Sim — menti.

Ele também sabia que era mentira. Falou mais devagar.

— Se esse farol for mesmo assombrado, não vamos conseguir entender nada sem entendermos por que é assombrado. As coisas não acontecem sem motivo. Precisa conhecer a história para ser contada sobre esse lugar, e você só vai reconhecer se ler sobre o assunto, por isso os livros. Esse farol não é uma torre qualquer de madeira

Teve um nascimento, uma morte e muitos ritos de passagem entre eles.

— Bem, você parece já saber muito sobre isso, como o Velho Roddy e o que for, então por que não me conta?

Ele suspirou.

— Não sou eu o apresentador aqui, você é. E parece que você não acredita em nenhuma palavra do que eu digo.

— Não é verdade — eu disse.

Mas é claro que ele tinha razão.

— Apenas leia.

— Tudo isso?

Ele se esticou e abriu uma página com um Post-it colado nela:

— Marquei e sublinhei tudo que você precisa saber. Temos duas horas antes de chegarmos na casa do seu tio. Então leia!

CAPÍTULO OITO

O CARRO SEGUIU RONCANDO POR MAIS OU menos uma hora, passando por tristes trechos de fazendas que normalmente reluziam sob a luz do sol, mas agora tinham o clima pesado da morte se aproximando. Não estou tentando ser dramática; juro que parecia que o cenário tinha passado de saudável para o pior em decorrer de uma semana. Algumas árvores nem folhas tinham mais, apesar de eu jurar que sábado passado elas tinham. O vento que descia dos morros costeiros com o carro provavelmente ajudou no processo de remoção.

Eu estava aconchegada no banco, folheando distraidamente os livros que Dede me mandou ler. Não estava sendo muito bom. Eu não apenas ficava enjoada quando o veículo em movimento como sabia muito bem que estava num carro com um caráter um pouco estranho para mim.

Tentei não ficar olhando para ele, mas era difícil. Quanto mais tempo se passava naquele carro, mais hipnotizada pelo rosto dele eu ficava. Às vezes parecia

pálpebras macias levemente fechadas, o canto de sua boca larga se contraiu um pouco, como se ele estivesse prestes a contar alguma piada cretina. Às vezes ele possuía por uma chama interna. Seus olhos ficavam mais escuros, mais firmes, emoldurados por sombras profundas criadas por suas sobrancelhas taciturnas. Sua boca formava uma linha dura e firme e seu sorrisinho esperto desaparecia.

Ele fazia essa cara toda vez que eu lhe dirigia uma pergunta. Queria saber se em Seattle ele vivia, o que ele fazia para se divertir e se ele sempre quis ser cineasta.

As respostas? “Queen Anne”, “isso e aquilo”, e “não”. Seguido de: “isso aqui não pode ser lido sozinho” e um tapinha nos livros. Eu sentia como se fosse uma adolescente com o pai mandando fazer o dever de casa em vez de sair. Eu não escutava mais o Dex. De certa forma ele era mais intimidante.

Não preciso nem dizer que ele ficou aliviado quando finalmente avistamos o oceano. Seguimos em direção a Rocky Point e à casa do Al. O tempo na costa esquentava.

Uma forte arrebentação batia contra as praias. Árvores retorcidas desafiavam a fúria do vento batendo. A cidade de Cannon Beach parecia estar fechada. A estreita rota da 101 estava especialmente assustadora.

Chegamos à casa do tio Al logo depois do meio-dia. Os meninos estavam trabalhando, ou se metendo em encrencas, provavelmente, mas o tio Al estava lá para receber. Bem, a mim pelo menos.

— Perry — ele disse com os braços abertos. — De volta tão cedo?

Eu ri e dei um rápido abracinho nele. Fiquei aliviada por ele estar feliz em me ver. Ele estava sentindo como se este final de semana fosse um peso para ele.

— E este é o cineasta? — Al olhou para Dex parado a alguns passos de mim.

Dex assentiu e se aproximou. Esfregou a mão na calça antes de dar a Al um aperto de mão. Al ergueu a sobrancelha e puxou a mão de volta.

— Excelente cumprimento — Dex disse a ele seriamente. — Firme, e não como um bebê com água-viva. — Ele assentiu novamente para criar impacto.

— Ah, bem, que bom — Al me deu um olhar estranho. Eu sorri nervosa.

— Sim, tio Al, esse é o Dex, o cineasta da Shownet.

— Tio Al — Dex disse de maneira grave.

Al fez uma pausa e então perguntou:

— Vocês dois vão dormir aqui, certo?

Dex balançou a cabeça.

— Agradeço a oferta, senhor, mas reservei um hotel em Tillamook.

Al riu.

— O Mook? Ah, não queira ficar lá. É bom para comprar queijo, e só. Li fique com a gente esta noite.

Olhei para Dex. Não havia como negar — eu realmente esperava que ele dissesse

Dex sorriu educadamente, mas permaneceu firme.

— E eu insisto em não ficar. Tenho uma namorada preocupada em Seattle não está nada feliz de eu passar o final de semana aqui com sua sobrinha quase m idade.

Senti como se tivesse levado uma facada no estômago e começado a sangrar de todos os lados. Namorada? Não o tinha ouvido falar de namorada ainda. O Facebook dele não dizia nada também. Então me lembrei das fotos dele com os beldades ao redor de Jennifer Rodriguez. Será que era ela?

Olhei para Dex, com piercing na sobrancelha, as roupas escuras, as costeletas longas, o cabelo preto bagunçado, o final da tattoo que às vezes aparecia pela manga da camisa, o gosto por música alternativa e a personalidade irreverente. Ele não poderia ser por uma garota daquelas, poderia?

Mas até aí, o que eu esperava? O cara era cineasta e aparentemente compositor. Ele certamente sabia ser conquistador quando queria, e foi agraciado com belos genes. Fazia sentido ele namorar uma gostosona.

Eu me senti idiota. Nem sei por que, eu nem gostava mesmo do cara, mas

idiota mesmo assim. Como se meu inconsciente estivesse à espera para eu pescoço dele qualquer dia desses. Ridículo, como se afinal eu pudesse conseguir isso, ainda mais um cara dez anos mais velho do que eu. Ele tinha acabado de morrer e eu era quase menor de idade?

Respirei fundo e tentei deixar isso de lado. Não deveria ter me perturbado com algo tão claro que perturbou. A maioria das coisas que não perturbavam os outros também não me perturbava.

Enquanto minha cabeça e meu coração tinham uma pequena discussão, Dex jogavam conversa fora.

— Então, há uma chave que possamos usar para entrar? Queremos evitar o farol — Dex perguntou a Al. — Não que possa ser danificado, mas acho que o senhor Miyagi aqui arrombando nenhuma porta com chute. — Ele apontou o dedo na minha direção.

Eu sorri, torcendo para que ele não tenha percebido minha fragilidade momentânea.

— Sim, tem uma chave mestra que vocês podem usar — disse Al. — Agora, entrem para tomar um cafezinho. Já vou servir.

Ahhh, café. Isso seria bem-vindo, um café quentinho para me distrair.

— Eu agradeço — disse Dex —, mas temos de fazer umas tomadas teste para escurecer.

Droga.

Ele se virou para mim e apontou para o porta-malas do suv.

— Perry, preciso que você me ajude a pegar o equipamento.

Al suspirou e seguiu para dentro, decepcionado por perder a companhia para o café.

— Vou pegar a chave para vocês.

Eu me senti mal por ele. Tirando o final de semana passado, eu tinha sensação de que ele não recebia visitas com muita frequência. Meus pais sempre diziam que a mai

amigos dele eram os amigos da ex-mulher. Eu fiz uma nota mental para conversar com o tio Al mais tarde e perguntar sobre ele, em vez de sair correndo como eu faço.

Ele saiu novamente e deu a chave na minha mão. Seus gentis olhos preocupados olhavam profundamente os meus.

— Não fiquem fora por muito tempo. Vou pedir comida chinesa para todo hoje à noite.

Eu assenti e torci para que Dex aceitasse pelo menos isso. Dex deu a ele um rápido.

— Parece bom.

Dex foi para o carro e eu o segui, vendo seus quadris magros requebrando o cabelo escuro e grosso balançar na brisa.

Ele abriu o porta-malas e me entregou uma caixa alta de papelão.

— O que é isso? — Eu espiei por uma fresta.

— É só um rebatedor branco. Para luz.

Eu o tirei da caixa e agitei num círculo que ondulava ao vento. Mirei o rebatedor no rosto dele, iluminando as sombras sob seus olhos. Ele olhou para mim, sorrzinho sempre presente.

— Fiquei bonito? — Ele perguntou, enquanto desemaranhava alguns cabos.

Pensei desesperadamente em algo inteligente para dizer. Só consegui pensar droga. Como ele é bonito... Eu estava ferrada.

Ele tirou os olhos dos cabos com interesse, me incitando a dizer algo.

— Não — disse sem graça.

Ele riu e balançou a cabeça, voltando a atenção aos cabos.

— Estou decepcionado com você. Minha nossa, tinha certeza de que você finalm

me xingaria.

— Estava tentando — eu disse.

Aquele sorriso de novo. Fez algo esquisito no meu peito. Esquisito de um jeito bom e o que era esquisito de um jeito ruim. Meu cérebro retornou aos pensamentos da namorada dele. Desgraçada. Desgraçada ela e desgraçada eu por me importar.

Dex largou os cabos que agora estavam arrumadinhos e começou a mexer na câmara.

Sem olhar para mim, ele apontou para uma grande sacola de lona.

— Tripé. Mas não tire da sacola ainda; só coloque no ombro.

Tentei desajeitadamente colocar a alça no ombro. Era quase mais longa do que o corpo e ficava batendo no chão e no meu rosto. Dex assistiu a essa dança desconfortável fazendo eu me sentir ainda mais desastrada. Quando consegui controlar as pernas, ele levantou com um minúsculo microfone sem fio e ficou na minha frente.

— Merda, você é baixinha, hein? — Ele disse animado. Ele se abaixou e colocou o microfone no meu suéter. Seu rosto estava a poucos centímetros do meu rosto e eu não conseguia respirar. Observei a conta no piercing de sua sobrancelha; parecia uma obra de arte preta, com pequenos riscos cinzas e brancos. Meu coração foi parar na garganta e o calor começou a passar novamente pelo meu corpo.

Ridículo. Eu precisava sair dessa situação. Quanto antes.

— Você é baixinho — eu retruquei. — Para um homem.

Ele terminou de prender o microfone, mas manteve a cabeça no meu nível e continuou a olhar nos olhos. Por uma fração de segundo, me perguntei se ele ia me beijar ou não, mas como não ia, então me senti imediatamente sem graça. Engoli em seco. Ele manteve o olhar firme e fez uma cara maliciosa, como se gostasse de me deixar desconfortável.

Bem, eu não permitiria. Estreitei meus olhos para ele, quebrando o feitiço.

— Está olhando o quê?

Ele não desmontou, mas se endireitou e afastou o olhar.

— Ah, eu? Só estou vendo com o que vou trabalhar aqui — e tirou uma maior da sacola.

— E o que seria exatamente? — Eu perguntei, me aprumando contra uma vento.

— Acho que não vou descobrir tão cedo. — Ele pegou o rebatedor de luz e fechou porta-malas. — Vamos?

Eu assenti e caminhamos em direção à praia. Só quando eu estava alguns passos à frente dele soltei um longo suspiro, como se eu tivesse esquecido de respirar pelos últimos minutos.

*

Não fomos direto para o farol. Dex achou que seria melhor filmar alguns abertos onde era cênico.

Estava na praia de frente para ele, em direção ao norte. O farol estava em destaque no plano de fundo. Dex originalmente queria uma tomada do oceano batendo violentamente atrás de mim, mas a quantidade de respingos do mar estava danificando a lente. Não menciono que soprava meu cabelo para a frente. Levou segundos para ficar claro que não poderia ser uma boa apresentadora parecendo o Primo Itt.

O rebatedor de luz foi colocado em ângulo aos meus pés. Apoiei o All Star sobre o ombro para evitar que voasse longe, por sorte ele só estava me gravando da cintura para cima.

Afinal, minha bunda gorda não precisava aparecer no filme.

Dex montou o tripé por precaução, para manter a câmera parada contra o vento.

— Caramba, que bom que eu trouxe os microfones sem fio; senão o som ficaria muito ruim — ele grunhiu olhando a tela da câmera.

Ele agia ainda mais como um tirano quando estava com a câmera na frente do rosto.

Eu fazia o que ele mandava e tentava seguir o fluxo, mas podia ver a mente dele lá dentro e seus olhos buscando todas as possibilidades do espaço na frente dele. Parecia um cientista louco.

Ele mexia e remexia no foco, fazendo minúsculos ajustes e observando atentamente a tela. Eu não tinha certeza do que ele estava procurando ou para onde estava indo precisamente. Só torcia para que ele não tivesse dado zoom no meu nariz.

Suspirei e olhei para o oceano. Não sentia o familiar fluxo e refluxo de emoções que eu geralmente sentia quando ficava na praia. Hoje o oceano estava mais estressado e áspero e pronto para me levar embora. Enquanto as ondas voltavam, puxavam como dedos desesperados, tentando me alcançar.

— Fique aqui — Dex disse baixinho. — Não se mexa.

Tentei ficar onde estava, olhando o mar.

— No que estava pensando? — Ele perguntou interessado.

Eu queria me virar e olhar para ele.

— Nada.

— Você pensa demais.

— Se está dizendo... Já posso me mexer?

— Saco, faça o que quiser. O momento se perdeu.

Eu olhei para ele. Ele se endireitou e esticou os braços sobre a cabeça. Sua camiseta ergueu um pouco, deixando à mostra a barriga chapada com um fino rastro de pelos que desapareciam na barra de sua cueca. Afastei o olhar antes que ele me visse encarar.

— Desculpe — disse a ele. — Bem, e agora?

Ele suspirou longa e exageradamente, juntou as mãos e olhou para mim como havia feito no carro, através de mim. Estremeci. Tenho certeza de que foi por causa disso, não porque às vezes eu achava seus olhos inquietantes.

Seus olhos deixaram de olhar através de mim para olhar para mim. Ficaram consideravelmente relaxados. Ele virou a cabeça para o lado.

— Você trouxe alguma coisa mais quente para usar? Quer meu gorro?

Balancei a cabeça.

— Estou bem. Valeu.

Ele me olhou por alguns segundos, como se estivesse verificando se eu estava mentindo.

— Sou eu que estou te dando calafrios?

Dei uma risada nervosa. Normalmente eu teria dito qualquer coisa para a pessoa se sentir melhor, mas com Dex eu descobri que ser direta era a única alternativa.

— Bem, sim — disse encolhendo os ombros. — Para quem não é transparente como você disse, parece até que você consegue enxergar através de mim.

Ele sorriu.

— Aprecio sua honestidade, Perry Mason. Se eu continuar te dando calafrios, avise.

Eu me sentia melhor agora que tudo estava claro. Contudo, apesar de não ter problema em contar a ele que me perturbava de vez em quando, por nada no mundo que ele ficava cada vez mais bonito.

— Muito bem, vamos fazer uma tomada rápida aqui. — Ele acenou para a câmera. — Tire o cabelo do rosto e vire para a direita, por favor.

Eu me estiquei e juntei o que pude do cabelo. Fiz uma careta ao tocar minhas mechas, bagunçadas e embaraçadas com o vento e o sal. Ele sorriu para a câmera. Estava provavelmente rindo de mim. Olhei para a câmera.

Ele levantou o olhar.

— Quando eu disse que você não era transparente, falei sério. Tem muita coisa rolando aí dentro de você. — Deu uma batidinha na lateral da cabeça.

— Não temos todos? — Zombei. Eu me senti vagamente insultada. Só porque tinha vinte e dois, e não trinta e dois, não significava que eu não houvesse feito muita coisa. Dex afastou a atenção da câmera e me olhou direto nos olhos, demonstrando sinceridade.

— Desculpe — ele disse, sua voz baixa, quente e séria. — Não queria te deprecia forma alguma, tá?

Eu posso não ser transparente, mas ele era terrivelmente bom em ler meus pensamentos, ou pelo menos meu rosto.

Ele assentiu, aparentemente satisfeito com minha falta de resposta, e se vir câmara novamente.

— Vamos lá, se lembra do seu texto?

Diabos, texto? Quando o assunto do texto surgiu?

— Que texto?

— Eu não te dei um texto? — Ele coçou a cabeça.

— Não, Dex. Me deu um dever de casa de história, mas nenhum texto.

Ele pensou e deu de ombros.

— Dane-se. — Acenou para mim. — Invente algo.

— Sobre o quê?

— Sobre o farol, sobre o que poderemos vivenciar. Apresente o programa; nos uma história. Ação! — Ele apontou para mim.

Ah, Deus, isso era pior do que ser chamado à frente da classe quando você não fez lição de casa.

Eu pigarreei.

— Boa tarde. Bem vindo ao... — Parei. Eu de fato não sabia o nome do programa — Blogueira... Fantasma. O mistério de hoje gira em torno dos do... desse farol.

Eu apontei para o farol como uma daquelas gostosas cafonas que apresentam prêmios em programas de auditório. Minha mente estava girando freneticamente tentando encontrar ideias mais rápido do que eu podia falar.

— O Farol Rocky Point tem uma história interessante e sórdida — uma história que eu estava prestes a inventar —, ele foi construído na virada do século para aportar; porém, após apenas dez anos de serviço, começou a ter problemas me-

Pelo menos imaginaram que eram mecânicos, porque não importa o que tentassem continuava se apagando ao escurecer. Começaram boatos de que o farol era assombrado pois ficava invisível para os navios que passavam. Logo foi abandonado e o novo farol foi erguido num afloramento rochoso mais adiante na costa.

Apontei para a praia, torcendo para que Dex seguisse meu dedo e tirasse a pressão de mim por um momento. Eu não tinha ideia de que diabos eu estava falando e nem quanto tempo poderia continuar falando. Entretanto, a câmera ficou em minha mão e Dex me encontraram por um segundo e me encorajaram silenciosamente a con-

Eu respirei fundo...

— Porém, o horror e a tragédia também encontraram aquele farol. Na véspera do dia em que seria ativado, um navio mercante bateu nas rochas próximas ao farol à noite. O navio afundou, junto com dezesseis homens e duas mulheres que foram levados pelas ondas. Pelo menos é o que dizem os registros oficiais. Uma lenda diz que uma mulher ficou à deriva num pedaço de madeira até chegar à praia. Logo ali.

Olhei para trás, para a costa rochosa além do farol e do penhasco.

De repente, eu não podia respirar. A imensa pressão de espinhos gelados tomou meu corpo, e eu congelei no lugar.

Eu olhei perdida para o mar e de repente meu mundo escureceu.

Eu estava parada sob o farol, ondas quebravam nas minhas costas, e minha cabeça estava voltada para a vista acima. No penhasco estava o homem de preto, apontando direto para o mar e o céu enegrecidos. Atrás dele havia outra figura obscura perdida nas sombras.

A luz do farol se acendeu, e naquele instante de iluminação absoluta, pude ver outra figura. Era eu.

Era eu, parada lá, clara como o dia, lentamente buscando o ombro do homem de preto.

Senti dedos me agarrando.

Eu me virei e gritei.

Estava de volta à praia, à luz do dia. Dex estava parado ao meu lado com a mão firmada no meu ombro. Levei alguns segundos para conseguir parar de gritar e perceber que eu estava olhando.

Ele agarrou meu outro ombro.

— Perry. Perry, sou eu, Dex. Você está bem? O que houve?

Meus olhos passaram por seu rosto incapazes de focar. Ele apertou meus ombros e me puxou para mais perto dele. Teria sido bom, se eu não estivesse surtar caramba.

— Perry, olhe para mim. Olhe para mim. — Ele colocou seu rosto mais perto até não ter escolha senão focar aquelas órbitas castanhas dele. Eu podia ver que ele era assustado quanto eu. — Está aqui agora. Comigo. Está bem? Está tudo bem.

Eu assenti e respirei fundo. Ele não soltou meus ombros nem saiu de perto do meu rosto. Estudou implacavelmente meu semblante. Aquela marca de expressão está entalhada lá, eu pensei vagamente.

— O que houve? Você se virou e congelou. Ficou completamente branca. Eu fiquei chamando sem parar. Não conseguia me ouvir?

Balançando a cabeça, eu disse a ele que não conseguia ouvir nada.

— Eu não estava mais aqui. Estava em outro lugar.

— Onde?

Eu afastei o olhar.

— Não sei. Em lugar nenhum. Acho que eu estava sonhando.

— Para onde foi? O que viu? — Ele me balançou levemente. Isso me fez lembrar algo. Eu me perguntei se ele já havia visto Um corpo que caiu do Hípercoi estava dando uma de Jimmy Stewart comigo.

Eu me afastei dele e caminhei alguns passos em direção ao oceano, conscientes dos espumosos das ondas, mas precisava de espaço para respirar.

— Melhor a gente voltar — Dex disse e se virou para pegar seu equipamento.

— Não! — Eu gritei, surpreendendo a mim mesma. E o surpreendendo também.

Desculpe, mas não. Vamos para o farol, planejar as tomadas para a noite e com isso — eu disse através dos dentes cerrados.

Eu não ia deixar a operação toda ir abaixo porque eu estava tendo um sentido. Eu não ia deixar minha imaginação, porque só poderia ser minha tomar conta de mim.

— Perry, não sei o que aconteceu com você, ou para onde você foi, mas vergonha em dar isso por encerrado. — Ele olhou sério para mim e também ansioso, imagino que do mesmo jeito que eu ficava quando lidava com Ac. A coisa de que eu precisava ou que queria era que ele ficasse preocupado comigo.

— Não foi nada, Dex. Foi só um devaneio, tá bom? Vamos nessa.

— Eu me sinto responsável por você.

— Por quê? Por ter me chamado e tipo — comecei a imitar sua voz grave com minha mão — “ah, olá, garotinha, você gosta de filmes de terror? Então possamos fazer um filme de terror juntos; talvez eu possa ganhar uns trocados com

Espero que você goste de ler livros de história por livre e espontânea pressão”.

— Foi uma péssima imitação — ele comentou. — E só para esclarecer as coisas, estamos fazendo dinheiro aqui. Acha que estou ganhando grana com isso? combustível, pago meu quarto de hotel e esse equipamento aqui é todo meu. Eu pode ficar rica com a internet só porque teve alguns acessos no seu blog? Não é a mesma coisa. Você faz isso porque você quer fazer isso ou porque você não tem escolha, Perry.

Fiquei envergonhada com essa resposta, mas fiz uma expressão presunçosa.

— E minha escolha é continuar. Agora, eu posso me filmar sozinha se você prefe

ir embora.

Dex sorriu, mas não era um sorriso feliz, e balançou a cabeça.

— Ei, não vou a lugar nenhum. Percebi que você ficou insegura com tudo isso de o começo, e estou te dando uma saída.

— Bem, desculpe se eu pareci hesitante. — Revirei os olhos.

Ele tinha alguma ideia de como era estar no meu lugar? Eu me considero uma pessoa bem fácil de lidar, mas tudo tem limite. Dois dias atrás eu estava aproveitando o ter escrito meu blog. Agora, eu estava de volta ao farol com alguém que eu mal conhecia, e quem eu estava cada vez mais convencida de que era levemente desequilibrado, para a coisa toda — de novo — esperando que virasse algo que o mundo todo visse. A estava assimilando tudo o mais depressa que podia.

— Está bem. — Dex terminou de guardar o tripé na sacola e a entregou a mim. E estendeu a mão. — Amigos?

Equilibrei o tripé no ombro e estendi lentamente minha mão. Eu não tinha certeza se Dex era meu amigo ou não; eu não tinha certeza de que podia confiar nele. Mas havia algo que me compelia a ser parte da vida dele, de alguma maneira, mesmo que fosse por dois dias nessa selvagem Costa Oeste.

Ugh, eu estava ferrada.

— Amigos — eu disse, e sorri timidamente.

Apertei sua mão. Estava quente e senti novamente uma onda de energia passar por mim, criando arrepios internos. Fiz força com os dedos para corresponder com firmeza.

Tudo pareceu desacelerar. As ondas estavam abafadas; o vento bagunçava meu cabelo num estupor nebuloso. Na minha cabeça, eu podia me ver dando um aperto de mão com ele, nessa praia, me comprometendo com... alguma coisa.

*

Estou feliz em relatar que o resto da excursão ao farol aconteceu sem maiores complicações. Consegui afastar o medo da cabeça, não me deixando pensar

sonhos e o que eles poderiam significar. Era difícil, especialmente quando pontadinhas de terror enraizadas em alguma lembrança turva, rastejando por cada canto. Eu me dizia que não era nada além de um déjà vu por ter es

semana antes.

Mesmo estando claro do lado de fora, o farol ainda era sinistro pra caramba.] até mais, considerando que você podia ver cada linha decrepita e teia de aranha ci detalhes.

O tio Al havia pregado novamente a placa que eu havia chutado, mas por estava inclinado a um modo mais racional de entrar no farol, com a chave mestra.

A fechadura se destrancou com um som gratificante. Já a porta precisou d dois vigorosos empurrões de Dex, mas abriu com um rangido bem dramático que pelo cômodo. Dex entrou e olhou ao redor. Eu permaneci lá fora.

— Não vai entrar? — Ele perguntou. — Prefere ficar aí fora enquanto eu olhada?

O ar que vinha do cômodo era velho, como se nada ali tivesse respirado por cente de anos. Estava escuro como carvão, e eu só podia enxergar um leve cont mesa. Mas ficar lá fora também não parecia muito seguro.

Eu balancei a cabeça. Entrei timidamente e tossi com o ar pesado. Dex er ainda mais a porta para permitir que mais luz entrasse.

— Imagino que você não teria uma lanterna por aí, certo? — Ele perguntou.

— Serve o iPhone? — Eu mostrei para ele.

Ele abanou a cabeça e olhou para o canto mais distante da sala, forçando a vista.

— Só vou forçar a porta ali e ver se funciona. Não quero nenhuma surpr

noite.

Eu o vi desaparecer na sombria neblina de partículas suspensas de poeira. redor do cômodo, inspecionando. A mesa era feita de carvalho (ou de algu robusta) e se sustentava em pernas grossas, esculpidas. Comparei- a brevemente ao meu corpo. Ela estava coberta por uma boa camada de uma gosma escura. As paredes

nuas e acinzentadas, salvo por algumas pinturas náuticas a óleo que ainda penduradas, deslocadas. Uma pilha de cadeiras e um armário estavam num canto um fogão enferrujado na parede.

Ouvi Dex lutando com o cadeado na escuridão.

— Então, me diga — sua voz ecoou. — Onde você leu sobre as duas m estavam a bordo do navio que afundou?

Eu tremi e afastei os pensamentos da cabeça.

— Inventei. Podemos não falar sobre isso aqui, por favor?

Ele fez uma pausa na escuridão por vários segundos e enfim concordou.

— Tá.

A chave voltou a chacoalhar.

— Isso!

Ouvi a porta rangendo enquanto abria.

— Ótimo. Podemos sair daqui agora? — Eu perguntei. Quanto mais eu fic vendo minha sombra dançar na poeira ao meu redor, mais meus olhos começavam pregar peças.

— Não quer verificar o segundo andar? — Ouvi sua voz mais abafada, co estivesse fora do cômodo, na escadaria do hall.

Eu podia ver na minha mente. Os traços de algas nas escadas. Queria avis lo para não subir, para tomar cuidado com cada passo. Em vez disso, fugi do pré iluminado e uivante vento do lado de fora.

Olhei para o céu, de olhos bem abertos, e enchi o peito com o começo da noite.

— Desculpe.

Pulei de susto e olhei para Dex, que havia saído do prédio.

— Não precisamos subir até mais tarde, de qualquer forma. Apesar de eu achar q
haverá acontecimentos suficientemente interessantes lá embaixo. — Ele se virou
a porta atrás de si.

Eu não queria nem começar a pensar que “acontecimentos” poderiam ser esses.

CAPÍTULO NOVE

APESAR DO FATO DE QUE AINDA IRÍAMOS voltar ao farol mais tard
naquela noite, eu fiquei extremamente feliz (e aliviada) quando voltamos p
aquecida e aconchegante e encontramos os gêmeos jogando videogame e uma bel
de comida chinesa na mesa da cozinha.

— Bem na hora! — Tio Al exclamou quando passamos pela porta. — Po
sentem-
se, vocês devem estar com fome. Estão pálidos como... fantasmas! — Disse danc
risada.

Dei um sorriso amarelo e me joguei numa cadeira.

— Meninos! — Al gritou na sala, sua voz retumbante. — Larguem esse r
videogame e venham comer!

Ouvi os gêmeos resmungando da outra sala, e em seguida eles apareceram
olhos avermelhados como se tivessem acabado de acordar de um cochilo ou de um
gráfico induzido.

— Ei, prima — Matt bateu nas minhas costas. Olhou para Dex e de novo para mi

— Esse é um dos fantasmas que você achou no farol? — Ele trocou um
com seu irmão.

Eu levantei minhas mãos sarcasticamente em derrota.

— Rá-rá. Esse é o Dex. Dex, esses são meus primos, Matt e Tony.

Dex deu a eles uma casual continência e um aceno de cabeça.

— Eu ia perguntar qual é o gêmeo malvado, mas provavelmente vocês do

Certo?

Matt e Tony trocaram um olhar preocupado, mas sorriram quando perceberam que Dex estava brincando.

Tony riu e olhou para mim.

— Onde achou o piadista?

— Putz, foi no farol — Dex brincou.

— Meninos, sentem-

se e calem a boca! — Mandou Al, jogando pratos de papel pela mesa à nossa frente e mantendo olhos em Dex e nos gêmeos. Eu percebi que ele já sabia até que ponto os filhos podiam brincar com Dex. Algo me dizia que ele já estava naquela situação semelhante antes. Os gêmeos eram um pouco volúveis de vez em quando, mas também não conhecia Dex bem o suficiente (ou praticamente nada) para se preocupar com ele. “Espere o inesperado” parecia ser seu lema.

Os meninos se sentaram obedientemente e começaram a colocar montanhas de comida em seu prato.

— Meninos! — Al gritou novamente. — Os convidados primeiro.

Ele lançou um olhar de desculpas para Dex e para mim.

— Não se preocupe, tio Al — Dex disse. Eu não pude evitar o sorriso por causa da escolha de palavras. — De onde eu vim, é costume os convidados comermem primeiro.

Sabe, como a leoa, que come antes de alimentar seus filhotes.

— E de onde você veio?

— Seattle — Dex respondeu.

Al riu.

— Então lembre-me de nunca comer na sua casa!

— Ah, você não sabe o que está perdendo. Minha namorada é uma cozinheira incrível e a cozinha está sempre cheia. — Ele se encostou na cadeira, com um sorriso presunçoso. Sei que ele estava brincando, mas não pude evitar o sorriso também.

brilhavam bastante. Eu não gostava de quanto ele parecia mais relaxado, n quando a mencionava.

— Namorada? — Matt perguntou e olhou para mim desconfiado, enquanto passava uma caixinha de porco agriçoce. Dei a ele um olhar, demonstrando estava nada interessada em Dex. — Ela é gostosa?

— Ah, pfff — eu o censurei. — Não interessa!

Dex olhou para mim surpreso.

— Claro que interessa. — Ele olhou para os meninos e para Al. — Para informação, ela é, sim.

Ah, pelo amor de Deus. Por favor, não me diga que é a Jennifer.

— Gostosa quanto? — Tony o provocou.

Dex tirou a carteira do bolso de trás e tirou uma foto do tamanho de foto de passaporte. Ele passou pela mesa para Tony, que dividiu com Matt. Eu não consegui ver de onde eu estava.

Os olhos de Tony e Matt se arregalaram. Até Al olhou e soltou um assobiozinho.

— Sério? Esta é sua namorada? — Matt perguntou incrédulo.

— Ou isso ou alguma gostosa aleatória que eu estava catando numa cabine

Saio em vantagem mesmo assim. — Dex sorriu, e pela primeira vez eu não fiquei encantada com seu sorriso. Eu me senti rebaixada. Mais baixa do que uma caverna numa caverna bem funda. Prontamente me ocupei de me entupir de comida.

— Ela parece bem familiar — Tony refletiu.

— Bem, ela saiu na revista Maxim — Dex anunciou.

Eu engasguei com um pedaço de porco ao mesmo tempo em que os gêmeos gritaram.

— Maxim?!

Comecei a tossir, meu rosto foi ficando vermelho. Todo mundo se virou para mim.

— Está bem, Perry? — Al perguntou, prestes a se levantar.

Eu assenti freneticamente e acenei para ele se sentar de volta. Era só o que me fal

Os meninos voltaram sua atenção para a foto, mas pelo canto do olho eu que Dex estava me olhando. Eu me recusei a olhar para ele.

— Por que ela estava na Maxim? Ela é famosa? — Tony perguntou.

— Já viu Gatas do Vinho? Passa no site Shownet, mas também é bastante YouTube. — Dex ainda olhava para mim enquanto dizia isso.

— Não brinca! — Matt gritou. — Adoro esse programa! Quero dizer, já assisti. E uma das gatas.

— É aquele vídeo das meninas que recomendam qual hambúrguer do McI combina melhor com determinado vinho? — Al perguntou. Eu olhei para e

Ele me deu um olhar de explicação. — Nem sei mexer direito na internet, mas já

Dex voltou sua atenção ao Al (graças a Deus).

— Já viu? Que demais! Bom saber que a audiência demográfica está se a

Sim, é minha namorada, Jennifer Rodriguez. Eu sou o cameraman do prog compositor.

— Ela é sua namorada? Então que diabos está fazendo com ela? — Tony disse uma cara enojada e obviamente se referindo a mim.

— Ei! — Eu exclamei indignada.

Dex riu.

— Negócios. Preciso fazer o que o chefe manda!

Minha boca caiu. Negócios? Chefe? Esse maldito programa foi ideia dele,

Desculpe a boca suja. Aquele mentiroso nojento!

Agora era Dex quem ignorava meu olhar descarado. Cara, se olhar matasse, eu estaria tentando cometer um triplo homicídio, contando com o meu.

Al me chutou embaixo da mesa. Virei a cabeça para ele, e ele me deu um olhar preocupado. Tenho certeza de que ele achou que eu estava prestes a perder a cabeça bastante conhecida por surtar com meus pais — meu temperamento não é comedido —, então acho que ele pensou que eu faria o mesmo com Dex. Provavelmente ficou um pouco inseguro sobre como lidar com a ira feminina de qualquer forma, ainda que Dex e os meninos não notassem o meu rosto virado para ranger de dentes, o tio Al com certeza notou.

Eu respirei lentamente, me recompos e comecei a enfiar mais comida na boca. De repente eu não fazia ideia de qual era a verdade. Dex estava lá porque ele queria me contar o quê? Isso era mentira ou a mentira era tudo o que ele havia me dito antes?

Eu estava tão puta da cara.

— Uau! — Tony disse e passou a foto de volta para Dex. Fiquei feliz de ele não ter mostrado a foto para mim,

O resto do jantar foi fácil — para eles. Eu fiquei apenas me censurando por estar atraído por Dex e até chegar a pensar que ele poderia se atrair por mim. Nunca cheguei a de fato pensar isso, mas acho que inconscientemente devo

porque estava me sentindo tão idiota e frustrada por causa da “namorada gostosa”.

Por fora, porém, eu levei numa boa. Ri das piadas idiotas do tio Al e fiquei interessada nos jogos de videogame que Dex e os gêmeos discutiam. Fugimos para o quarto visual com Dex para evitar que seus olhos curiosos captassem algo. Eu não sabia de que ele perceberia como eu me sentia por dentro; e para o bem do meu coração, eu preferia que ele achasse que eu sou uma vaca antissocial a deixá-lo saber a verdade.

Quando o jantar acabou e os gêmeos convenceram Dex a ver algumas partidas de algum jogo tosco de zumbi que eles estavam jogando, eu fui até o gabinete de beladonna do tio Al na cozinha.

Al me olhava atentamente enquanto jogava os pratos de papel no lixo.

— Posso preparar algo para você, Perry — ele ofereceu com doçura. Percebi que estava pisando em ovos.

Peguei uma garrafa de vodca. Ah, a companheira vodca.

— Não, tudo bem. Eu só preciso de algum suco.

Ele abriu a geladeira e me passou uma caixa de um suco de laranja encovado. Ele viu preparando a bebida. Eu estava ficando cansada de gente me observando o dia todo.

— É um sujeito interessante — ele disse baixinho.

Eu dei um lento gole no drinque. Estava bem forte. Eu não estava acostumada.

— Só tome cuidado — ele disse, olhando para a sala. — Sei que você é uma mulher crescida agora, mas ainda é minha sobrinha; e seus pais me matariam se eu machucasse.

— Vou ficar bem. Eu sei me defender, lembra? Joelhada? — Eu brinquei com o movimento de chute com minha perna direita.

Tio Al sorriu.

— Ah, eu lembro, Perry. Assisti a suas apresentações de caratê. Mas você entende o que eu quero dizer. Esse cara é bem mais velho do que você e tem interesse em você.

Divirta-se.

Aproveite o momento. Eu realmente espero que você tire algum proveito disso. Mas cuide do coração, tá, bella?

Dei um olhar cansado para Al.

— Coração? Ah, deixa disso, tio Al. Acabei de conhecer esse cara. Os homens são a última coisa em que quero pensar no momento, especialmente um do tipo que eu tenho dificuldade em lidar comigo mesma, imagine ter de lidar com a cabra de alguém.

Ele deu uma risadinha e assentiu.

— Eu sei, mas que tipo de tio eu seria se eu não tentasse proteger a pequena Perry?

Ele pegou o telefone e passou para mim.

— Aliás, ligue para sua mãe. Ela telefonou algumas vezes antes do jantar. Não quer dizer até você botar comida no corpo.

Eu suspirei ranzinza e peguei o telefone.

*

Quando terminei de falar com minha mãe, estava indescritivelmente exausta, pressionei-me a jogar no sofá sem pensar em nada e assistir aos gêmeos jogando, quando um estrondo explodiu e por um segundo a casa toda sacudiu. A porta da cozinha fazendo os pratos de papel que restavam na mesa voar.

— O que foi isso?! — Eu gritei. Torcia para que não fosse o começo de terremoto, uma vez que estávamos em área sujeita a tsunamis.

Dex deu um pulo. As janelas começaram a chacoalhar, e Al correu de seu escritório para a porta da cozinha.

— Acho que agora a tempestade está começando para valer! — Ele gritou.

Ele foi fechar a porta, mas Dex passou correndo por ele e saiu para a noite sem a tempestade.

— Ei! — Al gritou atrás dele. — Cuidado!

Adoro tempestades. Corri atrás de Dex. Al tentou me segurar, mas eu o driblei.

— Perry — ele chamou, mas os gêmeos também me seguiram, e Al ficou em desvantagem.

Eu me virei e o vi fechar a porta, nos espiando pela janela.

O tempo estava absolutamente selvagem; as rajadas de vento vinham tão fortes e diretas que às vezes era difícil ficar de pé. Ainda não estava chovendo, mas pesado, como se estivesse prestes a despencar a qualquer minuto. O rugido das trovões sacudia o céu e o chão. Esperamos, espalhados na grama escura, com a cabeça na direção ao oceano e segurando o fôlego para que os raios aparecessem. Alguns segundos depois (nove segundos, para ser exata) rajadas de relâmpagos surgiram das

pesadas até as ondas revoltas no horizonte.

Foi durante o flash de um raio que eu vi algo que nunca havia visto antes. Ao longe havia uma ilha solitária, com a silhueta de uma bigorna. No topo daquele morro havia um farol que parecia ser outro farol.

Igual àquele que eu havia inventado.

Congelei, mantendo meus olhos naquele ponto mesmo quando os relâmpagos cessaram e minha visão encontrou apenas o escuro.

Enquanto os meninos faziam ruídos impressionados com a demonstração da Natureza, eu esperei pelo próximo raio para que pudesse ter uma vista mais estranha que eu nunca houvesse visto aquele farol antes, e ainda mais estranho falado sobre ele mais cedo. Talvez eu tenha visto através da neblina e não reconhecido conscientemente. Talvez eu tivesse lido sobre ele nos livros de prestar atenção.

Trovões sacudiram o ar com mais força do que antes; a vibração sacudiu ao redor meu crânio como bolas numa máquina de lavar. Eu comecei a contar, e não caíu.

Desta vez ele se ramificou em feixes que se bifurcavam, alguns de lado, em direção ao farol fora da praia, que agora estava claramente iluminado. Não havia nada que estava lá.

— O Farol Tillamook — Dex disse. Eu olhei para o lado. Ele estava à minha direita e eu nem havia notado. As maçãs de seu rosto pareciam sombras obsidianas trêmula da entrada da casa. Eu não conseguia ver seus olhos, mas conseguia senti-los. Ele estava olhando para mim, e não para o show de raios.

— É como a história que você inventou — ele disse sem empolgação. — Precisa fazer isso. Agora.

Assim que disse isso, outra rajada de vento forte me balançou e um trovão rugiu, muito mais perto. Era definitivamente um sinal de Deus para não seguirmos, mas Dex já havia se virado correndo de volta para a casa.

— Coloque roupas e sapatos mais apropriados — ele gritou sobre o ombro.

— Vocês são loucos — Tony disse quando passou por mim. Matt me deu empurrão para que eu seguisse com eles. Ele se inclinou.

— Concordo— ele disse. — Tome cuidado.

Essa era provavelmente a primeira vez que vi meus primos agindo remotamente como irmãos comigo. Acho que de todos os momentos em que eles poderiam ter escolhido para começar a agir assim, escolheram o pior deles.

*

Dex e eu seguíamos novamente pela praia em direção ao farol. Agora, porém, era um milhão de vezes diferentes do que havia sido à tarde.

Para começar, tínhamos menos da metade do equipamento. O tripé, o equipamento de som e as luzes ficaram para trás. Dex estava com sua câmera no ombro, e era impossível

Além de tudo, estávamos cercados pela completa escuridão. A lua permanecia sepultada em algum lugar daquele céu conturbado, e a única luz que tínhamos vir eram relâmpagos que se moviam para o norte e em direção à terra. Relâmpagos exatamente a luz mais agradável para o caminho, especialmente quando os relâmpagos estavam ficando mais fracos e espaçados.

Para melhorar, estávamos no meio de uma tempestade cada vez mais violenta. A chuva estava começando a cair esporadicamente, apesar de termos sido pouco afetados pelo impacto de uma total enxurrada até então. As rajadas de vento vinham mais fortes e furiosas a cada minuto, parecia que a praia toda estava sendo jogada no meu cabelo. Não vou mencionar o número de vezes que me derrubou na areia, e eu não sou levinha.

Por sorte, nas primeiras vezes que meus coturnos não conseguiram me sustentar nas dunas escorregadias, Dex estava lá para puxar meu braço e me ajudar. A minha iPhone era completamente inútil nesse momento, então tive de guardá-la no bolso para evitar que a areia ficasse depositada nele para sempre.

Dex ainda tinha uma lanterna que havia pegado emprestado do Al. Era pequena e não iria durar muito, mas ainda era uma fonte de luz. Havia a luz da câmera também, seria o último recurso. Considerando que Dex disse que ele mesmo pagou pelo equipamento, não ficaria surpresa se ele não sacasse a câmera até estarmos no farol e a salvo de adversidades.

Segundos após afastar a mão de Dex no escuro (ele estava me ajudando a ficar de não seja pervertido), perdi novamente o equilíbrio. O vento uivava ao meu lado, e da minha bota se enroscou no mato espalhado pelas dunas.

Eu caí para a frente em câmera lenta e meti o rosto na areia. Não doeu, sentir uma idiota.

Respirei areia por alguns momentos e me virei no chão de bunda. Minha visão ficou negra... Até minha jaqueta amarela, escolhida justamente por ser clara e capaz de a atenção estava turva, cinza e granulosa.

Eu esperava que Dex me desse a mão a qualquer momento, mas não conseguia se lo perto de mim.

— Dex? — Disse hesitantemente. Minha voz era quase inaudível ao vento. Meu o voava na minha boca, com gosto de peixe velho.

— Dex! — Gritei mais alto.

Escutei atentamente, prendendo o fôlego, mas só conseguia ouvir o vento uivando leve bater das ondas carregado por ele.

Com muito cuidado, fiquei de pé, me mantendo o mais próximo possível o

Era tão desorientador estar no escuro sem a menor ideia do que era leste onde o farol estava, de onde a casa estava, ou de onde Dex estava. Na verdade, qu eu pensava nisso, mais entrava em pânico.

Um relâmpago estourou novamente ao longe. Não era o suficiente para iluminar r perto de mim, mas pelo menos eu podia deduzir para onde ficava o norte virada para lá.

Eu me virei, sabendo que tinha de ir para o sul e subir um pequeno morr chegar ao farol. Era onde Dex devia estar. Ele estava com a lanterna, afinal de coi

E eu tinha meu celular. Tirei-o do bolso e acionei o aplicativo da lanterna. A não ser que a luz estivesse a menos de meio metro de distância, eu não podia ver porra ne

Passo vacilante após passo vacilante, segui em frente, esporadicamente chamando Dex, até meu pé deixar a areia instável e chegar a um lugar duro, firme e inclinado como se estivesse subindo a mesma área que subi na semana anterior.

Eu me arrastei pela encosta, agarrando a grama molhada e as pedras soltas finalmente estar no topo do penhasco. Eu parei para arrumar fôlego, então passinhos rápidos caso eu ficasse cansada e acabasse dando um passo errado demais da beirada.

E agora? Graças a Deus o chão era regular, mas eu estava extremamente cega. Me achando que meus olhos se acostuariam à escuridão, o máximo que eu conseguia enxergar era minha mão à frente do rosto.

— Dex! Por favor, cadê você? — Eu gritei. Não queria soar em pânico, mas como se fosse ter um enorme ataque de pânico se não o encontrasse logo, ou o faria algum sinal de humanidade.

Fechei os olhos por dez segundos e contei. Esperava que quando os abrisse a visão noturna estivesse um pouco melhor. O mais assustador, apesar da proximidade das minhas pálpebras forneciam contra o vento secante, era que não fazia muita diferença estar de olhos abertos ou fechados.

Quando cheguei ao zero, abri lentamente os olhos e rezei para que eles tivessem se ajustado ao escuro. Nada. Tudo parecia igual.

Só que...

Havia uma luz. Juro que havia. A não ser que meus olhos estivessem pregando uma peça em mim.

Eu forcei a vista, sem ter muita certeza para qual direção. Ao longe havia um caloroso que piscava rapidamente.

Comecei a seguir desajeitadamente em direção a essa luz. Minhas pernas davam passos cuidadosos enquanto meus braços tateavam à frente, caso eu batesse em alguém.

Afastei da cabeça os pensamentos assustadores e mantive os olhos focados na luz.

Quanto mais eu andava, mais perto a luz se tornava, até eu ter certeza de

tipo de fogueira.

Quem acenderia uma fogueira com um tempo desses? Eu não sabia. Talvez fosse tentando atrair minha atenção.

Eu estava perto agora. O chão se transformou em um caminho coberto por

Senti pingos nos meus ombros e notei que o vento havia diminuído. Ainda constantemente, mas de certa forma canalizado. Eu estava na floresta. Não lugar, mas a luz estava a poucos metros de distância.

Eu não conseguia distinguir até eu estar bem na frente. Não era uma fogueira, era uma lanterna pendurada no galho de uma árvore morta. A lâmpada iluminava os troncos próximos e deixava o resto da mata numa sombra sinistra.

Era diferente de tudo que eu já havia visto na vida real. Parecia exatamente um lampião a óleo de um livro de história.

Eu o tirei do galho e segurei-o sobre os olhos doloridos. O vidro era alto e em forma de uma chaminé. O lampião era velho, manchado e queimado em alguns

Sua base era pesada e feita de metal, com uma pequena manivela ajustável. A chama era de um amarelo claro vivo. Não pareceria deslocado se estivesse num castelo gótico, mas aqui, numa floresta ao lado da praia, não combinava.

Crac.

Um galho se quebrou atrás de mim. Eu me virei, pronta para jogar o lampião e fedorento no rosto de alguém. Contudo, não havia ninguém ali. Apontei a luz na direção do ruído, mas só vi a escuridão profunda.

Senti o imenso desconhecido atrás de mim. Eu me virei para o outro lado. Não havia escutado nada, mas estava com aquela sensação de quando estamos vendo um filme de terror e a pessoa entra numa sala escura sem verificar os cantos ou atrás das portas. Você sabe que no instante em que se concentra demais no que está à frente, algo vem correndo por trás.

Dizer que eu estava aterrorizada era pouco. Minhas pernas e meus braços formigando com um quadro frenético de arrepios. Minha respiração ficava

cada segundo. Eu não queria mais ficar na floresta, mas a planície aberta rugindo não pareciam uma grande alternativa.

A única coisa que eu podia imaginar era que esse caminho no bosque era, verdade, uma estrada. Eu me abaixei e examinei as folhas. Havia leves marcas de lama em algumas partes, e o caminho era largo o suficiente para um carro passar.

Talvez se eu seguisse o rastro para longe da praia, chegasse a uma estrada ou ainda melhor, uma casa. Então poderia chamar meu tio e pedir que ele me bus

Quem eu estava tentando enganar? Por que eu não ligava para meu tio agora mes

Ansiosa, coloquei cuidadosamente o lampião de volta no galho da árvore e peguei meu telefone. Eu poderia ligar explicando o que havia acontecido e onde eu estava e tudo ficaria bem.

Mas havia Dex. Eu provavelmente deveria esperar e ver se conseguiria encontrá-lo.

Melhor ainda, eu podia ligar para ele também.

Liguei para o número de Dex e coloquei o celular na orelha.

Tocou duas vezes, depois um clique.

— Quem é?

Meu sangue esfriou. A voz era de uma mulher. Soava como Ingrid Bergman velha.

— Alô? O... Dex... Declan Foray está? — Eu perguntei com o coração na boca.

— Não. Não está — a mulher respondeu lentamente.

— Des... desculpe. Devo ter discado o número errado. — Olhei ao redor meu casaco naquela escuridão.

— Não é o número errado, querida. Ele não pode atender agora — ela disse lentamente, sua voz soava bem... perversa.

Ridículo, eu disse a mim mesma. Você ligou para o número errado porque está escuro, e você está no meio do mato com uma tempestade, e atendeu uma

apenas quer conversar.

— Você está certa. Eu quero sim conversar — a mulher continuou. — Por favor, liguei.

Eu disse aquilo em voz alta? Coloquei a mão na testa. Estava úmida de suor.

— Eu te liguei — eu disse, quase sussurrando. — Peço desculpas. Estava tentando ligar para meu amigo Dex e digitei o número errado.

Desliguei rapidamente e olhei para o telefone por alguns segundos. Era meu celular de sempre, cheio de músicas e aplicativos inúteis, mas parecia alienígena para mim.

Eu estava prestes apertar o botão home para ligar para meu tio quando minha visão começou a diminuir. Olhei para o lampião; a chama estava se apagando.

— Não! — Eu gritei e tirei o capacete da árvore. Virei freneticamente a roda de ajuste, esperando que soltasse mais gás ou cera ou seja lá o que tivesse lá dentro para fazer funcionar, em poucos segundos eu estaria no escuro novamente.

Meu empenho não surtiu efeito. Quando a chama estava quase se extinguindo, porém, vi de canto de olho algo se mexendo.

Olhei para a esquerda. Havia outro lampião mais afastado na estrada. Ele também estava quase se apagando quando o que eu segurava se apagou de vez.

Eu não sabia como este outro havia se acendido. Eu não sabia se havia alguém ali perto que o acendeu. Talvez a pessoa estivesse escondida atrás das árvores o tempo todo, observando. Talvez fosse a velha do telefone.

Estremeci com meus pensamentos mórbidos. Eu poderia ficar no escuro por um tempo, mas não queria ficar assim para sempre. Pelo menos na luz eu poderia ver o que estava tentando fazer.

Sei que não havia indícios de que alguém estava tentando me matar, mas o que eu estava sentindo não era normal, para dizer o mínimo. Minha imaginação estava a mil. Eu quase podia sentir uma mão se esticando no escuro atrás de mim, pegando meu...

Não concluí o pensamento. Corri em direção ao outro lampião e tirei-

o da árvore.

Era igual ao lampião anterior. A árvore era igual à árvore anterior. Eu havia circulado em círculo? Não, era impossível. Pensar nisso fazia minha cabeça rodopiar. Pensar seria melhor, preservaria minha sanidade.

Com o lampião na mão, eu decidi seguir a estrada enquanto eu podia dar o fora dela.

Abri caminho através da densa mata de abetos molhados e carvalhos mortos. Cheiro de mofo subia a cada passo que eu dava, e o caminho à frente balançava com o movimento do lampião. O caminho fez uma curva e logo fui capaz de vislumbrar uma depressão que só poderia ter sido criado por pneus. Meu sistema interno dizia que estava me levando para o norte, que era a direção do tio Al e exatamente aonde eu precisava ir.

Eu não me importava se eu deixaria Dex sozinho na praia. Até onde eu poderia ir, poderia estar de volta em casa esperando por mim. Ou não esperando por mim e jogando videogame. Ou de volta ao motel falando com sua namorada gostosona ao telefone.

Esse último pensamento me deixou brava, e eu fiquei feliz com isso. Era como ferver como uma adolescente rejeitada do que absorver totalmente a situação aterrador em que eu estava.

Acho que corri por alguns minutos, a estrada constantemente se curvando para dentro da penumbra. Então, como antes, a chama começou a se apagar.

— Ah, caramba! — A força da minha voz me surpreendeu. Apesar de constranger-me eu ainda assim esperava que alguém por perto tivesse escutado.

Balancei o lampião de um lado para o outro, gritando:

— Pooooorra! Vai se ferrar, lampião!

Transbordando de terror e raiva, peguei o lampião e o atirei contra uma árvore mais forte que pude. O vidro se quebrou por todos os lados e faíscas se espalharam sobre as folhas e raízes. Por um minuto pareceu que a árvore toda iria pegar fogo; o que não era de todo mal. Um incêndio na floresta pelo menos chamaria atenção, mas as folhas estavam úmidas demais e a luz se apagou.

Lágrimas se formaram no fundo de meus olhos. Eu queria me encolher, virar

bolinha e chorar até meus olhos caírem. Meu coração estava disparado, me pareciam anestesiados, eu não sabia quanto horror eu ainda poderia aguentar perdida no mato, no escuro, sem ter para onde me virar.

A escuridão era desorientadora. Me sentindo zonzinha, estiquei a mão até um para me apoiar. Mas minha mão acertou algo mais macio. Macio e quente

Como um suéter. Como alguém usando um suéter.

Minha mão estava tocando o peito de alguém.

Eu puxei minha mão com um grito e comecei a abrir caminho o mais rápido que pude.

Estava correndo às cegas. O chão ondulava, e eu podia ter dado de cara com uma árvore a qualquer momento, mas de certa forma meus pés continuavam se movendo na frente do outro.

Antes de eu me dar conta, senti o vento no rosto, o cheiro de sal no ar e uma umidade abaixo de mim. Apesar de estar na direção oposta de onde eu tinha certeza que a estrada levava, eu estava no planalto novamente, onde o farol deveria estar correndo até meus pés começarem a escorregar. Instintivamente eu soube que estava na beirada.

Eu parei, no instante exato, e coloquei meu peso nos calcanhares. Se o vento estivesse soprando, batendo as ondas e me empurrando para trás, eu provavelmente despenchava.

Pude ver o brilho nas cristas das ondas lá embaixo, e via a altura do penhasco que se estendia abaixo de mim. Respirei o mais fundo possível e rezei em silêncio, me forçando a não pensar no que havia acabado de acontecer. Agora que eu estava fora do mato e encontrado a praia, era só seguir o oceano à minha esquerda; não havia dúvida de que encontraria a casa do meu tio.

Eu soltei o ar e virei para o norte, pronta para caminhar de volta.

Uma luz veio ao meu lado. Lentamente ganhou vida no escuro vazio.

Eu cuidadosamente virei minha cabeça para a direita e vi o lampião — o lampião a óleo que eu havia acabado de quebrar momentos antes — flutuando

lado no ar.

Mas eu conhecia bem aquela luz.

O lampião se abaixou e pude ver um rosto, iluminado pelo brilho oscilante do rosto de um homem esquecido. Morto e inchado. Sua pele descascava em gosmentos; pequenos parasitas saíam de suas orelhas e nariz. Eu havia visto aqueles antes, nos meus pesadelos mais sombrios. E agora estava bem na minha frente.

— Você derrubou isso — a coisa disse, um grunhido baixo de sua boca sem lábio

Toda a força que eu tinha no momento usei para me virar e correr.

Segui por vários metros até o chão abruptamente ceder e eu ser lançada no

Aterrissei com um forte impacto na ladeira e caí em círculos vertiginosos.

Virando, rolando, caindo e caindo para sempre.

Até algo parar minha queda.

Alguém.

Eles gritaram.

Eu gritei.

Eu havia rolado me batendo a toda velocidade e fui solta novamente, para dolorosamente sobre uma duna. Meu quadril suportou o impacto do meu peso rolado. Soltei um grito de dor.

— Perry! — Alguém gritou. Era uma voz grave e profunda, antes de qual me lembrei de por que estava correndo. O rosto daquele homem sem pele ocupava a minha mente.

Abri os olhos e tentei ficar de pé o mais rápido possível, quando um par de braços veio da noite e me segurou.

— Perry!

Soava como o Dex. Ai. Deus, eu rezava para que fosse o Dex.

— Jesus, Perry. Você está bem? — Era o Dex. Estava de joelhos, inclinado para mim.

— Sou eu — consegui dizer fracamente. Eu mal conseguia falar.

Eu o senti se aproximando e colocando sua mão no meu rosto, sentindo nas bochechas.

— Ai, merda. Eu não sabia para onde você tinha ido. Um segundo você estava ao meu lado e no outro eu vi essa luz, então fui investigar e você sumiu. Jurei alguns passos e te perdi. Eu não sabia que estaria tão escuro. Eu usei minha lanterna, mas não conseguia ver merda nenhuma.

Ele estava falando rápido, sua voz tomada de medo.

— Eu ouvi alguém gritando e sabia que devia ser você. Sinto muito. Você me machucou?

Ele moveu a mão para minha testa e tirou o cabelo de meu rosto. Foi nesse momento que notei que o vento não estava mais tão intenso. A tempestade parecia estar diminuindo.

Eu podia até visualizar o contorno do rosto de Dex, o que era um grande alívio, um pouco de luz que eu ainda estava com medo de ver outra coisa.

— Só meu quadril. E minha sanidade.

Ele soltou ar lentamente. Vi seus ombros caírem. Ele tirou sua mão do meu rosto e colocou delicadamente no meu ombro. Minha testa sentiu o frio sem a mão dele ali.

— O que aconteceu? — Ele perguntou, sua voz tão baixa que era quase inaudível.

— Podemos ir para casa? — Eu não conseguiria funcionar como um ser humano racional ali fora. Sentia que os fios no meu cérebro haviam entrado em curto-circuito e ficando fritos.

— Claro. — Ele ficou de joelhos e gentilmente me ajudou a levantar. — Você pode andar? Quer que eu te carregue?

Apesar de tudo eu ri.

— Você vai me derrubar em menos de cinco passos. Estou bem.

Ele colocou a câmera no ombro. Pensei que pudesse tê-la quebrado quando bati nele, mas, honestamente, não dava a mínima. Com a outra mão, ele agarrou a artéria do meu braço.

Andamos rapidamente, esbaforidos, em direção à casa. Pela segunda vez em uma semana, eu sentia que a casa do tio Al era a visão mais maravilhosa da Terra.

CAPÍTULO DEZ

A CASA ESTAVA VAZIA QUANDO VOLTAMOS para dentro. Eram só dez horas da noite, mas parecia que os meninos haviam ido para algum lugar, afinal era sábado.

Até o tio Al estava supostamente desaparecido, até eu encontrar um bilhete deixado na mesa da cozinha: “Fui jogar pôquer na casa de um amigo”.

Dex e eu ficamos na cozinha mal iluminada olhando um para o outro. Foi muito estranho. Nenhum de nós sabia o que fazer ou dizer. Eu sentia que se tentasse falar, ia começar a chorar.

Eu estava transtornada e absolutamente exausta. Noite de sábado ou não, eu conseguia pensar em ir para cama e dormir pelos próximos dias; mas havia muitas coisas com as quais tínhamos de lidar primeiro.

Dex suspirou.

— Bem, melhor eu ir.

— O quê? Não pode ir! — Eu não consegui conter o grito.

Ele olhou para o relógio na parede.

— São dez horas. Ainda preciso me registrar no motel.

Ele não podia simplesmente me deixar sozinha nesta casa depois de tudo o que havia acontecido. Eu sentia as comportas se abrindo. Eu me virei e encarei a geladeira, não pisar e tentando controlar minha respiração.

— Ei — ele sussurrou e se aproximou. Esperei que ele colocasse sua mão no ombro, mas ele não a colocou. Ficou atrás de mim, provavelmente sem saber o que o que é a resposta de todo homem sempre que uma menina está chorando.

Acontece que eu não estava chorando. Eu estava tentando desesperadamente chorar. Dex era a última pessoa na frente de quem eu queria desabar. Eu tinha o pino de segurança no bolso para poder me distrair com uma alfinetada de dor. Com a ajuda através dos lábios fechados e recuperei o controle das minhas lágrimas iminentes. Não durou. Tinha apenas de engolir o choro.

Eu me virei e olhei para ele. Fiz uma corajosa, porém extremamente falsa, tentativa de sorriso. Eu sabia que meus olhos estavam úmidos e apavorados, não combinavam com o sorriso.

Ele estava olhando para mim, não confuso, como eu achei que estaria, mas curioso.

— Está bem — eu disse. — Vá se registrar. Nós nos encontramos de manhã e voltamos para Portland.

Ele deu mais um passo para perto, aqueles olhos obstinados nos meus, buscando por algo, qualquer coisa que o satisfizesse.

— É isso que você quer? — Ele perguntou.

Não. Não era.

— Sinto muito por ter estragado seu programa, Dex — eu disse com humildade.

Ele olhou para o chão por um segundo e balançou a cabeça.

— Você não deveria se desculpar, não combina muito com você. — Ele lançou um olhar. — Além do mais, não é meu programa. É nosso. Nem tudo está perdido, mocinha.

Nem tudo está perdido ainda. Onde eu havia escutado isso antes?

— Repita o que você disse?

— O quê?

— Nada.

Dava para perceber que ele não acreditou que não era nada, mas deixou de lado. E olhou ao redor.

— Quer que eu fique aqui esta noite? — Ele perguntou. Não havia hesitação na voz.

Claro que eu queria que ele ficasse. Eu teria pedido a qualquer um para ficar.

— Isso vai soar idiota — comecei —, mas se importa de ficar até o tio e os gêmeos voltarem? Você pode só ficar aqui, assistir ao que quiser, jogar videogame e dormir no outro quarto. Eu só não quero ficar sozinha agora.

Ele assentiu.

— Claro.

Eu me senti mal por pedir e evitar que ele fosse para o motel.

— Sinto muito, só... não consigo nem começar a explicar o que eu vi lá. Eu...

Ele deu um passo em minha direção, balançando a cabeça.

— Não, não explique. Quero ouvir, mas podemos conversar de manhã. E não se desculpe. Isso é fraqueza, e não força. Não preciso que você se desculpe, nada disso teria acontecido se eu não tivesse saído do seu lado, então sou eu quem peço desculpas.

— Dex, estava escuro...

— Então, enfim, você consegue notar por que eu não me importo em ficar algumas horas.

— Está bem — eu sorri. O alívio que foi tomando meu corpo era incrível.

Obrigada — eu disse, indo em direção ao quarto de hóspedes — e boa noite.

— Estarei aqui se precisar de algo. — Ele disse às minhas costas.

Eu parei na porta do quarto antes de fechá-

la atrás de mim. Eu não tinha de me virar para saber que ele ainda estava ali.

*

A manhã seguinte finalmente chegou após ondas de sono sem sonhos. Eu sonhos porque não me lembrava de sonho nenhum, mas isso não quer dizer que minha mente não estava agitada num estado de semidelírio, semissono a noite toda. Estar tão cansada que senti que meu corpo literalmente não podia se mover um centímetro quando deitei na cama, minha mente ainda estava a mil, numa febre terrível. Flashes da noite, os lampiões, o rosto, as árvores, a blusa, a mulher no telhado.

— tudo rodopiava no meu cérebro. Eu tinha tantas perguntas. Nenhuma fazia sentido.

motivo pelo qual provavelmente meu cérebro ainda tentava processar os acontecimentos às três da manhã, mesmo quando eu não estava mais conscientemente pensando e

Nem preciso dizer que não me senti nada descansada. Especialmente tendo acordado com o barulho de chuva no telhado e um frio pesado no ar. Eu queria que sair da cidade não fosse uma opção.

Apesar disso, eu tinha um lugar para ir (para casa, para ser precisa), mas não queria que eu pensava em pisar no calor e segurança do meu lar e ver os rostos conhecidos acompanhado de um sentimento de culpa.

Ah, sim, eu e minha culpa. Eu me sentia terrivelmente culpada por fazer isso e deixar esse lugar sem realizar nada. Verdade, consegui quase me matar de medo, mas só seria significativo se eu tivesse trazido minha câmera comigo. Nós voltamos para Portland sabendo que o final de semana inteiro não fora desperdiçado. Para mim, eu sentia como se isso pegasse mal para mim e para o blog da minha irmã. Não conseguia acreditar em mim agora que eu nem havia sido capaz de entrar no farol e não havia dito ao mundo o que estávamos fazendo e agora não havia absolutamente nada para mostrar. Eu iria parecer a maior idiota do planeta. Não apenas eu, mas Dex também.

Depois de lavar o rosto e passar uma leve maquiagem, eu saí com minha única roupa, que por acaso era a mais confortável; meias grandes, calça preta de algodão, túnica grossa vermelha de magas compridas e um cinto largo de tachas. Eu não parecia que estava indo para um show de rock no meio do inverno, mas eu não esperava apenas que meus coturnos estivessem secos e suficientes para serem usados depois de terem sido tão encharcados. Era bom me preocupar com coisas normais.

Segui para a cozinha e encontrei o tio Al comendo cereal na mesa. Ele leu o jornal e sorriu.

— Bom dia! Quer café?

Balancei a cabeça e me sentei.

— Você parece cansada. Dormiu bem? — Ele soava preocupado.

— Achava que sim, mas provavelmente não — eu disse, então olhei para o canto.

Al seguiu meu olho e se levantou.

— Fique aqui. Eu faço para você num segundo! Você é tão ruim quanto eu quando trata de café, Perry.

Eu sorri agradecida.

— Dex ainda estava aqui quando você chegou ontem à noite?

— Sim — disse ele enquanto me servia uma xícara daquele maravilhoso leite escuro. — Ele estava sentado aqui, escrevendo em um caderno. Ele disse que não queria te deixar sozinha em casa. — Ele levantou a sobrancelha com a última frase. — Agradeço a você, mas foi bem cavalheiro da parte dele. Mas ainda acho que há algo estranho com esse café.

— Não é mais estranho do que eu. — Dei de ombros e beberiquei meu café. Me senti imediatamente mais desperta, o que obviamente era uma sensação falsa, um efeito que o café leva cerca de vinte minutos para fazer efeito. Ah, o poder de ser sugado que eu deveria ter em mente, considerando tudo.

— Vocês conseguiram fazer tudo?

Suspirei.

— Não. Acabamos nos separando. Não sei onde eu estava... uma estrada de algum tipo? Uma floresta?

Al deu de ombros, e eu continuei.

— Enfim, quando encontrei Dex novamente decidimos encerrar.

— Sem fantasmas.

Eu hesitei.

— Bem. Não sei. Prefiro pensar que minha mente estava pregando peças em mim.

— Você sabe que aquele farol tem uma história muito estranha, Perry. Há um motivo pelo qual eu o mantenho lacrado.

Intrigada, eu examinei o rosto de Al. Seus olhos fundos eram suaves, mas sérios.

— Diz aí — eu o encorajei.

Ele se recostou na cadeira.

— Primeiro devo deixar registrado que não acredito em fantasmas. Mas eu realmente acredito no Mal e acho que ele mora naquele farol.

Os olhos do tio Al ficaram escuros e senti meu sangue gelar. O mal para mim era milhão de vezes pior do que fantasmas.

— Você acha que o farol é “maligno” e me deixou entrar lá mesmo assim exclamei. — E a história de proteger sua sobrinha querida?

Ele deu de ombros novamente.

— Não posso te dizer o que você pode ou não fazer. A ideia de que ele pode soar tão ridícula para você quanto a ideia de que é assombrado para mim.

— Nem sei se é assombrado. Foi por isso que planejamos voltar.

— Se é ou não, não importa. Para mim é maligno. Veja, o farol foi amaldiçoado desde o começo. Levou uma eternidade para ser construído e alguns trabalhadores morreram em acidentes bizarros. Quando finalmente ficou pronto para operar começou a ter problemas. Eles continuaram tentando, mas parecia que pelo menos uma vez por semana, toda lâmpada que colocavam deixava de funcionar depois de escurecer.

Eu assenti lentamente. Como havia dito, eu devo ter lido isso em algum livro e tem como minha imaginação ser tão boa.

— Eles planejaram construir um novo farol, fora da costa. Com sorte o novo

não só funcionaria melhor como não seria tomado por neblina com tanta frequência. Então o Farol Tillamook, logo na costa, foi inaugurado. Você sabe do naufrágio que aconteceu lá?

— Acho que sim.

— Na noite anterior da luz ser ligada pela primeira vez, nosso farol aqui falhou. Foi a última vez. Um navio da Malásia com destino ao Rio Colúmbia bateu nas rochas do Terrível Tilly lá fora. Acham que todo mundo se afogou no naufrágio, não é assim?

— Não? — Eu perguntei.

Bem, oficialmente foi essa a história. Mas não explica por que o corpo parcialmente queimado de uma mulher exótica foi encontrado amarrado à cama do farol com cordas de algas.

Eu estremeci violentamente e me lembrei das manchas de carvão na cama do farol. Al parou e me deu um olhar surpreso. Eu acenei para ele fazendo sinal para continuar.

— O faroleiro na época não foi encontrado em lugar nenhum, o que não surpreendeu ninguém. Havia boatos por aí de que ele havia ficado louco devido ao isolamento. Na época, não havia nada ao redor exceto neblina e árvores. Talvez ele tenha sido atormentado pelos fantasmas das pessoas que morreram construindo o farol.

Então as pessoas começaram a se perguntar sobre a suposta maldição do farol. Nunca tivesse sido amaldiçoado, talvez fosse ele quem estivesse mexendo com o tempo todo.

— Claro, mas por quê?

Al deu um lânguido gole de café. — Muitos motivos. Atenção. Tédio. Talvez ele quisesse assistir a alguns navios batendo e ardendo.

— Acho que ele conseguiu o que queria.

— Sim, conseguiu. Houve inúmeros naufrágios ao longo da costa, e levou muito tempo para eles pararem de acontecer. Eles ainda continuam acontecendo, mesmo hoje.

Terrível Tilly aceso.

— Bem, se encontraram o corpo no farol, como sabiam que era do navio? dizer, era normal ter mulheres nesses navios? Ela provavelmente era uma local capturada para algum jogo sexual bizarro com algas.

Al pareceu enojado com a menção de um jogo sexual com algas.

— Não era normal ter mulheres nesses navios, mas as pessoas entravam escondido a bordo o tempo todo. Os Estados Unidos, o admirável mundo novo, a vida corpo que eles encontraram tinha descendência oriental e estava usando roupas estrangeiras. Então o boato é de que ela deve ter nadado ou flutuado até a praia e pedir ajuda no farol.

Eu absorvi o máximo que pude. As coisas começaram a fazer sentido da forma mais esquisita possível. Parte de mim agradecia minha estrela da sorte por nada de horrível acontecer comigo quando eu estava no farol com Dex. Parte de mim estava mais

do que nunca a voltar e a começar a explorar novamente. Creio que essa era uma luta entre a parte racional e a parte louca do meu cérebro. Torcia para que a louca ganhasse.

— Então ela deu com... o cara do farol...

— O Velho Roddy — ele retrucou.

— Certo — eu disse lentamente. — Ela foi rastejando até a praia e deu de cara com o Velho Roddy, que a transformou em escrava sexual antes de amarrá-la e tentar queimá-la viva. Como sabemos que ela não chegou morta e então ele fez... isso com ela?

Novamente nós dois fizemos uma careta com as minhas suposições.

— Você tem uma imaginação terrível, Perry.

— Bem, é a humanidade. Somos uma espécie terrível.

— Alguns de nós são terríveis; alguns de nós são bons. O que aconteceu no farol deve ter sido o ápice de tudo o que nos castiga. Como eu disse, não

assombrado, mas que há algum tipo de maldição, algo maligno naquele lugar desde o começo. Está apenas esperando que outra pessoa invada seus domínios.

Ele olhou severamente para mim, talvez com um pouco de medo em seus olhos. Não entendi que ele estava dizendo. Eu senti o que ele estava dizendo. Assombrado por Roddy ou amaldiçoado por algum demônio, eu sabia que havia algo naquele lugar que queria desesperadamente. E o mais perturbador de tudo era que eu meio que sabia também.

— Então o que aconteceu depois? — Perguntei. Precisava ignorar meus sentimentos.

— Quero dizer, você lacrou tudo? Estava aberto quando se mudou para cá?

— Eu não sabia o que estávamos comprando quando nos mudamos para cá. Eu não havia ouvido nenhuma das histórias, nem a Paula, mas no fundo, no fundo, eu sabia que havia algo terrível naquele lugar. Eu só coloquei os pés lá uma vez; foi a primeira vez que todos nós o exploramos. Acho que Matthew encontrou uma mandíbula de algum animal num dos quartos. O lugar parecia muito inseguro e perigoso, sem mencionar que as estruturas pareciam ser no segundo andar. Sério, qual é o sentido de ter um farol desativado? Não fazia sentido para mim. Então o lacramos e praticamos esquecermos dele. Até a semana passada.

Meu lábio tremeu de vergonha.

— É, me desculpe por isso.

— Não se preocupe, Perry. Estou feliz que nada tenha acontecido com você.

Ele me observou atentamente, como se tentasse entender se tinha acontecido algo comigo ou não.

— Não — eu disse lentamente. — Acho que nada de fato aconteceu com você, mas você pensa que o farol é maligno, e muitos dos... meus sentimentos... em mim reforçam isso.

Ele bateu na minha mão.

— Estou feliz por você não voltar lá.

Eu sorri para ele. Eu me sentia feliz por conhecer melhor meu tio. Talvez este fim

semana não tenha sido um desperdício no fim das contas.

— Mas devo dizer — ele começou — que na noite passada achei que ele...

Antes de ele concluir o pensamento, houve uma forte batida na porta da frente.

— Bom dia, senhor. Eu vim buscar a senhorita. — Dex estava na porta, s distinção. Ele estava usando um boné e deu com ele um aceno respeitoso.

— Entre, Dex. — Al o conduziu para dentro e fechou a porta.

Dex caminhou até mim com um sorriso no rosto. Meu coração deu um pulo.

— Bom dia. Quer tomar um café da manhã antes de irmos? — Ele perguntou.

— Hum, ah, claro. — Olhei para o relógio na parede.

— Desculpem-me por aparecer do nada. — Ele olhou para nós dois. — Tentei ligar para o seu celular algumas vezes e te mandei uma mensagem de texto. M resposta, ou caía num número errado.

Ele abaixou a voz na última parte. Eu observei seu rosto. Seu sorriso vaci levemente. Ele estava mentindo? Ninguém me ligou ou mandou mensagem a mai

Tirei meu iPhone por via das dúvidas e olhei para ele. Não. Nada.

— Enfim — Dex continuou, olhando para Al —, preciso roubar sua sobrinha ago

Preciso chegar em Seattle até de noite.

— Fique à vontade. Sinto muito que vocês estejam indo de mãos abanand acho que essas coisas sempre acontecem por um motivo.

— Acredito bastante nisso, tio Al — Dex disse. Ele olhou para mim. — Demora | arrumar suas coisas?

Larguei o resto do meu café. Odeio ter de me apressar. Eu me levantei e peguei m bolsa.

— Estou pronta.

Ele fez um sinal de joiha, então prontamente se virou e caminhou para fora da casa.

Eu olhei para Al e revirei meus olhos como uma forma de justificar as ações de Dex, as quais eu mesma não conseguia explicar. Então o abracei me despedindo de tudo e me arrastei para fora atrás de Dex.

O SUV estava ligado na entrada; o vapor saindo do escapamento criava uma gratificante e calorosa cena da manhã chuvosa. Eu estava encharcada quando abri a porta e entrei.

Dex colocou a mão na marcha e me deu uma olhada.

— Você já estava viva nos anos noventa? Porque parece que eles te mastigaram e cuspiram — ele disse brincando.

Engatou a marcha ré e acelerou para fora da casa.

— Eu nasci em 1988, para sua informação. Não sabe contar? — Respondi a ele. Ironicamente, eu estava no clima para nenhum tipo de provocação.

Ele olhou para mim com um olhar animado de malandro. Dava para ver claramente que ele estava no clima de provocar.

— Você só é filha dos anos noventa se você era adolescente naquela década, dizer, olhe para você, esses coturnos e All Star e leggings.

— É você quem tem piercing na sobrancelha — retruquei. — Acho que é seguir uma época que você não tenha vivido propriamente. Do contrário você está preso ao passado.

Ele riu.

— Não tenho um passado ao qual me prender.

Ele ligou o mp3 player. Para minha surpresa, começou a tocar Billy Joel. “From an Italian Restaurant”, para ser precisa.

Dex começou a cantar junto.

Eis a famigerada voz de Declan Foray. Era mais suave, mais profunda e mais poderosa do que a do Joel. Parecia flutuar sobre as palavras, vibrando com tons p

Era linda, hipnótica... e tão anacrônica.

Ele continuou a cantar até notar que eu estava olhando para ele. Eu devo ter parecido bem confusa.

Dex abaixou o volume.

— Faço isso todo dia de manhã. Então, onde quer comer? Eu vi uma das lanchonetes enormes na cidade que deve servir o café mais preto deste lado da frota.

— Claro, parece bom — eu disse enquanto ele voltava para a música, estendendo os dedos e se remexendo em seu banco.

Ele fazia isso todo dia de manhã? Olhei para o relógio. Eram oito e meia. Ele estava arrumando essa energia para fazer um musical a essa hora?

Eu não estava reclamando; era fascinante ouvir e observar, após ultrapassar o estranhamento dessa nova e espontânea conduta. Eu não achava possível seguir o ritmo de Joel, mas Dex estava conseguindo enquanto acelerava pela rodovia costeira de Tillamook.

Ele sorria e cantava para mim, ao que tudo indicava.

Meu coração se apertou novamente. Ele sabia que a forma mais rápida de conquistar completamente era cantar para mim?

— Eu não sabia que você sabe cantar — eu menti.

— Não? — Ele me olhou desconfiado. — Acho que há muitas coisas que eu sei sobre mim, mocinha. Mas vai saber... no seu devido tempo.

Claro, eu pensei sarcasticamente. Eu sabia que após este final de semana não haveria mais tempo para nós.

Um tempinho após algumas músicas de Billy Joel (as quais infelizmente ele não cantou), nós paramos ao lado de uma lanchonete em Tillamook.

Dex estava certo sobre ser uma típica lanchonete. Tinha um toldo laranja e uma placa setenta com uma fonte medonha: Tilly's Diner. Nas janelas fumê havia pinturas de comida: de café, bacon e ovos com aquela tinta áspera de vidro, descascando nos dedos.

não dava para ver se estava aberta; e pela rua nublada tomada de chuva, eu não conseguia imaginar ninguém realmente vivo nesta cidade, muito menos tomando café da manhã.

Quando entramos na lanchonete, o cheiro de gordura e carne na chapa atingiu minhas narinas. Os sinos da porta tilintaram alto, ecoando pelo restaurante. À surpresa havia uns poucos clientes, mas não era surpresa alguma eles serem todos desgrehados. Seguimos até uma mesa no canto, coberta por uma grande toalha verde. A luz estava fraca e me desvalorizava absolutamente.

— Que lugar encantador — eu disse deslizando para um banco estofado na frente de Dex.

— Não é? — Ele disse sem sinal de sarcasmo.

Uma garçonete redonda apareceu. Tinha óculos grossos, um nariz vermelho carnudo e parecia não ter queixo. Eu não conseguia olhar para o rosto dela por muito tempo sem sentir náusea, então procurei seu crachá: Nancy.

Nancy passou dois cardápios laminados pela mesa com um ar de desprezo. Eu só me desconfortavelmente para ela, e ela não retribuiu. Ela voltou sua atenção ao Dex.

Ele lançou a ela um sorriso safado.

— Bom dia, Nancy. Como está você neste dia maravilhoso? — Disse com sinceridade.

Nancy olhou para ele desconfiada.

— O nosso especial de hoje é o prato grande de café da manhã do Tilly. Quer café?

— Nós dois, por favor — Dex disse, sem nem se importar se eu concordava que ele já sabia. Eu sabia que ele podia cantar. Ele sabia que eu gostava dele como antigos amigos.

Nancy partiu sem repetir o pedido.

Dex olhou para o cardápio e franziu a sobancelha.

— Acho que ela gosta de mim.

— Você sempre acha — disse de forma um pouco agressiva. Não pude evitar.

Dex largou o cardápio e olhou para mim com uma expressão estranha.

— Você está bem?

Ele me deixava desconfortável. Eu me arrependi de dizer aquilo e me remanei no banco. Voltei minha atenção ao cardápio.

— Estou bem.

— Não enrole um enrolador — ele disse bravo.

Agora era minha vez de ficar surpresa. Seus olhos pareciam quase venenosos. Ficava ainda mais desconfortável.

Por sorte, Nancy escolheu aquele momento para bater duas xícaras de café na mesa com gotas pretas escorrendo pelos cantos.

— Bem? — Ela olhou para nós, levantando a sobrancelha.

— Nós dois queremos o especial — Dex disse, sem tirar seus olhos insolentes do meu rosto. Deu a Nancy um olhar de desculpas, mas ela nem notou; apenas levou os cardápios da mesa.

Eu nem queria o prato especial grande, seja lá o que for, mas algo me dizia que não era um bom momento para discutir isso. Eu mordi meu lábio inferior e grunhi. Levei meus olhos para encontrar os deles novamente.

— Lembra quando você disse que eu deveria avisar quando você estivesse assustando? — Eu o lembrei. — Esta é uma dessas vezes.

Ele manteve o olhar por mais alguns segundos antes de se inclinar de volta no banco e passar a mão no cabelo.

— Esta também é a hora de me dizer o que aconteceu ontem à noite.

Ah. Uma luz se acendeu na minha cabeça. Agora eu sabia uma coisa que intrigava.

— ele não saber algo. Não é à toa que ele estava lendo atentamente meus pensamentos estava ficando maluco por não saber o que havia rolado. Ele deve ser um

namorados que sempre pergunta em que você está pensando. Provavelmente namorada contra a parede.

— Tá, então. Vou te contar do começo ao fim. Só mantenha a mente aberta, pense que tenho alucinações ou que sou louca, se bem que posso muito bem dizer nada até eu terminar.

Os olhos dele se iluminaram um tiquinho.

— Prometo.

Eu suspirei e dei um longo gole daquele café preto pavoroso para reunir forças.

Então contei tudo a Dex: meus sonhos, o que inventei na praia e o que tio Al me contou, e, finalmente, o que aconteceu na noite anterior. Quando terminei, os pratos chegaram à nossa mesa e de repente me senti faminta por falar tão empolgadamente por tanto tempo.

Enfiei uma grande fatia gordurosa de bacon canadense na boca e disse:

— Agora você sabe tudo o que eu sei, o que é nada. Feliz?

Dex manteve sua palavra e permaneceu quieto e atento durante todo o discurso.

Mesmo depois que terminei ele não disse nada. Fez apenas um beicinho apertado e se ao café da manhã. Tentei não ficar assistindo a ele comer, mas pela linha entre suas sobrancelhas dava para perceber que ele estava pensando profundamente tentando entender o que eu havia contado a ele.

Comemos em silêncio. Quanto mais ele ficava sem falar nada, mais arrasada eu me sentia por dentro. Será que acreditava em mim? Será que ele achava que eu estava bem? Porque se havia alguém nessa mesa que não batia bem, eu sabia muito bem quem era eu. Dito isso, eu vi, sim, um homem morto tentando me entregar um abraço na noite passada.

— Você acredita mesmo em tudo isso? — Ele disse.

— O que está querendo dizer? — Eu perguntei lentamente. — Claro. Aconteceu. Eu sei como explicar, mas foi o que aconteceu.

Olhei mais de perto para ele; minha boca um pouco aberta. Ele duvidava de tudo?

— Acha que estou inventando tudo isso? É isso que você acha?

Ele riu.

— Vamos, Perry. Não encontramos nada de verdade da primeira vez que eu fui lá. Eu não te culparia por tentar fazer de um morrinho uma montanha.

Eu mal conseguia formar pensamentos, que dirá comentar as suposições dele.

— Acha que estou mentindo?

— Acho que você viu o que quer ver — ele disse e enfiou uma panela na boca. Eu estava pasma demais até para notar quão nojento era aquilo.

Não pude me conter e me estiquei na mesa para agarrar o braço dele. Apertei-o. Com força. Ele olhou para mim, a panela congelando dentro de sua bocona.

— Dex — eu disse com tanta intensidade e seriedade quanto pude reunir. — Estou mentindo. Não ligo para nada disso. Você me encontrou. No final da noite, você quem me encontrou. Estou dizendo apenas a verdade. Você acha que estou assombrado, está procurando provas, e agora estou te dizendo que sei que é. Ele é o culpado.

Ele observou meu rosto, enquanto mastigava lentamente, até acabar a panela. Não sabia o que ele estava pensando, mas não havia nada mais que eu pudesse fazer naquele momento.

— Olha — eu finalmente disse. —, eu vou provar. Vamos lá agora mesmo, vamos esta noite. Podemos dirigir para Portland depois. Preciso te mostrar. Preciso que acredite em mim.

Ele balançou a cabeça.

— Não podemos, mocinha. Preciso voltar esta noite.

— Por quê? O que tem de fazer? Sua namorada é tão paranoica que não te deixa ficar fora da vista dela por um final de semana?

Ele foi pego de surpresa e conseguiu rir.

— Minha namorada? Jenn não está nem aí se estou lá ou não.

Isso era novidade para mim, mas tentei não demonstrar.

— Não — ele continuou. — Eu só encerrei isso. Não acho que eu deva aprofundar mais nessa coisa toda. Já tenho imagens o suficiente e, com sua permissão, poderia juntá-las ao que você gravou semana passada.

— E se eu disser não? — Retruquei de braços cruzados.

— Eu diria que você está sendo terrivelmente teimosa e agindo como uma menininha quando não consegue o que quer — ele respondeu. — Então eu desisto do lado, lavaria as mãos e iria para casa.

— Para sua namorada que nem se importa se você está lá ou não?

Ele jogou o guardanapo.

— O que você tem a ver com isso?

— Nada. Só acho que você é um medroso.

— Opa?

Eu podia ver a raiva surgindo por trás daqueles olhos, mas ignorei. Já tinha superado a etapa de me importar com algo além da minha raiva.

— Isso mesmo — eu reforcei. — Acho que você é um medroso. Fica felizado por encerrado porque está com medo de voltar lá. Sabe que estou com a verdade, mas a verdade te assusta.

Foi a vez dele se inclinar na mesa e agarrar o meu braço.

— Você me assusta, Perry — ele grunhiu e apertou firme meu braço. — Você.

Eu olhei para a mão dele segurando meu braço. Ele encontrou meus olhos lentamente e hesitantemente, me soltou.

— Vai ser uma viagem de volta bem estranha, hein? — Perguntei com um sorriso gozoso. A situação era ridícula.

Ele suspirou e se inclinou de volta, empurrando o prato para longe.

— Espero que eu esteja te enlouquecendo tanto quanto você está me enlouquecendo.

— eu disse diretamente.

Ele balançou a cabeça e saiu da mesa.

— Vou pagar — ele murmurou, apesar de eu não ter terminado de comer. Não importava. Eu já havia tido o bastante — da comida, de tudo. Pelo menos o café e o bolo haviam sido de graça.

Eu o vi se aproximando da caixa e decidi que seria um bom momento para respirar um pouco de ar puro antes da infernal viagem de volta.

Saí da lanchonete e respirei fundo. Fechei os olhos e virei meu rosto em direção ao céu. Deixei a chuva cair no meu rosto, soltei todo o ar lentamente através dos pulmões. Parecia que eu estava limpando a poeira acumulada dentro do meu cérebro. Quando abri os olhos e comecei a me sentir meio desequilibrada.

Havia uma mulher, uma velha, parada bem à minha frente. Seu sorriso bonito parecia tingido com cera vermelha. O batom manchava seus dentes amarelos. Minha respiração estancou de repente.

Eu a havia visto antes, no saguão do meu trabalho.

Não sei quanto tempo ficamos lá olhando uma para a outra. Eu me sentia paralisado, incapaz de respirar, de me mover ou de falar. Ela também não falava, só mantinha aquele sorriso demoníaco.

Ela lentamente se esticou e colocou a mão ossuda no meu ombro. Suas mãos estavam repletas de anéis de coquetel enferrujados; o casaco de tafetá branco que ela usava tinha pompons de palhaço. Eram de cores diferentes: amarelo vivo, laranja, azul e verde. Ela parecia a mãe velha e satânica de um palhaço.

Ela começou a falar. Ou melhor, seus lábios vermelhos grudados se moveram, mas nenhum som saía deles. Ela falou assim por alguns segundos antes de eu ouvir: “Declan”.

Que tem ele? Eu pensei, o terror competindo com a curiosidade.

— Ele tem algumas histórias para contar — ela cochichou. Sua voz estava quase metálica, como se estivesse falando pelo telefone, e havia um sotaque em certas sílabas. — Ele vai te contar, um dia. Sobre o que aconteceu com ele, você precisa observá-lo. Fique de olho nele. De perto. Você são farinha do mesmo saco.

Ela tirou a mão de mim e, com os olhos focados na lanchonete, caminhou para dentro com seu casaco farfalhando atrás dela numa brisa leve.

Eu fiquei parada, minha respiração voltando. Eu percebi que estava encharcada até os ossos por causa da chuva (e talvez do suor); eu não me importava. Olhei para ver se alguém mais havia testemunhado o que havia acabado de acontecer, mas ninguém naquela rua cinza molhada.

Olhei de volta para a lanchonete e dei um passo hesitante em direção a ela, perguntando por que ela havia entrado lá e se mais alguém havia notado quão bizarra era. Eu me abaixei, tentando enxergar através do filme escuro e dos pedaços de comida. Não conseguia ver nada além de sombras de pessoas sentadas nas

Coloquei meu rosto na janela com as mãos ao redor dele, sem me importar se alguém dentro me veria tentando dar uma de fofoqueira.

Acho que notei algum tipo de alvoroço quando a porta se abriu e Dex irrompeu para fora. Eu saltei alguns centímetros e quase bati minha cabeça contra o vidro. Olhei

— puro pânico em seus olhos —, então ele me viu.

Ele se esticou, pegou meu braço e me puxou bruscamente em direção a ele.

— Precisamos ir. Agora.

Corremos para o carro. Minha mente a mil. O que estava rolando? Quem era a mulher e o que ela me alertou sobre Dex? Ficar de olho nele? O que ela queria dizer?

Eu saltei no banco do passageiro e mal consegui fechar a porta antes de Dex pisar no acelerador e o SUV disparar pela rua, guinando de um lado a outro pelas ruas escorregadias. Decidi aceitar o conselho dela e ficar de olho nele. Ele parecia pos-

Virei a cabeça para olhar a lanchonete, mas Dex berrou:

—Não olhe para lá! Fique olhando para a frente!

Com o coração na garganta, eu fiz o que ele disse.

— O que foi isso que acabou de acontecer? — Eu berrei quando ele tirou o carro da rua para a estrada.

Ele apenas balançou a cabeça, com as mãos apertando o volante tão firme que os dedos pareciam rígidos como uma sombra branca.

— Dex! Fale comigo! Desacelere! — Eu gritei quando o carro deslizou para um lado com água voando para todo lado, seu corpo se apertando contra o cinto.

Ele manteve o pé no acelerador e se esticou para trancar todas as portas do carro.

Nós aceleramos em um silêncio mortal.

Ficar de olho em Dex, de fato. Eu sentia como se ele fosse a última coisa que eu via.

CAPÍTULO ONZE

ESTÁVAMOS CORRENDO LOUCAMENTE PELA encharcada 101 em direção ao norte, com as portas trancadas por alguma razão indecifrável e Dex se recusava a proferir uma palavra ou sequer olhar para o lado. Eu estava à beira de um surto.

Obviamente Dex estava tendo um ataque de pânico. O olhar de medo absoluto dele deixava seus olhos vidrados. Eu não sabia o que fazer. Parte de mim queria agarrar o volante e estacionar o carro eu mesma. Contudo, por mais forte que eu fosse, eu não sabia mais, e nesse clima eu provavelmente capotaria o carro, ou coisa pior.

Eu me perguntava se gritar ajudaria, ou se implorar ajudaria, ou se chorar ajudaria.

Billy Joel ainda tocava nos alto-falantes, o que tornava a situação ainda mais absurda.

Então me ocorreu. Eu sabia o que era. Eu sabia do que Dex tinha medo. Eu sabia. Ele a viu, com os próprios olhos.

— Você a viu — eu disse, mantendo minha voz o mais calma possível. — Não vi nada.

As mãos de Dex apertaram a direção, mas seu pé saiu levemente do pedal. Seus olhos se voltaram para mim.

se viraram para mim, então de volta para a estrada.

Eu me inclinei para mais perto, com cuidado para não invadir o espaço dele.

— Eu a vi também — confidenciei. — E já a tinha visto antes, lá em Portland. Ela disse coisas.

As sobrancelhas do Dex franziram.

— O que ela disse?

— Então você a viu!

Ele me ignorou.

— O que ela te disse?

— Pare o carro e eu te conto. Não vou conversar com você assim. Você nos matando.

Do nada, Dex pisou no freio e mandou o Highlander por uma estradinha com margem de castanheiras balançando. O carro parou com um solavanco, e impacientemente colocou o carro em ponto morto e desligou o motor. Tirou o cinto e ajustou em seu banco para me encarar.

— Fale — ele ordenou sem meias-palavras. Seus olhos eram evasivos; sua grande boca carnuda estava fechada numa linha sombria. Seu boné havia caído um pouco, acrescentando sombras a seu rosto. Sua franja estava caída na testa.

A chuva caía forte no capô. Eu sempre achei esse um dos sons mais tranquilizantes. Dessa vez não foi diferente. Eu me estendi e tirei a aba de seu boné de cima das sobrancelhas dele, e gentilmente arrumei seu cabelo para o lado. Sua testa estava macia sob meu toque; seu cabelo levemente úmido de suor e produtos capilares.

Tocá-

lo era estranhamente íntimo, como se eu o estivesse vendo realmente pela primeira vez. Não sei por que fiz isso; acho que alguma parte de mim insistia em acalmá-lo. Foi a primeira vez que eu o vi remotamente vulnerável.

Eu estava a um palmo de distância de seu rosto. Seus olhos, apesar de ilegíveis, olhavam profundamente nos meus. Eu podia facilmente ficar lá por um bom tempo, olhando para ele, segurando seu olhar. Se eu imaginasse com força o suficiente, poderia quase ver raios fluindo entre nós numa linha inquebrável.

Contudo, quanto mais eu olhava para ele desse jeito, mais eu me dava conta de como eu devia estar parecendo psicótica.

Tirei minha mão de sua testa e baixei os olhos para o banco. Os parafusos estavam quebrados. Notei que meu coração batia pesadamente no peito. O que havia com esse homem que agitava não apenas a minha mente, mas também meu coração?

Só havia uma forma de descobrir. Respirei fundo e mergulhei.

— Semana passada, no trabalho — eu disse —, eu estava esperando pelo

Não havia ninguém no saguão, ou foi o que pensei. Então notei essa senhora parada, no sofá. Ela era diferente de qualquer um que eu tenha visto antes.

Parecia alguém saído de um filme do David Lynch, quase.

Encontrei os olhos dele. Eles não haviam deixado os meus, como se ele estivesse esperando que meu olhar retornasse ao dele. Eu sentia como se ele estivesse tentando me hipnotizar. Eu estava dividida entre me sentir alerta e querer afastar o olhar, ou me aprofundar nele e me perder. Então havia aquela sempre presente sensação de falta de ar, a sensação de que não havia ar o suficiente, de que eu estava afundando-me em um indescritível redemoinho.

Eu não conseguia mais aguentar e rapidamente afastei os olhos para o exterior. A chuva e a neblina borravam o para-brisa, mas eu ainda conseguia visualizar a silhueta de árvores dançando ao fundo. Foquei seus movimentos, o tempo todo sabendo que ele ainda olhava para mim. Continuei contando.

— Ela usava... bem, parece que estava vestida para uma formatura, só que com uns oitenta anos mais ou menos. Ela tinha um cabelo perfeitamente cacheado, eles faziam nos anos quarenta, com grampos e tudo mais, sabe? E o rosto era uma maquiagem mais pesada do mundo. Tipo maquiagem de teatro. E o batom? Nunca vi nada mais tosco. Ela tinha batom até nos dentes, o que era assustador. Essa mulher bizarra não parou de sorrir para mim, mesmo quando as portas do elevador se fecharam.

fecharam.

Lancei um olhar para Dex para me certificar de que ele ainda estava ouvindo e fiquei sem ar.

Havia um fio de sangue escorrendo de sua boca.

Ele estava mordendo seu lábio com tanta força que estava arrancando sangue. Seus olhos permaneceram imóveis e fixos nos meus; eu comecei a me perguntar se eu realmente estava olhando para mim ou se havia entrado em transe ou se estava tendo algum tipo de crise.

— Dex, está sangrando — eu disse tentando esconder o horror na minha voz.

Com um movimento calculado, ele languidamente lambeu os lábios e abaixou o olhar. Eu rapidamente enfiei a mão no bolso da jaqueta e tirei um lenço. Ele o pegou e começou a limpar o sangue. Empurrei sua mão de lado e passei o lenço em seus lábios. Com a outra mão, ele me apoiou em seu ombro e me abaixei até que meu rosto estivesse em frente ao dele. Seus olhos perdidos agora. Eu precisava que ele me visse.

— Está bem? — Perguntei educadamente, mas com firmeza. — Sério. Responda-me, Dex. Senão vou chamar meu tio para ajudar, porque não sei o que fazer com você.

Ele tirou o lenço da minha mão, fez uma bola com ele e jogou no banco de trás do carro.

Sugou o lábio por alguns segundos. Os pelos esparsos de seu bigode estavam arrepiados.

Por um simples instante, cogitei a ideia de morder eu mesma seu lábio. Era um pensamento inapropriado, acima de tudo, e eu o tirei da minha cabeça.

Ele soltou o lábio. Parou de sangrar. Olhou para o teto e respirou fundo. Quando eu percebi que talvez não estivesse ajudando, então tirei a mão de seu ombro e me sentei de costas para ele.

— Há duas semanas — ele começou, sua voz encorpada como um creme. — eu lembro de Jennifer à Ilha Bainbridge.

Ah, sim. Jennifer. A razão principal pela qual beijar seu rosto seria, “ah”, inapropriado. Eu me sentei ainda mais longe.

— Na verdade eu tive de me mudar de Nova York para lá quando terminei para viver com... bem, enfim, nem preciso dizer que nunca voltei lá desde que me casou, mas Jenn insistia que pelo menos fizéssemos uma visita ao lugar, uma vez por ano, já que havia algumas vinícolas da moda aparecendo por lá. Tudo se baseava na moda.

Eu assenti, ávida para saber mais sobre ele.

Ele continuou.

Finalmente, eu desisti e disse a ela que iríamos fazer um bate e volta lá. O lugar estava lindo, estava incrível pra caramba até semana passada. E sim, eu ainda tinha algumas más lembranças trancadas, à espreita nos diferentes cantos da minha cabeça, mas eu sentia como se eu estivesse próximo de colocar essa parte do passado para trás e ir em frente. Como todos nós esperamos fazer. Então Jenn decidiu que ela queria um gelato numa loja nova lotada. Eu sabia que depois de comer ela iria se sentir enjoado e vomitar tudo no banheiro. Ela é intolerante à lactose e usa isso como desculpa para empanturrar e depois vomitar. Sabe, uma forma tolerável de bulimia. Espero que ela não seja praticante dessa porcaria.

Ele balançou um dedo para mim e eu abanei a cabeça com firmeza.

— Enfim, ela foi esperar nessa fila ridiculamente longa por um sorveteinho de chocolate, porque é isso que um gelato é, e eu decidi me distrair e fui vagarosamente até algo que eu não suporto é esperar pelas pessoas. Lembre-se disso, Perry. Bem, onde eu estava? Ah, sim. Então eu caminhei pelas docas. Estava um dia maravilhoso, as pessoas estavam por ali, fazendo coisas de turista. Estava vendo um casal de meia-idade se

preparando para passear em seu meigo veleiro quando avisto algo de canto

Alguém parou ao meu lado. Agora, eu adoro tirar com a cara de estranhos; gosto

Mas neste dia em particular eu não estava no clima de conversar com ninguém, então ignorei a pessoa que estava ao meu lado. Provavelmente fiz isso por cerca de três segundos, o suficiente para o barco que eu estava vendo partir. Finalmente eu não consegui mais. Por um instante até pensei que fosse alguém olhando para o outro lado. Faz sentido, já que nós sempre pensamos que as coisas giram em torno de nós. Entretanto, não era certo desde o começo. Vi essa velha parada ao meu lado, olhando diretamente para

Ela era exatamente como você descreveu. Até o batom nos dentes. Também estava algo bem inadequado. Tanto que mais tarde, quando eu a descrevi para a polícia, fiquei chocado por ela não ter visto a velha. Como ela pôde não ter visto uma mulher com uma maquiagem de drag queen e um vestido roubado do cadáver de Bette Davis?

A história de Dex estava provocando arrepios na minha espinha.

— E... o que aconteceu? — Perguntei fascinada. De repente eu estava muito feliz por estarmos próximos um do outro naquele carro. Eu estava prestes a saltar nos braços dele.

Ele pigarreou.

— Bem, não sei. Ficamos lá algum tempo, se bem que talvez tenham sido alguns segundos. O sorriso dela era tão... onisciente. Eu não conseguia pensar no que dizer. E o mais engraçado era que ela me parecia estranhamente familiar. Como se ela tivesse algumas coisas para mim... bem, ela parecia saber tudo sobre mim. Ela disse...

Sua voz sumiu, e ele olhou para as mãos. Uma mecha de cabelo caiu à frente de seu rosto. Ele esperou continuar, não querendo me meter uma vez que o assunto parecia ser mais pessoal.

— Ela basicamente disse que eu encontraria alguém que poderia me ajudar a encontrar o que eu procurava. Alguém que me ajudaria a encerrar um assunto. Ela começou a ir embora. Por algum motivo, eu não consegui correr atrás dela. Ela foi devagar que ela se movesse. Eu só consegui perguntar “quem?”. Ela me disse: “Você irá encontrá-la no farol”. Então ela virou a esquina e desapareceu.

— Você não foi atrás dela?

Ele balançou a cabeça, o branco em seus olhos se mostrando claramente.

— Não pude. Eu só conseguia pensar que tinha de voltar para Jenn. Não queria deixar aquela mulher novamente.

— Mas ela sabia tudo isso sobre você, coisas que ninguém mais saberia! — Exclamei.

— Eu sei, mas eu não queria saber como ela sabia.

— O farol — eu refleti.

— Bem, não fez muito sentido para mim por muito tempo, até eu encontrar... bem, você. E ainda não fazia muito sentido, pelo menos na época. Mas...

Ele olhou para mim com uma pontada de anseio. Talvez impressionado. Ou talvez estivesse vendo o que queria ver.

— Enfim, eu sabia que tinha de fazer você embarcar na minha ideia, não que acontecesse.

— Você disse aos gêmeos que era ideia do seu chefe, que você só estava que cara havia mandado — eu apontei, ainda irritada com a revelação da noite passada.

— Eu menti — ele disse.

— Por quê?

— Porque às vezes eu minto, Perry. Todos nós mentimos. Até você, mas o mundo tem coragem o bastante para admitir.

Eu não estava satisfeita com essa resposta desconfortante. Eu sabia que só para me fazer pensar duas vezes em tudo o que ele dissesse e fizesse a partir de agora, ignorei isso e o fiz continuar.

— Então você só me procurou porque eu era a moça do farol?

— A princípio. Então isso me fez perceber que talvez fosse um sinal de que eu estava na direção certa. Que isso talvez fosse finalmente minha separação de Gatas do Vinho para começar algo sozinho. Gatas do Vinho sempre foi ideia da Jenn e do Jimmy... eu não mais tarde, depois que o cameraman saiu.

— Bem — eu disse e me sentei novamente contra meu banco. Eu não estava certa do que fazer com isso agora.

— Bem — ele concordou. Ficamos lá em silêncio por alguns momentos. Finalmente eu tive de perguntar.

— Então você a viu. Agora mesmo, na lanchonete. O que ela disse que o pai fez daquele jeito?

Seus olhos se encheram de medo. Ele os fixou em mim. Me mantiveram ali.

— Prefiro não dizer, mas basicamente... — Ele suspirou e começou a morder o lábio. Eu o observei atentamente para me certificar de que ele não arrancava novamente. — Ela basicamente disse que isso era só o começo. E que tinha de terminar o que havíamos começado.

— E o que acha que isso significa? — Perguntei.

Ele me ignorou.

— Ela disse alguma coisa para você?

Senti que se eu contasse a ele o que ela dissera, se é que ela havia dito a verdade, e eu acreditava que sim, só iria colocá-lo na berlinda. Mas diferentemente de Dex, eu não sabia mentir. Ele perceberia.

— Ela disse que você me contaria o que aconteceu com você. Seja lá o que isso signifique. E que eu tinha de ficar de olho em você. — Eu omiti a parte da farinha do mesmo saco. Isso era ridículo demais até para ser mencionado, muito menos ofensivo.

— Ficar de olho em mim? Por quê? — Ele perguntou, parecendo quase desinteressado.

— Não sei. Ela é uma palhaça decrépita de dar arrepios.

Ele conseguiu sorrir e olhou para as unhas.

— É, ela é, mas ela nos conhece. A nós dois.

— Ela conhece você — eu ressalttei. — Eu só a vi uma vez antes, e agora ela só ficou falando sobre você.

— Ela mencionou você também — ele admitiu casualmente.

Meu coração se acelerou. Senti que ele estava prestes a dizer algo contundente, algo de que eu não tinha ideia do que poderia ser. Ela sabia algo profundo, sombrio e secreto sobre Dex. Que coisa profunda, sombria e secreta ela poderia saber sobre mim?

— O que ela disse?

— Ela disse que eu precisava cuidar de você. Que você precisava de mim. Eu tinha que ficar de olho em você. — Ele riu na última parte. — Acho que ela esqueceu de dizer que você podia ser perigosa.

Eu? Perigosa? Dei a Dex um olhar absolutamente estupefato para ampliar a dúvida e a confusão que eu sentia.

— Não pareça tão chocada — ele disse calmamente. — Eu consigo ver.

— Ver o quê?

— Eu te disse que você me assusta, não disse? — Ele olhou nos meus olhos por um segundo, então afastou o olhar.

Mesmo eu tendo feito aulas de dublê para me sentir poderosa, para me sentir segura, o que ele disse me arrepiou até os ossos. Eu sabia que eu podia ser perigosa com meu mata leão, mas um homem mais velho, mais forte e mais experiente admitir que tem medo de mim... bem, isso não estava certo. Eu não era tão assustadora assim.

— Tenho um metro e cinquenta e oito e sou doce como um ratinho — eu disse defensivamente.

Ele fez um beicinho e levantou a sobrancelha.

— Você é baixinha. E sei que pode ser doce quando quer. Mas há diferentes tipos de perigo, mocinha, só digo isso.

Eu tinha a necessidade de me justificar, de demonstrar quão doce eu podia ser. Mas talvez fosse justamente disso que ele estivesse falando. De repente comecei a sentir minha natureza.

— Ei — ele disse, pressionando o dedo indicador entre minhas sobrancelhas para alisar o franzido que devia estar lá. — Tudo bem. Sou um menino crescido. Vou ficar de olho em você se você ficar de olho em mim. Combinado?

Seu dedo estava quente contra minha testa, deslizando como uma faca sobre uma tablete de manteiga aquecida.

— Combinado — sorri timidamente. Ele tirou o dedo da minha testa e pa

melancólico. — E agora? — Eu perguntei.

Ele deu de ombros.

— Não sei.

— O que acha que tudo isso significa?

— Novamente, quem dera eu soubesse. Mas acho que estamos fadados a descobrir.

— Fadados? Como coisa do destino? — Dex não me parecia alguém que muito no destino.

— Talvez sim, talvez não, mas acho que você concorda que isso tudo é muito mais do que nós dois. Essa mulher. O que está acontecendo com você. Não são coincidências. As coisas estão acontecendo por um motivo.

— Seja como for, ainda não sei o que devemos fazer em relação a isso.

— Acho que você sabe. Você disse que sabia mais cedo.

Disse? Eu soltei o ar sonoramente e observei a chuva batendo contra as janelas.

Estava diminuindo, e o céu estava clareando um tom ou dois. Era difícil de acreditar, mas estava começando a clarear. Estava apenas dez da manhã. Fazia só vinte e quatro horas desde que Dex havia me trazido para casa, mas parecia uma vida inteira.

Sim, acho que eu sabia o que eu... o que nós tínhamos de fazer. A única coisa que parecia certa. Voltar para o farol enquanto ainda estávamos na estrada. Filmar tudo. Terminar de uma vez por todas e dar o fora. Vivos.

Eu não acrescentei essa última palavra apenas para causar impacto, apesar do simples fato de pensar nela me desse arrepios.

Algo me dizia que desta vez seria bem diferente. Bem maior. Muito mais aterrorizante. Se voltássemos ao farol, definitivamente algo iria acontecer. Era uma expectativa, muitos sentimentos para não acontecer nada. A mulher disse a Dex que não havíamos terminado; pode me chamar de louca, mas eu estava inclinada a acreditar nela.

— Quando a mulher falou com você na lanchonete, alguém mais a viu? — Perguntei com curiosidade.

Ele pensou por um momento, então balançou a cabeça.

— Eu sinceramente não notei. Acho que reparei na garçonete dando um olhar estranho para ela, o que poderia significar que a senhora é real, e não um fantasma.

Se é o que você está perguntando, mas não posso ter certeza.

— Ou ela é real ou não é. Se não é real, é um fantasma.

— Ela pode ser algo que nós dois estamos imaginando.

— Isso é possível?

— Acho que teríamos de partilhar uma consciência se fosse. Não sou especialista em ciências ocultas, mas acho que deveria começar a pesquisar sobre. Fazer um curso sobre isso na faculdade. Eles têm parafísica na MIT Tech, certo?

Ele deu um sorriso preguiçoso. Agradava-me ver que sua cor havia voltado e que seus olhos estavam mais calmos. Eu me sentia mais calma também, só de estarmos juntos nisso.

— Então, acho que a única coisa que nos resta é voltar e tentar de novo. Hoje — anunciou, novamente determinada.

— Hoje à noite — ele contestou.

— Toda lógica e bom senso sugerem uma visita diurna — discuti.

— Você sabe que nada vai acontecer durante o dia.

— Não, não sei, e você também não. Coisas insanas acontecem o tempo todo durante o dia. E vai ser muito mais fácil de gravar.

— Exatamente! Seria mais fácil, é por isso que nada vai acontecer durante o dia. Já se perguntou por que ninguém nunca conseguiu uma fotografia com a presença incontestável de um fantasma? Porque eles não podem ser vistos dessa forma.

— Essa é sua teoria?

— Sim, e é uma boa teoria. Fantasma, o paranormal, coisas inexplicáveis. Houve prova concreta porque o que quer que estejamos caçando se recusa a ser capturado. Eles se recusam a ser vistos por todos. Eles existem o suficiente para nos seduzir, mas no final não nos dão nada concreto. É como... a lei d

Você não viu Os fantasmas se divertem?

— Aham — eu disse lentamente. Não tinha ideia de onde ele queria chegar.

— Eles se metem em encrenca se são fotografados. Não acho que seja muito disto. Além do mais, acho que as energias só podem ser captadas por certas pessoas, pessoas como você. E, bem, isso só deixa a gravação mais misteriosa.

— Achei que você não acreditasse em fantasmas...

— Eu minto. Lembra?

Ah, certo.

— E se formos quando começar a escurecer? — Eu propus, tentando me comprometer apesar do meu nervosismo.

— Por que às sete da noite não é tão assustador quanto às duas da madrugada?

— Isso, exatamente.

Ele deu de ombros.

— Por mim tudo bem. Daí podemos voltar para Portland assim que acabar

Você tem de trabalhar amanhã, não tem?

Eu assenti. Eu tinha de trabalhar. Tinha aquela reunião, e tinha quase me dela. Eu não queria ir parecendo e me sentindo um lixo, mas sabia que n escolha.

Está bem, claro que eu tinha escolha. Eu podia cancelar tudo e me esquecer

Tocar minha vida, mas eu não queria tocar minha vida, não a vida que deixei em

Mesmo com a promessa de uma promoção em vista, não conseguia imaginar as coisas como eram antes. Era irritante, horripilante às vezes, sentir como pela realidade estivesse lasseando, como se estivesse lidando com algo muito qualquer compreensão sobre a vida e a morte. E ainda assim era tão cativante.

De certa forma, ao lidar com os mortos, eu nunca havia me sentido tão viva.

Ter Dex ao meu lado também ajudava. Na verdade, não acho que eu seria seguir com isso se não fosse por ele. Ele fazia os sonhos, os sustos, o de suportáveis. E depois de falar com ele naquele carro frio estacionado atacado pela no acostamento da rodovia costeira, eu sentia como se eu estivesse um passo mais de compreendê-lo.

Bem, um passo com mais um milhão por vir. Entretanto, ainda assim um passo.

Ele se sentou direito e colocou o cinto de segurança. Ajustou sua jaqueta e abriu sorriso que deixou meus joelhos bambos. Fiquei feliz por estar sentada.

— Vamos voltar para a casa do seu tio e planejar melhor as coisas?

Eu sorri e assenti. Não tanto pelo que ele havia dito. Eu assenti para mim percebendo que conhecer melhor Dex, implicava que eu cuidasse de mim mesma.

Independentemente de maldições malignas, Velho Roddy ou Palhaça Decrépita Bizarra, me apaixonar por esse homem seria a coisa mais assustadora de todas.

CAPÍTULO DOZE

BASTA DIZER QUE TIO AL FICOU EXTREMAMENTE surpreso quando nos aparecemos novamente na sua porta. Por mais que ele amasse companhia, eu tinha de que ele havia soltado um suspiro gigante quando Dex e eu partimos de

Desculpe, tio Al; você não vai se livrar da gente tão facilmente.

Ainda assim, ele foi educado o suficiente para nos deixar ficar na sua casa o dia todo.

Os meninos já estavam acordados jogando videogame, o que para Dex estava muito

Decidi ser útil e aliviar um pouco da culpa fazendo uma torta de maçã para

Sim, eu sei que não pareço ser o tipo de mulher que esquentar a barriga r (realmente não sou; meu talento para cozinhar é medonho), mas até que tenho jeito o forno.

Além disso, era um jeito de fazer o tempo passar. Eu já havia usado a internet gêmeos por uma hora, apenas respondendo e-mails e verificando os comentários do blog. Ada estava de volta e a todo vapor, totalmente dedicada em provar a si dela e de mais ninguém. Ela postou bastante desde que parti, parecia que tentando enterrar meus posts sob montes de moda e futilidade.

Não importava. Eu sabia que tinha um plano B (Dex) e eu ainda recebia curiosas sobre minhas aventuras. Um clube de caçadores de fantasmas de Salem (só), Oregon, estava perguntando se podia me entrevistar ou ver o farol. Eu

los no banho-
maria por um tempo, mesmo que a resposta fosse um categórico não.

No entanto, eu não pude evitar contar isso a Dex quando nos sentamos na cozinha armados com canetas e papel para planejar a noite.

— Então, um clube de caçadores de fantasmas de Salem está querendo que receba e mostre a eles o farol — eu disse casualmente.

Dex parou o que estava escrevendo, mas não olhou para mim.

Ele pigarreou.

— E?

— Não respondi a eles — disse honestamente. Ele abriu a boca para dizer algo, e fechou-a abruptamente e depois abriu a boca novamente.

— Bem, faça o que quiser. Você é dona do próprio nariz, nós não assinamos nada

Soou indiferente, como se realmente não se importasse com o que eu fazia. Isso me irritou. Eu esperava que ele ficasse com inveja, por mais imaturo e mesquinho pareça. O tiro saiu totalmente pela culatra.

Como uma deixa para botar uma pedra naquele assunto, o celular de Dex começou

vibrar na mesa. Uma foto de Jennifer apareceu na tela. Meu rosto deve ter caído e
sido automaticamente tomado por um rosa vibrante. Por sorte, Dex estava ocupado

— Oi, gata — ele atendeu.

Eu podia ouvir a voz dela abafada do outro lado. Ela parecia falar bastante. Dex chegou
brevemente para mim, e eu tentei projetar uma curiosidade casual.

— Sim, tudo bem. Sério, eu não me importo. Faça o que você e as meninas
quiserem. Sem problema. Só vou chegar em casa de manhã, mesmo.

Seus olhos voaram para os meus, mas ele estava olhando através de mim novamente.

Sua voz ficava diferente quando falava com ela. Era um tom ou dois mais alto, se-
tom sexy na voz. Eu me perguntei o que aquilo significava, se é que signifi-
cava coisa.

— Sim, ainda não. Está bem. Tchau.

Ele apertou o botão de desligar e soltou o telefone.

— Ok, onde estávamos? — Ele perguntou a si mesmo, pegando a caneta e colocando
a no papel.

Eu não pude evitar a pergunta:

— Ela não se importa que você fique outra noite?

Ele balançou a cabeça.

— Não. — Ele bateu no papel com a tampa da caneta e olhou para a jarra
mais torta?

— Sim, tem uma fatia ou duas; guardei na geladeira — disse com desconforto. A
que ele não iria falar sobre ela comigo. Talvez eu fizesse perguntas demais;
quisesse torta.

Ele entrelaçou os dedos e abriu um sorriso meigo.

— Você pegaria um pedaço de torta para mim? — Ele levantou a sobrancelha. Te-
não revirar os olhos. Abri a geladeira, me abaixei e peguei a torta e uma

Acenei para ele.

— Quer um copo de leite também? — Perguntei mal humorada.

Ele estava olhando para a minha bunda. Pelo menos, era o que parecia. A sendo a maior coisa no cômodo, devia ser difícil não olhar para ela.

Esperei ele levantar os olhos. Ele finalmente os ergueu e exibiu inocentes brilhantes e alinhados.

— Estava olhando minha bunda?

— Sim — ele respondeu sem hesitar. Seus olhos redondos e perturbados. jocosos, se preferir um termo mais educado do que “perturbado”.

Eu balancei a cabeça. Coloquei o leite de volta na geladeira, sem me abaixar dest. peguei um garfo e coloquei uma fatia de torta na frente dele. Podia sentir subindo pelo meu pescoço e pelas minhas bochechas.

Ele não parecia incomodado com isso.

— Obviamente eu também preciso de um guardanapo — ele disse objetivamente.

— Obviamente — eu murmurei, enquanto caminhava até a gaveta e jogava guardanapo na frente dele. Eu me sentei e o estudei receosa.

Ele dobrou algumas vezes o guardanapo bem direitinho e colocou-o no bolso da camisa, com a pontinha de fora, como um lenço. Então se afundou na torta, terminando em algumas bocadas. Empurrou o prato para longe e limpou a boca com a mão, aparentemente esquecendo do guardanapo.

Ele me notou. Acho que o estava encarando de novo. Era melhor ele se a com isso, é difícil não encará-lo quando ele agia tão... ai, Deus, tantos adjetivos para usar aqui.

— Não vai comer nada? — Ele apontou para mim com o garfo.

— Não gosto de torta — disse. Isso não era verdade, não sei por que menti.

— Não gosta de torta? Que tipo de pessoa não gosta de torta? — Ele riu, se inclinou e cutucou meu braço com o garfo. — Não dá para confiar em você.

Eu instintivamente me afastei.

— Não sou eu quem está apontando um garfo.

Ele abriu minha mão e colocou o talher nela.

— Agora é você que está com o garfo.

Ele se sentou na cadeira, abaixou o olhar para suas anotações e coçou pensativamente as costeletas. E do nada...

— Eu só quero que você curta as coisas doces da vida, Perry. Só isso.

— Eu curto... doces — consegui dizer. Não iria animá-lo com minhas tiradas, com certeza não.

— Doces são uma metáfora — ele disse baixinho.

Ele soltou ar e bateu o punho na mesa. O prato com a torta pulou. Eu pulei. Tenho certeza de que os gêmeos no outro cômodo pularam.

— Tudo bem, chega de conversa fiada — ele rosnou. — Vamos fazer um plano concreto para esta noite. Por mais que eu adore seguir com o vento e fazer o que na telha, acho que não podemos nos dar ao luxo de fazer isso desta vez. próxima. Parece bom?

— Ai, Deus, que seja — disse para dentro.

— Esse é o espírito — ele refletiu e começou a rabiscar furiosamente o papel. Percebi que ele estava desenhando o farol detalhadamente.

— Então, havia quatro andares, certo?

Eu não conseguia lembrar.

— Não sei. Até onde você foi até eu chegar?

— Não cheguei até o topo. — Ele terminou o desenho e apontou a torre

caneta. — Vamos lá em cima hoje à noite.

Já era o bastante ter “acontecimentos” nos andares mais baixos, que eram seguros.

Ele apontou para a parte habitável no prédio.

— Vamos também chegar ao segundo andar, agora que temos a chave. Eu gostari te levar de volta àquele quarto.

Lembrando o que o tio Al me contou sobre a mulher morta amarrada com algas n cama, fiquei enjoada com a ideia.

— Vou tentar. Mas não vou fazer nenhuma idiotice, entendeu?

Dex me deu um rápido sorriso.

— Claro.

Não era muito reconfortante. Eu me perguntava se era uma de suas mentiras.

Fomos discutir qual equipamento deveríamos levar, o que eu deveria dizer à câm e quais eram os cômodos de início e fim.

— Provavelmente deveríamos ter um código de segurança também — ele disse.

— Um código de segurança? Tipo no sadomasoquismo?

Os olhos dele brilharam, animados e claros.

— A palavra de segurança é gelatina.

Deus me proteja se eu tiver de dizer “gelatina” por alguma razão.

Dei a ele um sorriso safado, mas seus olhos estavam focados além de mir

Virei a cabeça e vi Matt e Tony parados lá, cochichando um com o outro e nos oll cara feia.

— Precisam de alguma coisa? — Dex perguntou.

— Que foi, meninos? — Eu perguntei num tom mais leve.

Os gêmeos trocaram um olhar rápido antes de Matt vir à frente, olhando para Dex.

— Hum, nós, hum, a gente meio que estava ouvindo vocês e tal...

— Queremos ajudar — Tony falou e se juntou ao irmão ao meu lado.

— Tááááá — eu disse lentamente.

— Nós moramos aqui, esse farol é nosso — Tony continuou, com os braços cruzados sobre o peito em desafio.

Matt revirou os olhos.

— Só achamos que podemos ajudar seu programa de TV, de internet, sei lá.

— E como? — Dex perguntou com a melhor voz de professor de escola.

Outro rápido olhar entre os gêmeos. Dava para ver que Tony ia abrir a boca. Matt puxou uma cadeira e se sentou.

Ele olhou para Dex em concordância, e me encarou antes de começar a falar. Policial bom, policial ruim.

— Perry, sabe o Ás?

Como eu poderia me esquecer dele?

— Bem — ele continuou —, ele tem um barquinho em Nehalem Bay. Iríamos lá tarde de toda forma para... bem, fazer algumas coisas. Então pensei que poderíamos levá-los pela água. Sabe, para que vocês possam ter alguns bons planos de filmagem daquele ângulo.

A ideia de sair de barco, especialmente com aquele tempo de merda, não era atraente, mas podia ver que Dex estava começando a considerá-la seriamente. Era como se

Matt soubesse que a frase mágica era “bons planos de filmagem”. Parecia para o coração de Dex era qualquer coisa que ajudasse sua filmagem.

Isso e torta.

Dex baixou os olhos para os desenhos e então para o céu cinza pela janela. Eu espero que ele dissesse algo. Todos esperamos.

Finalmente ele olhou para Matt e deu de ombros.

— Claro, se você acha que é uma boa ideia.

Ele queria parecer desinteressado, mas eu podia ver que ele estava se estapeando dentro por não ter sugerido isso antes. Acho que alguns planos e pontos de vista diferentes realmente acrescentariam um pouco de variedade à maneira como fazemos as coisas, e eu sei que os gêmeos estavam se sentindo um pouco de aventura que acontecia na propriedade deles. Ainda assim, eu me sentia desconfortável com isso. Sair na água, com ninguém menos que Ás a reboque parecia o desastre.

Matt e Tony abriram sorrisos idênticos. Tony riu.

— Que bom — porque já falamos com o Ás sobre isso. Ele está nos esperando no cais.

Agora era hora de Dex e eu trocarmos um olhar desconfortável. Imagino como teríamos de seguir às cegas com eles.

Tio Al saiu por um tempinho, e provavelmente era melhor assim. Apesar de ter um homem de trinta e dois, uma mulher de vinte e dois e dois meninos de dez e onze tomando as próprias decisões, eu sabia que ele não ficaria muito feliz de saber que sair de barco com ninguém mais, ninguém menos, do que o “Ás”.

Rapidamente preparamos o equipamento, além de alguns sacos plásticos e capas de chuva para emergência, caso a chuva apertasse novamente, o que era inevitável se seguíssemos para a caminhonete dos gêmeos.

Dex e eu ficamos no estreito banco traseiro, o qual estava metade ocupado por algum motivo, por uma armadilha para caranguejos.

Eu não entendia o sentido de ter uma caminhonete se as coisas não são colocadas caçamba, mas agora não era o momento de questionar os gêmeos sobre nada.

Infelizmente isso significava que eu tinha praticamente de me sentar no colo de L. Tudo bem, talvez não fosse tão infelizmente assim. Os bancos estavam um pouco mofados, enquanto a perna de Dex era firme e quente. (Eu mencionei quente?)

Ainda assim, eu não pude evitar um rápido sorriso tímido por estar não apenas com o peso de metade da bunda e uma coxa sobre ele, mas também por estar literalmente acima do rosto dele.

— Desculpe — eu disse com a voz baixinha. Porque meus lábios estavam centímetros dos dele, a última coisa que eu queria era soltar meu bafo sobre ele.

Ele deu um sorrisinho de canto de boca, talvez pensando a mesma coisa. Nesse momento, eu sabia que os gêmeos estavam nos espiando pelo espelho retrovisor.

— É, desculpe pela armadilha aí atrás — Matt disse. — Não queríamos que molhasse.

Não fazia sentido nem tentar entender isso. Eu só dei a eles um merecido olhar torto e seguimos.

Claro que a estrada era toda irregular, e eu fiquei instantaneamente ciente de novo de A) quanto eu pesava e B) quanto meus peitos pulavam quando passávamos por um buraco. Juro, uma hora eles quase bateram no Dex. Tive de morder os lábios para segurar o riso e evitar olhar diretamente para ele, como se ele fosse um eclipse.

Após vinte minutos consciente do corpo de Dex embaixo do meu, e de se sentir quente no meu pescoço e ainda ser submetida a Nickelback sem parar, com o pavoroso CD player dos gêmeos, nós finalmente entramos numa marina de vagabunda tomada por redes de pesca semiabandonadas e pilhas de caixotes apodrecidos.

Saímos da caminhonete, e o ar estava mais frio e úmido do que na casa. O dono, um homem animado até nós, parecendo bem o punk de que eu me lembrava da semana passada, com o rosto sujo, moleton velho com capuz e olhos malandros. Na verdade, à luz do dia parecia mais velho também, o que não era um bom sinal, considerando que ele ficava com a minha irmã de quinze anos.

Ele cumprimentou os gêmeos como se eles fossem todos da mesma gangue.

Compton e deu a Dex e a mim um aceno de cabeça.

— E aí, caça-fantasmas? — Ele disse. — Prontos para chapar o coco?

— Hum — eu disse, olhando para Dex. Eu sabia que ele ficaria de saco cheio do em dois segundos.

— Chapamos depois — Matt disse, e apontou para o barco. — Que tal ti barco primeiro?

— Parece sensato. — Ás riu e tirou uma garrafinha de rum de seu bolso. Deu um golinho e piscou para mim e para Dex. — É meu direito como pirata.

Ele saiu pela doca com os meninos o seguindo bem de perto. Eu balancei a cabeça e murmurei.

— Não consigo acreditar que ele ficou com minha irmã.

Dex riu.

— Esse imbecil ficou com a sua irmã? Ela não está na escola ainda?

Eu suspirei.

— Sim, está.

Ele fez uma careta.

— Sei que vocês mulheres gostam dos bad boys e tal...

Eu ri, talvez alto demais.

— Eu não!

Ele levantou a sobrancelha para mim, o piercing refletindo a luz fraca.

— Bom saber — ele disse com um sorriso malicioso e seguiu atrás dos meninos.

Descemos pelo cais escorregadio, passando por tripas de peixe, placas falta cascos tomados de cracas até chegarmos ao barco do Ás. Surpreendentemente

uma merda de barco como os outros pareciam ser. Era só um pequeno barco com bancos e uma minúscula cabine na frente que tinha só espaço suficiente para dois.

Eu estremeci internamente. Ainda bem que Ada nunca viu esse lugar.

Nós subimos, colocamos a capa de chuva e protegemos a câmera (com o cuidado de não dirigir, imaginei que ficar seca não seria uma tarefa fácil) e rugimos para fora com tamanha velocidade que já comecei a esperar que algum velho no cais acenar com o punho pedindo para desacelerarmos.

Ao sairmos da baía para o oceano aberto, as coisas ficaram rapidamente intensas. Eu estava me agarrando ao meu banco pela minha vida e Dex gritou repetidamente para diminuir alguns nós. Quanto mais as ondas nos acertavam, mais molhados ficávamos.

Seria um inferno se a câmera do Dex ficasse danificada por isso...

Finalmente Ás aceitou as sugestões. Ou melhor, Matt assumiu o leme e deu ordem para que Tony terminarem o resto do rum. O barco desacelerou até chegar a uma velocidade confortável o bastante para que Dex pudesse começar a gravar a costa.

Estávamos bem longe do farol, mas as ondas acinzentadas que vinham contra nós tinham uma espuma branca e as faixas de pastos e a praia eram bem fotogênicas. Do horizonte, havia uma mancha desbotada, o Farol Tillamook. O Terrível Tilly.

Eu apertei bem a capa de chuva ao meu redor. Estava me sentindo terrivelmente molhada e um pouquinho enjoada a cada solavanco do barco. Para tirar minha mente disso, assisti ao Dex planejando, ajustando a câmera e fazendo uma panorâmica a todo o redor.

— Precisa que eu esteja nos planos? — Perguntei sobre o rugido do motor. Não que eu fosse filmar o material naquele momento, com meu cabelo emaranhado e molhado e roupa de saco de lixo, mas eu queria fazer alguma coisa para evitar vomitar. Eu nunca fiquei enjoada em barco antes.

— Acho que estou bem — ele disse, mantendo os olhos no visor. — Isso provavelmente só vai ter alguma narração depois. — Ele me deu um rápido olhar para trás.

— Você está bem?

Eu estava prestes a responder quando Ás decidiu enfiar a garrafa de rum debaixo

meu nariz.

— Isso vai te curar! — Ele disse enrolando a língua.

Foi o suficiente para fazer eu me mexer. Fiquei de pé vacilante, enquanto sacudia para todo lado, e segui até os fundos.

— Ei, cuidado — Dex disse agarrando meu braço para me equilibrar. Fiz sinal ele me deixar ir. Eu estava desconfortavelmente prestes a vomitar.

Caminhei para o lado oposto do barco, onde o Pacífico se estendia para se encontrar com o céu, e fiquei de joelhos.

— Ela vai gorfar! — Ás gritou da frente.

— Cale essa boca — ouvi Dex dizer a ele.

— Você está bem, Perry? — Matt perguntou, ignorando os dois.

Fiz sinal para eles pararem de falar e me deixarem em paz para me concentrar em despejar o almoço na lateral do barco.

Meus joelhos se encharcaram no convés, e os meninos estavam discutindo algo, mas de alguma forma meu cérebro estava cooperando comigo e lenta e afastando, como se meus ouvidos tivessem um botão para diminuir o volume.

Agarrei o canto do barco e coloquei a cabeça para fora, até poder ver as ondas circulando abaixo de mim.

Mantive o foco no oceano revolto e me concentrei na miríade de cores e formas da espuma cremosa do mar a cada crista e a cada vale. As ondas continuaram a passar por mim, mas o pior era o desconforto e o pânico que começaram a passar pelas minhas veias. Eu estava com medo, mas não sabia do quê.

Fechei os olhos e lentamente respirei o ar salgado. O rugido do motor, os meninos, os sons das ondas diminuíram até tudo o que eu ouvia era o meu coração batendo na minha cabeça.

— Perry.

Era uma voz de mulher.

Eu abri os olhos. Só conseguia ver o oceano.

— Perry — a voz disse novamente. Era estranhamente familiar e vinha da frente. Das ondas.

— Perry, você está bem?

Será que eu estava ouvindo coisas?

Lentamente me virei e olhei para o barco. Dex estava de costas para mim gravando a terra e o farol, que agora podia ser avistado. Matt estava com o celular na mão, enquanto Ás tagarelava com ele sobre algo. Tony parecia estar prestando atenção nele enquanto me olhava com a visão periférica.

— Perry, me ajude — ouvi novamente a voz que vinha da direção da água. Meus olhos se arregalaram e meu coração desacelerou. Eu não tinha escolha senão olhar para a borda do barco.

Algo escuro se movia abaixo das ondas. A princípio parecia uma sombra na água, uma impressão por causa da marola. No entanto, quanto mais eu olhava, podia vislumbrar algo.

Era um braço? Movia-se como um.

Então dedos. Eu pude ver uma mão abaixo da superfície da água.

Eu tentei gritar, dizer algo, me mexer. Mas não conseguia. Eu só via uma mão sair da água, uma sombra aguada transformando-se em algo físico. Tinha tons verde e branco, mas era real, com veias azuis correndo pelo braço.

O braço estava acompanhado de outro, parecia uma pessoa sem cabeça se movendo na água. Eu olhei fixamente para o lugar onde a cabeça deveria estar. Podia ver as pernas se movendo mais abaixo.

Uma das mãos começou a curvar um dedo para mim. Reconheci por acaso o esmalte azul no dedo. Tinha aquele mesmo tom.

Ainda segurando a borda do barco, fiquei lentamente de pé, até estar para cima e olhando o corpo.

A cabeça irrompeu da água.

Era eu.

Eu estava olhando para mim mesma flutuando na água, com aqueles olhos vidrados que soltavam um fluido verde.

— Me salve, Perry — ela disse. Minha boca se abriu como se meu corpo estivesse queda livre. Minha mente rodopiou.

Antes que eu pudesse reagir, ela saltou da água e agarrou minha capa com mãos.

Eu soltei um grito que chacoalhou até o tutano dos meus ossos e fui puxada sobre beira do corrimão do barco.

A água correu para me cumprimentar, tornando-se negra, preparada para me engolir nas profundezas.

Então fui agarrada por trás e puxada de volta no instante em que as ondas iam beijar meu rosto.

Eu caí de costas no barco. Alguém me pegou.

— Perry! — Eles gritaram, e o barco parou repentinamente, me empurrando meu herói.

Era Tony, me segurando com firmeza pelas costas com as duas mãos enquanto sacudia meus ombros suavemente.

Foi como uma eternidade até meus olhos poderem de fato focá-lo.

— Jesus — Dex praguejou, em seus olhos havia uma mistura de preocupação e irritação.

— O que aconteceu? — Eu perguntei enquanto minha respiração finalmente encontrava meu corpo.

Olhei para Ás e Matt me olhando do timão. Ambos pareciam mais com medo do preocupados.

— Acho que você teve outra crise, Perry — Tony disse baixinho.

Dex deu a Tony um olhar atravessado, mas eu o ignorei. O que havia acontecido?

Eu me virei para olhar novamente para a água. As ondas passavam como haviam feito. Não havia nada.

— Você não a viu na água? — Eu perguntei francamente, sabendo que aquilo me parecia louca.

— Ela quem? — Dex disse. Tony soltou meus braços e Dex me puxou um pouco mais para perto dele. — Quem estava na água?

Eu balancei a cabeça.

— Esqueça.

— Está vendo coisas de novo — Matt falou.

— Cale a boca, Matt! — Eu disse. Sinceramente, era meio verdade.

Achei que Dex cairia em cima do que ele disse, mas deixou passar.

— Estávamos te chamando. Você só olhava para a água. Acho que não nos ouviu.

Assenti concordando. Eu me sentia cada vez mais idiota.

Ele suspirou e me levou até o banco. Estalou os dedos para Matt.

— Acho que deveríamos voltar agora. Tem um colete salva-vidas? Um cobertor ou algo assim?

Tony desapareceu na cabine e saiu com o colete; Dex tentou colocá-lo em mim.

— Para sua segurança — ele disse bem sério.

— Pfff — eu tentei afastá-lo. — Não sou um bebê.

Para falar a verdade, eu estava apavorada e o deixei colocar o colete em mim. Então ele me entregou um cobertor fedido enquanto os gêmeos levavam o barco para a água.

— Acho que você devia tomar uma biritinha — Ás brincou.

Não parecia mais uma má ideia. Minha mente estava com tanta dificuldade para processar o que havia acontecido que qualquer coisa para anestesiá-la era bem-vinda.

Nós seguimos em silêncio pela maior parte da viagem, até Tony bater no meu ombro.

— Ei, você ainda vai naquele psicólogo? — Ele perguntou. Era uma pergunta ardilosa, mas a voz dele soava inocente, como se estivesse apenas curioso, significava que fosse me fazer falar sobre meus encontros com o doutor F. O psicólogo da família.

— Ele não era meu psicólogo; era da família toda — eu disse calmamente. Não fosse grande coisa.

— Ele só estava lá por sua causa — Tony apontou.

— Ei, mano! — Matt avisou do leme. — Não é hora nem lugar de falar sobre isso. Tony deu de ombros.

— Desculpe. É só que, se você está vendo coisas novamente, talvez devesse ligar para ele.

— Vendo coisas novamente?! — Eu repeti ferozmente. Não fazia ideia do que ele estava falando.

Olhei para Dex e balancei a cabeça para indicar que era tudo bobagem. Dex parecia muito convencido.

— Você via coisas antes? Que tipo de coisas? — Dex perguntou.

Eu suspirei.

— Não vi. — Olhei para os gêmeos. — Não sei do que está falando, Tony.

— O meu pai disse que você estava doente. Meio louca, que seus pais es

surtando, tipo, quase internando você ou...

— Drogas, Tony. Eram só drogas — eu retruquei na defensiva.

— Drogas? — Dex e Ás disseram em uníssono.

— Ah, como se alguém neste barco pudesse falar de mim — eu disse. — algumas drogas no colégio. Todo mundo usa.

— Nem todo mundo vai para o psicólogo por causa disso — Matt retrucou.

— Eu fui — Ás disse. A primeira coisa válida que ele disse até então.

— Viu? — Eu disse. — Os pais surtam, mesmo. Eu era um pé no saco. Uma idiota que quer que eu diga? Isso está no passado. Está tudo bem agora. Estou bem.

Ninguém pareceu convencido, exceto Ás, que voltou a não se importar. Dex pareceu menos convencido de todos. Ele ficava me olhando, tentando me entender, meus pensamentos.

Eu me reclinei de volta no banco e virei minha cabeça para ele.

— Olha, estou cansada. E às vezes você vê coisas quando está cansado. Isso disse.

Afinal, naquela mesma manhã ambos nos deparamos com o absurdo da Pa Decrépita Bizarra. Qual é a diferença?

E se eu estiver vendo coisas? E se eu realmente avistei alguém na água? Um fantasma de mim mesma. Isso era possível?

Dex mordeu seu lábio por um tempo, mantendo contato visual e disse:

— Tem certeza de que consegue lidar com isso?

— Que porra é essa?! — Eu xinguei. Surpreendi a mim e a todos no barco. Até Dex pareceu espantado. — Claro que posso lidar com isso. Qual é o sentido de tudo aquilo de manhã? Nós decidimos que vamos fazer isso, então é isso fazer. Só porque eu vi algo na água não significa que não estou ajuizada o suficiente para continuar. Temos um acordo!

— Tudo bem, está certo. Acalme-se. — Ele segurou meu ombro.

Eu o empurrei para longe. Quanta audácia ele me dizer para me acalmar.

— É só que você quase caiu no mar, e seus primos aqui estão falando que você ia um psicólogo. Eu sei, eram as drogas ou qualquer coisa infeliz com a qual você te metido quando adolescente, mas saber um pouco mais sobre isso teria sido bom a começarmos.

Soltei uma gargalhada sarcástica.

— Ah, então agora o fato de não nos conhecermos bem está se tornando problema. Entendo.

Ele sabia que eu estava certa. Eu havia tentado tirar algo dele o final de semana te agora que o jogo havia virado, era um problema para ele.

— Tá bom, mocinha. Só estava perguntando — disse. Ele se virou para v imagens que havia feito, como se nada tivesse acontecido.

[CAPÍTULO TREZE](#)

A CADA MINUTO ESCURECIA MAIS QUANDO voltamos para a marin seguimos de volta para a casa do Al. Ele não gostou que tivéssemos saído e ficou raiva quando os gêmeos disseram a ele sobre o barco do Ás. Por sorte, o só com os gêmeos. Ele deixou Dex e eu em paz para fazermos nossas co sentir que o tio Al sabia que algo estava rolando comigo.

Obviamente eu estava mais sensível do que nunca. Tentei afastar o incidente do b da cabeça, mas a imagem de mim mesma, buscando por mim mesma, na água sal ondas cerebrais como uma mensagem subliminar.

Para o bem ou para o mal, eu realmente não podia me dar ao luxo de re

Tínhamos um trabalho a fazer e por mais assustada que eu estivesse, eu e demais para recuar. Especialmente agora. Tínhamos um programa para grav iria se gravar sozinho.

Quando o céu se tornou de um tom resolutamente cor de carvão, Dex e eu estávamos prontos para ir. O tempo havia piorado vertiginosamente na última hora, co

todas as direções, mas não era nem perto de tão caótico quanto o da noite

Queríamos estar o mais preparados o possível desta vez, então eu usei a jaqueta preta do Dex sobre as minhas roupas. Não me valorizava na frente da câmera, mas ele também não queria que eu pegasse uma pneumonia.

Eu não me importava. Imaginei que o preto poderia me esconder dos fantasmas.

Além disso, tinha o cheiro dele... muito bom.

Ficamos do lado de fora da porta dos fundos, lado a lado, vendo as ondas distantes captarem a luz amarelada projetada da casa. Dex parecia estar imerso em pensamentos profundos, com a câmera apoiada no ombro. Eu não queria pensar no que precisava fazer até eu ter de absolutamente fazê-lo.

Finalmente ele se virou para mim; seu rosto estava sombreado pela luz e molhado com as gotas do chuveiro.

— Está pronta? — Ele perguntou gravemente.

— Tão pronta quanto possível — respondi.

Ele pegou minha mão e segurou-a à nossa frente.

— Não vou te soltar desta vez. — A voz dele estava áspera. Eu sabia que estava falando sério.

Eu assenti, e ele apertou minha mão. Parecia quente e forte. Eu apertei a dele de volta, torcendo para que não tivesse de soltá-la.

Eu queria que ele colocasse os braços ao meu

redor e fizesse tudo ficar bem.

Em vez disso ele assentiu.

— Vamos lá filmar uns fantasmas.

Ele saiu andando, me puxando pela mão, e logo estávamos na praia, caminhando para sul com passos determinados. Eu sentia que estávamos marchando para a batalha e podia ouvir uma música dramática de Segunda Guerra na minha cabeça. Isso e o

Matrix.

Passamos pelas dunas e pelo aterro sem muita perturbação, tirando uma escorregadeira ou outra. Dex me segurou todas as vezes. Na verdade, seu aperto aumentava a escorregadeira; quando chegamos à frente do farol, minha mão estava dormente.

Eu não sabia se a terceira era a tentativa de sorte. Não vi lampiões malucos na floresta, nenhum cara morto e inchado no meu encalço, e Dex estava à vista para alcançar o tempo todo.

Contudo, isso não impediu que a visão do “farol sombrio” tirasse meu fôlego como se o medo trouxesse lágrimas aos meus olhos.

Dex olhou bem para cima, absorvendo tudo. Lentamente soltou minha mão e começou a sentir alfinetadas e agulhadas de formigamento, e tirou a câmera da mão.

Começou a ajustá-la e abriu um sorriso solidário.

— Não vou sair do seu lado. Gelatina, lembra?

Eu sorri corajosamente para ele, apreciando quão normal ele podia ser quando queria.

Ele tirou a chave do bolso e ficou com ela a postos. Com a outra mão, ele acendeu a luz da câmera.

Recuei com a claridade e protegi meu rosto com a mão.

— Desculpe — ele disse. — Você se acostuma. Pronta para rodar?

Nem um pouco, mas assenti mesmo assim. Senti como se antes de qualquer coisa tivesse medo da exposição, mas decidi que eu deveria aceitar tudo isso de braços abertos.

Era muito mais fácil de lidar com esse medo do que com o “medo da morte”, por uma expressão melhor.

Dex apertou o botão de gravar e fez uma contagem regressiva com os dedos. Gravando.

— Estamos diante do Farol Rocky Point — eu disse em voz alta —, prestes a fazer

primeira jornada com uma equipe de filmagem profissional, torcendo para as imagens um traço do Velho Roddy ou de qualquer espírito aterrador que pudessem aparecer nessas paredes castigadas pelo oceano.

Decidimos ter bem pouca narração gravada e preencher todos os fatos históricos com locução posterior. Dex só queria que eu explorasse naturalmente e recriássemos. Eu imediatamente soube que ia parecer a maior medrosa. Eu me sentia humilhado por ter chamado Dex de medroso mais cedo.

Ele me entregou a chave e seguiu com a câmera atrás de mim. A chave era longa e pegajosa na minha mão. Parecia naturalmente pesada.

Caminhei lentamente para a porta e inseri a chave na fechadura. Ela estalou e parecia ser um mecanismo poderoso, mesmo no vento uivante.

Coloquei a chave no meu bolso, virei a maçaneta enferrujada e empurrei a porta.

Ela a abriu pela metade e o rangido das dobradiças ecoaram pelo denso cômodo. A luz de Dex brilhou à frente, iluminando as partículas de poeira numa névoa e lançando as sombras negras para os lados.

Sei que Dex queria que eu caminhasse até o cômodo, mas eu não conseguia. Eu havia passado por muita coisa na última semana, mais do que eu já havia passado na minha juventude. Nesse momento, parada na soleira de um lugar morto e silencioso, parecia que estava nos portões do inferno. O inferno com vista para o mar.

Ainda dava tempo de fugir. Eu não precisava entrar de novo nesse lugar, mas isso tornou maior do que uma lenda na minha vida. Um lugar que continha tudo que eu sempre temera e o que eu ainda não sabia que temia.

Dex pigarreou atrás de mim. Isso me segurou ali. Ele disse que não me deixaria e eu tinha de apostar minha vida que ele não estava mentindo.

Entreí no cômodo e empurrei a porta para abri-la completamente.

Minhas botas ecoavam contra o chão de madeira a cada passo. Olhei para baixo. Era interessante, estivemos no cômodo no dia anterior, mas nossas pegadas haviam sumido, cobertas por uma camada grossa de poeira. Era como se tivesse imaginado tudo aquilo.

Olhei para a câmera.

— Tanta poeira. Isso é normal?

Contra a luz, eu não conseguia enxergar a expressão do Dex, então soube começaria a fazer à câmera várias perguntas idiotas que não podiam ser respondi

Caminhei até o centro do cômodo, ao lado da grande mesa maciça, e olhei ao red respirando na manga do meu casaco para evitar o ar embolorado.

BLAM!

A porta, repentinamente ágil, bateu. O acontecimento quase rompeu meu c ansioso enquanto o impacto balançava as pinturas na parede. Houve uma batida n quando me virei, duas painelas e frigideiras caíram do fogão para o chão. ensurdecedor.

Olhei para Dex pela câmera para que ele visse quão assustada eu estava. Era ruim poder ver o rosto dele, mas não havia muito que eu pudesse fazer em relação a iss

A poeira ao redor das painelas começou a decantar. Eu tinha a estranha vo guardá-las arrumadinhas, mas a ideia era absurda. Eu poderia passar um aspirador também.

Nosso plano havia sido caminhar pelo cômodo e explorar qualquer ponto ou obje estranhos. Depois disso, iríamos para o corredor, subir as escadas até o segundo a ver o quarto inexplorado acima de nós. Então seguiríamos para o temido quarto e fiquei trancada semana passada e finalmente até a escada em espiral para costumava guardar a luz “amaldiçoada”, a alma dessa instalação.

Eu mantinha tudo em mente como uma forma de roteiro, o que me fez fc mais na tarefa técnica em mãos em vez de no potencial cenário de fazer sujar as c

Falando em tarefa em mãos, eu estava imóvel olhando para as painelas e f caídas por muito tempo, ignorando completamente o fato de que a câmera rodando. Dex provavelmente teria de editar pra caramba quando terminássemos.

Respirei longa e lentamente pelo nariz e caminhei até a escuridão à esquerda. Dex seguiu com a câmera, iluminando o caminho até eu chegar ao armário que havia v

dia anterior.

Era alto e feito de madeira maciça, como a mesa. Abri as portas e torci para que o cadáver não caísse de dentro dele.

Nele havia apenas um par de galochas e uma jaqueta com capuz, do tipo pescadores costumam usar. Mesmo que a jaqueta parecesse velha e estivesse com as costuras se soltando em vários pontos, estava sem poeira, assim como as luvas. Não sabia se valia a pena mencionar isso ou não.

— Parecem ter sido usadas recentemente — a voz do Dex ecoou áspera e sem emoção no cômodo. Acho que valia a pena mencionar.

Eu concordei.

— Sim, estão sem poeira.

Era estranho, eu não tinha pensado que elas de fato poderiam ter sido usadas recentemente. Acho que Dex disse isso para causar impacto. Eu esperava que fosse para causar impacto.

— Pode iluminar o resto do cômodo? — Perguntei, apontando para o vazio.

Dex mirou a câmera e a luz para as paredes e o teto. Tudo parecia ameaçador naquela luz granulosa; para meus olhos impressionáveis até as cadeiras empilhadas lembravam um terrível espantalho. Não achei mais nada interessante naquele cômodo.

Permanecia morto e quieto.

A luz voltou ao meu rosto, e então se moveu lentamente para a porta, que estava fechada. Fui até lá e a abri. Lentamente. Para criar tensão.

Era como eu me lembrava. O cômodo à nossa frente (onde eu arrombei a porta, que estava fechada, mas eu sabia que não valia a pena explorá-lo). Dex entrou no corredor ao meu lado e abaixou a câmera. Foi bom sentir seu corpo contra meu ombro. Eu me sentia tão desconectada quando ele estava em modo cineasta.

— Está indo bem — ele cochichou.

— Obrigada — eu disse, olhando para ele mesmo não conseguindo enxergar com a luz apontando para a outra direção.

— Vamos subir. Vá devagar. Com a luz vindo de trás, você provavelmente conseguir ver onde está pisando.

Eu me virei para a escadaria enquanto ele colocava a câmera de volta no chão, iluminava o meu caminho.

— Está bem. Só prometa que você vai ficar bem atrás de mim. Não quero que o que houve semana passada se repita — eu implorei.

— Não? — Ele perguntou surpreso.

Me virei e olhei para ele, com a luz me cegando.

— Está falando sério?

— Claro que estou.

A luz se moveu com ele dando de ombros.

— Seria mais divertido.

— A ideia não é ser divertido — eu disse.

Dex ficou em silêncio por um momento.

— Então qual é?

Parados, aos pés da escadaria, não era o local para ter essa conversa. Eu não conseguia acreditar que ele estivesse preocupado em tornar isso “divertido”.

— É assustador — eu admiti.

— É para ser assustador. Por isso estamos aqui. Para o programa, se lembra?

— É, mas você disse que nós estávamos destinados a vir aqui.

— Sim. Para o programa. Saia dessa sua cabecinha e pense no cenário maior aqui

Lancei um olhar para ele na escuridão.

— Bem, estou com medo, tá?

— E daí? Precisamos que esteja com medo!

E daí? O que ele queria dizer com “e daí”? Dei a ele um olhar feio, o n
que pude, e disse:

— Por que preciso estar? Como você não está com medo?

— Porque acho a vida mais assustadora do que a morte — ele respondeu
objetivamente.

Então escutei o som de uma porta se abrindo no segundo andar.

Eu congelei e escutei mais atentamente, meu coração acelerado dentro do
permaneceu parado, segurando o fôlego.

O barulho continuou por um longo tempo, mais do que parecia possível, como se
porta estivesse girando em torno das dobradiças sem o batente. Meus olhos
cegos pela escadaria.

O rangido finalmente parou. Olhei para o Dex querendo mais do que nunca ver se
tinha algum medo em seus olhos, mas, como de costume, só vi a luz de sua câme

Mordi o lábio. Eu sabia que ele queria que eu subisse, como planejamos, mas eu
sabia se eu conseguiria, especialmente agora. Fiquei firme, com o rosto fe
recusei a me mexer.

Dex se esticou e me empurrou levemente para que meu pé tivesse de pisa
primeiro degrau para eu me equilibrar. Balancei a cabeça violentamente em prote
segurei quando ele me cutucou novamente, mais forte. Não tive escolha a não ser
segundo degrau.

Eu era Kim Novak me recusando a ir para a torre do sino, enquanto o ol
Jimmy Stewart forçava cada passo meu. O que Dex faria quando estivéssemos no
iria cair da janela para minha morte?

De repente eu estava com medo. Ou melhor, estava com medo de Dex. Mais cedo

parecia estar do meu lado, mas agora praticamente me forçava a subir a escada e à fonte de um som que era obviamente causado por alguém ou algo que estava de prédio com a gente. Algo maligno. Cada osso no meu corpo me dizia para cair fora se eu quisesse correr, ele me deixaria?

Talvez seu rosto bonito e charme obscuro estivessem me cegando. Ocorreu-me novamente, com mais urgência desta vez, que eu não sabia nada do Dex. Olhos fundos e maçãs do rosto proeminentes ele podia ser um psicopata. Na verdade, tinha certeza de que ele era pelo menos em parte um psicopata. E um mentiroso para completar.

Ele iria me deter se eu tentasse sair daqui, pensei desesperada. Não havia dúvida que ele ao menos tentaria. Eu me arrependi de ser tão imatura, acreditando que um homem realmente se importava comigo, uma garota gorducha que ele acabou de conhecer. Eu sempre reconheci a incerteza sob suas pálpebras semicerradas, preferido ignorar isso.

Acho que enquanto eu pensava nisso, eu olhava para ele com terror absoluto porque a luz saiu do meu rosto torcido e Dex esticou a mão para alcançá-lo.

Eu recuei levemente, não pude evitar. Agora havia duas coisas para temer, e eu sabia que pelo menos uma delas era capaz de me machucar.

— Ei — ele cochichou. — Venha comigo.

Ele passou por mim até estar dois degraus acima na escada. Apontou a luz da câmara para a frente com uma mão e buscou minha mão com a outra. Ele a apertou, apesar de não sentir conforto em seu toque desta vez, e continuou a subir as escadas, me puxando com ele.

Se eu ficasse frouxa, ele me arrastaria passo a passo até o topo?

Segui relutantemente enquanto a escuridão e o desconhecido seguiam no meu encalço. Eu precisava da falta de medo que Dex parecia ter.

Quando chegamos ao segundo andar, as duas portas estavam fechadas. Pelo barulho que ouvimos, e o fato de não termos escutado o clique da porta fechando, que pelo menos uma das portas estivesse escancarada.

De certa forma era melhor assim. Talvez o que eu ouvira anteriormente estivesse na minha cabeça. Afinal, Dex nunca disse ter ouvido o barulho. Talvez eu estivesse enlouquecendo lentamente. Eu meio que preferia essa ideia.

Ficamos ali, com a luz refletindo nas duas portas. Eu sabia que ele estava esperando que eu escolhesse um cômodo para entrar. Eu também sabia que ele acabaria tomando essa decisão no final.

Ele apontou a câmera para o quarto no qual não consegui entrar semana passada.

Tirei a chave do bolso e a revirei nas mãos, sentindo seu peso e aproveitando a sensação desconhecida e real. Esta simples chave era deste mundo; mas o que ela abriria poderia ser.

Dex não disse nada. Estava esperando. Eu podia ser teimosa e me recusar.

Observando sua postura tensa, eu sabia que ele estava se preparando para isso.

Dei um passo em direção à porta e rapidamente inseri a chave nela e virei-a.

Olhei para Dex atrás de mim, não para a câmera, a qual estava gravando novamente.

— Não vai acontecer nada com você — ele disse, soando seguro.

Famosas últimas palavras.

Virei o fecho e abri a porta. A luz de Dex iluminou dentro do cômodo, mas não revelou nada além de partículas verdes de poeira flutuando na escuridão. Eu não conseguia ver nenhuma mobília ou paredes. Não podia ver sequer um teto; a luz penetrava no vazio até desaparecer no infinito.

O cômodo era gélido. O ar fluía em nossa direção rápido e cortante, com um cheiro fresco, como o cheiro de mar depois da chuva.

Contrariando o bom senso, dei três passos para dentro e parei. Havia pisado em algo macio e escorregadio. Espiei meus pés, mas a luz não chegava até lá.

Olhei para Dex atrás de mim.

Por um momento achei que meus olhos haviam se ajustado à escuridão, por

comecei a vislumbrar sua silhueta enquanto ele permanecia na porta. Então notei sua câmera lentamente se apagando. A luzinha vermelha de gravação pisco amarela.

— O que está havendo? — Perguntei hesitante.

Ele virou a câmera e olhou para ela, as luzes azuis e amarelas piscando em seu ro

Eu podia ver que ele estava, para dizer o mínimo, confuso, senão tão assu eu.

— Não faço ideia — ele disse. Bateu na lateral da câmera, mas o ruído pareceu v

Diferentemente do resto do prédio, havia uma peculiar falta de eco neste cômodo

De repente o corredor se iluminou com uma luz branca e brilhante, e meu começaram a arder diante de seu alcance invasivo. Dex protegeu os olhos com os foi para o corredor olhar para a escadaria, de onde parecia vir a luz. Seu estar desvanecendo diante de meus olhos.

— Está vindo da torre — eu o ouvi dizer, baixinho e com um tom estranho, como eu o ouvisse falando debaixo d'água.

Então Dex fez o inexplicável. Saiu do meu campo de visão e seguiu para a direção escadas, em direção à luz.

— Dex! — Eu gritei, mas a palavra pareceu rasa na minha boca. Saí cori quarto, atrás dele, meus pés aterrissavam no chão com borrifadas, como se segundo o chão tivesse ficado molhado. Eu irrompi às cegas pelo corredor.

Gritei por Dex novamente, sem saber para onde me virar. Olhei de novo p quarto que eu havia deixado. Ainda estava escuro onde a luz não o alvejara.

Então a voz de Dex veio das escadarias soando ínfima e distante. Estava gritando eu não conseguia entender o que ele dizia; eram apenas sons sem palavras.

Eu tinha duas escolhas. Podia seguir às cegas para a esquerda, descer as escadas e do prédio; ou subir em direção ao Dex e à terrível luz.

Eu sabia o que ele faria. Ele me deixaria para trás. Decidi fazer o oposto.

Irrompi pela escadaria, meus pés tropeçando nos degraus enquanto subiam, braços se apoiavam cegamente nas paredes cheias de infiltração para me e segundos cheguei ao andar de cima, mas só vi mais luzes ofuscantes. Eu não sabia possível uma luz cobrir cada centímetro de sombra e soprar todos os detalhes :

Senti como se eu estivesse correndo em um filme com superexposição.

Continuei subindo as escadas, gritando por Dex ao longo de todo o caminho. Não consegui escutar nada além de minha respiração irregular e minha pulsação.

Minhas orelhas pareciam cheias de algodão, o que me confundia ainda mais.

O topo da escadaria levava a mais escadas, como numa torre de castelo, e continuei subindo, subindo e subindo até as escadas finalmente terminarem. Descontrolada e caí com tudo no piso, sentindo um chão frio de madeira. Meus ossos amorteceram todo o peso do meu corpo, eu senti imediatamente ardência da pele em um milhão de farpas.

Eu lentamente me virei e encolhi meus joelhos. Então a luz, aquela terrível alienígena começou a enfraquecer até parecer uma lâmpada normal de 150 watts e formas tomaram meus olhos, e eu pude ver exatamente onde eu estava.

Desejei imediatamente estar cega de novo.

CAPÍTULO CATORZE

A LUZ ESTAVA AGORA DESBOTADA, COM UM brilho fraco. Eu estava no topo da torre. A luz brilhava na própria lâmpada imensa do farol, em um vidro redondo como de uma antena parabólica, colocada delicadamente sobre uma alta base de mármore branca. Essa era a infame luz amaldiçoada que deixou de iluminar as praias para as pessoas que passavam, ano após ano na escuridão.

A sala circular tinha paredes de vidro que batiam acima da cintura, intercaladas por vigas metálicas brancas e redondas.

O cômodo estava vazio, exceto por uma única cadeira do lado oposto ao qual eu estava no chão, podia ver os pés de alguém sentado.

Desejei estar vendo as solas das botas pretas do Dex, com cadarços entrelaçados, mas não era o caso.

Eu estava olhando um pé direito com uma galocha amarela pisando num pedaço de alga, a mesma galocha que eu havia visto no armário no andar de baixo. O bico do pé batia em câmera lenta no chão. Imóvel, absorvi os detalhes da cena enquanto eu me levantara para ir fazer. Eu não queria levantar o olhar, me levantar, ou me mover.

Mas eu também não podia ficar caída no chão.

Vi o pé se levantar e bater sem som, com o pedaço de alga balançando de um lado para o outro, preso à lateral da galocha. Eu sabia que não era o Dex. Era o Velho Roddy, o faroleiro. Não havia tempo para descobrir se o Velho Roddy era um fantasma ou uma pessoa real. De certa forma, a segunda opção era ainda mais assustadora.

— Não vai se levantar? — Uma voz metálica e doentia perguntou aparentemente dentro da minha cabeça.

Fiquei de joelhos e olhei ao redor das instalações de luz.

Absorvi cada detalhe.

Um homem estava sentado numa cadeira de madeira que se fragmentava nos braços.

Usava a mesma capa de chuva que eu havia visto no andar de baixo. Estava coberto pela metade e uma blusa felpuda de lã subia até o pescoço. O capuz cobria a cabeça do homem; e ainda que eu não pudesse ver seu rosto, eu conseguia distinguir o branco de dentes pontudos.

Os dentes cintilaram para mim.

— Onde está o Dex? — Perguntei trêmula. Engoli em seco. — Quem é você?

— Sou o faroleiro — o homem respondeu. Os dentes não se moviam. — Estou invadindo a minha propriedade.

— Desculpe — consegui dizer —, mas este farol é propriedade de Alberto Palomares há muitos anos. Acho que você está na propriedade dele.

Não sei como tive coragem de dizer isso e imediatamente me arrependi dessa decisão.

Antes que eu conseguisse entender o que estava havendo, o homem ficou tão rápido que sua cadeira caiu atrás dele, batendo no chão com um estrondo ensurdecedor.

Num piscar de olhos, filetes escuros de algas saíram das mangas do homem, no lugar em que suas mãos deveriam estar, e se enrolaram como cordas grudentas e pulsaram meu pescoço. Tentei arrancá-las com os dedos, mas antes que conseguisse agarrá-las, elas se apertaram contra minha laringe, e fui projetada à frente com uma velocidade assustadora.

Incapaz de respirar ou de me mover, dei de cara com o faroleiro. Estava a poucos centímetros do vazio negro de seu capuz, e ele me girou e bateu a parte de trás da cabeça com força contra a janela de vidro, então tive um vislumbre de seu rosto na luz.

Era um dos meus pesadelos. Seu rosto sem pele, soltando pus, esfarelado, tão próximo que eu podia ver pequenas veias estouradas que serpenteavam pelo tecido quebrado. Impressionante as coisas que notamos quando estamos à beira da morte.

As algas se apertaram mais, e senti meu corpo ficando mole. Eu não conseguia sentir o chão embaixo dos meus pés, que pendiam perdidos no ar. Ele me puxou para perto de seu rosto; sua boca afiada lembrava a de um cachorro velho, com dentes negros e inchadas e as presas deformadas. Ela se abriu bem, e eu fechei os olhos, esperando perder metade do meu rosto.

Em vez disso ele fez uma pausa; senti que estava sendo projetada para trás novamente e me preparei para o impacto quando a parte de trás da minha cabeça colidiu. Sentiu-se aguda e o corte do vidro afiado quando a janela quebrou, espalhando estilhaços por minhas costas, pescoço e casaco. Senti a chuva e o vento no meu rosto quando cedeu atrás de mim para o céu da noite.

Meus olhos se abriram, e vi a lua na sua órbita noturna ao redor da terra, espiando por trás de uma nuvem, o que me deu um conforto relaxante. Era tão relaxante que não notei que já não conseguia respirar e que as bordas da minha visão eram escuras. Então era isso? Seria essa a minha morte? Ser lançada do topo de um homem morto?

Com a última gota de força que restava, fiquei tentada a rir de todo esse absurdo. Não tentador apenas ceder. As ondas batiam tristemente no penhasco abaixo, e eu não podia muito bem me juntar a elas.

Agora a escuridão quase cobria a lua. Meus olhos estavam se fechando.

Então escutei algo entre o barulho das ondas quebrando, do vidro estilhaçado pelo vento e dos grunhidos do faroleiro que ainda tinha suas cordas escorregadias ao redor do meu pescoço. Era Dex.

Estava me chamando.

— Perry! Perry!

Flutuava na brisa e tomava meus ouvidos, me trazendo de volta à vida.

Em vez de rir, aproveitei o resto de força que tinha e comecei a chutar para cima.

Senti o gratificante estalo de um queixo sendo quebrado quando meu pé direito acertou o rosto de Roddy.

Quando ele caiu para trás com o impacto, eu me dobrei para a frente pela inércia e ricochetei para o cômodo, quando os filetes de algas soltaram meu pescoço.

Caí no chão e respirei o máximo de ar possível. Roddy estava se contorcendo de dor no chão, e eu novamente me perguntei se ele estava vivo ou morto. De qualquer forma, não iria ficar ali para descobrir.

Cambaleei passando por ele em direção à escadaria, quando um de seus filhotes de algas avançou e quase alcançou minha perna. Eu saltei sobre a alga que aterrisei com um baque no andar de baixo. Minhas canelas estavam feridas, mas consegui continuar correndo para baixo. Afastando-me da luz que esmorecia, tudo era escuro, mas eu ainda conseguia perceber que estava no andar que tinha a mesa.

— Dex! — eu gritei. — Dex, cadê você?

Escutei uma batida vinda de cima e um mórbido som de algo molhado. Sem dúvida, Roddy estava rastejando escada abaixo, arrastando algas molhadas atrás de si.

Fui saltando ao andar de baixo e gritei por Dex novamente.

— Perry! Estou aqui! — Escutei o grito abafado de Dex à minha esquerda. Corri para a frente e colidi contra a porta do quarto escuro e vazio em que estivemos antes. Mas não conseguimos escapar. Ficamos imediatamente encharcados.

Sem outra luz disponível, peguei meu iPhone e iluminei a porta. Água escorria da inundando o corredor. A maçaneta estava sendo sacudida, como se estivesse puxada do outro lado. Dex tinha de estar lá.

— Dex! — Bati à porta.

— Perry, a porta está emperrada. Acho que um cano estourou. O quarto e inundando, e rapidamente! — Ele gritou do outro lado.

Puxei freneticamente a porta, mas ela não se movia. O som de Roddy deslizando lentamente a escada me dava mais urgência.

— Dex, há mais alguém aqui com a gente. Roddy. Ele tentou me matar. Você precisa sair. Há uma janela; você precisa saltar por ela. Vou ter de descer pela escada.

— Não me deixe aqui! — Eu o escutei gritar, e meu coração se apertou.

Estava finalmente tão aterrorizado quanto eu, e por um bom motivo.

— Sinto muito, Dex, não consigo entrar; e precisamos sair agora.

Um ESTRONDO, seguido de um tilintar.

Eu me virei e vi um lampião a óleo lentamente rolando pelas escadas em direção. Ficou mais devagar, fez uma curva e acabou quebrando caindo pelo resto dos degraus até o andar de baixo. Parou no canto com um barulho de algo sendo quebrado, de vidro se estilhaçando.

A escadaria abaixo de mim se iluminou e em segundos chamas quentes começaram a lamber as paredes e a subir pelas escadas em minha direção.

— Perry, a chave! — Dex gritou.

Claro. No meu cérebro privado de oxigênio tomado pelo medo eu havia esquecido que tinha uma chave. Ouvi os passos de Roddy se aproximarem. Ele devia estar logo acima de mim. As chamas agora subiam do andar abaixo de mim; e eu tinha a chave para tirar nós dois daqui. Segurando o celular, procurei nos bolsos com a outra mão, meus dedos gordinhos buscando desajeitadamente a nossa salvação.

Achei a chave e enfiei-a na fechadura, virando-

a o mais rápido que pude. Antes de conseguir puxar a maçaneta, a porta se abriu e um enorme jorro de água para o corredor. A força me derrubou e a corrente me arrastou para o outro lado do corredor. A água estava a mais de um metro de altura, ainda que volume tivesse escorrido pelas escadas para o primeiro andar.

Eu sentia os ramos de centenas de algas flutuantes batendo no meu corpo escuro, e comecei a chutá-los freneticamente. Estava escuro no quarto, mas havia a luz vinda das chamas que ainda subiam pelas paredes da escadaria, era como elas se tivessem sido lavadas de gasolina.

— Dex! Dex!

Escutava água se espalhando e então vi uma silhueta curvada na porta. Teria pensado que era Roddy se não fosse o contorno da câmera sendo segurada acima da cabeça como um troféu. Mesmo com risco de se afogar, Dex ainda tinha suas prioridades definidas.

Ele me chamou, e em segundos estava parado na minha frente. A água subia rápido, mas ainda estava apenas na altura do meu peito. Ele se esticou para mim, buscando meu ombro com a mão que estava livre.

— Ah, graças a Deus, eu... — ele começou.

Antes de poder terminar a frase e antes de sua mão conseguir me alcançar, senti um movimento de serpente de alga fisgar meu tornozelo. Gritei, mas era tarde demais.

Fui puxada para baixo da água numa velocidade impressionante. Com os olhos abertos, eu podia enxergar apenas a escuridão através da água turva, delineando as chamas laranja dançando sobre a superfície.

Meu pulmão estava se afogando na água do mar.

Na minha desorientadora prisão submersa, escutei os gritos abafados de Dex e o som distante de vidro quebrando.

Também escutei a voz.

— Estava esperando por outra como você — o desencarnado som metálico

faroleiro através de canais subaquáticos invisíveis. — Não há mais navios o basta

Senti outra alga se enrolar na minha cintura e me puxar para mais longe a superfície. Ainda que fosse impossível, eu sabia que estava me afogando num oceano fundo, e então o líquido que tomava meus pulmões me dominou. Eu chutei e não me soltar da amarra na minha cintura.

Talvez isso fosse o que a velha tivesse em mente para mim. Talvez a morte fosse destino aqui, ocorreu-me novamente.

De repente, senti um par de mãos passando pelo topo da minha cabeça. Uma pegou meu cabelo. A dor do puxão foi vaga. A outra mão me puxou pelo braço e

Com um puxão gigantesco eu fui levada à superfície. A voz de Dex tomou meus ouvidos. Meus olhos se abriram, e eu vi que estávamos cercados por chamas tomando o ar sobre a água fria. Eu tossi água do pulmão e tentei puxar a corrente, mas não consegui encher o peito de fuligem quente.

— Consegue saltar? — Ouvi Dex dizer quando me colocava em pé. Sua voz parecia vir de um milhão de quilômetros de distância.

Eu assenti debilmente, sem entender sequer o que ele estava sugerindo.

Ele me puxou para a janelinha redonda quebrada. Ele queria que nós saltássemos para fora, para o abismo abaixo.

Era loucura, mas não tínhamos outra escolha. Apesar de a água no prédio começando a baixar e não estivesse mais fluindo do outro quarto, o fogo era irrefreável e avançava sobre a água, como se ela fosse combustível. Se ficássemos mais alguns segundos, seríamos queimados vivos. Era o que o Velho Roddy queria.

Dex olhou pela janela para verificar a situação embaixo, então se virou e me segurou pelas mãos nos meus ombros. Olhou-me bem nos olhos.

As luzes das chamas dançavam em seu rosto molhado. Ele estava com um suor enorme na lateral da testa. Seus olhos estavam apavorados, mas determinados e olhavam impiedosamente para os meus. Notei que ele não estava mais con

Talvez me salvar fosse mais importante, pensei vagamente.

Ele me balançou levemente para que eu recobrasse o foco.

— Não quero te deixar, mas preciso ir antes. Assim posso amortecer sua queda — ele disse.

— Deixe o corpo mole — foi tudo o que pude dizer, me lembrando da importância sobre quedas das minhas aulas de dublê.

Ele assentiu, então se inclinou e beijou minha testa num gesto muito surreal. A demonstração repentina de afeto era tocante e terrivelmente fora de hora.

E assim ele saltou pela janela.

Fiquei olhando, para verificar se ele estava bem. Ele caiu e rolou, segurando o braço, mas pelo menos estava vivo.

Ele olhou para mim.

— Venha!

Comecei a subir no peitoril.

— Você não pode partir — a voz gemeu atrás de mim. Arrepios subiram pela minha espinha, apesar do calor flamejante do fogo que se aproximava.

Eu me virei o mais rápido que pude na água.

O faroleiro estava na porta, sua silhueta definida contra a luz laranja. As chamas serpenteavam para o quarto pelo batente da porta e iam escalando as paredes com pirotécnicas buscando algo para acender. Eu sabia que tinha pouco tempo antes que as chamas me alcançassem de vez.

Eu também sabia que ainda não podia ir embora.

Mesmo do outro lado do quarto, eu não tinha dúvida de que seus tentáculos de algas poderiam me prender novamente com facilidade em um movimento do pulso.

Ninguém me salvaria desta vez. Eu precisava saber como isso iria terminar.

— Por que eu? — Perguntei. — Por que começou a vir até mim? Nos meus sonhos

neste lugar. O que você quer?! — Gritei sobre o ruflar das chamas.

Ele sorriu, dentes brancos contra o vazio negro.

— Me disseram que você ouviria.

— Quem disse? — Gritei, com o fogo chegando mais perto. Podia ouvir Dex gritar para eu saltar.

— Ela me disse que você ouviria e que você viria. Que me ajudaria. Que me liberaria.

Tenho estado tão solitário... Estava esperando por alguém como você.

Ele baixou a cabeça, como se ele estivesse genuinamente triste, mas eu não sentia nada por ele.

— Vai ter de continuar esperando — eu disse, com determinação subindo em minha voz.

Ele me olhou sorrindo com escárnio, e algas voaram em minha direção.

Com menos de um segundo para reagir, saltei pela janela e me arremessei para fora do prédio.

Eu iria cair à esquerda de Dex, e por um segundo achei que os arbustos poderiam amortecer minha queda, mas não era o caso. Em pleno ar, consegui ficar no ar por um momento, aterrissagem, então fiquei mole, com as pernas, os joelhos dobrados, caí no chão. Sorte, a grama estava úmida e macia. Consegui me impulsionar e rolar um pouco.

Rolei duas vezes e fiquei em pé novamente. Olhei para trás e vi que o penhasco estava a menos de um metro.

Dex, que estava gritando o tempo todo, ele correu e agarrou meu braço.

— Você está bem? — Ele gritou freneticamente.

Eu estava bem, até agora. Olhei para a janela e vi a sombra do Velho Roddy parado lá fora, olhando para nós. As chamas haviam tomado completamente o cômodo e estavam lambendo as bordas de sua capa de chuva.

— Você consegue vê-

lo? — Sussurrei para Dex, sem tirar meus olhos daquela visão terrível.

— Sim, estou vendo — Dex respondeu baixinho, para meu alívio.

Enquanto as chamas tomavam o Velho Roddy, ele estendeu os braços pela apontou para o mar, como havia feito nos meus sonhos.

Eu me virei para olhar. Não havia nada, exceto o constante raio brilhante Tillamook fazendo seu trabalho fora da costa.

Eu olhei de novo e o vi lentamente se desintegrando no fogo.

Dex se virou para mim.

— Precisamos sair daqui.

Ele agarrou minha mão, correu para os arbustos próximos e tirou deles a

Deve tê-

la jogado para fora antes de saltar pela janela. A lâmpada estava quebrada tirando isso parece que o risco valeu a pena.

Com a câmera em segurança debaixo do braço, saímos correndo em direção norte, passando o mais longe possível do farol. O som das sirenes começou urgir à distância, e então me dei conta da gravidade da situação. O farol do tio Al iria q até o fim por nossa causa. Como iríamos explicar isso?

Nós escorregamos e deslizamos pelo penhasco e chegamos até as dunas quando u grande explosão nos atirou contra a areia. Instintivamente, protegi o pescoço com enquanto pequenos destroços caíam do céu.

Ficamos um minuto deitados ali. Eu podia sentir Dex ao meu lado na areia molha e crocante e ouvi-lo se mexer, obviamente vivo.

Quando vi que os fragmentos do farol explodido haviam parado de cair, me levantei e olhei para ele. Estava cobrindo a cabeça com a câmera, que certamente estava cheia de grãos de areia. Semana passada as minhas lentes foram quebradas, hoje sua lente estava arranhada; este definitivamente não era um bom lugar para o audiovisual.

— Você está bem? — Perguntei, encostando nele.

Ele rolou de costas, grunhindo e se retorcendo, com os olhos fechados de desconforto.

— Onde aprendeu a rolar assim? — Ele murmurou, sua voz baixa e vacilante.

— O quê? — Perguntei cuspiendo areia.

Ele abriu bem os olhos, as chamas da explosão dançavam em suas pupilas negras

Fiquei deitada ao lado dele e vi o céu da noite com o forte brilho do faro escuridão. A chuva parou. Eu pude ouvir o crepitar da fogueira e as sirens estavam bem distantes.

Ficamos deitados ali, assistindo ao espetáculo de luzes enquanto recuperávamos fôlego.

Finalmente Dex respondeu.

— Quando saltou da janela. E quando o farol explodiu, eu estava prestes proteger, mas você se impulsionou pela grama e entrou em modo de proteção, sei lá o quê.

— Eu... fiz aulas — respondi sem fôlego.

— Uhum — ele disse sem fôlego e respirou fundo.

Eu rolei e olhei para ele. Ele virou a cabeça e olhou para mim. Fiquei se honestamente não podia acreditar que estávamos vivos.

Ele lentamente assentiu. Parecia sonolento, mas eu vi através de seus olhos que ele compreendia. Sentia como se eu pudesse apenas olhar para ele, e ele sabe o que eu estava pensando.

Ele se esticou e pegou minha mão. Apertou-a e a levantou sobre nós, era o maior gesto de vitória que tínhamos forças para fazer.

Dei a ele um pequeno sorriso.

— Você se feriu afinal? — Ele perguntou.

Eu não havia sentido nada até então. Queria ficar na minha sepultura de areia, mas sabia que tinha cortado a parte de trás da cabeça quando fui lançada contra

Comecei a sentir os ossos das canelas latejando, os cotovelos queimados e minha carne viva pelo estrangulamento das algas. Meus pulmões também chia e os olhos ardiam. Em geral, meu corpo inteiro parecia ter sido atingido por um camin

— Estou bem — eu disse.

Ele deu uma risadinha.

— Caramba, você é a Mulher Maravilha, por acaso? Acho que ferrei meu braço e tornozelo na queda, sem falar que rachei a cabeça na escada. — Ele esfregou a testa. Quando parou de rir de si mesmo, respirou fundo e fechou os olhos.

As sirenes estavam próximas agora, e eu podia ver luzes vermelhas iluminar as árvores ao longe.

— O que vamos fazer agora? — Perguntei, torcendo para poder apenas fechar os olhos. Talvez eu aparecesse magicamente em casa, na minha cama, e tudo estaria

Dex grunhiu.

— Quero dizer, o que vamos falar? Voltamos para o tio Al? Ficamos aqui esperando ajuda? Como explicamos ao Al, a todo mundo, o que diabo aconteceu

“Então, um pescador morto me atacou e explodiu seu farol”?

— Morto? — Ele zombou, com os olhos ainda fechados.

Assenti.

— Ele estava morto, Dex. Quero dizer, não estava vivo vivo. Não estava... como

Mesmo que minhas sinceras explicações soassem fracas. Como eu poderia começar a explicar o que aconteceu a qualquer um quando não conseguia explicar sequer para a única pessoa que estava lá?

— Agora ele está morto — ele disse sem um traço de interesse. — E sinceramente não acho que isso deva ser mencionado. Ninguém deveria estar nesse farol

nenhum, muito menos um bat-Capitão-Highlander-muito louco.

Ele abriu os olhos e rolou para o lado para olhar para mim.

— Não haverá nenhum vestígio dele. Estivesse já morto ou não.

— Vamos ter de mentir.

— Talvez. Contamos para a polícia o que estávamos fazendo. Dizemos a o joguei um cigarro pelo corredor e daí o fogo começou. Lugares assim têm combustíveis e químicas dentro.

Para dar mais veracidade, ele tirou um maço de cigarros do bolso da calça contorcendo o rosto de dor ao fazer isso, e pegou um cigarro. Notei quão trêmulas as mãos estavam até perceber o que ele realmente estava fazendo.

— Você não fuma — eu disse a ele. Não o havia visto fumar em todo final de semana, nem senti cheiro de cigarro nele.

— Fumo e não fumo. Meu palitinho de dente amigo aparece quando estou no momento ex-

fumante — ele disse com o cigarro encaixado no sutil beicinho de pato. Foi de algum bolso invisível um isqueiro dourado com a outra mão e acendeu o cigarro com uma manobra experiente. Tragou profundamente e soprou a fumaça em anéis que se elevaram e desapareceram no céu.

Um barulho estridente tomou o ar e ecoou nas árvores, o som urbano de uma sirene de polícia ou ambulância (eu sempre confundo as duas).

Dex tossiu.

— Tá. Chegou a hora.

Ele ficou de pé sem soltar um pio, mas dava para ver que estava com muita dor.

Colocou a mão na lombar e olhou para mim. Com a postura garbosa e balançando o cigarro, ele me lembrava da silhueta do pirata Capitão Morgan.

— Quer que eu te carregue? — Ele perguntou. Não sei se ele estava fazendo graça ou apenas sendo educado. Decidi pelo primeiro, por via das dúvidas.

— Não — eu fiz força para me sentar. Meu abdome queimava por causa especialmente as laterais, que haviam sofrido o puxão das algas.

Ajoelhei-

me e lentamente fiquei ereta. Sabia que o golpe atrás da minha cabeça provavelmente me faria sentir mais tonta do que o normal. Não ousei tocá-la, para que

Dex não fizesse uma tempestade num copo d'água por causa do ferimento que a gente fosse para casa.

E para o trabalho. Ah, Deus, o trabalho. A reunião. Só de pensar nisso fic pouco tonta. Dex me equilibrou com a mão.

— Consegue andar? Não estava brincando sobre te carregar — ele disse.

Bem, com você é melhor prevenir do que remediar, não é? Balancei a cabeça, puxei o ar metado oceano, metade combustível queimado, e me endireitei.

O topo do morro agora estava apinhado de gente de uniforme em veículos emergência. Acho que a explosão de um farol foi uma das coisas mais emocionantes já aconteceu aqui.

E nós fazíamos parte disso.

[CAPÍTULO QUINZE](#)

PENSEI QUE FALAR COM OS POLICIAIS curiosos, médicos da ambulância, bombeiros, jornalistas locais, além do tio Al e dos gêmeos, suscitaria muito sobre nossa história, mas todos pareceram comprá-la com satisfação. Um bombeiro disse que há um incêndio toda semana por causa de óleo de motor e coisas do tipo que ele queria dizer que marinheiros bêbados são idiotas, mas desde que e no que aconteceu sem nos questionar, estava tudo lindo.

Ainda havia, porém, a reação do tio Al. Eu me sentia extremamente culpa destruir seu farol histórico. Nada disso teria acontecido se sua sobrinha idiota não aparecido em sua porta com um cineasta levemente desequilibrado.

Entretanto, o tio Al pareceu apenas aliviado. Acho que ele achava mesmo que o l era maligno, berço de algum espírito demoníaco terrível. Enquanto explicáv

aconteceu, notei que ele estava com um olhar desconfiado. Não era acusado olhar de desconfiança de haver mais na história do que estávamos contando a toda falar a verdade, isso me acalmou, como se ele aceitasse o segredo sem sabê-lo.

De qualquer forma, Dex e eu tivemos muita sorte não apenas por sairmos de lá vivos como as pessoas nos diziam (se elas soubessem...), mas também por sermos liberados pelas autoridades sem mais perguntas.

Isso não quer dizer que os socorristas da ambulância nos liberaram rapidamente.

Tiveram de fazer um belo check-up em nós dois para assegurar que não tínhamos nenhuma queimadura ou ferimentos.

Dex e eu nos sentamos um ao lado do outro na traseira da ambulância enquanto os dois médicos nos cutucavam e examinavam. A enfermeira do Dex perguntou se eu tomava algum medicamento. Dex hesitou e disse um nome que eu não sabia pronunciar, algo como “zapina”.

A mulher titubeou.

— É para azia — Dex disse, sua voz seca e seus olhos fixos até que ela finalmente apenas assentiu e voltou a seu trabalho.

O chinês casca-grossa que estava comigo estava me deixando nervosa. Ele me tocava em vários lugares, perguntando se doía, então me deu um olhar como se não acreditasse em mim. Metade das vezes doía realmente, mas eu sabia que quanto mais admitisse, mais eles iriam querer me levar para o hospital para mais exames. Eu só queria ir para casa. Comecei a me arrepender por ter ficado e desejado que Dex e eu tivéssemos voltado para casa e fingido não saber de nada.

Enquanto a socorrista de Dex saiu para pegar algo na frente da ambulância, minha cabeça foi puxada para trás bem bruscamente. O cara — acho que o nome dele era

— espiou meu pescoço desconfiado.

— Como isso aconteceu? — Ele perguntou, referindo-se aos meus ferimentos no pescoço.

Vi Dex de canto de olho virando a cabeça para olhar em minha direção. Não havíamos tido chance de explicar um ao outro o que havia acontecido. Acho que sabia o que aconteceu no topo da torre, assim como eu não sabia o que havia acontecido com ele naquele quarto.

Tive de pensar rapidamente.

— Asfixia erótica. Já tentou? Deveria.

Apesar de não poder ver o rosto de Jesse, sabia que ele estava chocado. Dex buscando uma explicação. Esperava que Dex o fizesse sair do nosso pé.

— É um joguinho que a gente faz — Dex disse, sua voz tomada por um sarcasmo. Queria dar um toca-aqui nele pela resposta. — Sabe como é.

— Hum — o socorrista respondeu e puxou minha cabeça para a frente. O meus olhos, desconfiado. Dei para ele um olhar como se fosse ele o bizarro aqui.

Quase fiz um comentário ácido sobre David Carradine, o ator que, suspeita-se, morreu em decorrência de asfixia autoerótica, quando ele deslizou a mão por minha cabeça. Ele parou onde meu cabelo estava úmido por ter sido esmagado no vidro. Tirou a mão lentamente e nós dois vimos na luz feia da ambulância uma mancha vermelha de sangue.

Olhei para Dex. Ele estava meio boquiaberto e com os olhos arregalados, disse nada, ainda que eu pudesse ver palavras querendo se formar na ponta de sua língua.

Jesse segurou a mão na frente do rosto e disse objetivamente.

— Está sangrando. E tem vidro no cabelo.

Nesse momento eu poderia escolher entre cobrir o assunto com alguma mentira duvidosa ou dizer objetivamente que não sabia o que aconteceu.

— Isso foi minha culpa — Dex de repente falou. — Entrei em pânico quando empurrei pela janela. Acho que não verifiquei se não havia nenhum vidro quebrado.

Consegui sorrir para Jesse e não arrisquei olhar para Dex para que Jesse não percebesse.

Jesse balançou a cabeça e fez sinal para que eu fosse mais para dentro da ambulância.

— Ela vai ficar bem? — Dex perguntou. Eu quase podia ouvir um toque de tédio no seu tom.

Evidentemente, Jesse ouviu também. Ele deu a Dex um olhar feio.

— Vou limpar o ferimento e verificar se há concussão. Acho que você está bem agora.

Dex deu de ombros e saiu andando. Enquanto Jesse me sentava na maca, pude ver o tio Al e os gêmeos indo até Dex. Olharam para mim, e Dex começou a explicar-lhes algo.

Então Jesse fechou as portas da ambulância, me trancando com ele no pequeno cubículo esterilizado. Eu me sentia muito desconfortável.

Ele parou na minha frente e estreitou os olhos. Havia de algo muito vingativo na expressão dele, como se sua missão na vida fosse desconfiar de todos com quem ele encontrava.

— Foi isso mesmo o que aconteceu? — Ele perguntou seriamente.

— O quê? Com a minha cabeça? — Eu não iria contar a ele a verdade, tinha a impressão de que ele não ficaria muito satisfeito com ela de qualquer jeito se ele recomendasse que eu fosse para outro tipo de hospital.

Colocou uma mão dura no meu ombro. Eu o olhei com certo desdém, mas ele não removeu a mão.

— Seu namorado te machucou?

Eu caí na risada. Não pude evitar. O socorrista Jesse pareceu irritado com meu desabafo e deu um passo atrás.

— Ele não é meu namorado. É meu... bem, meu parceiro. Quero dizer, não exatamente. E como dissemos, estávamos filmando no farol esperando ter algo sobrenatural. Quando tudo virou um inferno dos diabos, a única coisa que a gente pôde fazer foi saltar pela janela. Devo ter batido minha cabeça quando atravessei. Provavelmente eu estava me concentrando em, você sabe, não morrer, e nem notei.

— Pode ser... — ele disse lentamente, sua cabeça se mexendo de um lado para outro como se ele tivesse um tique em câmera lenta.

— Olha, vai arrumar minha cabeça ou não? Não é seu trabalho? — Eu soltei cansado.

Estava cada vez mais esgotada e meu cérebro girava com milhões de acontecimentos que me recusava a processar.

— Tudo bem. Só estou tentando ajudar.

Ele abaixou minha cabeça e começou a remexer no meu cabelo grosso, tirando sujeira com algodões e gazes com cheiro de álcool que faziam arder pra cima.

Minúsculos cacos de vidro choveram no chão grudento como flocos de neve.

Dez minutos depois ele colocou um Band-Aid enorme e um quadrado de gaze que ficava absolutamente estranho na parte de trás da minha cabeça. Isso não ia pegar no trabalho amanhã. Eu até podia imaginar Frida dizendo: “Bem, Perry, o empecilho é que mas decidimos ficar com alguém que não parecesse ter bebido um litro de tequila de semana e consequentemente batido a cabeça na banheira durante algum sexo sexual bizarro”.

— Posso ir agora? — Perguntei impacientemente.

— Devia mesmo ir ao hospital para verificar se teve uma concussão — ele respondeu.

— Talvez eu vá a algum hospital de Portland esta noite. Só quero ir pra casa.

— Não pode dirigir.

— Então, sorte minha que ele está dirigindo. — Apontei na direção das portas fechadas torcendo para que Dex ainda estivesse lá fora. Eu me sentia confuso no escritório fluorescente sobre rodas.

— Tecnicamente, ele não está apto a dirigir também — ele disse morbidamente.

— Tenho certeza de que ele está...

— Não com os medicamentos que ele toma, de qualquer jeito — Jesse terminou.

Medicamentos? Devo ter parecido confusa porque Jesse levantou uma sobrancelha fingindo estar surpreso de modo zombeteiro.

— Ah. Não sabia sobre o medicamento? — Ele ponderou casualmente. — Olanzapina é um antipsicótico bastante poderoso que geralmente se intensifica em pacientes fumando.

Meu coração gelou. Dex tomava antipsicóticos. Quase brinquei comigo mesma se eles não pareciam estar fazendo muito efeito, quando a realidade começou a ocorrer.

— Antipsicóticos?

— Principalmente usado para tratar esquizofrenia. Você não conhece esse lingo muito bem, conhece?

— Não é da sua conta — retruquei e fiquei de pé. Lutei contra a confusão que tentava se apoderar de mim. Caminhei abaixada até a porta e a abri.

Fui recebida com o ar frio da noite. O fogo estava praticamente extinto, e algumas brasas brilhando aqui e ali e algumas fagulhas na fundação. O fogo foi reduzido a uma pilha negra de mingau fumegante.

Tio Al e Dex estavam um ao lado do outro, encarando a ambulância. Quando viram seus rostos se iluminaram.

O rosto de Al era de amor e preocupação paterna. Mas o rosto de Dex... eu tinha olhado para ele com outros olhos. Fiquei na base da ambulância, querendo observá-lo de longe.

Ele enfiou as mãos nos bolsos da capa de chuva um pouco grande demais, que ainda tinha partículas de areia grudadas. Notei como a capa de chuva o fazia parecer mais velho do que ele era. Terra havia sujado suas botas pretas e sua calça cargo cinza. Ele olhou diretamente para mim, com a cabeça casualmente baixa, talvez se perguntando se eu estava pensando ou o que estava fazendo. As proeminentes maçãs de seu rosto estavam na sombra; sua longa boca estava fechada e se contraindo levemente, serpenteando a mandíbula. Seus olhos eram intensos, mas curiosos, enquanto olhavam para pequenos pontos duros à procura de algo em seus buracos profundos. Suas sobrancelhas pretas se aproximaram uma da outra e afundaram ainda mais aquela expressão sempre presente. Sua testa ampla se contraiu, assim como o curativo

feito sobre o corte. Uma longa mecha de cabelo caiu à frente e se grudou nela.

Lentamente ele abriu a boca e mostrou a língua. Era quase tão grande que a boca e estava reta contra seu queixo. Seus olhos não se alteraram.

Jesus, quem era esse cara?

Meu pulso acelerou. Comecei a me sentir tonta novamente.

— O que há de errado, Perry? — Tio Al perguntou, vindo até mim.

Balancei a cabeça e me abaixei levemente para colocar as mãos no joelho.

— Ela deveria ir ao hospital, só por precaução — ouvi Jesse dizer atrás de mim.

Eu me virei lentamente. Ele estava na ambulância olhando para Dex. Dex volta para ele, lentamente puxou a língua de volta e casualmente mostrou o dedo para ele.

— Tudo bem, Perry — Al disse com o braço ao meu redor sem notar a Dex e Jesse. — Vamos te levar para o hospital.

— Não vou para lugar nenhum! — Gritei. A amargura na minha voz me surpreendeu e todo mundo parecia chocado. Al tirou a mão do meu ombro. Dex permaneceu fundo e colocou sua mão de volta dentro do bolso.

— Tudo bem, terminamos aqui — Jesse disse revirando os olhos e batendo a porta.

Soltei um suspiro de alívio quando ele caminhou para a frente da ambulância e entrou nela.

Olhei para o Al, me desculpando.

— Desculpe, tio Al — disse sinceramente. — Estou bem, mesmo. Só que não é a casa. Tenho certeza de que minha mãe vai me mandar para o hospital de qualquer jeito assim que ela vir esse ferimento de guerra na minha cabeça.

Ele suspirou e concordou.

— Tá bom. Você já é bem grandinha para tomar as próprias decisões, creio eu.

Olhou para Dex e para mim.

— Vamos. Estou com a caminhonete aqui, se os meninos já não tiverem ido. Eu lavo vocês de volta e podemos esquecer que esse... desastre... já passou.

Essas eram as palavras mais doces que eu poderia ter escutado.

*

De volta à casa, eu fiz as malas o mais depressa que pude, sem me esforçar.

Acontece que já era meia-noite; meu iPhone teve uma morte terrível na inunda  o, então eu não tinha visto a hora. Tomei nota de uma despesa eletr  nica para mim pela qual a promo  o era tão importante.

Liguei para meus pais e expliquei que provavelmente eu chegaria em casa no meio da noite, para não esperarem por mim.    óbvio que eles iam esperar. E    claro que meu pai estava gritando comigo por eu ter sido tão irresponsável. Por sorte, Al pegou o telefone e acalmou seu irmão, explicando quase tudo e omitindo a parte dos ferimentos que meu pai havia perguntado sobre Dex, porque Al disse: “Ela parece estável nas mãos. Sim,    um cara de confiança”.

E por falar no cara “de confiança”, Dex ficou no banheiro o tempo todo enquanto eu estava ao telefone. Teria sido estranho a qualquer outra hora, mas depois que Al disse, comecei a me preocupar.

Dex era realmente psicótico? Quero dizer, eles não chamariam o remédio com o nome de antipsicótico se ele não fosse. E se fosse, de que tipo era? Esquizofr  nico?

Era suicida? Era... perigoso?

Silenciosamente segui pelo corredor e parei do lado de fora do banheiro. Imediatamente antes de estar prestes a bater quando...

— Vou sair num segundo — Dex disse do outro lado da porta.

— Ah... t   bem — eu disse. Me sentindo meio envergonhada, dei um passo para tr  s e me inclinei contra a parede. Eu queria apenas dizer a ele que realmente precisava do banheiro.

A porta se abriu. Ele havia trocado de roupa e estava carregando sua sacola. Leva uma sobancelha para mim com um sorriso malicioso no canto da boca.

— De olho em mim?

— Não — balancei cabeça, esperando soar convincente. — Preciso usar o banheiro

— Há dois banheiros — ele disse enquanto passava por mim. Senti o cheiro de lo pós-barba recém-aplicada no ar. Seu rosto parecia mais liso, seu bigode estava bem aparadinho.

Entrei rapidamente no banheiro. Agora era uma ótima hora para examinar rosto. Não estava bonito, a não ser que você considere mortos-vivos bonitos. Posso dizer com certeza que eu não acho.

Meu reflexo era assustador.

Eu estava tão branca que estava quase transparente. Até minhas sardas, que normalmente se destacam no meu nariz, tinham quase sumido, como se tivessem escondido de medo. O rímel que cobria meus cílios havia escorrido para baixo dos olhos. Meus olhos não tinham o brilho usual; pareciam sem vida e opacos e meu rosto estava horrendo. Os ferimentos das algas, que suspeitamente pareciam marcados, eram uma mistura terrível de azul, roxo e amarelo, eu teria de usar gola rulê amarela e um chapéu. E óculos escuros. Eu ia parecer com a Yoko Ono na reunião. Estava tão pálida para que Frida não fosse fã dos Beatles.

Suspirei e me recompus. Estava me preocupando com o trabalho quando horas eu quase perdi a vida por coisas que eu não podia explicar ou sequer entender.

Não parecia real.

Quando saí do banheiro, eu não parecia nada melhor, mas Dex estava me esperando no carro para partir. Dei ao tio Al o maior abraço que pude e disse a ele quanto grato por tudo que ele fez por mim neste final de semana.

Ele caminhou para a porta e quando eu estava saindo colocou gentilmente a mão no meu ombro.

— Perry — ele disse brevemente olhando para baixo como se não estivesse ciente

como começar —, sei que há mais nessa história, do que aconteceu esta noite. Acabou tudo, estou feliz que esteja bem. Mas se quiser falar sobre isso com alguém que não está a um telefonema ou uma viagem de carro de distância.

Dei a ele meu sorriso mais gracioso.

— Obrigada, tio Al.

Embora eu soubesse que eu possivelmente ligaria para falar sobre o que aconteceu de jeito nenhum eu voltaria para a costa de Oregon por um longo, longo tempo.

Caminhei pelo ar da meia-noite para o SUV do Dex. Parecia fazer anos que tivemos nossa conversa de coração para coração no acostamento. Digo de coração porque foi o máximo que eu realmente conversei com o Dex e soube algo.

Agora, nós tínhamos toda a viagem de volta, e mesmo que tivesse muitas perguntas, eu não sabia como.

Abri a porta. Dex se sentava no banco do motorista mexendo atentamente na câmera. Joguei minha bolsa no carro e entrei.

— Está funcionando? — Perguntei esperançosa.

Ele mordeu o canto da boca.

— Não sei. O LCD está rachado, mas estou rezando para o cartão de memória funcionar bem.

— Foi o que aconteceu com minha câmera semana passada. Lente quebrada, cartão de memória funcionou.

Ele assentiu de uma maneira que me fez questionar se ele de fato me ouviu. A câmera no banco de trás, como se fosse completamente inútil, engatou a marcha e pisou no pedal.

A casa do tio Al, a costa selvagem e os pesadelos loucos desapareceram atrás de nós, engolidos pela escuridão.

Não falamos por cerca de dez minutos. Pude ouvir Elton John cantando “S

Saved My Life Tonight” bem baixinho nos altofalantes; achei que a letra fazia bastante sentido.

Olhei para Dex, seu rosto iluminado pelo painel. Podia ver que ele sabia e estava olhando para ele, mas mantinha os olhos na estrada. Seus olhos pareciam talvez apenas cansados.

— Como você está? — Mantive minha voz pouco acima de um cochicho.

— Ótimo — foi sua resposta. Como de costume, eu não podia ver se ele brincando ou não. De qualquer forma, fiquei com o “não fale comigo”. Sorri fracamente e inclinei contra a janela, os reflexos de dentro do carro fazendo a escuridão passar a parecer abstrata.

Devo ter cochilado por um tempo porque quando dei por mim uma pequena mancha de baba havia se formado no meu ombro direito.

— Você roncou — Dex disse.

Levantei minha cabeça envergonhada e limpei a baba.

— E babei também — acrescentei. Olhei para o relógio: duas da manhã.

Não tinha ideia de como eu sobreviveria no dia seguinte. Enquanto refletia sobre meu plano de agir normalmente no trabalho — e meu plano para ganhá-los numa reunião e receber a promoção por enquanto consistia em agir entusiasmada e concordar com o que eles diziam. Dex soltou um pequeno suspiro.

— Sinto muito — ele disse.

Eu o olhei surpresa.

— Por tudo — ele continuou quando eu não respondi. — Não era assim que as coisas deveriam ter acontecido. Quero dizer, em Gatas do Vinho eu nunca fui atacada por uvas assassinas, por mais divertido que isso pareça.

Fechei meus olhos e me reclinei de volta.

— Não é culpa sua.

— Sim. É minha culpa. Eu obviamente não pensei bem nisso. Quero dizer, você é uma menina com uma vida promissora pela frente, e eu te arrasto para um assombrado. Quero dizer, porra. Em que diabos eu estava pensando?

Pude ver flashes de remorso por trás de seus olhos. Meu coração se apertou, mas um pouco.

— Se eu concordei em ir para um farol assombrado com você, obviamente a vida não é tão promissora assim — eu o lembrei rapidamente.

— E você mal me conhece — ele continuou, sem me ouvir. — Você não me conhece e eu não te conheço e te convenci que isso seria uma ideia fodástica. Você esta noite. Poderia ter morrido.

Eu me endireitei e me inclinei perto dele.

— Você quase morreu também.

Dex balançou a cabeça.

— Eu não me dei conta de contra o que lutávamos. Desculpe por fazer aquelas escadas. Sei que você não queria outra coisa além de sair de lá, e deixado. E deveria ter te seguido.

— Se eu quisesse mesmo, eu poderia ter passado por você.

— Eu só... porra. Nunca deveríamos ter voltado lá.

— Bem, nós voltamos. E nós dois decidimos isso. Lembra?

Dex não pareceu convencido, mas também não protestou. Ficou em silêncio, a boca ficou firme.

— Tenho medo de perguntar o que aconteceu com você — ele finalmente disse.

Eu tinha medo de responder. Não queria me lembrar de nada, ainda que estivesse bem fresco na minha cabeça, assim como na minha garganta. Mas não podia guardar para dentro também. Se guardasse, pode apostar que iria precisar dos comprimidos de Dex logo mais. O que, por sinal, me lembrou: eu queria perguntar a ele sobre o medicamento, mas como você trazer à tona algo tão pessoal? “Aliás, há boatos de

é psicopata...”?

Então contei a Dex exatamente o que aconteceu com todos os detalhes. Disse que o Velho Roddy usava até o momento em que ouvi sua voz gritando para eu sair do prédio quando eu estava pendurada na janela.

— “Ela me disse que você ouviria e que você viria. Estava esperando algo de você.” Foi o que ele disse. Não sei quem é “ela”, mas a única coisa que podemos dizer disso, é que ele estava falando da velha. A Palhaça Decrépita B.

Dex não disse nada, então tentei amenizar o clima.

— Então eu soltei uma fantástica frase de impacto do tipo “a única coisa que você tem é a morte”.

Ele nem esboçou um sorriso, eu me perguntava quando eu iria ver aquele sorrisinho encruado novamente. Estava começando a preferir aquele Dex a esse gravemente.

— E foi isso o que aconteceu — eu acrescentei. Esperava que ele dissesse algo lógico. Ele mordeu o lábio por um segundo antes de dizer.

— Você conta tudo isso tão casualmente, como se acontecesse com você toda semana.

— Bem, meio que acontece.

Ele me deu um olhar que me fez encolher um pouco.

— Estou falando sério, Perry. Queria que você falasse sério também.

— Bem, desculpe por usar o humor para passar por situações difíceis. Essa situação toda é absurda, nem sei como devo processar o que aconteceu, muito menos o que vou fazer.

É impossível. Não parece real. E, honestamente, como pode ser real? Não pode. Não pode. Não pode. Não pode. Não pode... — com o absurdo daquilo tudo, uma gargalhada uivada que fazia meu rosto tremer.

Alguns parafusos no meu cérebro começaram a estalar. Um por um, eu podia sentir meus pensamentos se desenvolvendo, quando o rosto do Velho Roddy voltou, a sua cabeça passando pelo vidro, os tentáculos pegajosos de algas, a

afogando meus pulmões.

Estalo. Estalo. Estalo.

Minhas emoções se afunilavam fora de controle; meus pensamentos circulavam entre a realidade para realidade. Eu continuava rindo sem parar, até Dex parar o acostamento. Ele puxou o freio e ligou a luz interna.

— Perry? — Disse cuidadosamente. Moveu a mão em direção ao meu joelho.

Eu afastei sua mão impulsivamente e cacarejei.

— Quem é maluco agora? Você ou eu?

Dex franziu a testa e pareceu completamente confuso. Eu não o culpava. Eu perdi completamente o controle.

— Shhh, está tudo bem — ele cochichou e estendeu a mão novamente. Eu afastei desta vez, mas de repente tive vontade incontrolável de dar um soco no rosto.

Seus olhos se arregalaram como se ele soubesse o que eu estava pensando naquele momento.

— Me acalmar? — Retruquei. — Me acalmar? Você é o psicótico aqui, Dex. É comigo que me dar seus comprimidos, então.

Ele apertou os lábios, a risca na testa ficando mais profunda.

— Isso mesmo! — Eu exclamei. — Eu sei o que é Olanzapina! Quando ia me contar que eu estava fazendo dupla com um esquizo?

Sei que o que eu disse foi cruel, mas não me importei. Ri da culpa. Sentia uma enorme onda de energia, como emoções atormentadas presas que subiam pela minha barriga. Se eu parasse de rir, provavelmente começaria a gritar.

Ele absorveu o que eu disse sem se alterar. Era como se não tivesse me escutado.

Em vez disso, ele se virou para me encarar de perto até seu rosto estar bem diante do meu. Eu o vi em câmera lenta. Vi seus olhos virarem de um marrom chamois para um tom vívido e faiscante de mogno. Suas pupilas se contraíram, virando mini-

pontinhos negros. Tornaram-se más. Muito más.

— Ei! — Ele gritou tão alto que minhas orelhas ficaram anestesiadas. Pude sentir perdigotos voando à minha bochecha. O impacto de sua voz quase parou meu cor

Contenha-se!

Não sei se alguém já berrou bem na sua cara, mas deixe-me dizer que é uma experiência aterrorizante. Em apenas uma ação, senti como se experimentasse toc que arrebentasse Dex por dentro. E estava dirigida a mim.

Eu parei de rir. Parei de respirar. Parei de piscar. Parei de me mover. Parei tudo.

Os olhos de Dex penetraram nos meus com tanto poder e tanto ódio que estômago ficar embrulhado. Então ele soltou o ar e abaixou o olhar. Quando levantou os olhos, eles estavam repletos de desculpas e remorso novamente.

— Sinto muito — ele disse baixinho. — Eu tive de fazer isso.

Eu esperava que ele se mexesse e me desse espaço para respirar, mas ele ficou com a cabeça bem ali. Eu supus que queria me atormentar mais, mas ele parecia

compassivo, uma virada de cento e oitenta graus de dois segundos atrás para cá; e que ele estava tentando se certificar de que eu estava bem.

Isso me lembrou do filme Gênio Indomável, quando Robin Williams diz “a culpa é sua” repetidamente para Matt Damon, até que ele cede e desmorona. Eu desmoronado. As lágrimas começaram a correr dos meus olhos, eu sabia que era desmoronar.

Mantive os olhos abertos e sem piscar pelo máximo que pude até estarem tão cheios de lágrimas que eu tive de fechá-

los. Eu havia ficado tão envergonhada de chorar na frente de Dex no dia anterior, mas agora eu não me importava nem um pouco. As lágrimas eram exatamente o que ele queria.

Comecei a soluçar e berrar, despejando tudo da noite, tudo da semana passada, provavelmente tudo dos últimos vinte e dois anos. Dex me observou por alguns segundos, então colocou os dois braços ao redor dos meus ombros e me p

gentilmente para ele. Eu resisti um pouco no início, não querendo confusão, então e enterrei minha cabeça fundo no peito dele. Provavelmente estava derramando nele todo, mas não me importava.

Ele não disse nada para me acalmar ou me fazer parar de chorar. Apenas abraçou, o que era mais eficiente do que qualquer coisa. Isso me fez perceber, no fundo da minha mente devastada, quanto eu precisava de afeto. O toque humano. É algo que você realmente não pensa até ser lembrado de quanto é carente.

E agora eu percebia quanto eu queria, precisava disso dele. Esse homem perturbado e medicado que havia entrado na minha vida há poucos dias. Ainda não o conhecia, mas sentia como se não precisasse. Dizem que pessoas que passam por situações difíceis juntas desenvolvem um vínculo silencioso. Não importa quão desconfortável fosse que ele era potencialmente um maluco, não importa quão frustrante fosse lidar com ele a cada minuto, não importa quanto eu soubesse que ele iria voltar para Seattle.

Nessa hora; havia uma linha de energia invisível atraindo-me para ele. E de maneira egoísta, ingênua, eu esperava que ele sentisse isso também.

Seu pescoço estava com um delicioso cheiro de pós-barba e almíscar natural. Talvez eu pudesse ficar assim para sempre, mas minhas lágrimas diminuíram e minha respiração e pulsação voltaram a um ritmo razoável. Acho que encharquei a parte da jaqueta.

Relutantemente me afastei e sorri. Tirei um lenço umedecido do bolso e esfreguei em sua camisa.

— Desculpe — cochichei.

Ele olhou para baixo e deu um sorrisinho.

— Ei, já tive coisas piores em mim. Cocô de cabra, vinho regurgitado... e mais nada.

Não pude conter o sorriso. Rapidamente passei o lenço já empapado pelo meu rosto e nariz. Seu rosto permaneceu a distância de um palmo do meu, e eu não queria ficar completamente lastimável. Notei que ele ainda estava com os braços ao meu redor, obviamente eu não estava tão mal assim. Então ele era louco...

Algo surgiu nos olhos dele. Começaram a voltar para seu modo normal, só um pouco sonolento, e suas sobrancelhas se torceram quase dolorosamente, como se ele se lembrasse de algo. Ele tirou as mãos de mim enquanto parecia levemente confuso.

Parecia que havia uma tensão estranha no ar e só então ele havia notado.

Ele pigarreou e desviou os olhos.

— Você vai ficar bem agora.

— Claro— murmurei, olhando para minha mão manchada de rímel.

— acredite em mim. Já estive lá. Já vi coisas. Você expurgou tudo; não vai causar danos. É quando você não coloca para fora que, bem...

Ele colocou a mão nos bolsos, tirou um frasquinho de pílulas prescritas e chacoalhou para enfatizar.

— O que aconteceu? — Perguntei cautelosamente. Quanta coisa ele tinha nos bolsos.

— É uma história para outro momento — ele disse. Seus olhos permaneciam vazios, mas senti uma inflexão bem-humorada em sua voz.

— Ah — eu disse de maneira débil.

— Saiba que não sou esquizofrênico, só meio bipolar.

— Faz sentido.

Ele revirou os olhos.

— O remédio mexe mesmo com minha cabeça, sem mencionar o barrigão que eu fico. Se tomar muito eu fico parecendo o ator Tom Arnold, se tomar pouco eu sou realmente tão louco se é com isso que se preocupa.

— Não estou preocupada. E você não parece o Tom Arnold, mas devia arrumar umas analogias mais atuais.

— É porque eu só tomo o suficiente para aguentar. E mesmo com a dosagem mínima eu fico com isso. — Ele apertou a barriga, e tinha quase nada para agarrar. — Mas não se preocupe com isso — ele disse com uma piscada.

— Tenho certeza de que sua namorada ama — eu disse baixinho.

— Você que pensa — ele brincou —, ela só me enche para eu fazer academia? É a coisa mais gay do mundo. Fui nos primeiros seis meses de cansar de pagar para alguém me torturar.

— Tenho certeza de que ela entende.

Ele balançou a cabeça.

— Você viu como ela é. Ela tem uns padrões bem altos. Enfim, ela não :
ainda tomo remédio.

Isso me surpreendeu e eu busquei no rosto dele para ver se ele estava brincando. :
expressão neutra não me ajudou em nada.

— Está brincando. Como ela pode não saber?

Ele deu de ombros.

— Não sabendo.

— Ela não te vê tomando os comprimidos?

— Consigo ser discreto. Duvido que fizesse diferença.

Eu estreitei meus olhos com essa nova informação. Já me sentia bem tend
mas agora eu sabia que Jenn era realmente uma vaca.

— E você mora com ela? — Disse incrédula.

— Aham — ele respondeu de modo casual. — Enfim, mudando de assunto
vai ficar bem?

— Não sei. — Funguei e voltei ao meu banco.

— Era uma pergunta retórica, o que significa sim, vai.

Ele olhou para o relógio.

— E deveríamos estar voltando. Apenas me diga se tiver vontade de rir histericar

de novo, para que eu possa aumentar o volume.

Dex deu partida e levou o carro para a estrada. Eu me sentia exausta e levemente aliviada ao mesmo tempo. Fechei os olhos e quase caí no sono quando uma pergunta ocorreu.

— Dex?

— Sim, madame?

— O que quis dizer quando falou que esteve lá? Que já viu coisas?

— Vá dormir, mocinha.

— Tá bom — suspirei com sono. E logo tudo escureceu.

CAPÍTULO DEZESSEIS

ACORDEI DO MEU COCHILO SEM SONHOS quando senti o carro de Dex parando. Estacionamos na rua em frente da minha casa. Mesmo no escuro, com folhas espalhando no vento e jogando pequenos galhos de cerejeiras, parecia com o lugar da Terra.

— Lar, doce lar — disse Dex.

Eu me sentia desconfortável. Dava um abraço de despedida? Dava um aperto de mão?

Ambos pareciam estranhamente inapropriados.

— Parece o final de um primeiro encontro, não parece? — Ele apontou.

Fiquei extremamente ruborizada.

— É, acho que sim.

Dex abriu os braços, um sorrisinho afundando no canto da boca, e disse.

— Vem cá.

Eu me inclinei e o abracei. Ele me apertou bem firme e soltou um grunhido humorado. Eu o apertei de volta, sem querer soltá-

lo, mas também não querendo passar a ideia errada. A ideia errada era eu querer continuar o tocando.

Finalmente eu me afastei e olhei para o lado.

— Ei — ele cochichou enquanto deslizava a mão sob meu queixo e o pôs acima. Não tive escolha a não ser encontrar seus olhos. Eles dançavam no escuro. Bem com você?

Olhei para os lábios dele, minha respiração mais profunda. A vontade de fazer o mesmo ficou assustadoramente forte, tanto que me surpreendeu. Eu obviamente não estava mas por motivos diferentes dos que ele pensava.

Eu me salvei fechando os olhos e dizendo.

— Estou bem.

Satisfeito ele soltou meu queixo e se sentou de volta em seu assento.

— Fabuloso.

Eu rapidamente abri a porta e saltei do carro antes de fazer ou dizer algo idiota. Como

“Scenes From an Italian Restaurant” tocando baixinho nos alto-falantes, o que imediatamente me lembrou da sessão de cantoria dele no carro ontem. Parecia fazer tempo.

Devo ter sorrido involuntariamente, porque ele passou minha bolsa do banco de trás e disse.

— Quer que eu comece a cantar de novo? Vou cantar o CD todo para você. “My Love”, “Piano Man”, “She’s Always a Woman”...

Podia ver que ele estava brincando, mas secretamente eu não queria mais. Engoli duro e dei um sorriso tímido.

— Acho que isso é adeus?

— Por enquanto — ele disse. — Vá dormir direito e arrebente na reunião. Eu te ligo quando tiver algo interessante para dizer.

— Parece bom. Tchau, Dex.

Estava prestes a fechar a porta quando ele me parou.

— Espere! — Ele pegou atrás, na sacola; sua boina de cineasta. — Use isso amanhã. Vai cobrir o buraco na sua cabeça. E vai ficar bem descolada.

Peguei, enfiei na cabeça e agradeci segurando a aba:

— Valeu.

Ele acenou com os dedos enquanto eu fechava a porta.

Eu me virei e caminhei em direção à casa, ouvindo o carro partir. Olhei para trás e ele havia sumido.

Suspirei e fiz uma pausa na porta para reunir meus pensamentos antes de destrancar a porta e voltar para minha velha vidinha.

*

Como se pode imaginar, o dia seguinte se tornou uma completa loucura vezes mil.

Para começar, cheguei em casa e encontrei minha mãe dormindo na minha cama, aparentemente esperando por mim. Por sorte, Dex havia me dado sua boina, que cobria o ferimento na minha cabeça para que eu deixasse a minha mãe desesperada.

Claro que ela me bombardeou com uma tonelada de perguntas de mãe preta, para as quais eu facilmente driblei dizendo quanto eu precisava dormir, o que eu precisava fazer, mas que no fim não fez um pingão de diferença, considerando que acordei com um absoluto lixo.

Cada osso e cada músculo do meu corpo doía até não poder mais. Não consegui sequer me abaixar para amarrar as botas e tive de optar por sapatilhas. Isso porque eu precisava de um casaco para esconder os profundos ferimentos no meu pescoço e a boina do Dex na cabeça.

cabeça me deixara a cara da Yoko Ono.

Contudo, minha escolha de guarda-roupa era o menor dos meus problemas, além da dor física, eu também estava em estado de choque mental. Estava tão exausta que no limite do delírio. Cada frase parecia um desafio, o que não caía bem p telefone.

Nem mesmo os dois Red Bulls puderam ajudar meus pensamentos confusos, apesar de terem elevado minha pulsação ao status de parada cardíaca, e isso ainda na hora em que entrei na reunião.

Por uma sorte maluca ou compaixão do universo, consegui não apenas passar a reunião com Frida e o chefe, John Danvers, como os conquistei e ganhei a promoção.

É, eu sei.

Não posso explicar, mas consegui passar uma imagem bem profissional e entusiasmada e até mostrei a eles alguns dos projetos de publicidade que criei na faculdade. O cargo era só de coordenadora de produção, que era um trabalho bastante estressante e subalterno, mas ainda era melhor do que ficar presa na recepção. Além disso, pagava três dólares a mais por hora, e eu teria benefícios.

Fiquei nas nuvens o resto do dia. Literalmente. Todos os analgésicos que eu estava tomando, além da falta de sono, me faziam sentir como se eu estivesse flutuando no fantástico mundo de Perry.

Meu novo cargo começaria na próxima segunda-feira, então eu teria a semana inteira para treinar minha substituta (por acaso eles tinham em mente a temporária que eu havia coberto na semana anterior), o que significava, por sua vez, uma semana bem tranquila para mim. Eu poderia simplesmente colocar a outra pessoa para fazer todo o trabalho.

Simplicidade era o que eu precisava. Meu cérebro e meu corpo estavam um pouco bagunçados, eu precisava que as coisas corresse da maneira mais suave possível. Não queria qualquer coisa, queria deixar o final de semana para trás e focar um novo começo.

Quanto mais eu me dedicava ao balanço diário da vida “normal”, mais absurda se tornava a ideia de ser uma blogueira fantasma.

Além do mais, não tive notícias de Dex. Ele disse que ligaria se soubesse de algo, ainda assim, acho que parte de mim torcia para que ele me ligasse de qualquer jeito.

Mais tarde naquela noite, entrei no Facebook para bisbilhotar o perfil dele, boa xereta que sou. Não encontrei indícios de ele ter acessado seu perfil, mas pessoas haviam escrito em seu mural durante nossa ausência. Alguns caras, e meninas, a maioria com piadas internas e planos em potencial. Era estranho. Dex tinha uma vida sem mim e o farol, por mais egocêntrico e idiota que isso soe

Só me reforçava que Dex era só um homem. Um homem confuso, mas um homem. Um homem com uma Gata do Vinho como namorada, com um trabalho interessante e diversificado, uma bela voz, uma vida social e um passado de um homem bonito, sedutor, cujos olhos liam sua alma, e cujo sorrisinho desde você. Um homem no qual eu me esforçava para não pensar.

Isso era mais fácil de dizer do que de fazer. Ada continuava trazendo o assunto à mesa de jantar.

— Ele era meio sinistro — Ada disse em um tom arrogante dando mordida na carne. — Eu já estava duvidando de que você ia voltar.

— Valeu, Ada — murmurei com um olhar atravessado.

— Bem, teria sido legal se tivéssemos tido a chance de conhecê-lo — minha mãe reclamou melancolicamente —, em vez de vê-lo de longe.

— É, bem, achei que vocês podiam me deixar constrangida — respondi com sinceridade.

— Ah, “que seja”, como você diria. Por que isso importa? — minha mãe trocando um olhar com meu pai, que estava silencioso como era costume — havia comida na frente dele.

— Porque ela tem uma queda por ele — Ada se intrometeu.

Revirei os olhos.

— Ai, por favor, eu acabei de conhecer o sujeito.

Ela apontou o garfo para mim.

— Eu vi como você olhava para as fotos dele no Facebook. — Ela se vi minha mãe. — Ele tem namorada.

Minha boca despencou.

— Como você sabe disso?

— Talvez eu saiba usar uma ferramenta de busca melhor do que você — respondeu com petulância.

— Perry, você gosta mesmo desse cara! — Minha mãe me provocou, olha mim.

— Não! — Eu exclamei e quase derrubei meu garfo.

— A dama protesta demais. — Ada caçoou, usando uma citação de Hamlet.

— Você nem sabe o que está citando aqui, loira — retruquei.

— Meninas — meu pai nos interrompeu firme, mas gentilmente. — Vamo Perry relaxar um pouquinho. Não é todo final de semana que você explod meu irmão.

Não dava para saber se ele estava de fato bravo, como era geralmente o caso. Afi tinha explodido o farol do irmão dele, o que não podia ser menosprezado. não fosse de fato minha culpa, parecia que era. Senti, porém, certa compaixão em e fiz a ele uma cara de desculpa.

— Nós só estamos felizes que esteja bem, docinho. — Ele se esticou e to mão. — E orgulhosos também. Vamos brindar a seu novo trabalho, tim-tim!

Sorri, apesar de tudo, e levantamos nossos copos de vinho. Ada ergueu se refrigerante com uma expressão seca, apesar de eu conseguir enxergar um afeição fraternal.

Após o jantar e uma conversinha furada sobre meu novo cargo, eu voltei quarto, pronta para apagar. Eram sete da noite, e mesmo as doze horas de pareciam ter sido o suficiente.

Coloquei algumas coisas na minha bolsa quando ouvi a porta se fechar atrás de m

Temendo o pior, me virei em pânico.

Era apenas Ada, me olhando com horror.

— Que porra aconteceu com a sua cabeça? — Ela gritou e correu para me examinar.

Eu bati na mão dela e estranhamente senti minha cabeça. A boina havia caído, deixando meu elegante Band-Aid exposto.

— Não é nada, cai fora!

Ela cruzou os braços para indicar que não ia a lugar nenhum.

— O que houve? Me diga ou vou chamar a mamãe e o papai!

Eu sabia que ela iria, mesmo. Queria contar a ela, mas não sabia qual versão seria a história oficial ou a verdadeira?

Apesar de todas as nossas diferenças, Ada era minha irmã. Olhando em retrospecto, eu sabia que eu e os outros, pintados impecavelmente com a melhor maquiagem, eu sabia que tínhamos alguns benefícios da dúvida guardados para mim.

— Quer a verdade ou a história oficial?

— Qual é a história que você vai blogar? — Ela perguntou sabiamente.

Ela tinha um bom ponto. Se ainda estávamos realmente fazendo esse projeto, neste momento eu não sabia o que Dex iria conseguir resgatar de sua câmera, sem mencionar o fato de que a coisa toda poderia ser cancelada — iríamos obviamente mostrar a verdade às pessoas. Isso significava que meus pais, as autoridades, tio Al; todos iriam acreditar na verdade que eu contava. A verdade era absurdamente diferente de tudo que eles tinham escutado.

De qualquer maneira, eu também sabia que eles não acreditariam em nada. Não importa que tipo de prova nós fornecêssemos, não importa quão bem eu me portasse sobre a experiência, eles iriam achar que eu inventei tudo.

Bem, deixe-os achar.

— Então? — Ela perguntou impacientemente. — O que foi? O que aconteceu? A verdade.

— Tá — eu disse hesitantemente. — De verdade? É melhor você se sentar, mas a deixe o cinismo do lado de fora da porta.

Ela suspirou e se jogou na minha cama, toda desengonçada revirando os olhos.

Comecei do começo, mas deixei de fora a parte sobre a Palhaça Decrépita porque só iria dar mais pano pra manga. Quando terminei, pude ver Ada lutando que contei.

Ela roeu pensativamente as unhas e me observou de perto.

— Então... essa é a história verdadeira?

— Sim. Acredite ou não, não me importo, mas você queria a verdade, e aí está. D pode confirmar o que eu disse.

— Mas você disse que Dex nunca viu o tal de Rodney.

— Roddy. E ele viu, só não foi... atacado por ele.

— Eu... não sei o que dizer — ela se levantou e começou a andar de um lado para outro.

— Bem, não precisa dizer nada.

Ela pareceu pensar nisso por um tempo, então deu um olhar curioso.

Ela perguntou.

— Lembra quando éramos bem mais novas, ou quando eu era bem novinha, enfim e você tinha tipo dez anos, e íamos para o chalé de esqui todo inverno?

Eu lembrava vagamente. Durante alguns anos, todo inverno nós esquiávamos montanhas, mas eu não sabia o que isso tinha a ver.

— Lembra o quarto em que dormíamos?

Mais uma vez, eu lembrava vagamente. Um típico quartinho com beliches e o próprio banheiro. Eu me lembrava do cheiro da lareira à noite e do cheiro da neve derretendo no peitoril da janela de manhã, mas nada mais.

— Mais ou menos — eu disse lentamente.

— Lembra-se de um menino chamado Sam que vinha te visitar?

O nome me dizia algo. Tentei puxar pela memória, mas fui bombardeada por imagens de milhões de viagens e um milhão de meninos que poderiam se

No entanto, tive uma lembrança de um menino branco como neve do lado da janela, mas ela era tão nebulosa e fugaz, que poderia muito bem ser um sonho.

Ela continuou:

— Sam vinha toda noite e batia na nossa janela, eu acordava e te encontrava tentando abri-

la. Eu lembro que perguntava o que você estava fazendo e você dizia: “Sam está aqui”.

Tenho de deixá-lo entrar; ele está com frio”.

As lembranças começaram a se derramar nos meus olhos. Vi o doce rosto de Sam na janela, tão pequenino e com frio. Ele devia ter uns oito anos, mas era perfeito para sua idade. Eu me lembrava de que abria a janela e o convidava para entrar, mas ele nunca entrava. Ele dizia que tinha de ficar do lado de fora porque sua mãe não queria com ele. Eu me lembrava agora do frio agudo que vinha pela janela e do beijo de gelo que se acumulava em seus cílios como pó de pirlimpimpim.

— Sim, eu me lembro — disse a ela. Seu rosto ficou soturno, o que acelerou instintivamente meu pulso.

— O que tem?

— Eu nunca vi o Sam — ela disse cuidadosamente. — E eu também estava na cama de cima do beliche. Eu lembro que você acordava toda noite, sempre na manhã, e rastejava até a janela e a abria. E ficava conversando sozinha por muito tempo. Então fechava a janela, olhava para mim e dizia: “Sam teve de ir embora, mas nunca houve ninguém ali, Perry”.

Eu olhava para ela atônita, enquanto processava essa peça insana de informação. Tenho uma péssima memória, e isso aconteceu há muito tempo, mas quando isso à tona, me lembrei perfeitamente. Quero dizer, sei que tinha amigos quando era pequena, mas havia claramente um menino chamado Sam. Certo?

— Eu estava sonâmbula? — Perguntei. Talvez eu tivesse sonhado.

— Acho que não — Ada disse. — Você frequentemente falava sobre ele durante o jantar, se perguntando por que sua mãe o trancava fora do chalé. Uma vez você foi à mamãe que queria convidá-lo para jantar. Eles disseram que claro que poderia, achando que ele era um menino que ficava por ali. Mas eu nunca o vi no jantar. Nem através da sua janela.

— Como se lembra de tudo isso? Você devia ter uns cinco anos!

— Eu me lembro porque me assustava, Perry. Você me assustava. Comecei a acreditar que minha irmã mais velha era louca.

— Louca — eu repeti. Fechei os olhos e pressionei as mãos contra as têmporas. Estava cansada demais para lidar com isso. Era só uma pitada extra de rica pilha crescente de insanidade.

Ada colocou a mão no meu braço.

— Você não é louca.

— Claro — eu murmurei e me sentei na minha mesa. Temi que isso me fizesse pensar em tudo de novo.

— É sério, para valer. Acho que você viu Sam, mesmo que eu não o tenha visto. Acho que você também viu esse Velho Roddy. Eu acredito em você, Perry.

Dei a ela um sorriso esmaecido.

— Estou falando sério. Talvez você pudesse gostar disso — ela resmungou.

Suspirei e me recostei na cadeira.

— Gosto, Ada, calma. É só muita coisa para absorver. Quero dizer, o que tudo isso significa?

— Significa que talvez você veja coisas. Talvez se você pensar nos anos que passou possa se lembrar de outras coisas também.

Isso não soava uma boa ideia.

— Outras coisas? Houve mais?

Ela inclinou a cabeça pensativamente.

— Talvez. Você agia de forma bem estranha durante o ensino médio.

— Eram as drogas — respondi com amargura.

— Talvez fossem, talvez não. Você sabe que não foi muito divertido para mim criando você como irmã.

Toma essa!

— Sinto muito — eu disse, torcendo para que ela percebesse que eu realmente se importava muito por isso. — Eu fico muito feliz que você não tenha acabado igual a mim.

— Ainda há tempo! — Ela exclamou ironicamente. — Não importa, de qualquer maneira. Sei que foi mais difícil para você do que foi para mim.

— Sério, eu sinto muito. Não tenho desculpas.

— Eu não quero ouvir isso! O que passou, passou, tá? Não importa.

Ela começou a seguir para a porta.

— Espere — eu a chamei. Eu não queria mesmo que ela me deixasse sozinha com a bomba que ela havia jogado.

— Tenho coisas para postar no blog. Você não tem?

Dei de ombros, impotente.

— Não sei.

— Você sabe que tem. Dane-se todo mundo. Escreva sobre o que aconteceu mesmo assim. E se ninguém acreditar em você, não importa, porque eu acredito e Dex acredita, e as pessoas acreditam no que você diz a elas para acreditar. É igual

Elas usam o que você falar para usarem.

Por que eu não era tão esperta assim quando eu tinha quinze anos? Ah, c drogas. Que desperdício...

— Ah, e parabéns pelo novo emprego — ela acrescentou antes de sair do quarto.

Certo... novo emprego, Sam, Velho Roddy, Dex, blog, treinar uma recepção minha cabeça ferida.

Era hora de dormir.

*

— Boa tarde, Allingham e Associados, Melody falando — Melody, nossa recepcionista, atendeu ao telefone e com uma voz exageradamente melosa.

Eu estava encostada na parede, observando-a enquanto ela fazia o primeiro teste de atender ao telefone. Treinei-a a manhã toda, com a logística básica do trabalho, ainda que ela já tivesse feito o trabalho durante minha ausência semana passada sem algum. Ainda assim, achei um pouco divertido ficar atrás vendo a tocha se

Divertido e extremamente aliviante.

Para você ver, enquanto eu não era uma boa recepcionista, Melody era um

Animada, amável e focada. Apesar de ela poder só estar mostrando trabalho — a das pessoas se esforça ao máximo no primeiro dia — algo nela gritava re

Talvez fosse porque ela era bonita, bronzeada e loira, com os dentes mais brancos vi no norte da Califórnia. Ou seu entusiasmo e talento organizacional intuiti abasteceu os grampeadores no intervalo da manhã, sabe, só por diversão). Ou po que ela estivesse genuinamente interessada em ajudar as pessoas, diferentemente que acreditava que um olhar aborrecido era igualmente eficiente.

Enquanto eu a via assumir meu antigo emprego, eu percebia quanto eu iri num novo cargo. Era assustador ter novas responsabilidades, é claro. Quanti pensava nisso, mais eu me preocupava em não ser boa o bastante. Por outro lado, eu pudesse aproveitar a ocasião, fazer um grande trabalho e deixar a pregu

procrastinação e a apatia para trás. Eu poderia ser uma nova pessoa. Poderia surpreender a mim mesma.

Isso, porém, não significava que eu não pensava no Dex em momentos aleatórios do dia. Eu ainda não havia ouvido um pio dele. Eu considerava mandar uma mensagem de texto ou um recado no Facebook para ele.

Algo bem tranquilo e casual, mas não queria parecer desesperada. Você não liga para ninguém logo depois de um encontro; era o mesmo tipo de coisa.

É idiota como eu ficava comparando nossa aventura com um encontro que era bem o oposto disso. Pelo amor de Deus, nós não éramos sequer colegas de trabalho. Eu começava a duvidar de que algo iria acontecer, mas não podia evitar. Eu não sabia se eu estivesse num semirrelacionamento com ele, o que me fazia sentir ainda mais insegura.

Assim que maníacos começam!

Eu balancei a cabeça e soltei um suspiro de desgosto.

— Fiz algo errado?

Melody olhava para mim interrogativamente com o telefone na orelha. Achei que ela tivesse viajado por um momento, como de costume.

Dei a ela um rápido sorriso e respondi sinceramente.

— Não, você está indo bem. — Eu, por outro lado não estava. Minha mente continuava a se dividir entre ficar empolgada com a nova posição e me sentir decepcionada da falta de uma da Shownet.

E não melhorou com o passar do dia. Assim que cheguei em casa minha mãe me arrastou para um banho de loja.

Eu sei que um banho de loja parece divertido, e sei que Ada me apunhalou com o olhar quando minha mãe me puxou pela porta, mas não deveria ser uma experiência tão desagradável.

Minha mãe geralmente me leva para esses passeios porque: A) ela tem más notícias a anunciar quer adoção ou B) quer dar uma de “Eliza Doolittle” pra cima de mim.

— Eu sei, mas não quero que você se sinta mal por causa disso.

Suspeito que esse passeio seja o segundo caso.

— Então, o que está havendo, mãe? — Perguntei cuidadosamente enquanto tentava pela enésima vez estacionar o carro numa vaga estreita.

— Há espaço para sair? — Ela perguntou, olhando para o meu lado. Não menos que ela estivesse achando que eu era quinze quilos mais magra, mas sugerir outra tentativa, e talvez ouvir um sermão sobre fazer dieta, eu disse estacionar. De alguma forma eu me espremi para fora do carro, mas não sem meus peitos contra a porta — divertindo as crianças do carro vizinho, que acharam engraçado.

Dentro do shopping, senti meu coração acelerar. A multidão, o empurra-empurra, as pessoas no corredor que trabalhavam nos quiosques e praticamente corriam atrás com creme para as mãos e para os cabelos. O shopping não podia ajudar em nada ataques de pânico e era um dos piores lugares para mim, especialmente es nervos à flor da pele.

Minha mãe não notou, como sempre. Ela apenas me conduziu para o departamento feminino da Macy. Já havia me tocado, mesmo antes de ela começar a tirar vários e saias. Ela queria que eu parecesse mais profissional no novo cargo.

Era justo, acho. Eu precisava ampliar um pouco meu guarda-roupa, e minhas camisetas de banda não estava mais servindo, mesmo que eu as usasse com uma l

Eu sabia que minha mãe ia me espremer em algumas roupas que não me não seriam nada a cara da Perry.

E eu estava certa. Dez minutos depois eu saí do provador com apenas uma roupa servia em mim e um belo sermão sobre meu peso.

— Pelo menos podemos comprar sapatos. Talvez um salto alto? Não tem como ganhar peso nos pés — ela disse animada, e antes que tivesse tempo de r novamente, fui arrastada na direção do departamento de sapatos.

Não me entenda errado. Adoro sapatos, mas adoro o meu tipo de sapato; tipo de sapato é do tipo tosco e confortável. Os sapatos que minha mãe q usasse serviriam melhor para outra pessoa. Alguém como Jenn.

Pensar nela acelerou minha pulsação.

Acho que minha mãe notou, porque quando o vendedor entediado guardava um par de sapatos de volta na caixa, ela disse:

— Então, me conte sobre esse cara com quem você estava. Dex?

— Você quer dizer o produtor do programa? Ele é bem... interessante. —
queria seguir por esse caminho com ela.

— Está a fim dele?

— Não, mãe. — Eu suspirei e toquei o acabamento do belo par de sapato com salto de dez centímetros. — Será que ninguém me escuta?

— Docinho, você não devia deixar algo como uma namorada ficar no seu caminho —
ela disse com convicção demais.

Eu ri, não pude evitar. Até o vendedor pareceu chocado com o que ela disse, mas rapidamente se afastou antes de poder ouvir mais.

— Mãe — consegui dizer. —, este é um conselho terrível para dar para sua filha.

Ela sorriu para mim, e por um instante eu senti como se estivéssemos compartilhando de uma piada interna.

— Não estou dizendo que você deva fazer alguma coisa. Só estou dizendo que às vezes a vida acontece de maneira engraçada. Quando estava namorando seu pai, tinha cara bacana que queria namorar comigo. Ele me mandava flores, me convidava para sair quando seu pai não estava olhando. Nunca tive nada com ele; fui fiel. Mas freqüentemente me pergunto o que teria acontecido se eu tivesse ficado com esse outro homem. Claro, ele era Ted. Claro, seu pai teria ficado com o coração partido, ou pelo menos o orgulho ferido, mas Ted acabou encontrando outra. Ele era um empresário bem sucedido. Acabou fazendo milhões com uma empresa de telefonia. Minha vida poderia ter sido muito melhor se eu tivesse ficado com ele. Nunca se sabe.

Isso fez minha cabeça girar, ainda mais com a dor na planta do pé enquanto eu tentava me equilibrar num par de meia pata de bico fino.

— Hum, bem, você não teria a mim e a Ada se tivesse ficado com o tal de Ted — censurei enquanto tentava manter o equilíbrio.

Ela deu de ombros.

— Acho que não. Só estou dizendo que talvez seja melhor aproveitar, só isso. deveria levar esses. Eles fazem suas pernas parecerem mais magras.

Olhei para os sapatos. Eles não faziam nada além de me fazer parecer ter tortas. No entanto, eu concordei para dar fim à conversa terrível. Não é que meus pais tinham um casamento perfeito, e eu não ficaria surpresa se secretamente ansiassem por uma vida diferente, mas ouvir minha mãe revelar descaradamente era perturbador, para dizer o mínimo.

Mas não terminamos por aí. As coisas ficaram bem piores no caixa, quando pagou por aqueles sapatos do capeta.

— Agora, Perry, espero que esse novo avanço em sua posição signifique que você pensar mais seriamente sobre arrumar seu próprio cantinho e sair de casa.

Isso também? O vendedor e eu trocamos um olhar que dizia: “Não acabou ainda?”

— Ai, meu Deus, mãe — suspirei alto.

— Bem, só estou dizendo. Você já é bem grandinha para ser responsável e se mudar.

Por favor, não pense que queremos que você saia nem nada do tipo, mas responsabilidade vem... mais responsabilidade. E eu adoraria transformar seu quarto em meu próprio quarto.

— O que quer dizer com seu próprio quarto? — Olhei para ela desconfiada.

Ela deu de ombros e pegou a sacola com o vendedor. Ele pareceu feliz por não ter de ir para casa com ela, diferentemente de mim.

— Não sei, docinho. Às vezes você chega a uma certa idade em que você quer seu próprio quarto e o próprio espaço. Além disso, seu pai ronca. Seria legal não acordar com o ruído da noite de sono.

Não sei exatamente há quanto tempo meus pais estavam casados, mas esta

primeira vez que eu ouvia minha mãe reclamar do ronco do meu pai. Não estava nada do rumo dessa conversa.

Quando deixamos o shopping e começamos a caminhar na garoa cinzenta em direção ao carro, nossa conversa entrou em outros assuntos, como o novo reality show que ela estava viciada. Afastei o máximo que pude o que ela disse da cabeça.

CAPÍTULO DEZESSETE

O RESTO DA SEMANA PASSOU RÁPIDO. EU estava treinando Melody (fácil e sendo treinada por Frida para meu novo cargo (não tão fácil). Nem tudo seria absorvido de cara, mas sabia que perfeição não seria esperada desde segunda-feira.

Melody aprendia rápido, como achei que aprenderia. Isso me permitiu que envolvesse nas novas planilhas de Excel com as quais eu tinha de me alocar a agenda de produção que chegaria enquanto ela recebia clientes e atendia a

Fiquei tão atordoada com aquele Excel caótico (Excel era meu Nêmesis) quando ela me passou o telefone.

— Perry? — Melody me cutucou enquanto eu levantava o olhar. — É para você — disse animada.

— Ah — eu disse distraidamente, com a cabeça explodindo com alguma fórmula não funcionava, que nem me toquei. Peguei o telefone e coloquei na orelha. removeu o fone de cabeça.

— Perry falando. — Minha voz não soava tão amistosa quanto deveria, mas fosse, esse não era mais meu emprego.

— Ahhh, olá, é a Perry? Perry Palomino, sim? — Um homem dizia num sotaque afetado que chegava a beirar o ridículo.

— Hum, sim — respondi dando uma olhada a Melody. Ela levantou a sobrancelha para dizer que ela não tinha ideia de quem era.

— Ahhh, Perry, você é a mulher fantasma, sim? Você vê fantasmas grandes, sim?

O homem insistia. Eu pausei, tentando imaginar o que estava rolando. — Talvez?

— Sim, sim! Você é ela! Você é a mulher do computador. Você tem prog fantasma e explode faróis; você grande estrela!

Meu coração parou. Eu rapidamente espiei o número no visor. Era um código área de Seattle.

— Dex? — Perguntei. A esperança estava claramente estampada na minha voz.

— Dex? Ele homem bonito, sim? O homem gênio, gênio sexy. Descobriu você estrela.

— Dex — repeti lentamente.

Houve uma pausa, então a voz riu, alta e esganiçada. Poderia reconhecer aquela r em qualquer canto. Era o Dex.

— Desculpe te ligar no trabalho — ele disse. Sua voz normal grave e suave veio linha e inundou meu coração de calor. — Mas tentei algumas vezes até perceber c não atende mais ao telefone.

— Ah, tudo bem — eu disse animada. O telefone começou a piscar com chamada. Melody se moveu para apertar o botão, mas eu a afastei com a chamadas podiam esperar. Isso era o que eu chamava de “prerrogativa da recepção

— Vou ser rápido, sei que você tem de voltar para atender outras chamadas de ge mais importante. Por sinal, como foi a reunião?

— Hum, bom, fantástica — eu disse, não querendo falar abertamente sobre novo cargo na frente de Melody. Parecia de mau gosto.

— Precisa falar em código? Conseguiu o emprego?

— Sim, as duas coisas — sorri. Melody me olhou com ar de dúvida.

— Bem... boa notícia para você, certo? — Ele perguntou de forma inocente.

— Claro.

— Hummm — ele refletiu. A linha ficou em silêncio.

— O quê? — Perguntei, achando a reação dele engraçada.

— Precisava que você viesse a Seattle sexta-feira à tarde — ele declarou com voz séria, como se eu não tivesse escolha.

— O quê?! — Eu exclamei. — Não posso!

— Precisa — ele respondeu.

Olhei para Melody. Ela entendeu a deixa. Saiu da cadeira e cochichou:

— Vou ao banheiro.

Balbuciei um agradecimento e prontamente me sentei no lugar dela.

— O que quer dizer com eu preciso? — Cochichei agressivamente no bocal.

— Editei as imagens, compus a trilha; ficou incrível, Perry! Pelo menos eu acho que está. Jimmy quer encontrar você sexta-feira, só para se certificar.

— Mas... o quê? Imagens? Conseguiu resgatá-las?

— Bem, odeio roubar uma expressão da sua década favorita, mas DÃR! — Ele sarcasticamente.

Revirei os olhos, mesmo que não houvesse ninguém ali para ver.

— Esta é a primeira vez ouço falar disso. Achei que ia me ligar assim que que tinha as imagens.

— Não, eu disse, eu ligaria se tivesse algo interessante, e Jimmy acabou com que ele quer vê-la na sexta, a qualquer custo. Achei isso bem interessante.

— Dex, não posso simplesmente ir para Seattle do nada. Começo meu novo cargo segunda-feira, e ainda tenho de treinar a recepcionista — eu chiei.

— Para mim ela pareceu muito bem treinada. Muito melhor do que você, na verdade.

Juro que quase desliguei o telefone. Respirei fundo e torci para que ele caísse na rede.

— Escuta, Dex, não posso sair. O Jimmy vai entender. Talvez eu pudesse ir no sábado ou na semana que vem — disse bem lenta e calmamente.

— É, não vai rolar. É agora ou nunca, pegar ou largar, ou morrer, dependendo de quão dramática você queira ser. Diga que está doente.

Eu realmente me sentia doente agora que tudo isso estava rolando. Eu devia dizer que não seria uma situação simples. Obviamente não havia sido simples até agora.

— Ah, não sei — disse cansada.

— Diga que está doente. Sua recepcionista dá conta. Ela já daria conta de qualquer jeito, certo? Escute aqui, eu cuido do seu voo. Sem custo para você conhecer o Jimmy, ele vai ser conquistado pela sua... personalidade, torço para assinar uns papéis aí, tomamos um champanhe e tudo no mundo vai ficar certo.

Soava fácil demais.

Suspirei, insegura do que dizer. Era um daqueles momentos em que eu sabia que minhas ações iam determinar um novo rumo na minha vida, outra estrada para seguir. Se eu dizia sim, faltaria no trabalho e possivelmente prejudicaria meu novo emprego. Se eu dizia não, daria adeus à possibilidade de trabalhar com Dex e fazer algo realmente interessante (ainda que não convencional) com minha vida, e seguiria em frente no caminho mais responsável? Podia fazer ambos? Talvez...

— Posso te ligar mais tarde? Realmente não posso falar agora — conseguiu dizer quando Melody voltou à recepção.

— Pode me ligar a qualquer hora — ele disse secamente —, mas preciso de uma resposta agora. Estou com Jimmy aqui na minha frente, e ele está começando a ficar com o pé na minha mão. Sou meio mentiroso.

— Você é mentiroso — murmurei e dei a Melody um olhar de desculpas. Ela olhou para as linhas piscando no fone, mas não disse nada.

— Sim ou não? — Dex disse, com impaciência subindo em sua voz. Eu olhei para suas sobrancelhas franzidas e o vinco na testa.

Eu respirei fundo e fechei os olhos. Não havia sentido em tentar descobrir se ele estava certo, não havia sentido em pensar. Eu disse a primeira coisa que veio em mente.

— Sim.

Eu disse sim.

— Obrigado, Perry — ele disse sinceramente, quase gentilmente. — Vou te mandar um e-mail com detalhes do voo agorinha mesmo. Eu te pego no aeroporto e tudo mais. A reunião só vai levar umas duas horas no máximo, daí você volta de avião para casa como mel. Lembra da metáfora do doce, né”?

— Sim.

— Bom, até mais, mocinha.

Então a linha ficou muda. Eu suspirei lentamente no telefone.

Melody me deu um sorrisinho atrevido.

— Problemas com homem?

Eu sorri apesar de tudo.

— Acho que pode-se dizer que sim.

*

O dia seguinte e até a metade do dia seguinte ficaram completamente de cabeça baixa para mim. Dex me mandou um e-mail com meus bilhetes de voo, que significava que estava tudo certo. A única coisa que eu tinha de fazer era dizer que sim na manhã de sexta.

Eu realmente não achava que Frida acharia isso um problema. Quer dizer, poderia sentir que era inconveniente e talvez temer que eu não fosse segunda-feira (apesar de eu garantir a ela que viria), mas não achava que ela iria tirar a conclusão de que eu estava cabulando o trabalho. Afinal, a gripe suína ainda estava rolando por aí.

Não, eu sabia que o problema seria os meus pais. Como eu ia dizer a eles que estava doente e daí embarcar num avião para Seattle? Estava com uma resfriado, um médico em Seattle poderia curar? Eu poderia dizer a eles que eu estava indo para Grace Hospital para fazer uma consulta com o Doutor McDreamy, do Grey’s Anatomy?

Eu sabia que se contasse a verdade aos meus pais eles ficariam terrivelmente decepcionados comigo. Notei quanto eles pareciam aliviados quando toda a programação de fantasma não deu em lugar nenhum, e eu sabia quão felizes quando fui promovida. Não podia suportar decepcioná-los depois de dar a eles tantos anos de chateação.

Era tão preocupante que na noite de quinta eu tive de sequestrar Ada para o quarto e pedir o conselho dela.

Fiquei deitada na cama, apertando meu elefante de pelúcia nos braços, olhando perdida para o teto. Ada estava sentada à minha mesa me observando pensativamente.

Parecia uma cena bizarra de psicólogo e paciente. E o tempo todo Ada ficava esperando eu me abria para ela.

— Então? — Perguntei frustrada.

— Calma. Estou pensando — ela respondeu por eu tentar apressá-la.

— Está? Ou está falando isso só para me agradar?

— Só para te agradar, dâ!

— Você é a segunda pessoa em dois dias a usar essa expressão — eu apontei.

— Apenas diga à mamãe e ao papai que você vai trabalhar, e diga a seu trabalho que você está doente — ela anunciou. — Acha que eu sempre vou para a escola?

— Ada! — Eu exclamei, o papel de irmã mais velha vindo à tona.

— Pfff, que seja, você era uma drogadinha — ela disse na defensiva.

— Por favor, pare de jogar isso na minha cara.

— Não, você que pare de agir como se você desse a mínima. Tenho quinze anos, Perry, caramba. Acha que vou escutar qualquer conselhinho de irmã que vem me dar? Acorda para a apatia.

— Ai, nossa, como você é emo.

— Queria meu conselho, aí está. Acha que vou dizer o que você quer ou

quiser ser toda esperta e adulta sobre essa maluquice então faça a coisa com
quiser fazer algo divertido e aproveitar, então dane-
se o que todo mundo pensa. Rock and roll, cara!

Eu ri com essa última parte e me sentei. Ada se levantou da cadeira e estava pegando
minha guitarra.

— Você nunca mais tocou — ela disse nostalgicamente.

— Ando ocupada. E ainda sou péssima.

— Sonhe alto, sonhe alto. — Ela dedilhou distraidamente, os acordes, todos
errados, mas suas palavras ressoaram na minha cabeça. Eu costumava sonhar alto
que em algum ponto eu havia me esquecido disso e desisti.

— Tá — eu disse. — Vou dizer à mamãe e ao papai que vou trabalhar. Vou
moro e ir para o aeroporto e ficar por lá algumas horas. Então eu digo a eles que vou
depois do trabalho ou algo assim, para eles não se preocuparem se eu chegar tarde.

— Acho que você pode ser bem espertinha quando quer, Perry. Nem preciso
me contar tudo isso. — Ela abaixou a guitarra e tirou a longa franja da frente do
pintados de preto.

— Valeu — eu disse a ela.

Ela sorriu timidamente.

— Só vai ganhar outro elogio meu daqui a uns dois meses, tá?

— Entendido.

— Boa sorte. — Foi a última coisa que ela disse antes de sair do quarto.

Eu não tinha ideia de como eu caí no sono naquela noite. Meus nervos estavam
toda e meus pensamentos a mil, mas logo o sol nasceu.

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

entrei no avião com o coração sacudindo como um pássaro em
pânico no peito e dei à aeromoça o maior sorriso que pude quando entreguei

lhe meu

tíquete. Eu me sentia alguém muito importante, mesmo que não fosse o caso. Ainda uma sensação de mistério e “pessoa foragida” nas minhas ações, uma vez que tudo que estava fazendo era meio uma mentira. Devo admitir que era bem empolgante.

Liguei para Frida às seis e meia da manhã para que a minha desculpa soasse convincente. Se havia algo que eu sabia sobre ligar para falar que está doente raramente tem forças para ligar no momento apropriado. Ela souou levemente desconfiar o que tornou difícil dosar entre parecer doente o suficiente para faltar ao trabalho e não doente demais para parecer que eu não iria trabalhar segunda-feira. No final, não havia muito que ela pudesse fazer, e ela me disse para ligar para ela domingo à noite para confirmar se eu estaria bem para trabalhar.

Com os meus pais foi um pouco mais fácil. Fiquei vestida e pronta, como sempre. Mas estava tensa, e minha empolgação era aparente mesmo antes do café da manhã.

Enquanto eu pegava algumas sobras na geladeira, minha mãe perguntou se eu estava sentindo bem. Por sorte, Ada estava lá e mudou de assunto antes que eu pudesse responder. Quase pisquei para ela em agradecimento, mas se minha mãe percebeu, foi um desastre.

Foi uma viagem curta num avião pequeno antes de aterrissar no aeroporto Sea-Tac. O

voo não teve acontecimentos, mas não pude parar de me remexer no assento até que tivesse pó de mico. Quando aterrissamos e o avião estava taxiando até o portão de desembarque, o velho ao meu lado deu um tapinha na minha mão e disse:

— Tudo bem, estamos seguros agora. — Ah, se ao menos eu pudesse ter certeza de que isso era verdade.

Quando foi hora de desembarcar, agarrei minha bolsa e caminhei em fila até a porta de saída, muito empolgada. Sentia como se fosse uma personagem de um filme romântico.

Novamente, isso era coisa de menininha idiota, mas não havia como fingir que eu não sentia assim.

Após dar ao piloto um aceno entusiasmado enquanto entrava no terminal, eu

Dex.

Queria poder dizer que ele era “apenas um homem” como eu disse a mim mesma toda semana, mas após vê-lo parado lá, no portão, esse de fato não era o caso.

Ele estava casualmente encostado numa coluna, com um palitinho de dente na boca.

Seu cabelo preto estava arrepiado na frente e o arranhão na testa havia acrescentado certa aspereza a seu rosto, que parecia mais jovem e fresco do que eu lembrava.

Seus olhos estavam iluminados e brilhantes, e eu podia jurar que seus cílios estavam longos ou algo do tipo, pois ele quase parecia delicado. Até seu bigode de Erro Flutuante se via e seu cavanhaque estava aparado como uma pista de esqui lisinha.

Sua roupa estava diferente também: uma camisa social branca de mangas compridas e calça preta. Ele poderia ser um garçom, não fosse pela enorme jaqueta cor-de-vento verde exército que ele estava usando.

Não posso mentir. Vê-lo fez meu coração derreter e bater em câmera lenta no peito.

Nossos olhos se encontraram, e eu me senti atraída para ele, como se houvesse um raio de atração hormonal. Graças a Deus que o raio teve o bom senso de não me atingir.

— Oi — eu disse, com a voz mais esganiçada do que eu queria.

Ele tirou o palito e atirou-o no chão na frente de uma mulher que passava. Ela olhou para ele. Ele devolveu a ela um sorriso safado e franziu sugestivamente as sobrancelhas para ela. Depois se virou para mim e sorriu.

— Você veio! — Ele soou surpreso.

— É — respondi, ajustando a bolsa no ombro, sem saber se eu deveria abraçá-lo ou não.

— Você é mais tola do que eu pensava — ele se esticou e tocou meu braço. — Deus abençoe os jovens.

Antes de eu poder processar o que ele queria dizer com isso, ele sacou o relógio do bolso e olhou para ele.

— Melhor a gente ir, ham?

E ele disparou do terminal como um tiro. Eu corri atrás dele. Comecei a perguntar se eu havia cometido um erro. Eu também desejei que o casaco pouco mais curto, para que eu pudesse ter uma melhor visão da bunda de estava ferrada.

A viagem até o centro foi bem longa, com trânsito e zonas de construção engarrafando a I-

5. Nesse meio tempo, fui me inteirando do que havia nas imagens.

— Inicialmente achei que estávamos ferrados, porque muitas das imagens eram apenas pretas com um ruído ou outro, mas daí percebi que eu podia salvar áudio, e então usá-

los em outros trechos para complementar a ambientação da coisa toda.

Então se eu pudesse usar sua narrativa em certos pontos, iria preencher as pretas.

Ver Dex falar sobre o filme me fez perceber quanto ele de fato se importava com isso e como ele sabia exatamente do que estava falando. Ele conseguia ter uma visão ampla do cenário, enquanto eu não podia sequer imaginar como qualquer coisa que filmamos poderia ficar remotamente interessante. Se eu mesma estivesse com a cara do Velho Roddy, seria outra história. Entretanto, Dex parecia confiante e tinha algo impressionante em mãos, ainda que eu não acreditasse.

Ele deve ter visto o cinismo no meu rosto porque ele se virou para mim e disse:

— acredite em mim, está bom. Uma coisa bacana está rolando aqui.

— Um daqueles casos em que eu vou ter simplesmente de confiar em você, certo?

— Espero que sempre confie em mim — ele respondeu seriamente.

Eu não tinha certeza sobre o que responder. Olhei pela janela. Não é que fosse confiável. Ele salvou minha vida, de certa forma. É que ele era tão imprevisível que eu tinha dificuldade em aceitar tudo o que ele dizia. Havia ainda o lance

mentiroso/bipolar e o fato de que eu não queria nada além de que ele parasse para que eu pudesse pular em seu colo e abusar horrores dele. Bem, eu sei pela própria experiência que não se deve confiar em caras que você acha que são infernais e sexy.

Moreno, sombrio e misterioso? Tome cuidado.

E claro, havia ainda o termo “sempre”, como se ele tivesse certeza de que trabalharíamos indefinidamente juntos. Por mais que eu quisesse aquilo, meu lado responsável precisava saber exatamente no que eu estava me metendo. Iria perder meu emprego? Quanto eu receberia, se recebesse? Em suma, o que havia naquela última coisa que eu queria era que tirassem vantagem de mim.

Refleti sobre tudo isso durante o resto da viagem, e mesmo enquanto subia no elevador de um dos arranha-céus de Seattle. Acho que para uma pequena empresa de internet eles estavam de fato indo muito bem.

Saímos do elevador e viramos à esquerda numa placa que dizia: “Shownet”. Para à frente de uma porta francesa de vidro fosco.

Dex pegou a maçaneta e parou. Olhou para mim.

— Tudo bem com você?

Eu assenti. Estava bem, mesmo que cada passo em direção à porta me deixasse mais ansiosa até eu estar tremendo na base.

— Só um pouco nervosa — eu admiti —, mas sempre fico nervosa. Sempre importa o que aconteça.

— Vamos esperar que ele te ache tão cativante quanto eu acho — Dex disse com um tom não tão promissor quanto eu esperava.

Entramos na sala e nos apresentamos formalmente para a recepcionista. Ela respondeu a Dex com o brilho de uma boneca Barbie, mas cujos olhos se tornaram indiscutivelmente demoníacos assim que falou comigo. E eu achando que eu era a recepcionista. Aff...

Entramos numa sala de reunião pequenas, mas agradavelmente decorada. H

canto uma máquina de café-expresso chique, para a qual eu olhei avidamente.

Dex captou meu olhar.

— Quer um?

Ele estava prestes a pegar quando a porta se abriu e um coreano esguio e careca com óculos de hipster entrou na sala.

Dex prontamente se sentou numa cadeira e fez sinal para que eu fizesse o mesmo. O careca caminhou até o outro lado da mesa de vidro, jogou uma pasta com estrondo e espizou.

— Jimmy, esta é Perry Palomino — Dex disse baixinho.

Estava prestes a dar a mão para Jimmy, mas ele apenas assentiu com desprezo numa poltrona enorme giratória acolchoada. Se tivesse um gato no colo, seria o inimigo perfeito de um filme de história em quadrinhos.

Olhei para Dex buscando apoio. Por baixo da mesa ele apertou meu joelho levemente inapropriado, mas ainda assim reconfortante.

— Então é você — Jimmy disse lentamente com uma voz alta e cautelosa.

— Sou eu — concordei animada, torcendo para conseguir projetar certo charme.

— Sabe, estava cuidando das minhas coisas, ganhando uma grana — ele tirou os óculos e esfregou os olhos. Dex e eu esperamos pacientemente enquanto ele piscava.

Colocou os óculos de volta e me olhou bem nos olhos. — E daí você apareceu do nada?

Ele ficou por isso. Eu devia dizer algo? Pedir desculpas? Não tinha certeza. Talvez esse tal Jimmy queria chegar, mas ele não parecia a pessoa mais fácil de se conversar.

Dex se virou para mim.

— Jimmy só quer se certificar de que você está mesmo nessa.

— Bem, talvez — disse o mais confiante possível. — Antes quero saber o que você

em que estou entrando. Do que estamos falando aqui?

— Pelo menos você é mais esperta do que aparenta ser — Jimmy fungou como uma ofensa, mas não demonstrei. Senti Dex ficar tenso ao meu lado.

Jimmy tirou alguns papéis da pasta e olhou para eles, mas não os entregou a mim.

— Se eu decidir fazer isso, e este é um grande “se”, porque mesmo que tenha gostado do que Dex me mostrou, e eu acho que esse cara aí pode fazer um monte de besteira bom como pudim, ainda não comprei você; mas se eu decidir dar o sinal para vocês dois, espero que você perceba que isso não vai fazer de você famosa deixando rica. Eu só quero atrair anunciantes o suficiente para fechar as contas e talvez comprar para Dex uma droga de câmera nova.

Olhei para Dex. Ele estava envergonhado, olhando para as mãos.

— Eu faço dinheiro — Jimmy continuou — mantendo os custos menores do que deveriam ser. Para você, senhorita Palomino, significa um pagamento por hora exatamente em quantas horas você contribuir para o projeto. Isso pode significar dinheiro numa semana, pode não significar porra nenhuma na semana seguinte que você mantenha seu emprego como barista ou seja lá o que for.

— Sou coordenadora de produção numa agência de publicidade — eu disse com orgulho.

— Ah! Então você é mais esperta do que aparenta. Bem, isso ajuda em algo.

Não contive o estalar de olhos para ele. Eu nunca havia estado na presença de alguém que me incomodasse tanto quanto aquele sujeito.

— Perry vai decidir se ela precisa manter um emprego paralelo ou não — Dex falou por mim.

— Não banque o herói, Dex — Jimmy disse com desprezo. Virou os olhos penetrantes para mim novamente. — O Dex aqui diz que você tem uma ideia para investigar essas ditas situações fantasmagóricas.

Eu tinha?

Jimmy continuou.

— Mas acho que é uma grande asneira. Acha que importa para mim se v próxima ghost whisperer ou não? Não me interessa. Mas se puder vender, garantiu que você pode, com sua escrita pelo menos, então é tudo que me interessa. Façam seu trabalho, façam a pesquisa, e mando vocês dois para onde quer precisem ir para criar um programa bom pra caralho.

Dex se debruçou à frente e falou comigo.

— Já tenho um caso em Laredo, Texas, que poderíamos investigar. Deve ser algo fantástico. Fantasma mímico.

Eu não sabia o que fantasmas mímicos eram, mas a ideia de ir para o Texas era bacana. Jimmy, porém, não parecia convencido.

— Agora, o problema principal que tenho com você, Perry — Jimmy disse diretamente — é que apesar de eu acreditar que você pode escrever uma história, e Dex diz que você é uma pessoa fácil de se trabalhar, eu não acho que suficiente para estar na internet.

Meu rosto imediatamente se inundou de calor e fiquei meio boquiaberta.

Ele continuou.

— Não é que você não seja bonita, você tem um quê, mas você viu o que temos n outros programas. A mina do Dex, Jennifer, bem, o corpo dela... sem ofe que dá acessos e dólares. Além do mais, tem a amiga dela, e aquelas duas podiam vinho o dia todo e as pessoas iriam assistir. Eu só não vejo as pessoas ve programa com uma menina... cheinha. Novamente, não se ofenda. É apenas a rea

Senti como se alguém tivesse arrancado minhas tripas com um gancho afia deveria ser a coisa mais humilhante a que eu já havia sido sujeitada, o qu vindo de alguém que era conhecida como “rolha de poço” na escola. Espe lágrimas brotassem, mas estava em choque demais para ter alguma reação.

Em compensação, Dex teve uma reação.

Ele de repente ficou de pé; sua cadeira deslizou para trás em direção à pa bateu as mãos na mesa com tanta força que fiquei com medo de o vidro

inclinou até ficar bem perto do rosto assustado de Jimmy.

— Você não se cansa de ser idiota, Jimmy? — Dex rosnou com a voz sa fundo do âmago, cuspidando palavras em carne viva. — Ela pode não ser u obcecada e magra como um palito, mas é mais do que ideal para este trabalho. Vc que ela tem algo, e temos direito de dividir isso com o mundo. Este programa é r que historinhas cretinas sobre fantasmas. Este programa vai mais fundo nos misté que qualquer outro programa já tenha ido. Vai trazer o real de volta à pro realities. Ela é inteligente, engraçada e não tem medo de se arriscar. Isso : que ela é bonita, sexy e charmosa. Você sabe disso, eu sei disso, e logo t saber. A única pessoa que não sabe disso é ela mesma, por causa de dem pensamento arcaico como você, que ficam falando para ela o contrário.

Minha boca se abriu ainda mais. Eu não conseguia acreditar no que Dex l acabado de dizer. Devia ser a coisa mais maravilhosa que alguém já havia dito so e suas palavras e sua paixão me derreteram. Senti finalmente lágrimas brotando.

— Nós vamos mesmo discutir por causa dela? — Jimmy disse após alguns segun apontando o dedão para mim.

Dex continuou a olhar para Jimmy, com a raiva pulsando nos cantos de s mandíbula.

Isso era demais para mim. Comecei a chorar, mesmo que fossem lágrimas frustração e raiva. Eu não sabia o que fazer, então decidi sair.

Levantei-me rapidamente, soltei um “com licença” e saí da sala e do escritório ante que Jimmy, Dex ou a recepcionista tivessem chance de dizer qualquer coisa.

Apertei o botão do elevador algumas vezes antes de minha visão ficar bor lágrimas e decidi que as escadas poderiam ser o caminho mais rápido para sair da pela escadaria e corri. Inicialmente eu não estava certa do que eu estava correndo desci dez lances e meus joelhos começavam a doer, eu desacelerei e come profundamente.

Foi estupidez fugir assim. Eu sabia que era totalmente antiprofissional e q mal para mim, mas qual era o sentido de ficar lá para ser ainda mais humilhada? l iria arrumar um programa desse modo, não importa quão duro Dex lutasse por mi

A lembrança do que ele havia dito trouxe um sentimento de calor ao meu dolorido que chiava. Eu desacelerei o passo ainda mais e me sentei num corrimão frio. A escadaria estava vazia, e eu tinha mais trinta andares para descer.

Respirei fundo e tentei lidar com o que tinha acontecido. Havia dois sentimentos em conflito dentro de mim. Um era a sensação asquerosa que você tem quando fez de idiota; a outra era uma sensação de falta de dignidade. Nunca na minha vida havia apostado tanto por mim, e acreditado de fato. Ou pelo menos agido como se acreditasse. Eu era um grande risco para ele, e ele parecia disposto a saltar a segurança. Estava impressionada por Dex ter dito tudo aquilo para seu chefe no olho da rua em um segundo se eu dissesse algo assim para Frida.

E com isso veio uma terceira sensação: culpa. A culpa de mentir para minha chefe e colocar meu emprego em risco, por nada. Podia ver os sapatos que minha mãe comprou para mim, orgulhosos em sua caixinha. Eu poderia ter arruinado tudo para mim mesma.

— Que confusão — eu disse em voz alta. Minha voz ecoou pelas paredes de cimento.

Fiquei sentada lá por mais alguns minutos tentando decidir o próximo passo. Eu não sabia onde Dex estava e não tinha celular, então não podia ligar para ele, pedir dinheiro e uma passagem de avião. Pegar um táxi e voltar ao aeroporto parecia a opção mais inteligente. Iria apenas voltar para casa, me dedicar ao trabalho, fazer algo útil com minha vida e esquecer que tudo isso aconteceu.

Não seria fácil. Simplesmente acabar com todas as esperanças que isso havia me dado. Esperança, potencial, sonhos. Eu realmente achava que isso tudo estava moldando minha vida cotidiana. Minha promoção era ótima e tudo mais, mas era um risco comum, e eu ainda me sentia sufocada. Quando pensava nesta oportunidade de ser coordenadora de produção não era nada em comparação. Isso havia sido a chance de

provar de fato a todos do que exatamente eu era capaz. Mesmo quando eu não sabia nada sairia disso, no fundo da minha mente e do meu coração, eu já estava comprometida.

Suspirei. Limpei a maquiagem borrada sob meus olhos, coloquei o cabelo para trás e me levantei. Eu provavelmente remoeria isso o dia inteiro de qualquer jeito. Eu havia sentido em remoer

isso numa escadaria fria de um edifício gigante de escritórios em Seattle.

Segui pelo resto das escadarias até o saguão, caminhando rapidamente caso

encontrasse alguém que eu não queria. Não que eu achasse que Jimmy estivesse esperando para me atacar e insultar ainda mais, mas eu estava paranoica.

Uma vez lá fora, procurei por táxis na rua. Parecia que havia um do outro lado da rua na frente de um hotel boutique.

Estava seguindo para lá, torcendo para que ninguém mais o pegasse, quando ouvi meu nome.

Era a voz do Dex.

Eu não me virei. Queria ficar livre de tudo isso. Continuei andando e o ignorei.

Não cheguei muito longe.

Ouvi passos atrás de mim e meu braço sendo puxado. Ele parou na minha frente, ligeiramente ofegante, com um olhar de louco. Olhei para a outra mão dele, segurando uma caneta e um maço de papéis.

— Perry — ele disse sem fôlego —, por que correu?

Dei a ele um olhar. Ele estava falando sério?

— Tenho certeza de que ser humilhado é normal para você — eu disse sarcasticamente.

Ele revirou os olhos.

— O Jimmy é o Jimmy. Não dê ouvidos a ele. Eu não dou. E não importa, porque ele não me escuta. — Ele soltou meu braço e colocou os papéis numa mão e a caneta na outra.

Me daria a honra de assinar este contrato?

O quê? Eu olhei para os papéis. Eu não entendia.

— Conseguimos o programa, mocinha. — Ele olhou bem fundo nos meus olhos.

Se você ainda quiser — ele acrescentou.

— Como? Ele disse...

Dex balançou a cabeça.

— Esse é o Jimmy. Como eu disse, ele me escuta. Ele sabe que seria est
aproveitar esta chance.

— Dex. — Olhei para o contrato, sem enxergá-
lo realmente. — Não quero fazer nada se você forçou alguém...

— Não forcei! — Ele exclamou. — Ele gosta de um desafio tanto quanto eu. Entã
que me diz? Você sabe como eu me sinto agora.

Levantei o olhar para ele. Eu sabia?

Ele sorriu para mim, pegou os papéis da minha mão e apertou-
os contra o peito.

Pegou minha outra mão e colocou a caneta nos papéis.

— Você está assinando no meu coração, isso deve significar algo — ele disse.

Respirei fundo, insegura de como eu me sentia ou pensava. Sabia que Dex não es
falando sobre nada profundo, mas o fato era que ele ainda estava disposto
essa oportunidade comigo, e de alguma forma convenceu seu chefe a fazer
me sentia desconfortável, mas uma pontada de empolgação passou pelo meu corp
ritmo alarmante.

— Vamos formar uma grande equipe. Prometo. — Ele sorriu e tentou emp
minha mão para a área da assinatura.

Eu não pude evitar sorrir de volta. Foi um momento bonito, os dois parados numa
rua movimentada de Seattle, com o contrato do nosso futuro contra o peito dele, e
e o poder em minhas mãos. Eu sorri até achar que minhas bochechas iam explodi

Eu ainda tinha de olhar o contrato e me certificar de que eu sabia exatamente no c
estava me metendo.

Eu sabia que provavelmente teria de trabalhar meio período na agência par
tempo suficiente para filmar durante a semana. Sabia que podia significar que eu
meu emprego, porque eu não tinha ideia se eles me deixariam trabalhar assim; eu
estar jogando fora um futuro perfeitamente aceitável na publicidade. Também

decepcionar novamente meus pais (aquelas porcarias de sapatos) e trabalhar com um homem por quem eu estava me apaixonando e que não expressava real interesse em mim e que tinha uma namorada, apesar de sua aparente dedicação a mim no presente, o que não houvesse garantia nenhuma de sucesso, eu ainda assinei meu nome. No caso dele.

Eu sabia que tinha de ser a coisa mais importante que eu já havia assinado.

Dex riu quando eu terminei e bateu nas minhas costas.

— Você fez de mim um homem muito feliz, mocinha — ele disse enquanto dobrou os papéis em sua mão. — Agora, espere aqui enquanto eu passo esses papéis para você rapidamente.

Ele se virou e correu em direção ao prédio, seu cabelo batendo contra a cabeça a cada passo.

Agora que eu estava sozinha novamente, a realidade me ocorreu. Eu estava fazendo isso. Estava de fato fazendo isso. As coisas nunca mais seriam as mesmas.

Dei um saltinho como a apresentadora Mary Tiler Moore na rua, para espantar transeuntes. Pelo menos eles me olharam com sorrisos.

Dex não demorou. Em minutos estava de volta ao meu lado, esfregando as mãos.

— Negócio feito — ele disse. — Agora não dá mais para voltar atrás.

Eu concordei e seguimos em direção ao carro dele. Caminhamos em silêncio principalmente por causa das pequenas conversas que cada um tinha na própria cabeça ao mesmo tempo. Antes de entrarmos, agarrei a mão dele e o detive.

Eu não estava segura do que dizer ou como, lambi os lábios nervosamente para os olhos castanhos dele. Eram quase ilegíveis, mas detectei uma preocupação correndo neles. Soltei sua mão.

— Obrigada.

Ele fez um beicinho e assentiu.

— De nada.

Foi tudo o que dissemos sobre o que aconteceu. Durante a volta para o ar, discutimos a logística de nossos futuros empreendimentos.

O episódio, que eu rapidamente revi em seu laptop no carro, estava muito bem feito e bem editado. Não havia muito da “prova fantasma”, mas havia uma atmosfera assustadora no programa todo, e eu sabia que poderia escrever um texto para acompanhá-lo. Escreveria a verdade, é claro, para todo mundo acreditar.

Dex disse que o episódio iria ao ar na noite de domingo em duas semanas. Ele e eu iríamos nos esforçar para conseguir muita exposição. Eu podia usar os vídeos no YouTube e redirecionar as pessoas. Podia usar o blog da minha irmã e até meu próprio blog para aumentar a circulação. Dex disse que Jimmy era muito bom para conseguir publicidade, o que era algo que eu poderia fazer, considerando meu trabalho diurno, mas eu queria manter isso o mais separado possível.

Em três semanas voaríamos para o Texas no final de semana para gravar o próximo episódio. Decidimos que a melhor coisa para mim seria pedir para trabalhar na agência de segunda a quinta, para poder ter de sexta a segunda para viajar e escrever.

Era uma aposta minha pensar que o trabalho me deixaria fazer isso; e mais do que isso, significava que eu não teria vida no futuro à vista, mas que vida eu teria no todo modo?

Por mais ansiosa e nervosa que eu estivesse com esse novo caminho que eu estava prestes a trilhar, uma pequena parte de mim sabia que tudo ficaria bem. Parecia certo.

Quando chegamos ao aeroporto, Dex parou o carro no terminal, saiu e abriu a porta para mim.

— Obrigada — eu sorri, me sentindo encantada e conectada.

— Tenho um presentinho de agradecimento para você — ele disse com um brilho jovial nos olhos. — Feche os olhos.

A parte infantil no meu cérebro torcia para que talvez fosse algo simples e romântico como um beijo. Eu fechei os olhos.

Ele colocou algo frio em minhas mãos. Abri os olhos e vi um iPhone novo na minha mão.

— O quê? — Sorri. — Não precisava...

— Meio que precisava, meio que eu queria. Agora você pode responder as mensagens malucas a qualquer hora da noite — ele deu uma piscada. — É mais por você.

Apertei o telefone na mão e coloquei meus braços ao redor dele para abraçá-lo. Ele me abraçou de coração.

Até o próprio celular começar a tocar. Ele se afastou e olhou para ele. Para a tela que era a Jennifer.

— Desculpe, preciso atender — ele disse se desculpando e me deu um tapinha no ombro. — Bom voo. Eu te ligo, logo.

Assenti sem jeito enquanto ele colocava o telefone na orelha.

— E aí, gata.

Eu me virei, me sentindo meio idiota e caminhei em direção ao guichê. Virei-me para olhar para ele, torcendo para encontrá-lo olhando para mim. Em vez disso, ele estava completamente absorto pela conversa, caminhando de volta ao carro, sua fita recortada entre a multidão.

Eu me senti muito pequena caminhando para o portão para esperar o avião, mas de alguma forma tirei isso da minha cabeça. Se eu pudesse superar esses sentimentos por ele, tudo ficaria bem. Afinal, era só uma paixonite idiota de menina. O que realmente importante era o fato de que eu estava prestes a embarcar numa viagem diferente de qualquer uma que eu havia feito antes.

Olhei ao redor da movimentada área do portão, vi as pessoas sem nome sentadas lá e decidi que deveria ir ao banheiro antes de entrar no avião. Mesmo se fosse curto, meu lugar não era no corredor. e eu detesto ter de passar por cima para ir fazer xixi.

Caminhei pelo corredor, passei pelas lojas de presentes, bares e alguns por mais antes de encontrar o banheiro.

Estava surpreendentemente vazio, bem diferente do que os banheiros de aer

geralmente são. Havia apenas uma mulher numa cabine no fundo do banheiro. No sapato de boneca vermelho Mary Janes e as meias de senhora de idade. Entrei na cabine à minha frente.

Pendurei minha sacola no gancho de casacos, notando quão molhado o chão estava e me sentei. Ao fazer isso, notei que a porta da cabine do fundo abriu e que a mulher entrou lentamente. Eu não a escutei dando descarga, o que era bem nojento, mas em banheiros públicos. Juro, mulheres são tão ruins quanto os homens nestes.

Deve ser algum mecanismo interno de rebeldia, tipo: “Não moro aqui, então não preciso limpar; então posso me comportar como a droga de um macaco”.

Enquanto pensava, notei como os passos da mulher eram precisos enquanto caminhava em direção a mim e as pias.

Calcanhar, ponta do pé, calcanhar, ponta do pé, calcanhar, ponta do pé.

Era lento o suficiente para ser assustador e assustador o suficiente para eu conseguir sequer me aliviar. Só fiquei lá, segurando o fôlego e esperando passasse.

Mas ela não passava.

Calcanhar, ponta do pé, calcanhar, ponta do pé. Então parou do lado de fora da minha cabine.

Calcanhar, ponta do pé, calcanhar, ponta do pé.

Era como se ela estivesse caminhando na minha direção.

Que porra é essa?

Calcanhar. Ponta do pé.

Então parou, bem quando os bicos redondos e vermelhos de seu Mary Janes ficaram visíveis embaixo da porta da minha cabine, voltados diretamente para mim.

Essa vadia louca estava parada do lado de fora da minha porta!

Eu não sabia o que dizer ou fazer. Não queria me mover, mas estava sentada no vaso.

sanitário. Era a posição mais vulnerável do mundo.

Mantive os olhos na ponta daqueles pés, pensando que em algum momento iriam se mexer ou talvez a mulher fosse dizer algo. Nenhum dos dois aconteceu.

Havia uma fenda grande o suficiente na porta da cabine, geralmente o mal banheiro público. Eu lentamente movi minha cabeça até ali para olhar através do

Talvez eu pudesse ter uma ideia do que ela estava fazendo.

E através da fenda, vi um olho. Um olho velho e com uma maquiagem p olhando para mim, com o rosto apertado contra a porta.

Eu gritei. Não pude evitar.

Gritei e saltei do vaso, puxando minha calça o suficiente e me atirei para cabine, pronta para confrontar qualquer porcaria que estivesse ali.

Mas quando cambaleei para fora, com a porta batendo forte, eu não vi ninguém. Não havia ninguém ali. Eu estava sozinha no banheiro, e a mulher no final do corredor sumido.

Coloquei a mão no pescoço para sentir quão rápida estava minha pulsação. Fechei os olhos e respirei profundamente. Depois de contar até dez, eu abri os olhos, esperando o pior. Ainda estava sozinha no banheiro, minha sacola pendurada na porta, que balançava levemente.

Tirei minha bolsa do gancho e corri para a pia. Eu poderia dar um jeito de mijar no voo. Pelo menos no avião eu não estaria sozinha. Coloquei a sacola na pia e não estava molhada e rapidamente joguei água fria no meu rosto, evitando olhar nos olhos.

Levantei o olhar para o espelho e não vi nada além do meu reflexo. Virei-me para pegar papel.

A Palhaça Decrépita Bizarra estava lá, ao lado do pegador de papel.

Gritei novamente, mas ficou na minha garganta e saiu como um grunhido sem ar.

Era ela, claro como o dia. Seu rosto enrugado coberto de pancake e cabeleira tingida

de violeta. O vestido bizarro de tafetá com pompons. Suas pernas com me sapatos vermelhos antigos.

Ela mantinha seus olhos vidrados de catarata nos meus, quase pedindo para acalmar e parar de gritar.

Não sei por quanto tempo ficamos lá, a poucos passos uma da outra, nos encarando.

Em algum ponto, porém, eu encontrei a força voltando para minha garganta. O ímpeto de vida voltando ao meu coração.

— Quem diabos é você?! — Eu gritei para ela.

Ela não disse nada. Sua expressão não mudou. Continuou olhando para mim com seus olhos cheios de conhecimento que eram vagamente curiosos e estranhamente pacientes.

Eu já nem estava mais com medo. Só queria saber que merda estava acontecendo.

Dei um passo em direção a ela.

— Por favor, me diga, quem é você?

Ela sorriu lentamente. Sua boca aberta, seus dentes amarelos revelando ainda mais o batom mal passado. Como antes, seus olhos nunca sorriam junto. O que eu queria sobre não estar com medo, esqueça.

Estava apavorada.

— Você só está começando — a mulher disse com um leve sotaque. Sua voz parecia desencarnada. — Precisa continuar — ela continuou.

— Quem é você? — Repeti.

— Vocês precisam um do outro. Precisa acertar isso.

— Acertar o quê? O quê? Do que está falando? Já acertamos.

Ela balançou a cabeça levemente. Flocos de maquiagem caíram de seu rosto e pousaram no chão como pó de pirlimpimpim. Eu fiquei olhando para ela, estupefata.

— Ainda não acabou. Você e Dex precisam um do outro. Precisamos de v
acabou ainda.

Eu queria estrangulá-la, seja lá quem ela fosse.

— Por quê? Por quê? — Perguntei freneticamente. — Por favor, apenas me diga
que, para que eu saiba.

— Vai descobrir. Não acabou ainda. Só está descobrindo. Só está começando.

— Você só fica repetindo isso! O que quer dizer com começando? — Gritei para
quando ouvi a porta do banheiro se fechar. Virei-
me e vi uma executiva entrar puxando
uma maleta de rodinhas atrás dela. Ela me deu um olhar preocupado e pa

Segui-
a com os olhos e a vi me dar uma última olhada temerosa antes de entrar na cabin

Olhei de volta para a Palhaça Decrépita Bizarra, mas ela havia sumido.

Quando notei que não havia mais ninguém ali, rapidamente girei, peguei minha b
e corri pela porta para o terminal. Estava cheio de passageiros indo para l
senhora havia sumido.

Então meu voo estava embarcando. Eu não tinha escolha a não ser voltar
portão e embarcar correndo, como a culpada que estava atrasando todo mundo.

Foi só quando cheguei ao meu assento, passando espremida pelo homem g
irritado do corredor, que eu tive chance de refletir sobre o que havia acontecido.

A velha esteve ali. Havia falado comigo. Eu interagi com ela.

Mas de onde ela vinha e o que queria? Eu não podia tê-
la visto. Minha imaginação era
boa, mas não tão boa assim. Eu tinha de continuar? Eu só estava começando?

O mais intrigante de tudo: Dex e eu precisamos um do outro? Para que Dex pode
precisar de mim?

Eu estava pensando sobre isso quando o avião começou a andar. Toda a sensação

empolgação que eu tive antes sobre o programa, sobre meu futuro, agora é combinada a um sentimento crescente de urgência e inquietude. Eu tinha tantas perguntas que agora precisavam ser respondidas. E rapidamente.

Para acalmar meus pensamentos, olhei pela janela, para o sol despontando nuvens escuras da tarde. Como se meu destino soubesse exatamente o que captei um vislumbre de uma figura parada numa das janelas do aeroporto.

Era Dex. Acenando em despedida.

*Nos Estados Unidos, o verão começa em junho. (N.E.)

Document Outline

- [CAPA](#)
- [FOLHA DE ROSTO](#)
- [CRÉDITOS](#)
- [SUMÁRIO](#)
- [CAPÍTULO UM](#)
- [CAPÍTULO DOIS](#)
- [CAPÍTULO TRÊS](#)
- [CAPÍTULO QUATRO](#)
- [CAPÍTULO CINCO](#)
- [CAPÍTULO SEIS](#)
- [CAPÍTULO SETE](#)
- [CAPÍTULO OITO](#)
- [CAPÍTULO NOVE](#)
- [CAPÍTULO DEZ](#)
- [CAPÍTULO ONZE](#)
- [CAPÍTULO DOZE](#)
- [CAPÍTULO TREZE](#)
- [CAPÍTULO CATORZE](#)
- [CAPÍTULO QUINZE](#)
- [CAPÍTULO DEZESSEIS](#)
- [CAPÍTULO DEZESSETE](#)
- [CAPÍTULO DEZOITO](#)